Camillo

Amor de Perdição

Companhia Portugueza Editora
Porto

LIVRARIA
DE
J. G. MAZZIOTTI
SALEMA GARÇÃO

Soares & Henderson
Leilão 41, Nº 613

Pes
4890

AMOR DE PERDIÇÃO

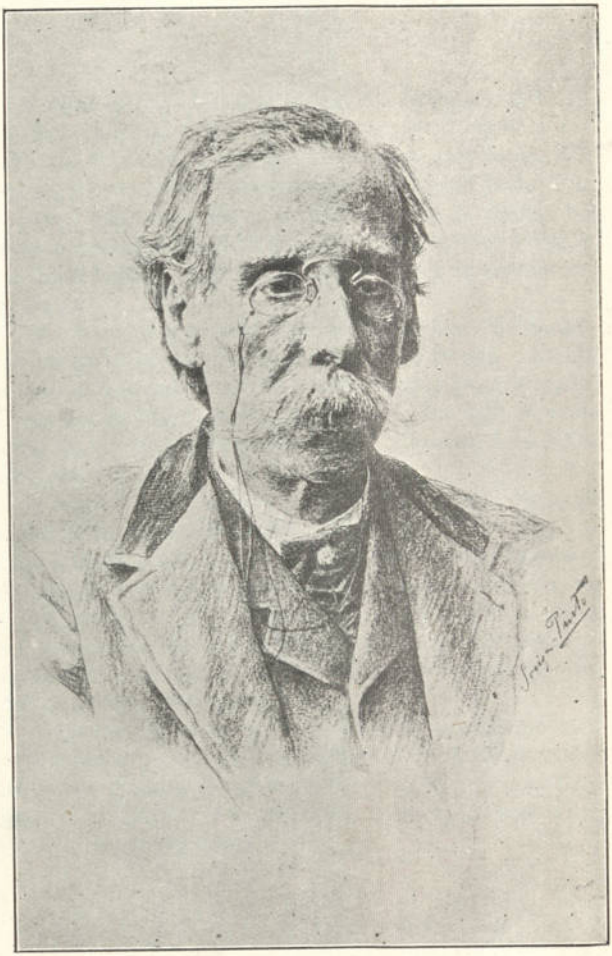
A obra genial de Camillo Castello Branco — *Amor de Perdição* — recebeu mais uma homenagem na recente reproducção fraudulenta lançada ao mercado brasileiro; porém, a nós, como editores-proprietarios d'esta maravilha litteraria, confrange-nos a espoliação, que esterilisa os nossos constantes sacrificios para mantermos com a dignidade da industria a honrada cooperação na propaganda intellectual.

Não nos conformando com estas relações internacionaes da Livraria luso-brasileira, mais nos punge o facto, por vêr que contrasta com as outras relações da actividade na esphera financial, mercantil e fabril, em que os dois povos tão sabiamente coopéram com conscienciosa solidariedade.

A industria da Livraria editorial não tem em Portugal condições de existencia se lhe faltar o Brasil; acha-se enormemente aggravada pelos estupidos direitos alfandegarios sobre os materiaes que elabora, pelas extorsões ávidas de um fisco exhausto, e mais do que tudo pela falta de publico com habitos ou necessidades de leitura. Nestas circumstancias, as contrafacções dos nossos productos chegam quasi a ser um assassinato.

Emquanto se não ergue um ministro intelligente que consiga fundar uma Lei da propriedade litteraria entre os dois povos irmãos, recorremos á unica força de que dispômos, o protesto moral, que com certeza ha de encontrar écco nos rectos espiritos.

Os editores.



Camillo Castello Branco

AMOR DE PERDIÇÃO

(MEMORIAS D'UMA FAMILIA)

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

DECIMA SETIMA EDIÇÃO

COM ESTUDOS CRITICOS DE MANOEL PINHEIRO CHAGAS, RAMALHO ORTIGÃO
E THEOPHILO BRAGA
E ILLUSTRADO COM 6 SIMILE-GRAVURAS E O RETRATO DO AUCTOR

> Quem viu jámais vida amorosa, que não a visse afogada nas lagrimas do desastre ou do arrependimento.
>
> D. FRANCISCO MANOEL *(Epanaphora amorosa)*.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

PORTO
MAGALHÃES & MONIZ, L.DA — EDITORES
11 — Largo dos Loyos — 14

COMPRA
255377

Res
4890

ALEM DA TIRAGEM EM PAPEL COMMUI, TIRARAM-SE DESTA 17.ª EDIÇÃO 6 EXEMPLARES EM SUPERIOR PAPEL KENT, NUMERADOS DE 1 A 6 E 8 EXEMPLARES EM PAPEL COUCHÉ, NUMERADOS DE 7 A 14.

Exemplar n.º 10

Typ. a vapôr da Emprêsa Litteraria e Typographica
178, Rua de D. Pedro, 184 — PORTO

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Um dia, quando Alexandre Dumas acabava de publicar um d'aquelles épicos romances, em que revivia, ao sopro da sua imaginação, uma época inteira da historia de França, Michelet escreveu-lhe: « Je vous aime, parce que vous êtes une des forces de la nature ». Ao percorrermos a obra colossal de Camillo Castello Branco, sentimos uma impressão semelhante. A sua individualidade destaca-se poderosamente no meio da litteratura anemica e byzantina d'este fim de seculo. Não se arregimenta nas escólas, nem combate á sombra d'esta ou d'aquella bandeira. Neste torneio que ahi se trava entre os que conservam apenas da tradição romantica a trova sentimental, e os realistas derreados cuja litteratura evidentemente reclama oleo de figado de bacalhau, Camillo entra sem trazer no seu escudo a divisa d'esta ou d'aquella dama, as côres convencionaes d'este ou d'aquelle ideal. Solta livremente o seu pensamento, cae de lança em riste sobre uns e sobre outros, e abre, para a sua obra comple-

tamente pessoal, um largo caminho victorioso. A arte não é para elle senão a potente feiticeira, cuja varinha branca deve fazer brotar da alma humana as duas eternas torrentes do riso e das lagrimas. A sua Musa tem as duas mascaras, o seu genio os dois segredos. Quando no seu coração se abre a fonte das lagrimas, a sua penna encontra as notas dilacerantes que fazem vibrar na lyra da alma humana a fibra das grandes commoções; quando a ironia e o desdem lhe franzem os labios, a sua palavra tem os sarcasmos implacaveis, a zombaria que desperta um riso inextinguivel. Que lhe importam a elle as escólas, as theorias litterarias, os systemas e as librés com que se reveste hoje ou ámanhã, segundo as leis da moda, o «servum pecus» dos imitadores? Veste-as ás vezes, por desfastio, para mostrar como é facil envergar esses fatos feitos pelo córte dos alfaiates francêses da estação, e tão desembaraçadamente traja á Feuillet quando contrapõe ao *Roman d'un jeune homme pauvre* o seu *Romance de um homem rico,* como veste pelo figurino de Zola quando atira ao publico o seu famoso *Euzebio Macario.* Mas o seu genio potente, individual, dominador, superior a todas as mudanças de escóla e a todas as variações da moda, é o que arranca eternamente ás gerações que se vão succedendo as lagrimas e o riso e o que vai do romance do *Amor de Perdição* á *Queda de um Anjo,* no theatro do *Ultimo acto* ao *Morgado de Fafe.*

Essa sua obra immensa e multipla tem acima de tudo um caracter eminentemente subjectivo; não é a «Comedia Humana» de Balzac, nem a «Historia natural de uma familia» de Zola, não é o estudo de um observador que perscruta friamente os factos e que procura reproduzi-los, é a vibração da sua alma poderosa que se transmitte ao leitor, é a sensação do mundo externo que elle communica tal como a recebeu no seu potente cerebro. As figuras dolorosas, plangentes, apaixonadas, que passam nos seus livros envoltas em veus prestigiosos, são a encarnação pun-

gente das suas proprias dôres, dos seus affectos, das suas idealisações, dos seus extasis, dos seus arrebatamentos; as figuras comicas, burlescas, amarradas por elle perpetuamente ao pelourinho do ridiculo, são ainda as suas indignações, os seus desprezos, os seus tédios que tomam vulto e fórma. O mundo que elle revela ao publico é o mundo como elle o sentia, ainda mais que o mundo como elle o via. Segue as primeiras nos seus livros com todas as caricias do seu estylo, banha-as com todas as lagrimas dos seus olhos, envolve-as na tunica luminosa da sua palavra, as outras persegue-as constantemente com as flagellações da sua satyra, cinge-as com as chicotadas incessantes dos seus sarcasmos, criva-as jubilosamente com todas as punhaladas das suas ironias. Não está fóra da sua obra, impassivel e sereno, procurando tranquillamente comparar a copia com o original, retocar os typos para accentuar a semelhança, está no meio d'ella, guiando com amor a choréa luminosa das suas amorosas e das suas apaixonadas, das dolorosas e dos tristes, conduzindo a chicote a récua dos seus burlescos e dos seus birbantes, implacavel e respeitoso, deixando correr a um tempo a satyra e a elegia, o iambo vingador e o hymno extatico e piedoso, fazendo com o sangue do seu coração o sangue que circula nas veias dos seus heroes predilectos, apaixonando os seus leitores com o que o apaixonou a elle, e afinando as vibrações da alma do publico pelas vibrações maravilhosas d'essa alma de poeta em que Deus soube collocar a par a doce corda dos lyricos e a corda ironica dos satyricos.

Na historia, em que elle tem penetrado com maravilhoso e perseverante estudo, sendo a um tempo o mineiro e o polidor a que se refere Castilho na adoravel introducção da chacara da Nazareth, é ainda a paixão que o guia acima de tudo nas suas apreciações e nos seus julgamen-

tos. Sente-se, ainda mais do que no resto da sua obra, esse cunho pessoal que imprime em tudo que observa o traço bem accentuado da sua visão. Como elle despreza intrepidamente as theorias historicas, as leis da evolução, tudo o que póde explicar o crime, ou attenuar as indignações perante os grandes attentados da historia! Podem cançar-se á vontade os theoricos a explicar a missão providencial de D. João II ou o papel revolucionario do marquez de Pombal. O cadafalso do duque de Bragança e os instrumentos de supplicio dos Tavoras, a punhalada que prostra o duque de Vizeu, e o carcere onde se consome lentamente D. Miguel da Annunciação inspiram ao seu espirito aquellas indignações juvenalescas, que dictam as grandes paginas immortaes. O que elle traduz nos seus livros historicos é a sua sensação do passado, como nos romances a sua sensação da sociedade contemporanea, e a sua penna febril transforma-se num latego com que fustiga os algozes coroados e os ministros algozes, importando-lhe pouco o que possam dizer a seu favor os theoricos impassiveis.

Não defendemos nem accusamos este methodo. Mostramos apenas que é a consequencia logica do temperamento litterario de Camillo, a affirmação do que tem de pessoal a sua concepção da historia, do romance e do drama. É isso o que torna os seus livros verdadeiramente irresistiveis, o que lhes dá esse colorido quente, essa impetuosidade que tudo arrasta, o vigor com que traça os quadros do presente e os quadros do passado. É um espectador, mas um espectador que se interessa pelo que se passa diante dos seus olhos ou diante dos olhos da sua phantasia, que applaude, que apupa, que estygmatisa, que protesta, e que nos força muitas vezes a partilharmos as suas opiniões, a inflammarmo-nos com a sua paixão communicativa. Tem uma veia endiabrada, e quando elle toma á sua conta o marquez de Pombal, quando o esbofeteia com a sua indignação vehemente, quando lhe atira ás faces o sangue de Belem, quando o

arrasta pelo lagedo humido dos carceres da Junqueira, custa a defendê-lo. No intimo d'alma a nossa razão protesta, mas quasi que não ousa manifestar-se diante de aquella exuberancia de invectivas que se avermelham com o sangue das victimas, em que se sente como que o écco vingador dos gritos dos torturados. Era habil e terrivel o executor dos Tavoras, mas para executar a memoria de um homem ninguem tem estas mãos nervosas e ageis, que obedecem a um espirito intrepido, resoluto, que nunca se importou com o que dirão do caso Vico ou Spencer, e que seguiu sempre e exclusivamente os dictames do seu proprio pensamento e da sua consciencia individual.

Se quizerem então comprehender bem esta physionomia original, formar uma idéa completa d'este bello typo de luctador, que atravessa sósinho o nosso mundo litterario, combatendo como aquelle terrivel Eviradnus de Victor Hugo, que pelejava por sua conta, ora salvando as bellas marquezas trahidas pelos reis seus vizinhos, ora procurando e provocando os tenebrosos, conforme a inspiração do momento e o seu culto do ideal, estudem-n'o na polemica, nas luctas amiudadas que teem constituido a campanha da sua vida.

Principia por não olhar á força dos combatentes, nem tratar de investigar se a escóla a que elles pertencem, ou a bandeirola a cuja sombra se alistaram, estão ou não no gosto publico, se os seus adversarios poderão ou não contar com a sympathia dos espectadores. Marcha para cima d'elles com uma tranquillidade soberba, com um desdem magnifico, e desanca-os tão completamente, uns após outros, como o bom do Eviradnus desancava successivamente, sem olhar a nacionalidades nem a jerarchia, os malandrins coroados que tentavam perder a pobre marqueza da Lusacia. Não é em nome da escóla romantica, nem da escóla realista, nem dos trovadores, nem dos parnasianos, nem do velho ideal, nem do ideal mo-

derno, nem da musa avelhentada de uns, nem da musa *cocotte* dos outros, é em nome de si proprio, da sua comprehensão da arte, e da sua concepção do bello. Nos torneios medievaes, consagrados pelos romances, estes cavalleiros de armas negras, que appareciam sósinhos, no fim da lide, quando já tinham jogado as armas largamente os campeadores dos dois bandos, eram terriveis. Para varrer a liça não havia outros.

Pois Camillo foi nas nossas polemicas litterarias o cavalleiro das armas negras, e é realmente um magnifico espectaculo vê-lo entrar em campo com a sua magnifica intrepidez, o seu desdem absoluto pelos respeitos convencionaes, e pelas hesitações de escóla, não receiando portanto descobrir os flancos, nem dar ensejo ás represalias, e cair sem dó nem piedade sobre qualquer sujeito, poeta desgrenhado, ou classico, ou satanico, ou positivista, critico vaidoso, ou erudito pedante, e desanca-los! oh! desanca-los com uma perfeição transmontana! E entrega-se com verdadeiro prazer áquella tarefa, vê-se que folga de trazer no bico das botas aquellas vaidades balofas, persegue-as por todos os cantos, ora vehemente, ora trocista, implacavel, imperturbavel, fazendo saltar as victimas, apanhando o adversario por todos os lados, arrumando-lhe ás vezes de improviso uma gebada quando se está occupando de outro assumpto, e de subito lhe occorre á lembrança o seu Pipelet litterario, esgotando emfim contra elle todas as settas do seu carcaz satyrico, todos os raios da sua colera.

Algumas d'essas execuções ficaram memoraveis. Não as lembraremos, até porque, sendo a paixão a sua principal conselheira, muitas vezes se amorteceram depois esses ardores colericos, e a victima foi amnistiada. Mas estão na memoria de todos, e hão de passar ao futuro, quer o autôr queira quer não, como eternos modelos de invectivas. Não se reconciliou Bocage com o proprio José Agostinho de Macedo á hora da morte, e não

trocaram os dois adversarios aquellas poesias, em que Elmiro dizia que

> Ao som da lyra o thracio, egregio vate
> Demanda as tristes regiões do lucto

E em que Bocage respondia com humillima modestia:

> Elmano viverá da gloria tua?

Nada d'isso impediu que o pobre José Agostinho ficasse eternamente amarrado ao pelourinho da *Pena de Talião*.

Isto, porém, completa perfeitamente a idéa que pretendemos dar do grande escriptor. Da mesma fórma que se atira aos cultos historicos que irritam a sua consciencia, e contradizem o seu ideal de justiça e bondade, da mesma fórma que flagella despiedosamente os typos sociaes que o revoltam e o enojam, assim tambem fustiga sem piedade não os adversarios da sua escóla, porque a não tem, mas os que foram pelas suas obras ou o seu procedimento a sua delicada comprehensão da arte. Quando uma viajante estrangeira descreveu Portugal a *vista de passaro*, Camillo tranquillamente saltou no passaro e depennou-o; quando um escriptor francez sustentou gravemente, e brilhantemente, um paradoxo ácerca do casamento e do adulterio, Camillo Castello Branco sacou da *Espada de Alexandre*, e cortou o nó gordio com uma troça brilhantissima sepultada infelizmente na crypta da nossa ignorada lingua. Quando algum parasita litterario começa por ahi a arrotar basofias, Camillo, que é um grande esfolador perante a face do Omnipotente, executa-o em regra, e pendura-o esfolado nas figueiras do seu quintal litterario para espantalho dos outros. E essas sovas monumentaes são as eternas façanhas d'esse belluario que arraza as *bê-*

tes féroces, tanto quando são *féroces*, como quando são *bêtes*.

Agora que vamos traçar o quadro da existencia do grande escriptor sem aspirarmos de modo algum a escrever a sua biographia, podemos fazer sentir como vamos encontrar na sua vida as qualidades caracteristicas que notámos na sua obra. Attrahem-n'o na sua existencia os estudos mais diversos e as situações mais antinomicas, como o seduzem na sua obra litteraria as formulas mais differentes e as escólas mais oppostas. Umas vezes deixa-se attrahir pela formula analytica de Balzac, e pela violencia de Soulié e os seus romances agrupam-se em torno dos *Mysterios de Lisboa* ou desenrolam em quadros implacaveis a vida escandalosa do Porto. De repente invade-o o encanto suave e fino da formula aristocracia de Feuillet, e o *Romance de um homem rico*, as *Estrellas Propicias*, a *Sereia* e os outros romances d'essa época não trazem senão quadros idyllicos, doces phantasias, suavissimas figuras. Um dia seduzem-n'o os livros de Zola, e o publico portuguez lê estupefacto aquelle admiravel romance realista que se intitula *Eusebio Macario*. A cada instante o seduz um meio novo, o romance puramente humoristico, a novella simples e rapida, e de cada vez que segue, sempre com enthusiasmo e com ardor, esse novo filão, desentranha obras primas. A cada um d'esses tres generos correspondem tres romances verdadeiramente typicos: o *Regicida*, a *Queda de um Anjo*, os *Doze casamentos felizes*. E note-se tambem, porque na sua vida vamos encontrar da mesma fórma essa feição caracteristica: sempre que o tenta essa nova fórma da arte, entrega-se a ella com ardor. O romance e a narrativa historica de tal modo o absorvem que se diria que a sua aspiração é rivalisar com Walter Scott. É o *Regicida*, a *Filha do regicida*, o *Demonio do ouro*, a *Caveira da martyr*, o *Olho de Vidro*, o *Santo da montanha*, o *Judeu*, o *Senhor do Paço de Ninães*, a *Lucta de gigantes* e quantos outros ainda!

A sua existencia obedece tambem a estes varios influxos. Vamos vê-lo.

Camillo Castello Branco é lisboeta. Nasceu em Lisboa no largo do Carmo e foi baptisado na igreja dos Martyres. Se a municipalidade lisbonense, que nas honras que concede aos seus filhos segue, como é uso entre nós, ainda mais a influencia dos empenhos do que os dictames do bom senso, entender que não é para desprezar o facto de contar entre os filhos de Lisboa um dos grandes escriptores portuguezes do seculo XIX, procure nesse largo a casa onde nasceu Camillo Castello Branco, e adorne-a com uma lapide que não deixe no olvido essa gloria lisbonense. Não lhe pedimos que dê ao largo do Carmo o nome de largo de Camillo Castello Branco. Dar nome a uma rua ou a um largo — salvas heroicas excepções — está sendo honraria tão barateada que seria injusto reclamá-la para nome tão incontestavelmente gloriozo.

Camillo passou em Lisboa a sua infancia. Aqui lhe morreu a mãe, e aqui lhe morreu o pae. Quando se achou orphão, com sua irmã, que ainda hoje vive, foi para Villa Real de Traz-os-Montes para casa de uma tia, irmã de seu pae, D. Rita Emilia da Veiga Castello Branco, a quem se allude no brilhantissimo romance a que vai adherente este humilde esboço. Camillo muitas vezes recorda nos seus livros o tempo que passou em Villa Real, as suas convivencias escolares, os seus estudos d'essa época. Não se demorou ali muito. Na casa de sua tia não encontrara o mesmo carinho a que se acostumara na casa paterna. Sua irmã casou com um medico, e foi viver para Villarinho de Samardan no termo de Villa Real. Camillo, que teria então os seus 16 annos, foi viver com ella. O nome demasiadamente transmon-

tano de Samardan é bem conhecido dos leitores de Camillo, que bastantes vezes o recorda humoristicamente nos seus livros.

Aqui temos nós Camillo Castello Branco, arrojando-se com todo o enthusiasmo dos seus 16 annos, com todo o ardor da sua organização fogosa á vida do campo, á vida solta e sadia do ar livre, aspirando com soffreguidão aquelles aromas campesinos, assistindo como espectador senão como actor áquellas luctas homericas entre os povos de vizinhas aldeias, de que saíam sempre uma boa parte dos combatentes com as cabeças rachadas e as costellas amolgadas, apaixonando-se com uma vehemencia sem limites pelos primeiros olhos negros que o miravam com predilecção, e ao voltar para a Samardan immergindo-se não sabemos se com delicias, mas pelo menos com proficuidade, no estudo do latim e do francez, em que teve por mestre um parente de seu cunhado, o padre Antonio de Azevedo, que lhe juntou a essas prendas outra que ninguem suspeitava: o canto, especialmente o canto de igreja, o canto gregoriano. Entre os multiplos conhecimentos de Camillo, que é um verdadeiro polygrapho, ninguem suppunha que se incluia o canto-chão. Não podemos agora de memoria affirmar que em algum dos seus cento e cincoenta volumes Camillo não recorresse a essa sua sciencia occulta, pelo menos para lhe aproveitar a technologia. Nunca o eminente escriptor deixou de utilisar os variados conhecimentos que o seu espirito soube armazenar, mas o canto-chão não podia deixar de ser um pouco refractario ás applicações litterarias.

Mas querem vêr como logo se revelam na sua adolescencia as bruscas transições de toda a sua vida? Este rapaz, que em Samardan recebe de um padre os elementos de instrucção, que passa uma parte dos seus dias a procurar significados latinos e a cantar os louvores do Omnipotente segundo o methodo gregoriano, que faz naturalmente as suas excursões pela historia ecclesiastica,

e arranha um pouco de theologia, devia voltar naturalmente para a carreira ecclesiastica as suas aspirações. Pois um bello dia, quando acabava de psalmear o seu canto-chão, e de compôr um thema latino, foi a Ribeira de Pena, onde tinha um parente casado, e encontrou ali uma menina que lhe inspirou desde logo uma violenta paixão. Voltou para Samardan, e naturalmente começou a manifestar no seu latim uma predilecção especial pelo IV canto da *Eneida*, e a deixar descambar a solfa ecclesiastica para os amorosos gorgeios. Voltou a Ribeira de Pena, e d'ahi a pouco tempo Camillo, que ainda não contava vinte annos, em vez de estar sacerdote, estava casado!

Este episodio da mocidade de Camillo Castello Branco era quasi completamente ignorado. Aquelle amor, que brotára como uma rosa silvestre da sua primavera nas brenhas de Traz-os-Montes, viveu o que vivem as rosas já fatigadas de Malherbe, o espaço da madrugada da sua vida. A esposa do joven lisboeta morreu pouco tempo depois do casamento. Dera ao seu quasi infantil marido uma filha, que morreu tambem. Quando Camillo Castello Branco principiou a ser conhecido, ninguem suppunha que já houvera na sua existencia uma esposa e uma filha. Quando ha poucos annos casou com a talentosa senhora, hoje viscondessa de Correia Botelho, teve de dizer qual era o seu estado, e foi geral a surpreza quando elle declarou modestamente que era viuvo. Os que o conheciam desde a sua mocidade de estudante deviam suppôr... que elle nascera assim. Seguindo passo a passo, ainda que apenas nos seus traços capitaes, a existencia de Camillo Castello Branco, havemos de sempre encontrar bem claramente accentuadas as feições do mesmo espirito que na sua obra litteraria se manifesta, a vehemencia com que se apaixona por tudo o que num momento dado se apodera da sua alma. Não se encontra já nesta criança, neste adolescente, o germen d'aquelle ardente luctador, que divinisava em raptos de enthusiasmo os homens ou as idéas que o apaixonavam,

que esmagava implacavelmente tudo o que a sua consciencia condemnava? A espontaneidade do seu sentimento, a sincera vehemencia com que o defende e communica, as explosões do seu affecto e da sua colera tão brilhantes ou tão terriveis, teem-lhe dado e hão-de-lhe dar sempre um extraordinario poder sobre as almas. Camillo impõe aos seus leitores as suas preferencias e os seus odios, exactamente porque todos sentem que podem as circumstancias ou a reflexão alterar-lh'os e modificar-lh'os, mas que são sinceros no momento em que elle os exprime. Se as obras de Camillo, tão eminentemente *suggestivas*, segundo a phrase moderna, transmittem ao leitor esse fluido estranho que o subjuga encantando-o, é porque o autôr tem a força de vontade e a abundancia de fluido que dão a influencia magnetica.

A paixão que arrasta Camillo neste ou naquelle sentido, e a força de vontade prompta e immediata que o leva sempre ás resoluções supremas, sentem-se desde que o espirito do escriptor madruga para as luctas da existencia. Adolescente, vê uma mulher, de quem se enamora, e, sem hesitação, sem duvidas, vai logo ao casamento, e ei-lo marido imberbe, vinculando a esse ente feminino, que num momento plenamente lhe conquista a vontade, a sua existencia toda.

O destino põe rapido fim a esse ephemero romance, e Camillo trata de continuar a sua educação. Captiva-o a medicina, e vai frequentar a escóla medico-cirurgica do Porto. Pouco tempo se demora nesse estudo, mas que a elle se consagrou com a paixão intensa que levava a tudo, percebe-se pelos profundos vestigios que nos seus livros se encontram dos seus estudos medicos.

Vai á universidade de Coimbra, onde passa tambem como caloiro, e muito rapidamente, ao que parece, porque a sua estada ali é assignalada apenas pelo facto de ter nessa cidade alvorecido a sua vocação litteraria. Começa a escrever, em collaboração com o seu collega

Antonio Tiburcio Pinto Carneiro, que morreu em 1881 e foi governador civil de Villa Real, um romance. D'essa obra, que devia ser curiosa, apenas conhecemos o titulo. Chamava-se *Os Mysterios de Coimbra*. Evidentemente ou a cidade universitaria o encantou ou o irritou. Se foi este ultimo facto que se deu, pobre Coimbra! Como ella sairia das mãos do incipiente romancista!

De 1846 a 1848 encontramol-o em Villa Real. A época era agitada, e as turbulencias politicas d'esse tempo não se manifestavam como as de hoje com uma violencia que póde chegar aos extremos limites, comtanto que a municipal consinta, mas que tambem se retrahem como as ondas da *Eneida*, apenas um Neptuno cabo de esquadra, desembainhando com uma das mãos o chanfalho, com a outra appella para o *Quos ego* do apito. Esses tridentes policiaes corriam nesse tempo o mesmo perigo que corriam os insultadores da imprensa — ter os dentes quebrados. Havia sinceridade nas paixões que irrompiam tumultuariamente dos peitos revolucionarios; não se espumava por uma idéa, morria-se por ella. Quem hoje comparar as violencias do *Espectro* com as violencias modernas, acha que Rodrigues Sampaio escrevia os seus artigos com tinta côr de rosa. O que então se derramava vermelho era o sangue, o que hoje se derrama vermelho é a tinta!

Evidentemente Camillo não era rapaz que ficasse indifferente á lucta, e que não chegasse tambem ahi ás extremas consequencias. Como namorado, segundo vimos, chegou logo ao casamento, como jornalista revolucionario, chegou immediatamente á guerrilha. De Villa Real escrevia para os jornaes anti-cabralinos do Porto artigos incendiarios, ou que então se chamavam assim; hoje seriam considerados artigos de bombeiro. Mas a penna transfor-

mou-a logo em clavina de guerrilha, e ahi vamos encontrar Camillo Castello Branco, de pouco mais de vinte annos, a atravessar o Minho debaixo das ordens de Macdonell, antigo general de D. Miguel, que viera associar-se, como os partidarios do principe exilado, á revolução democratica.

Que elle se lançou tambem com ardor nessa campanha, vê-se pelos vestigios que nos seus livros se encontram das suas recordações d'esse tempo. A *Maria da Fonte*, a *Brazileira de Prazins* e outros livros, ainda nos revelam a permanencia d'essas reminiscencias no seu espirito, e a vivacidade com que se lançou na lucta.

Se queremos emfim um novo exemplo, e o mais frisante de todos, d'esse apaixonado ardor com que elle se entregava a todos os sentimentos que dominavam por um momento a sua alma, voltemos com elle ao Porto, para onde transferiu a sua residencia, depois de ter ainda escripto em Villa Real o seu primeiro drama conhecido, *Agostinho de Ceuta*. Para a representação d'esse drama construiu-se de proposito um theatro, que, segundo nos dizem, desappareceu apenas ha quatro annos, tendo sido expropriado pela fazenda publica, e, antes de passarmos adiante, notemos que este facto curioso confirma plenamente a asserção que vamos demonstrando. Estamos a vêr o caso: Camillo Castello Branco, levado pela impetuosidade *prime-sautière*, segundo a expressão feliz dos Francezes, pela vehemencia dos seus sentimentos, enthusiasmar-se de subito pela forma theatral, compôr o seu drama em algumas noites, communicar a todos o seu enthusiasmo, e levantar um theatro em Villa Real só para que o seu *Agostinho de Ceuta* visse a luz da ribalta! É que Camillo Castello Branco seria a mais formidavel de todas as influencias eleitoraes, se se mettesse nisso. Se elle quizesse, seria chefe de seita!

Essa paixão pelo theatro voltou-lhe de vez em quando, sempre absorvente, e manifestando-se por aquella exuberancia violenta de producção, e, em cada um dos generos em que tocava, pela vehemencia com que arrancava de um drama todas as lagrimas que elle podia conter, de uma comedia todas as gargalhadas que ella podia produzir.

Uma das minhas mais antigas recordações de theatro é a de um ensaio a que assisti, de uma peça de um acto, que Camillo Castello Branco escrevera para o theatro de D. Maria II, o *Ultimo acto*. Eu era alumno da Escóla do Exercito, e, nas minhas leituras sem nexo, no meu incessante devorar de quantos livros me caíam nas mãos e que nem sempre eram os de fortificação e de topographia, encontrara uns volumes de Camillo que me tinham enthusiasmado. Confidente das minhas predilecções litterarias, um alumno da Escóla, Adriano Carlos de Mendonça Arraes, prometteu mostrar-me de perto o grande homem. Bastava para isso que eu me escapasse uma manhã ás somnolentas explicações do nosso velho lente de fortificação. Nessa manhã havia o ensaio geral do drama o *Ultimo acto*, e Adriano Carlos, que trazia na sua pasta um drama em tres actos, intitulado *Verduras da Mocidade*, em que se rehabilitava, segundo a moda d'esse tempo, meia duzia de peccadoras, devia a essa obra d'arte, que nunca foi representada, o poder entrar francamente nos bastidores do theatro. Supponho que a unica condição que se lhe impunha era a de levar comsigo o drama.

Entrámos, e fomos sentar-nos na platéa escura, em cujas bancadas, quasi absolutamente desertas, se viam apenas os vultos de alguns actores e do autôr, que eu devorava com os olhos, e que parece que estou vendo ainda hoje como o vira então, com um sobretudo de gola levantada, luneta escura, fumando. Como o ensaio ia já adiantado, insinuámo-nos modestamente numa bancada, e ouvimos a scena que se representava. Josepha Soller, a grande

*

actriz, porque o era, que dava aos seus papeis toda a sua alma sentimental, ouvia moribunda um joven padre, que o desespero do seu amor perdido arrojára ao sacerdocio, dizer-lhe, no momento em que ia confessa-la, todas as angustias dilacerantes da sua vida, e, nesse momento supremo, o seu amor renascia, vehemente, apaixonado, saudoso de tudo que perdera. A situação não era de uma originalidade notavel; mas quem falava, pela bocca de Soller, pela bocca de Soares Franco, o actor que fazia o papel do padre, era Camillo com aquella intensidade de sentimento que o caracterisa, sempre que quer abrir, no coração dos que o ouvem ou dos que o lêem, a fonte inexhaurivel das lagrimas. Ah! e como elle o conseguia! Não estavamos ainda ali havia dez minutos, e já nós choravamos, e naquella sala escura, diante d'aquelles actores que nem caracterisados estavam, ouvindo distinctamente o ponto dizer-lhes as phrases commoventes, os actores que escutavam, fartos de conhecer as mentiras d'aquellas peripecias, soluçavam tambem. Um d'elles, um Domingos, ja fallecido, que tinha uma physionomia extremamente comica, um nariz revirado em fórma de trompa, e uma voz trémula de que se servia na *Dama das Camelias* para tornar pathetica a prégação feita pelo pai de Armand Duval a Margarida Gauthier, sentado ao lado de Camillo, assoava-se com um fragor, que dava um inesperado acompanhamento de trombeta á scena que se representava. Era dilacerante aquelle acto pequenino, em que o publico parecia que não tinha tempo de se compenetrar bem do enrêdo para que se pudesse commover. Eu lembro-me de que nem quiz ser apresentado ao autôr. Apesar de serem as minhas lagrimas uma homenagem ao seu talento, envergonhei-me de lhe apparecer, com um compendio de fortificação debaixo do braço, as divisas de sargento, o galão de oiro de aspirante, a chorar como uma Magdalena que tivesse sentado praça!

Sempre encontrei nos dramas de Camillo, por mais imperfeitamente architectados que fossem, esse dom su-

premo das lagrimas. E em todas as suas comedias, desde *o Morgado de Fafe*, que é uma obra prima, até ao *Entre a flauta e a viola*, que é uma simples *pochade*, se encontra sempre em jorros a graça irresistivel, enchendo o theatro de uma tempestade de gargalhadas.

Essa paixão scenica, que o levou a escrever o *Agostinho de Ceuta* e immediatamente a construir um theatro em que elle se representasse, abandonou-o, voltando-lhe só, como dissemos, intermittentemente. Um novo impulso o ia arrojar por um caminho que ninguem esperava que pudesse ser seguido pelo brilhante rapaz, que nessa occasião arrojava a todos os ventos a alegria da sua mocidade, a todas as aventuras a exuberancia da sua força, e a todas as fórmas litterarias a apojadura do seu talento.

De subito Camillo Castello Branco pensa em se matricular no seminario, e apodera-se d'elle a seducção da theologia, o encanto mysterioso da fé. Lançando-se com um ardor extraordinario num novo caminho, cuida já em tomar ordens, em prégar, como fez Camara Sinval, cujos sermões elle depois prefaciou, e em abandonar o mundo profano, como esse medico abandonára a clinica para se abrigar á sombra do seminario. E esta paixão mystica absorve-o completamente. Não se enamora simplesmente como Chateaubriand, cujo *Genio do Christianismo* traduziu, do pittoresco da Religião, deixa-se impregnar todo nos seus balsamos sublimes, cinge a sua alma para a lucta, como os athletas antigos cingiam o seu corpo para os combates da arena, lança-se na polemica religiosa, arremette contra os impios, investe com Renan, traduz Roselly de Lorgues, Baguenault de Puchesse, ergue um cantico enthusiastico em honra de Thomaz A'Kempis, supposto ou verdadeiro autôr d'aquella extraordinaria *Imitação de Christo*, aquelle livro adoravel, absolutamente suggestivo,

que é um verdadeiro manual do hypnotismo religioso. Se persevera mais algum tempo nessa estranha vocação, era capaz de dar um missionario africano, penetrando nas solidões do continente negro para levar a palavra de Christo ás mais selvagens tribus, ou um theologo insigne, luz da fé, columna da igreja, pugnando intrepidamente com os philosophos, como o abbade Gratry com Vacherot, como o bispo Freppel com a maioria republicana. E, como acontece em todas as evoluções do espirito de Camillo, como elle se entrega sempre com paixão e com sinceridade ao culto que o fascina, a sua alma, ainda depois de ter despertado d'esse ascetico sonho, conserva os vestigios da passagem ardente d'esse meteoro, e a cada instante o seu estylo se perfuma com as violetas mysticas d'essas horas recatadas e mysteriosas da sua vida, em que se deixou deslumbrar pelos lumes do Tabernaculo, e em que pensou por um instante em entregar toda a sua alma em flôr ao Christo triumphante, á Igreja consoladora.

As suas nupcias com a Igreja foram porém tão ephemeras como o seu casamento de adolescente com essa ignorada mulher, que o teve um momento preso nos seus braços, e que desappareceu do mundo e da sua vida sem deixar vestigios, como uma rapida visão da mocidade. A esposa dos cantares não conseguiu captivá-lo definitivamente. *Nigra sum, sed formosa,* dizia-lhe a batina attrahindo-o, mas algumas roupas de mulher passaram, alvejantes e tentadoras, por diante dos olhos do seminarista, e este, atirando pelos ares os espinafres da dieta religiosa, como o Aramis de Dumas, quando Artagnan lhe entregou a carta da duqueza de Chevreuse, voltou ao mundo, á vida, aos esplendores da sociedade profana, mas dos seus estudos theologicos, da mesma forma que dos seus estudos medicos, encontra-se sempre nas suas obras algum vestigio.

Então começou verdadeiramente a vida de escriptor, a longa e brilhante carreira do primoroso romancista. Não esperassem d'elle a tranquilidade do observador, ou a benevolencia sorridente de um pintor de costumes elegantes. Do seu retiro mystico saía mephistophelico, e as Margaridas da burguezia portuense nas suas entrevistas com os Faustos pançudos que voltavam do Brasil rejuvenescidos pelo oiro e afinados pelo baronato indispensavel, ouviam de subito estalar-lhes aos ouvidos a gargalhada do implacavel humorista. Ah! como elle flagellou os vicios burguezes, as vaidades imbecis! O que elle trazia do Evangelho não era a doce parabola, nem a palavra de perdão, nem o dom de fazer o alegre milagre de Cana; o que elle trazia era o latego com que Jesus expulsara os vendilhões do templo, e se algum milagre fazia, não era o de transformar a agua em vinho, mas sim de transformar o vinho em vinagre, porque não havia bodas de ricasso que elle não troçasse com a sua satyra sem treguas. Pensara em fazer uma peregrinação a Roma, aos logares santos, meio resolvido talvez a seguir depois o itinerario de S. Francisco Xavier ou de Alvaro de Semedo. Mas, como era sempre extremo em todas as resoluções, desde que se entregou ao estudo da sociedade portugueza, limitou as suas peregrinações por um lado até á rua das Congostas, pelo outro até ao Bom Jesus do Monte, accrescentadas com alguma digressão extraordinaria até ao Chiado.

Foi então que appareceram na sua obra os burguezes ridiculos, os criminosos enriquecidos, toda aquella terrivel caricatura da burguezia portuense, que levantou contra elle as indignações dos caricaturados. Mas Camillo Castello Branco, que é pessoalmente intrepido, ria-se d'elles, e atirava-lhes o fumo do charuto no passeio da Cordoaria quando elles o miravam de revés, apertando as bengalas, e perguntando uns aos outros se não seria propicio o ensejo para caírem sobre elle num batalhão cerrado, e desfazerem-n'o.

Houve quem tentasse pôr em pratica o pensamento, mas Camillo defendeu-se como um homem, mostrou-lhes que encontrariam uma resistencia séria se tentassem desaffrontar-se com a bengala das arranhaduras da penna.

No meio da sua galeria burlesca apparecem de vez em quando umas figuras ideaes, que elle acaricia com uma ternura suprema, e que reveste de todas as perfeições. Como dissemos logo no principio d'este estudo, Camillo tem na sua obra os personagens que ama e os que detesta. Se tem na estructura dos seus romances mais o processo de Balzac e de Zola, que o de Dumas e de Feuillet, differe d'aquelles grandes escriptores em não ter como elles a indifferença. Não põe em scena, não transporta o systema do drama para o campo do romance, conta simplesmente as aventuras dos seus heroes, mas conta-as com tanta paixão, e partilhando tão deveras os pensamentos d'esses personagens, que não só parece que a todos os conheceu e tratou intimamente, mas que até se torna difficil o destrinçar na sua obra os personagens verdadeiros que entraram na sua vida real e os que elle creou e phantasiou. Não se sabe se Fanny Owen deveras existiu, ou se a Augusta do *Onde está a felicidade?* deve apenas a sua existencia á phantasia do autôr.

Começa logo depois aquella vida irrequieta e ao mesmo tempo caseira de Camillo Castello Branco. Chamamos-lhe caseira, considerando como sua casa o espaço do territorio portuguez comprehendido entre o Minho e o Tejo. Suppomos que nunca levou mais longe as suas excursões, mas quantas vezes tem elle percorrido este pequeno espaço! Como Fillipe II, de quem seu filho dizia, se é verdade uma vez por acaso o que Saint-Real affirma, que era grande viajante, porque ia duzentas vezes no anno do Escurial ao Pardo e do Pardo ao Escurial, Camillo Castello Branco tem por limite das suas viagens ao norte o Bom Jesus do Monte, ao sul a rua dos Capellistas.

Foi quando elle estava na plena actividade da sua campanha contra a sociedade portuense que entrou na sua vida o seu elemento mais dramatico: uns amores apaixonados que deram ao ultimo periodo da sua mocidade o colorido de um romance real. Inspirou-lh'os uma senhora de rara intelligencia e de nobre coração, que teve na sua vida primeiro a influencia da musa ardente de cujos olhos e de cujos labios chovem as grandes inspirações, depois a influencia do anjo da familia que soube dar ao luctador cançado as consolações supremas e beneficas de que tanto carecia, no declinar da vida, aquella alma tempestuosa.

A perseguição implacavel veio dar a esses amores todo o prestigio do infortunio. Camillo teve de abandonar a sua vida portuense para se homiziar na provincia, e para conhecer as amarguras de uma existencia de proscripto. Teve comtudo esse incidente uma influencia um pouco inesperada na maneira do romancista. O humorista implacavel, o critico violento, refugiou-se na região do ideal, e, como tinha na sua vida a agitação e as peripecias dramaticas, procurou nos livros a paz e a serenidade. Datam d'essa época os romances mais suaves da sua obra vastissima. Foi então que appareceram successivamente o *Romance de um homem rico*, e *O Bem e o Mal*, as *Estrellas propicias* e as *Estrellas funestas*, o *Amor de perdição*, esta obra prima que estamos agora prefaciando, e o *Amor de salvação*, o livro encantador em que principia a apparecer a saudade dos annos decorridos, e que se intitula *No Bom Jesus do Monte*. Torna-se tambem mais moderada a sua *vis comica*, e os *Doze casamentos felizes*, escriptos exactamente nas suas horas de amargura, quando, homiziado em Villa Real, esperava a cada instante que o prendessem, não despertam a gargalhada violenta, provocam o sorriso alegre. Poucos livros de Camillo se reléem com tanto prazer como esses *Doze casamentos felizes*. Que suavidade de toques, que delicadeza de pincel, e como o espirito se en-

leva na admiração profunda por esse talento multiplo, que percorre tão facilmente toda a escala dos sentimentos humanos, e pode ser cruel, e meigo, e sonhador, e observador, e commovente, e faceto, arrancar o riso, as lagrimas, deleitar com os quadros mais suaves, enthusiasmar com os toques mais vigorosos, flagellar e acariciar, empunhar um varapau e varrer uma feira, e em seguida calçar umas luvas *gris-perle* e encantar uma sala.

Depois do homizio veio afinal a prisão, e Camillo Castello Branco esteve encerrado na cadeia da Relação do Porto. As horas do seu ocio forçado empregou-as então principalmente no estudo. Foi na sombra do seu carcere que elle arrancou dos veios vastissimos da nossa lingua tantas inestimaveis pepitas de oiro com que elle enriquece a nossa linguagem contemporanea. Sempre foi um escríptor vernaculo, mas d'esse periodo em diante foi que Castilho deveras lhe pôde chamar o «opulentador da lingua portugueza».

Com que discreção, com que fino tacto elle sabe procurar e encontrar o que deveras convem á nossa lingua moderna, de fórma que o seu estylo não tome um caracter antiquado, incompativel com as condições do nosso meio! Que inexcedivel propriedade de termos! Que riqueza de locuções! Como elle maneja desembaraçadamente o idioma! e como elle sabe dispensar as locuções francezas a que tantas vezes se recorre, entre nós, quando falta a expressão nacional! Um dos seus livros, em que esta qualidade mais vivamente se faz sentir, é sem duvida alguma o *Regicida*.

Este nome faz com que tratemos desde já da ultima phase do talento de Camillo, aquella em que elle, enamorando-se dos estudos archeologicos e historicos, da mesma fórma que se enamorára em tempo dos estudos theologicos, se entregou com paixão ao romance historico, e á

narrativa historica. Como sempre, entrega-se com enthusiasmo áquelle estudo, revolve manuscriptos, folheia livros, visita bibliothecas, enthusiasma-se por estes ou por aquelles personagens, e, diga-se em honra do seu coração, em homenagem á sua alma compassiva, se manifesta parcialidade por alguem, é pelas victimas. Contra quem se mostra implacavel, é contra os violentos. Pouco lhe importa que D. João II désse a esse Portugal que saía das sombras da idade-media a forte concentração que lhe valeu um seculo de inexcedivel gloria, matou o duque de Vizeu, matou o duque de Bragança, foi de uma violencia implacavel, e nunca o eminente escriptor lh'o perdoou. Debalde fez o marquez de Pombal a obra maravilhosa da resurreição portugueza, o sangue dos Tavoras embaciou para Camillo toda a sua gloria, amesquinhou-lhe o vulto. Tudo perdôa aos que padecem, nada aos que fazem padecer. São as victimas da Inquisição sobretudo que o enternecem, as que lhe dictam as mais commovidas paginas da sua vastissima obra historica.

E' vastissima deveras, e, percorrendo-se as collecções dos seus estudos historicos, taes como *Cavar em ruinas*, *Mosaico*, *Narcoticos*, *Noites de insomnia*, etc., etc., as suas narrativas historicas, taes como a *Lucta de gigantes*, os seus romances historicos, taes como o *Judeu*, o *Olho de vidro*, o *Regicida*, a *Filha do Regicida*, a *Caveira da martyr*, o *Senhor do Paço de Ninães*, e muitos outros ainda, lamenta-se que as exigencias da sua vida de escriptor portuguez, obrigado a arrojar ao publico, a troco de miseros cobres, as folhas da sua carteira de apontamentos, o impedissem de condensar, numa pujante obra historica, as maravilhosas investigações que elle soube fazer e que tantas vezes dão um aspecto novo a factos que a historia considerava de outra maneira.

Temos procurado indicar as diversas correntes que actuaram no espirito de Camillo Castello Branco e lhe inspiraram obras de tão diversa indole, e sempre tão magistraes. Não quer isto dizer, nem por sombras, que estas correntes dominantes impedissem as outras de se manifestar simultaneamente. Quando parecia mais absorvido pela historia, lançava de subito romances do mais variado genero, deliciosamente humoristicos como a *Queda de um anjo*, e commoventes como algumas das *Novellas do Minho*, e saía, de chicote em punho, a fustigar algum confrade que lhe implicava com os nervos, ou a atirar-se, com a sua intrepidez habitual, a um povo inteiro que lhe desagradava. Um bello dia, depois de ter posto as costas em sangue aos brasileiros de torna-viagem, saltou nos lidimos brasileiros, nos que nasceram deveras nas terras de Santa Cruz, e ergueu-se contra elle do outro lado do Atlantico uma selva de bambus indignados, como se erguera annos antes uma floresta de marmelleiros, tudo platonicamente, é claro. O seu temperamento de luctador deliciava-se com estas arrancadas imprevistas, e com estes clamores que despertava.

Aquella imaginação prodigiosa, aquella faculdade subtil de assimilação não lh'as puderam modificar nem o tempo, nem a doença. Conta-se que um dia, acabando de ler um romance da escola realista, a sr.ª viscondessa de Correia Botelho lhe dissera rindo:

— Estás velho, e não és capaz de escrever um livro d'estes.

Camillo sorriu-se sem responder, e, quinze dias depois, atirava-lhe rindo, ao colo, aquelle maravilhoso *Eusebio Macario*, que é verdadeiramente uma obra prima.

Tantas vezes declarou que se sentia a dous passos da sepultura, tantas disse que a doença implacavel o perseguia, e tantas vezes protestou contra essas declarações a eterna mocidade e o inquebrantavel vigor do seu espirito, que todos se sorriam já um pouco d'este *doente imaginario*. Infelizmente, porém, se era muito mais imaginario do que o suppunha, era-o muito menos do que imaginavam os seus amigos e os seus admiradores. Veio a cegueira, a tristeza da sombra, e com ella as preoccupações e as rebeldias d'aquelle espirito avido de luz. Não sabemos se a medicina suppõe que elle ainda possa recuperar a vista; mas, ainda que elle esteja condemnado a viver o resto dos seus dias rodeado de sombra, a sua mão é que ha-de sentir sempre o aperto cordeal e affectuoso de tantos amigos que o estimam e veneram, e hão de resoar-lhe ao ouvido, como os preludios da futura apotheose, os hymnos de louvor que por toda a parte se entoam em sua honra, os applausos que festejam a sua obra ingente.

E' que neste momento faz-se em volta do seu nome uma pacificação notavel. Aquelle implacavel flagellador, que fez tantas victimas, aquelle audacioso luctador, que investiu com tantas collectividades, aquelle campeador, que estava constantemente na arena prompto a bater-se com todos os que apparecessem, aquelle homem de crítica e de polemica terrivel, que devia ter creado tantos inimigos, não tem um só neste momento. O publico *ondoyant et divers*, que muda de idolos tão facilmente, conserva pelo grande escriptor todo o seu enthusiasmo de outr'ora, e as reedições dos seus velhos livros encontram soffregos leitores, como no tempo em que saíram pela primeira vez á luz da publicidade. A edição que se faz agora d'este admiravel romance de Camillo que estou prefaciando, é uma edição festiva a consagrar a persistencia da popularidade d'um livro, que pertence a este genero do romance tão sensivel ás fluctuações da moda. E é justa a consagração, porque Camillo Castello Branco, relanceando o olhar pela sua

obra ingente, pode exclamar como o poeta romano: *Exegi monumentum.*

Deve muito a sua duração aos materiaes que o compõem. A sua linguagem foi arrancada, como puro marmore, da pedreira nacional. Os que fazem as suas estatuas com a neve passageira de cada estação, apresentam-n'as com um brilho fulgurante; vem o sol da estação nova e as estatuas derretem-se. O marmore fica.

Mas deve-o sobretudo á sinceridade com que é trabalhado. Camillo pode variar nas suas predilecções, nos seus enthusiasmos, nos seus odios, nas suas coleras; mas, variando, obedece sempre á impressão sincera da sua paixão ou da sua consciencia. Ora o publico, logo que sinta passar numa obra de arte o sopro da sinceridade, deixa-se forçosamente captivar. *Si vis me flere...* O conselho de Horacio é eternamente verdadeiro.

Como é, porém, que em torno do vulto de Camillo não se escuta simplesmente um côro de admiração, mas tambem um côro de sympathia, sem uma voz que desafine? Onde estão os rancores que elle accumulou em torno de si com as suas satyras implacaveis? Tudo desapparece na irradiação da sua bondade, na irradação do seu martyrio, e na irradiação da sua gloria. Da sua bondade, porque na sua obra, como na sua vida, sente-se sempre, através de todas as nuvens, a scintillação constante de uma alma no fundo boa e misericordiosa; do seu soffrimento, porque nada ha mais respeitavel do que esse trabalhador infatigavel, perseverante, que trocou por magros ceitis os thesouros do seu talento, e que gastou a sua vida e os seus olhos no estudo das glorias nacionaes, na opulentação da litteratura portugueza, e que da terraque enriqueceu obtem uma triste pensão, emquanto d'ella obteem haveres colossaes os syndicatos que a empobrecem; de gloria, emfim, porque todos os resentimentos se desvanecem perante genios como o d'elle, porque todos os pelindrados se sentem pequenos diante da grandeza d'aquella obra que já se pode

considerar no seu conjuncto, porque até parece que se orgulham de terem contribuido dolorosamente para a construcção d'esse monumento, porque os mais doridos, os mais sinceramente resentidos, os mais odientos, os que mais consideravam, desvairados pela paixão, Camillo como um verdadeiro monstro, murmuram talvez, ao contempla-lo, como Lamartine ao pensar em Bonaparte:

Qui sait si le génie
N'est pas une de vos vertus?

MANUEL PINHEIRO CHAGAS.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O SEU AMBIENTE SOCIAL — A SUA ESTHETICA — A SUA CRITICA — A SUA FÓRMA LITTERARIA — O SEU TEMPERAMENTO ARTISTICO.

Para quem não souber o que era ha quarenta annos a cidade do Porto será hoje difficil a analyse sociologica dos romances de Camillo Castello Branco. E é sobre essa analyse que tem de basear-se, com relação aos livros d'este escriptor, o estudo dos personagens, dos costumes e do senario, bem como o da escolha do assumpto, conscientemente ou inconscientemente feita em vista da orientação moral, do sentimento poetico, da receptividade artistica do grupo de leitores, que todo o romance se destina a interessar e a commover.

Em 1850 o Porto parecia-se mais com o estreito e cavo burgo medieval que Garrett descreve no *Arco de Sant'Anna* do que com a cidade commercial, civilizadamente cosmopolita, incaracteristica e banal, que hoje é.

Algumas ruas tinham o aspecto mais interessantemente archeologico ou mais vivamente pittoresco. A antiga Banharia era ainda a esse tempo quasi exclusiva-

mente habitada por latoeiros. Tinha toda ella um tom doirado produzido pela refracção da luz nas bacias, nos tachos, nos candieiros de tres bicos, em cobre polido, pendurados ás portas; e o permanente martellar dos arames aviventava-a com o mesmo ruido laborioso e alegre do tempo em que a Anninhas morava ali perto, ao bemdito arco da Senhora Sant'Anna. A angustiada e tortuosa Reboleira, calçada de enormes lagedos de granito, com os predios em resalto na altura do primeiro andar, como nas velhas ruas de Flandres, deixando apenas vêr do céu, por entre os beiraes dos telhados, uma estreita fita azul e serpenteante, era fechada á borda do mar pelo gothico arco da Porta Nobre; e ás tres horas da tarde, no verão, envolvia-a já uma sombra de crepusculo, a que o cheiro picante e aperitivo das aduellas batidas pelos tanoeiros á porta de cada loja dava uma refrigerante sensação de adega. A rua das Hortas lembrava um trecho de bairro antigo de Tanger ou de Marrocos, coberta com os seus largos toldos de linhagem branca, cheia de cães de caça, semi-selvagens, podengos e galgos, que dormiam estiraçados a toda a largura e a toda a extensão da rua, por entre os feixes de verga de ferro e os balotes de linho em rama.

Os bons mercadores dos Clerigos, da rua Nova dos Inglezes e da rua das Flores, muitos d'elles antigos soldados dos batalhões da Carta ou dos Voluntarios da Rainha durante o cerco, ex-officiaes da Guarda Nacional sob o governo da Junta no tempo da Patuleia, falavam á gente, pimpando detrás dos seus balcões ou das suas carteiras com a mesma catadura imponente e magestatica que teriam nas cadeiras curues das casas do concelho portucalense, ou de cima das burras de juizes do povo em dia de real cortejo, ao som jubiloso dos atabáles e das charamelas pela Ribeira fóra.

Eram elles — diziam com persuasiva emphase — os que se tinham batido nas linhas ao lado do Imperador

contra as tropas de D. Miguel; elles os que de baioneta á ilharga, patrona nos rins e escopeta ao hombro, tinham dado á Nação as instituições modernas, e á senhora D. Maria II o throno dos seus avós; elles os que guardavam, com uma das visceras de Pedro IV, a chave do bem conhecido *baluarte das liberdades patrias*, e das *arrojadas iniciativas;* elles os que, pela energica resistencia da sua attitude, tinham feito fugir para Lisboa, corrido, achichelado, o famigerado régulo José Cabral, mais conhecido pela alcunha de *José dos Conegos;* elles, emfim, os que tinham prendido e engaiolado no castello de S. João da Foz, á ordem do povo, o duque da Terceira. Pelo que, com legitimos fundamentos e sem falsa modestia, julgavam poder considerar-se o sal da terra.

Da politica propriamente dita tinham uma ideia longinqua e nebulosa, a que a palavra *ladroagem* servia de vaga synthese.

O Passos José, na sua casa da viella da Neta, mantinha, por gosto de officio, um constante fermento de rebelião democratica: e verdadeiro *Representative-man* da burguezia nacional, de cara rapada, grande gravata de seda preta á Directorio, barrigudo, de chapeu alto arrojado para a nuca, longa sobrecasaca aberta e voejante, calças de alçapão muito curtas de pernas, transpirando sempre, deitando as palavras abundantes em borbotões pela bocca risonha e forte, elle frequentava com assiduidade o *pasmatorio dos Loyos* e do largo da Batalha, e ia regularmente de loja em loja, batendo no hombro aos logistas, desabotoando-lhes e abotoando-lhes os colletes, enfiando-lhes o dedo pelas botoeiras dos casacos, dando-lhes piparotes no estomago, e informando ao ouvido de cada *patriota-eximio,* que era todo o mundo, sobre o estado da *causa,* expressão generica resumindo tudo o que se referia ao plano de subsequentes *bernardas.*

Era pelas narrativas sybilinas, atabalhoadas, contradictorias, sempre confidenciaes, d'esse agitador ingenuo, sym-

*

pathico, popularissimo, ainda mais do que pelas cartas do Braz Tisana no *Periodico dos Pobres*, que o burguez portuense tinha conhecimento do *que ia por essa Lisboa!* E, tão systematicamente hostil ás altas classes dirigentes como ás classes aristocraticas, depois de tomadas para esse effeito as devidas precauções, averiguado que não havia baionetas de patrulha na rua nem mocas de caceteiros á esquina, trancadas as portas, no recesso trazeiro da loja, entre as barricadas dos baetões e dos panos patentes, o burguez do Porto arrasava ali assim a sociedade inteira, e botava abaixo tudo — metaphysicamente, já se deixa vêr — por meio de gestos subversivos e contundentes, d'escacha-pecegueiro, meneando o ponderoso covado de pau preto chapeado de ferro, num truculento jogo de varrer, em familia.

Com essa dôce mania belligerante eram no fundo os homens mais ordeiros e mais pacificos: irmãos de confrarias, mesarios de irmandades, fidelissimos ás pomposas procissões da Trindade, do Carmo e de S. Francisco, fervorosos devotos do Senhor de Mattosinhos e do Senhor da Pedra, e grandes festeiros de S. João. Alguns iam á missa das almas em cada dia. Todos frequentavam regularmente os sacramentos e visitavam aos domingos de tarde o Senhor Exposto.

Em toda a classe commercial não havia um só bigode, e nenhum negociante digno d'este nome se vestia senão de preto, collete de setim, e longa sobrecasaca, sendo o capote bandado de veludo obrigatorio para ver a Deus. Os inglezes, commerciantes de vinho, que appareciam na praça de chapeu branco e calças de xadrez, como o Forrester, o Miller, o Smith, o Stewer, o Allen, constituiam salpicos assarapantados, de uma garridice exotica e heretica, sobre a grande massa orthodoxa e sombria da população grave.

Além da colonia britannica, havia a colonia *brasileira* constituida por humildes e operosos minhotos, que vinte ou trinta annos antes, haviam partido barra-fóra, de carapuça encarnada na cabeça, chinellas de couro crú, jaqueta

e calças de cotim, com uma chave pendente do pescoço por um cordel, pallidos, ingoiados, confrangidos de incerteza e de saudade no tombadilho da galera *Castro* ou do brigue *Carolina*, entre uma pequena caixa de pinho e um estreito colchão de embarque. D'esses pobres e corajosos pequenos muitos desappareciam inteiramente, não se tornava a saber d'elles desde que o navio, pondo ao longe um ponto cinzento na bruma côr de perola, se esbahia de todo na humida profundidade do horizonte; e as lagrimas choradas no Paredão das Lagrimas pelas mães que lhes acenavam o derradeiro adeus, eram as ultimas que a patria lhes consagrava. Alguns regressavam ricos. Usavam dispendiosamente botinas de duraque gaspeadas de verniz, calças brancas, quinzena de alpaca, chapeu do Chile, bengala de unicorneo em punho, alfinete de brilhantes no peito anilado da camisa. Traziam comsigo variadas lembranças da natureza tropical: um ou dois papagaios, latas de goiabada ou de compota de Cajú, especialidade de café e de mandioca e um cheiro assucarado de abacaxi, de camphora e de Agua Florida. Os que partiam enchiam em cada viagem todos os navios de longo curso construidos no estaleiro do Ouro. Os que voltavam enchiam apenas um banco de jardim, ou dois, na Praça Nova, na Alameda das Fontainhas ou no Jardim de S. Lazaro.

Os divertimentos, tirando as vigilias dos santos populares, como os tres Samjoões, da Lapa, do Bomfim e de Cedofeita, as procissões e as romagens suburbanas a Paranhos, á Ramada Alta, a Mattosinhos e a S. Cosme, eram raros. Havia na rua da Fabrica a Sociedade Phylarmonica dando concertos mensaes durante o inverno; havia a Assembleia Portuense na rua do Almada com mesas de voltarete e outros jogos de vasa e de somnolencia, autorisados nos estatutos; e convidava para um baile por anno as pessoas gradas do commercio e do funccionalismo a Feitoria Ingleza.

Nas casas particulares as reuniões tinham o nome de

sucias, e havia-as de convivio selecto e fino tracto. Convidava-se modestamente para a chicara de *agua morna*, mas havia sempre a magnanima surpresa de algum chá discretamente accrescentado ao liquido promettido. Fatias de pão com manteiga e doçuras variegadas cercavam, na bandeja que seguia a da agua morna, o cão ou o coqueiro de prata ouriçado de palitos. Os homens pitadeavam-se com estrepito das caixas uns dos outros, e as senhoras submergiam-se no jogo do loto, até que ás dez horas, tendo chegado os moços com os lampiões e com os saccos dos chales das senhoras Simôas, das senhoras Ambrosias e das senhoras Ignezes, debandava a agradavel companhia. Mettia-se nas espevitadeiras o derradeiro norrão das velas, e arrecadavam-se os cartões do loto, emquanto as visitas, em galochas, com dois lenços na cabeça atabafadas até os olhos, recolhiam lentamente, redondas d'agasalhos como enormes aboboras ambulantes, batendo os lagedos das ruas desertas e sonorosas com os ferrões dos guarda-chuvas.

Emquanto ao que por esse tempo se passava na sociedade de Lisboa sabia-se apenas da ladroeira dos Cabraes e das cumplicidades da Rainha, a quem o conde de Thomar dava de jantar em pratos d'ouro, arrancados ao suor do povo em geral, mas principalmente ao da cidade do Porto, sempre a primeira em tudo, até em suar para concussionarios e prevaricadores!

Os homens arrojados e aventureiros que tinham vindo á capital em oito dias de jornada em caleça, ou a bordo do Vesuvio ou do vapor Porto, referiam-se nebulosamente, como se se tratasse da mais remota das lendas, aos bailes do Farrobo, ás representações theatraes das Laranjeiras e ás saturnaes da Sociedade do Delirio presidida pelo marquez de Niza. Mas os do Porto, frios, austeros e asedos, suspeitavam que em todas essas folias, tendo por base a rapina, a luxuria e a insensata basofia, havia defficiencia de cordealidade, e, sobretudo, de comestiveis.

O que tirava o somno á tão apregoada bisarria dos

Luculos portuenses eram os banquetes e os bailes de arromba com que os de Villa Nova de Gaya celebravam no Terreirinho e no Domingos Ribeiro a famosa festa das cruzes, cujo arroz doce, acrimoniosamente calumniado pelas familias portuenses e comminado de successivas florescencias de bolor, engenhosamente encobertas pelos artificios da canella, déra origem ao anexim hostilisante do *arroz de sete pellos*.

Durante o verão o folguedo predilecto das familias abonadas eram as merendas e os jantares «pelo rio acima», a Quebrantões, ao Freixo, á Pedra Salgada, á quinta da China. Aos domingos, depois da missa primeira, o patrão trazia da feira do Anjo a provisão das laranjas e dos pecegos de Amarante, um melão afiançado e a indispensavel melancia. Um cesto levava as fructas, outro cesto maior e mais abarrotado, coberto por uma alvejante toalha de linho de Guimarães, levava os talheres, o alguidar de arroz de forno com o pato e o salpicão, a pescada frita, os grossos «moletes» de Vallongo, e a borracha attestada de vinho maduro da Companhia do Alto Douro. Fretava-se um dos grandes barcos de Avintes, remado por mulheres, um tanto escalavrado, destingido pelas soalheiras, semelhante no aspecto da madeira e do cordame a uma velha nora descida para agua de uma horta ribeirinha, cheirando a brôa fresca, a cebolinho e a feno. A familia toda,—o marido, de calças de ganga e chapeu de sol, a mulher, os filhos, a criada com «roupinhas minhotas», e os dois marçanos, em chinellas de bezerro compradas nas Congostas, camisa de linho caseiro, nisa de briche e chapeu braguez de copa alta e aguda—tomavam methodicamente assento á ré, sob o toldo branco, rusticamente armado em varas de pinho, como um parreiral suspenso. Os açafates com os viveres eram depostos á prôa. E a alegre barcada lá subia vagarosamente o rio sinuoso, angustiado entre duas serras, no marulho da corrente cortada pelo pachorrento chaveco de agua doce, ao

som de uma barcarola em côro agudo entoada em terceiras pelas remadoras. A alface era catada e ripada e a salada feita á hora da refeição no logar escolhido, na mesa de pedra debaixo das nogueiras, com vista para o rio, á beira do poço com a borda coroada de mangericões e de craveiros, ou depois de uma excursão por entre sebes de marmeleiros ou ao longo de ruas de alfazema em busca de mais desusado pittoresco, entre os milhos, num corrego pedragoso aveludado de musgo, perto de um fio d'agua, em que se mettia a refrescar a borracha.

Pela noite os que, tendo ficado na cidade, tomavam o fresco na alameda das Fontainhas, viam em baixo, na agua tumida e glauca, polvilhada de ouro pelo reflexo das estrellas, deslisar de volta as barcas das musicatas, illuminadas de lanternas á veneziana, lentas, mysteriosas. As melodias embaladoras de Bellini e de Donizetti subiam do rio suspiradas nas rebecas, harpejadas nos violões como numa ronda aeria de sereias e de sylphides, e os éccos do Valle de Piedade e do Valle de Amores enchiam-se com as sonoridades plangentes e esmaecidas da *Casta Diva* e da *Sombra de Nino*.

Em terra firme, o meio de transporte habitual das familias, para o theatro de S. João, para os bailes, para as romarias, era o famoso carroção, vehiculo de quatro rodas, da fórma de um predio, com duas fachadas lateraes de cinco janellas cada uma, e porta ao fundo, a que o passageiro subia por quatro degraus de escada guarnecida de um corrimão. Uma junta de alentados bois de Barroso puxava pelo monumento. Nas duas fachadas, por baixo das janellas, lia-se em grandes letras, alegres como bandeiras desfraldadas a toda a extensão do edificio, o nome do summo architecto— *Mancel José d'Oliveira*.

Livreiros havia dois na cidade, a esse tempo—o Moré, á Praça Nova, e o Cruz Coutinho, aos Caldeireiros. Mas o consummo dos livros não dava para sustentar esses dois estabelecimentos de commercio. Moré accumulava com o

negocio das letras, o da perfumaria e o da quinquilheria. Cruz Coutinho vivia principalmente de editar reportorios, folhinhas e folhetos populares, como o *Carlos Magno*, o *Bertholdinho*, o *João de Calais*, *Os Tres Corcovados*, e a *Bella Magalona*.

Além dos referidos livros tinham algum curso, e andavam de emprestimo pelas familias curiosas de leitura amena, alguns dos romances de Eugéne Sue, traduzidos pelo medico Reis. Lia-se tambem Paulo de Koch, traduzido e editado em Lisboa, bem como *Maria, a filha do jornaleiro*, *O testamento da velha do Cortiço*, a *Eleição de juiz dos bebedos no dia de S. Martinho*, as *Cartas do Echo a Narciso* e de *Heloïsa e Abélard*. Num famoso estudo crítico, o austero e venerado Alexandre Herculano tinha posto as pessoas honestas de sobreaviso contra a dissolvente litteratura de botequim cultivada por Balzac e por Alexandre Dumas. O poeta cego Antonio Joaquim de Mesquita publicára, entre varias outras obras poeticas, o *Porto invadido e libertado* e a *Defeza das mantilhas*. O humanista Henrique Ernesto de Almeida Coutinho dera á estampa, além das suas odes, algumas traducções de Pope e de Byron. José Maria de Souza Lobo traduzira em volume *Maria Tudor*, de Victor Hugo. Finalmente, o bem conceituado conselheiro Rodrigues Basto dera a lume os seus *Pensamentos e maximas* e o romance intitulado *A Virgem da Polonia*.

Fóra da publicidade, colligindo livros, occupando-se de investigações historicas, juridicas ou litterarias, citavam-se alguns eruditos — José Gomes Monteiro, Thomaz Norton, o visconde de Azevedo, Vieira Pinto.

Do fundo da espessa população commercial, abastada, rotineira, carola, consideravelmente snobica, destacava-se, em violento contraste com ella, uma mocidade inquieta, nevralgica, atrevidissimamente explosiva.

No dandysmo, Ricardo Brown e Manoel Brown, Payant, Almeida Campos, Henrique Maia, Barbosa e Silva, Antonio Guedes Infante, Eduardo Chamisso, João Negrão, José

Eduardo da Silva Pereira, José Passos, Eduardo Soveral, José Augusto de Carvalho, Paiva de Araujo, o que mais tarde deu o seu nome a uma cocotte celebre no Paris do segundo imperio.

Na litteratura, Arnaldo Gama, Evaristo Basto, Gonçalves Basto, Antonio Girão, Ribeiro da Costa, Delfim Maria de Oliveira Maia, Antonio Coelho Louzada, Alexandre Braga, Soromenho, Soares de Passos, Ricardo Guimarães, Amorim Vianna, Faustino Xavier de Novaes, Marcellino de Mattos.

A maior parte d'estes rapazes tinham pegado em armas no tempo da patuleia, já alistados nos batalhões academicos ou na Guarda Nacional, já como ajudantes d'ordens ou ajudantes de campo dos generaes guerrilheiros, como o Povoas e o Mac-Donell. D'esse tirocinio guerreiro ficára-lhes o aspecto marcial, o temperamento batalhador, o estylo intrepido, o bigode arqueado. Vestiam-se em geral de um modo commum — calças á hussard, casaca ou sobrecasaca abotoada até ao pescoço, grande laço na gravata á lord Byron ou á Antony. Como agasalho envolviam-se romanescamente no *plaid* de Walter Scott, em quadrados escocezes. Eram de rigor as esporas e o *casse-tête*, que se trazia suspenso do pulso por uma asa de couro. O de Camillo era uma formidavel clava de Hercules romantico: na extremidade opposta á correia, que poderia servir de sôga a um boi, agarrava-se á grossa cana da India um temeroso chavelho de veado, reforçado por uma argolla de ferro; se o inimigo commettia a inadvertencia de empolgar em defesa propria esse terrivel castão destinado a acachapar-lhe o craneo, do lado da asa dava-se meia volta á pega do mortifero instrumento, um calço de mola saltava, e de dentro da cana desembainhava-se uma baioneta de dois palmos e meio, com que era atravessado pelo abdomen o adversario imprudente. Foi com esse cacete monumental que, num dos frequentes conflictos do theatro de S. João, tendo um barytono, cha-

mado Gorin, levantado a mão para José Barbosa e Silva, Camillo lhe partiu o braço de um golpe.

Além do *casse-tête* a que me refiro traziam-se pistolas de algibeira. Espancado na rua de Santo Antonio, em reivindicação de um artigo de jornal contra a familia Constantino, então em demanda com a familia Bulhão, Camillo, já por terra, com uma larga ferida na cabeça, antes de ser levado em braços para casa do alfaiate Augusto de Moraes, desfechou ao peito do aggressor um tiro, de que elle escapou pela circumstancia de trazer em couraça um espesso collete de pelles.

As proezas d'esta geração de estouvados, hoje inteiramente extincta, ficaram memoraveis nos fastos da sociedade portuense.

Quando o marquez de Niza foi ao Porto, em viagem sentimental com uma cantora de S. Carlos, alguns janotas portuenses, depois de uma recita no theatro de S. João, partiram a cavallo com os seus hospedes, tomaram de assalto o Castello do Queijo, occupado por um destacamento de veteranos, metteram num calabouço a guarnição, com sentinellas á vista, condemnada a *foie gras* e a champagne, e passaram um dia de festa na fortaleza conquistada.

Uma outra cavalgada nocturna dispersou a chicote uma força da guarda municipal, reunida no largo da Trindade, na occasião de se distribuir o segundo turno de patrulhas incumbidas de guardar a cidade.

Na famosa campanha theatral, sustentada durante uma estação lyrica pelos partidarios da Bolloni e da Dabedeille, ferveram abundantissimamente, através de ovações e de pateadas consecutivas, as provocações reciprocas dos dilettanti, as mocadas, os bofetões e os duellos. Numa ceia offerecida a Dabedeille no restaurante classico da Ponte da Pedra, Camillo, ao levantar um brinde cavalheiresco á Bolloni vencida, teve a palavra cortada, bem como a testa, por um copo que lhe arremessára um *dabedeillista* intransigente, infrene e embriagado.

De uma vez, tendo a auctoridade prohibido que se entrasse com bengala na plateia do theatro de S. João, viu-se, no intervallo do primeiro ao segundo acto, surgirem na sala e agitarem-se brandidos no espaço innumeros cabos de vassoura trazidos a occultas do café e da hospedaria da Aguia d'Ouro. Esses instrumentos conundentes, destinados a ficar no campo da peleja apprehendidos pelos representantes da auctoridade e da força publica, eram ornados de divisas explicativas do fim a que se destinavam. O pau da vassoura de um dos meus amigos tinha, escripta á penna, esta legenda: «Desencabaste-me com gana, encaba-me com galhardia». Antonio Girão, tendo arrancado do soalho uma trave, ameaçára o administrador do bairro, que presidia ao espectaculo, de deitar abaixo o lustre se a policia ou a força armada ousasse invadir a plateia. A seguir a essa recita, como frequentemente acontecia, teve de ficar o theatro fechado por tres dias para o fim de se proceder a obras de ensamblador e de carpinteiro.

O folhetim nascente, novo genero litterario, cultivado por Evaristo Basto, Lousada, Arnaldo Gama, Ricardo Guimarães e Camillo, assumiu então uma incomparavel força de hostilidade satyrica e picaresca. Sendo rejeitado como candidato a socio na Assembleia Portuense, vulgarmente conhecida pela *Sociedade da Herva*, Camillo consagrou a esse acontecimento nas columnas do *Nacional* uma chronica celebre, da qual se contava ter resultado que um dos directores da Herva acamou com um extravasamento de bilis, e dois morreram dentro de uma semana fulminados pela congestão.

As controversias jornalisticas degeneravam amiudadamente em vias de facto. O jornaista Novaes Vieira, o *Novaes dos Oculos* ou *Novaes da Patria*, como variadamente lhe chamavam, publicou um artigo de maledicencia, em que tres homens — Camillo, Faustino Xavier de Novaes e um outro cujo nome me esquece — viram allusões pessoaes que resolveram punir. No dia d'essa publicação malfadada,

Faustino, chegando ao theatro de S. João, onde o redactor da *Patria* ia todas as noites, encontrou no pateo de entrada Camillo, rebuçado no *plaid*, com o *casse-tête* bamboleando pendente da sôga.

— Quem lhe dá aqui sou eu, que cheguei primeiro — disse Camillo.

Faustino subiu á primeira ordem, onde Novaes Vieira assistia de um camarote ao espectaculo. A' porta d'esse camarote, sobraçando uma longa chibata de picaria passeava o anonymo a que acima alludi. Este personagem dirigiu-se attenciosamente a Faustino Xavier de Novaes:

— Se v. ex.ª vem tambem para espancar o sr. Novaes Vieira, rogo-lhe o obsequio de esperar de preferencia lá embaixo...

— Lá embaixo está-o esperando já, com logar tomado, o sr. Camillo Castello Branco.

— Nesse caso supplicar-lhe-ei que me faça a fineza de ir para esse primeiro patamar. Eu encaminharei para lá os passos do sr. Novaes Vieira, para cujo primeiro encontro sou eu que tenho a vez. Ha dez minutos que aqui estou. Assim, bem vê...

O drama de expiação, em que o pobre Novaes da *Patria* estava destinado a figurar nessa noite infausta, foi pungente mas breve. Dentro de poucos minutos, o desventurado sahia do camarote em que se achava, era rapidamente estreiado com duas chibatadas, galgava como um gamo o primeiro lanço de escada; d'ahi, rechassado a socco, vinha de um só pulo cahir sob o *casse-tête* de Camillo, no esteirão do fundo, e era consecutivamente levado em braços á botica proxima, com uma brecha na cabeça e duas costellas partidas.

Para todos estes homens, moços, apparentemente fortes, apparentemente despreoccupados, violentos, desabridos, uma só coisa grave, irreductivel, sagrada, parecia existir na vida. Era o amôr. De tudo mais zombavam. Havia um desprezo convicto e geral pela fortuna, pelo dinheiro,

pela consideração social, pelo propriotrabalho, e até pela saude. A mulher, porém, a mulhersensivel, a mulher amante e amada, a simples mulherromanesca, era um idolo para cada imaginação, tinha ei cada coração um culto, — culto pasmosamente ingenuo candido, resistindo a todas as provocações do ridiculo: a namoro de rua pela hora portuense do *despegar da agulha*ao namoro de igreja durante a Semana Santa ou na missaia 1 hora aos domingos, á carta clandestina com erros d orthographia, á recitação ao piano, ao annel de cabello, abordado a missanga!

Uma espécie de vaga allucinaçõ erotica parecia andar no ar espesso do mercantilismo local, não dando ás naturezas delicadas senão uma visõ radiante da vida — a visão lyrica; como se o destino prprio de cada homem superior fosse atravessar a existenca concentrado e pallido, indifferente á sorte da estupidacommunidade humana, recluso numa paixão de profundiades incomprehendidas e tragicas, indo por uma vered solitaria banhada de magnetico luar, num planeta de phatasia, a que dois entes se transportam para lentamente irei morrendo longe da terra despresivel, envenenados pelaebre de um infindavel beijo, num tepido aroma de cabello soltos.

Alguns levavam a exagerada pioccupação da sua altiva personalidade até o extremo e fazerem ao publico, em prosa ou em verso, a revelaçãolo seu caso psychologico, como se o seculo estivesse espera de que esses bons rapazes contassem o que setiam para que o universo começasse a amar!

Noutros, que não escreviam, o entimento, por ser menos communicativo, não era mens intenso nem menos dominador.

A... (comprehende-se facilmete a razão porque vou substituir os nomes proprios por siples iniciaes) A., tendo militado em Hespanha com a divisão portugueza, tendo feito como official do exercito franez uma das campanhas do segundo imperio, rico, elegante bello, illustre, saciado

de todos os prazeres, desenganado de todas as glorias, descrido de todas as illusões com que se pode illuminar uma existencia de mundano, fazia periodicamente uma peregrinação de nove leguas a pé para ir a uma montanha da provincia do Douro vêr uma rapariga do campo, que tinha os olhos verdes e uma longa trança de cabellos louros. As paredes do quarto em que pernoitava por occasião d'essas romagens, encheram-se de versos consagrados á que elle denominava: «A deusa dos olhos garços». A. morreu no Porto, prostrado pelo abuso do alcool, em que tentava afogar o seu longo e pesado tedio, num quarto de dormir armado em barraca de campanha, tendo por decoração duas mumias trazidas por elle do Egypto, e uma jaula em que se debatia e uivava um leão.

B. percorria ao galope de um cavallo dez leguas por noite, sob as chuvas e sob as geadas do mais rigoroso inverno, para o fim de ir conversar, com uma senhora, por espaço de meia hora, da estrada para uma janella, em uma quinta perto de Guimarães. Numa dessas sortidas mysteriosas contrahiu uma congestão pulmonar, de que morreu subitamente.

C., tendo enviuvado poucos mezes depois de casado, convencido de haver horrivelmente calumniado por uma suspeita infundada a sua joven esposa, cuja mysteriosa virgindade se demonstrou pela autopsia, desappareceu do Porto, occultou-se num obscuro hotel de Lisboa, e, alimentando-se exclusivamente a cognac, morreu em poucos dias. Dentro de uma mala que o acompanhava encontrou-se unicamente um vestido de noivado e uma corôa de flores de laranjeira.

Como não teria sido talvez difficil de prognosticar, quasi todos os evidentes da geração e da convivencia intima de Camillo Castello Branco, a cujos nomes me referi, falleceram de enfermidades symptomaticas de degenerescencia. Arnaldo Gama, Coelho Lousada, Soares de Passos, assim como Julio Diniz e Guilherme Braga, morreram tisi-

cos. Quatro morreram de lesões cardiacas; dois de *delirium tremens;* dois de demencia; um pelo suicidio.

A obra artistica de Camillo Castello Branco é, sobre o espirito de um sensitivo, o puro e fiel reflexo da sociedade que tentei descrever.

Essa obra é essencialmente provincial, delimitadamente portuense, fundamentalmente lyrica.

Os costumes burguezes, considerados sem a attenção enternecida que leva ás pacientes e delicadas pinturas de genero, transparecem na caricatura violenta do « brasileiro » grotesco, do negociante pé-de-boi, do fidalgo analphabeto, do pae caturra, do marido predestinado e lorpa, da velha tia beata e pansuda, da freira bisbilhoteira em tratamento de hydrotherapia benta para a devoção e para o flato.

A influencia da politica e da administração publica, tão consideravel na vida portugueza, é invisivel e imponderavel no seu processo de inquerito e de analyse.

Os seus quadros de interior são premeditadamente expostos com um scenario de farça.

Os caracteres, nos seus livros, são delineados de um modo intencionalmente contraditorio, com effeitos imprevistos, claramente destinados a *épater le philistin,* a contradizer a acanhada logica do burguez, a estontear o logista, a contundir com inesperados pontapés as partes moles da psychologia da Calçada dos Clerigos e da Ferraria de Baixo. Aqui está um tolo, que será tolo extreme durante cem ou duzentas paginas, até que o leitor reles chegue a convencer-se de que é mais esperto do que elle. A esse momento porém, a figura dará uma viravolta repentina, para que o leitor aprenda que nos dominios da arte, o tolo, tal como o concebe um homem de espirito, nunca é tão tolo como o tolo real da humanidade inferior.

Identico processo com os personagens encarregados de dar a mais alta medida da virtude, da dignidade, da

honra. Desde que o burguez julgue, em sua desbragada ousadia, que comprehende esse elevado typo, e passe a veneral-o, o autôr, arregaçando as mangas para evidenciar que não ha subterfugio algum de empalmação ou de passe-passe, dará uma palmada na moleira do seu personagem e far-lhe-ha sahir pelo nariz uma peça de fita ou um ovo fresco.

Porque é preciso que a ralé illitteraria acabe de se convencer de que, unicamente pela circumstancia de saber ler e de ter comprado as nossas obras, ella não é nem mais nem menos despresivel do que era antes.

Quem está na piolhice do negocio, — quer seja descontando letras como na rua dos Inglezes, quer seja vendendo arrecadas ás lavradeiras incautas como na rua das Flores, quer seja medindo ao covado panos abretanhados como na Calçada dos Clerigos, pesando quintaes de bacalhau como em Cima do Muro, enfardando linho e emolhando ferro como nas Hortas, embarrilando vinho como em Villa Nova, ou ensacando farinha como na Feira do Pão, — em coisas d'arte não pensa, não compara, não raciocina. Nem sequer se lhe dá licença de que se commova! Para as altas coisas do espirito e do coração, cá está a humanidade superior, de que o litterato é a sublimação mais requintada, mais pura, mais alta, mais inviolavelmente sagrada.

Tal era ha quarenta annos, entre a mocidade culta da cidade do Porto, a comprehensão geral da missão das letras sobre a repellente côdea do orbe.

A conhecida theoria da influencia do meio na genese da obra d'arte, tal como Taine a definiu e a applicou, inspirando-se na doutrina de Darwin, é de um valor scientifico extremamente hypothetico se a considerarmos como a affirmação absoluta de uma inevitavel força ethnica, de uma fatalidade geographica.

Parece demonstrado que nenhuma correlação fixa, de effeito e de causa, existe realmente entre a obra de um

escriptor e as suas origens de raça e de latitude. O temperamento pessoal e uma distincta conformação de mentalidade, produzida por especiaes e fortuitos contactos de espirito, bastam para alterar com relação ao desenvolvimento psychologico de cada escriptor, á sua visão da alma, da natureza e da sociedade, e á sua comprehensão da arte, a influencia do meio physico, estabelecendo de producto para producto do mesmo país e da mesma época tão diversos e tão fundamentaes caracteres de differenciação, como, por exemplo, aquelles que na litteratura portugueza distinguem Garrett e Herculano, João de Deus e Anthero do Quental, Soares de Passos e Guerra Junqueiro, Eça de Queiroz e Julio Diniz.

É todavia certo que entre todo o escriptor celebre e o circulo de leitores que o amam, que o admiram ou que o contestam, existem analogias e semelhanças de um estreito parentesco moral.

Desde que se não dá essa concordancia entre a organisação mental d'aquelle que escreve e d'aquelles que lêem, o autôr é incomprehendido do seu meio, e pertence intellectualmente a uma raça ou a uma geração que não aquella de que geographicamente ou chronologicamente elle faz parte.

Camillo Castello Branco não é porém um d'esses phenomenos de extemporaneidade ou de exotismo, de que não são raros os exemplos em todas as litteraturas.

Como romancista e como poeta elle é o mais genuino representante litterario do sentimento do seu tempo e do seu logar. A sua crítica da sociedade portuense não se revela na pintura dos costumes e dos caracteres emprehendida no intuito da mais perfeita expressão da realidade, á distancia indispensavel do modelo para a visão comparativa do conjuncto, sob o angulo especial da optica na litteratura de observação. Essa critica apresenta as anomalias lineares de todo o escorço a que a falta de ponto de vista falseou a perspectiva e compromettou o claro

escuro. É a imagem de uma multidão, feita no meio d'ella, por via das successivas recepções de uma lente em cujo foco sómente se comprehendem as figuras contiguas á do operador. D'esse conjuncto de quadros, de proporções tão vigorosas quanto desmedidas, evola-se em cada livro do insigne escriptor a balada lyrica do sentimentalismo apaixonado e o protesto amargo do pamphletario insubmisso. Ora toda a mocidade portuense da geração de Camillo tinha no fundo do seu ser o fermento d'essa mesma sentimentalidade e o impulso d'essa mesma rebeldia.

Não viajando nunca — nem mesmo pelos livros — senão no país azul da phantasia, elle foi sempre refractario á corrente da « modernidade », que actuou sobre toda a litteratura contemporanea, e nos veio de França pelo ascendente de Flaubert, dos Goncourt, de Daudet e de Zola. O proprio Balzac o não tocou senão de um leve estremecimento superficial, puramente epidermico.

Não o atormentou nunca essa morbida mas envolvente e hypnotica curiosidade da analyse subtil e infinitesimal de cada alma, por mais humilde que ella seja, e de cada influencia mesologica por mais tenue, por mais fugidia, por mais ephemera que ella pareça no conjuncto dos agentes exteriores de cada um dos nossos actos, de cada uma das nossas ideias, de cada uma das nossas emoções.

Para objecto d'esses delicados e perscrutadores estudos de symptomatologia psychico-mecanica, os modernos escolhem os casos mais reconditamente e mais especialmente caracteristicos nas crises produzidas pelas enfermidades do raciocinio e da vontade, perante os impulsos contrarios das forças sociaes, das forças especulativas e das forças affectivas, no fundo mysterioso e perturbante de todo o destino humano; e dão a preferencia da applicação nesses casos ao episodio em que mais vivamente se revela a influencia do ultimo instante decorrido no tempo ou na civilização, o reflexo da ultima theoria des-

*

coberta, do ultimo excitante revelado, da ultima moda, da ultima doença, do ultimo vicio.

A sua comprehensão da mulher, o seu feminismo, nada tem da laboriosa e intrincada complexidade caracteristica da arte nova. Nos seus romances a dama provocadora das altas paixões, a mulher de luxo amada, é sempre a mulher *bella* e *amante*. Ora os modernos principiam por distinguir na mulher perturbante o dom de amar e o dom de attrahir, duas coisas diversas vaiamente juntas. Para os effeitos da paixão elles consideram unicamente duas especies de mulheres: as que ainda sedusem e as que já não sedusem neste fim de seculo, desgastado de mil preoccupações, combalido de mil achaques. As que sedusem são as mais estranhas, as mais differentes das outras no physico e no moral, as que teem mais ideias proprias, quanto possivel originaes, reveladas nas maneiras, no olhar, no estylo da *toilette* inventada para o seu ar e para a sua estatura, na escolha dos moveis, das joias, dos *bibelots*, das flôres, dos perfumes, destinados a completar a expressão do seu ser, a decifração do seu enigma, o mysterioso equilibrio do seu encanto. A beleza propriamente dita, ou o que antigamente se conhecia por esse nome, deixou artisticamente de ter valor apreciavel, e passou com as velhas entidades metaphysicas á cathegoria de extincto preconceito classico.

Nos dramas de alta paixão ou nas simples merendinhas de sentimento, saboreadas hombro a hombro, por trás de um leque ou debaixo de um castanheiro em flôr, o sortilegio feminino deixou de ser composto da graça rudimentar de um rosto e da indefinida expressão de um olhar. Ha em cada um dos mais singelos episodios da moderna vida sentimental toda uma crise do systema nervoso, entrecortada de exaltações e de abatimentos, de frenesis e de spasmos, de alluinações lyricas, de caprichos phantasticos e de frios calculos burguezes, através da qual o coração successivanente se inflamma e se en-

regela, e se debate no extremo paroxysmo da commoção, se enraivesse de colera ou se adormenta no somno liso e branco da indifferença. E são elementos chimicos integrantes d'esses successivos estados d'alma os preparados ferruginosos e arsenicaes, o brometo, o amoniaco, o ether, a morphina, e a vaga suggestão de um quadro, de uma leitura, de um tom de paisagem, da côr de um estôfo, da curva de um espartilho, de um effeito de luz num bico de escarpim ou numa ondulação de cabello, de um leve fremito de respiração entrecortada, de uma ponta de perfume calido, epidermico, errante no ar ambiente.

Os modernos são em philosophia inconscientistas ou deterministas. Não vêem em cada phenomeno humano senão um resultado até na vontade para escolher, até na força para resistir. Consideram a vida de cada homem como um veio d'agua cristalina e corrente, cujos aspectos dependem das successivas apparencias da natureza circumstante, da estação do anno, da hora do dia, da côr do céu, da temperatura e de cada uma das coisas exteriores e casuaes que por uma e outra margem decorrem e nessa agua se espelham, escurecendo-a ou illuminando-a, fazendo-a alternadamente bramir e esbravejar nas rochas, gemer paciente e resignada nos açudes, ou espreguiçar-se com voluptuosa doçura nos valles tranquillos e verdejantes, rindo e cantando ao sol, calma e luminosa, entre os trèvos em flôr ou por meio de canaviaes e de ulmeiros gorgeados de melros e de cotovias.

Para exprimir pela magia da phrase cada um d'esses effeitos, para registar pela notação litteraria cada um d'esses pormenores, apparece um estylo novo, contaminado de neologismos de toda a origem, contribuição litteraria de todas as sciencias, de todas as artes e de todos os officios, com articulações syntaxicas as mais flexiveis e as mais variaveis; estylo dolorosamente torturado para dar não só pela accepção do vocabulo, mas pelo aspecto graphico e pelo valor phonetico da palavra, pela physiono-

mia e pela ondulação da phrase pela suggestão sensoria, thermica, optica, acustica ou olhatica, a impressão mais viva, mais aguda, e mais trepidante de todas as imagens aprehensiveis pelos sentidos, pelos nervos, pela imaginação, pela memoria.

Camillo por sua parte, é, cmulativamente e contradictoriamente, um mystico e um fatalista. A metaphysica preoccupa-o todavia secundariamente na concepção da sua obra. Dada uma aventura d'amor, de desenlace comico ou tragico, envolvendo uma paixão profunda, prestando-se a cavalleiros desenvolvimentos e capa e espada, — uma violação de clausura, um escalamento de jardim, uma cavalgada, uma espera, um homicidio, um rapto, com um ou dois personagens burlescos sobre os quaes se descarreguem os sarcasmos, — elle naará essa aventura.

Espiritualisará e sublimará a paixão em amplos trechos de uma prosa vermelhejan e febril, com uma larga sonoridade elegiaca, entrecortai de soluços, escorrendo pranto, num rythmo grave e dente, de uma vernaculidade nativa, de uma poesia intramente local, em que a alma da raça parece palpitar, olorida, amorosa e nostalgica, como na melopeia tracional e anonyma de um menestrel, que perante um aucorio extatico, numa veiga, em noite de luar, vae dizen ao alaúde a tragedia de um povo.

No decurso da acção o leor assistirá ao rapto do mosteiro pelo alto muro da cêa, e á emboscada, num souto, com os homens occult pelas carvalheiras, no fundo de uma azinhaga por trá de uma quinta, ou num encruzamento de caminhos de s ra, perto de um cruzeiro ou de uma caixa das almas. Ourá o tropear dos cavallos que se approximam a meio tro , equipados para a aventura, de rabos atados, pistolas os coldres, bacamarte no arção, orelha fita, ventas palpantes e rompões novos. Verá reluzir as choupas na pora dos varapaus. Escutará as vozes rapidas e imperativas e prevenção ou d'ataque,

o estalir das fecharias que se engatilham, o cascalhar das pederneiras nas caçoletas das clavinas, o estampido dos tiros, e o despejar dos cavallos a toda a brida desfazendo a estrada ás unhadas, desferindo fogo dos silex desengastados do macadam.

Essa leitura será ainda para o leitor moderno uma viagem retrospectiva com apparições estranhamente pittorescas através das nossas provincias do Norte, o solar do antigo fidalgo, com o portão de ferro escancellado e carcomido, o palacio ao fundo do pateo solitario e cavo, afflorando ortigas e malvas pelos rasgões do lagedo, entre as cavallariças e cocheiras escancaradas e desertas. A mobilia da sala de fóra, ao alto da escadaria exterior, constante de uma arca, um banco de carvalho tendo pintado no encosto o brazão da familia, um retrato a oleo pendente do muro, e uma braçada de marmelleiros e de varapaus argolados, a um canto.

O convento de freiras, de janellinhas gradeadas com rotulas escuras nas paredes brancas, ainda habitado, disciplinado e regido conforme o estatuto primitivo, com a sineta por cima da portaria tocando ao côro, o *outeiro* no pateo pelas festas da eleição da prelada, a visita á grade com o chá servido pela roda, e a seranada de violões passando a deshoras, em noites de luar, á volta do edificio cerrado, silencioso e apparentemente adormecido. A liteira cabeceante entre os dois machos, ao compasso tilintado pelas guizeiras, com um arrieiro á camba de cada freio, subindo e descendo os corregos precipitosos das serras beirôas. A antiga estrada minhota, trilhada pela mala-posta de Braga, alvejando sinuosamente pelo meio dos pinhaes, das bouças e dos campos de milho, alegrada por um repique de martellos, debaixo dos alpendres dos ferradores, no banco de pinchar, e ao longo de todo o caminho nas bigornas dos ferreiros, que anoiteciam e amanheciam a cantar e a malhar os pregos, nas forjas esfumaçadas, entre pomares de macieiras, com mangericos no postigo e ra-

mada á porta. Pontilhões de madeia sobre os rios estreitos e pedragosos, onde se entocamis trutas ou giram lentamente, denegridas e musgosas, s rodas das azenhas. Podengos descobrindo os dentes rancos e agudos por baixo dos portões das quintas caiaas de amarello, ou ladrando em cima do muro dos quinæiros, de orelha alta e cauda em baculo. Carros de recovagem, récuas de mulas e almocreves poeirentos, deixando passar a calma do sol a pino no fundo sombrio e hospitaæiro dos grandes estabulos, ou nas abegoarias umbrosasonde se espreguiçam os gatos e gallinhas soltas debicamo solo fôfo de tôjo e d'urze.

Algumas d'estas coisas, nos romances de Camillo, são realmente vistas, de revoada,como as pombas que atravessam o espaço, de uma eirapara um campanario. Outras são presentidas apenas no dcorrer das paginas. E a narrativa termina pela apotheosede um heroe ou pela glorificação de uma martyr, em cio altar o poeta deixa suspensos pelas orelhas, estripado, vasios, abertos de cima a baixo, como chibos mortos, sfolados, amanhados, bamboleantes ao ar com um canio no ventre, os grotescos que deliberou immolar.

Não é um analysta, um observdor, um critico, e pode-se dizer que para o seu espiritorebelde á pintura e á musica, quasi não existem as fórma, as côres e os ruidos do mundo exterior. É um psycholop especialista de hysterias eroticas, e é, sobretudo e mito acima de tudo, o mais « romanesco » de todos os romnticos, isto é, aquelle que, por um certo pendor de imagiação, por um pessoal dom de espirito, entre sêres de seleção aristocratica pelo talento, pela coragem, pela força, oupor um simples desdem altivo de casta privilegiada, mais especialmente e mais restrictamente se compraz enfazer viver a poesia das paixões fulminadoras, dos sacricios illimitados, dos desesperos eternos, das perfeições asolutas.

Não é, porém, aos francezes da mesma indole poetica

e dos quaes Feuillet é o chefe, que teremos de comparal-o para estabelecer a genealogia da sua esthetica. O romanesco de Camillo Castello Branco é — transportado ás condições da vida contemporanea — o romanesco dos hespanhoes do seculo XVII. Procede inicialmente da dynastia dos *Amadises* e dos *Palmeirins*, e participa do genio peninsular de toda a litteratura poetica subsequente: do lyrismo contemplativo de Santa Thereza, do mysticismo dramatico de Calderon e de Lope de Vega, da satira picaresca de Cervantes, de Hurtado de Mendoza e de Quevedo.

D'esta filiação poetica, das intimidades da sua vida provincial nas regiões do paiz em que mais puramente se conserva a vernaculidade da lingua nos modos de dizer do nosso povo, da elementariedade da sua psychologia, dos seus methodos pouco insistentes de observação e de analyse, resulta a natureza do seu estylo.

A febril inquietação do pensamento moderno leva os nossos escriptores de decadencia á prosa mais premeditadamente irregular, mais conscienciosamente incorrecta. São as inevitaveis accumulações de neologismos, de barbarismos, de construcções espurias, desconjuntando a grammatica, atropelando as velhas regras da magestade e da serenidade classica, arrostando temerariamente com os gallicismos, com as rimas, com os hiatos, com as cacophonias, com as assonancias, com as ambiguidades de toda a especie, num descaso absoluto da rhetorica elementar e de todos os seus preceitos de pureza, de euphonia, de cadencia e até de syntaxe. São as expressões extravagantes á força de quererem ser concisas, ou pittorescas, ou illuminantes. São as insistencias da synonimia, e as redundancias de imagens e de periphrases, em que a palavra, tripudiando no mesmo ponto, parece marrar para a direita e para a esquerda contra um obstaculo invisivel, — a impotencia da lingua antiquada para a figuração viva de sentimentos novos e ineditos.

Camillo pertence ainda ao periodo das responsabilida-

des classicas. O seu vocabulario é lvez o mais copioso que existe em escripta portugueza. 6 seus gyros de locução, as suas cadencias de phrase, asuas fórmas syntaxicas, o equilibrio e o rhythmo da sua rosa teem a fluencia, a harmonia e a limpidez litteraria da obras magistraes. A sua lingua, como a de Castilho e a d'Latino Coelho, é um desenvolvimento da lingua de Vieiræ de Bernardes. Elle é o derradeiro dos filintistas, e, pelolado technico, a sua obra litteraria ficará como ultimo potesto contra a progressiva decadencia e proxima dissuução da pureza academica do nosso idioma.

Pelo conjuncto total das exuberncias e das deficiencias da sua natureza de escriptor, pas suas qualidades e pelos seus defeitos, pelo seu tempermento, pela sua educação, pela sua obra, que é a imager da sua vida, o nome de Camillo Castello Branco represerará para sempre na historia da litteratura patria o mais ivo, o mais caracteristico, o mais glorioso documento a actividade artistica peculiar da nossa raça, porque elle é sem duvida alguma, entre todos os escriptores do nosso eculo, o mais genuinamente peninsular, o mais typicamate portuguez.

O *Amor de Perdição,* reeditado hje, é para o autôr o primeiro estadio na posteridade, emque o seu espirito acaba de entrar, duas vezes coroao pela gloria e pelo martyrio. A branca palpitação d'aquele lenço humido de lagrimas, que na ultima pagina d'est romance se vê ao longe acenando do alto de uma colha á janellinha gradeada de um convento de freiras, jánão envia sómente, do meio da cidade ruidosa e insensivi, o adeus derradeiro ao heroe de uma novella, envia-o taibem ao romancista que a escreveu.

Na contextura d'esta obra, queé a historia inconsciente de uma nevrose de familia, hidesde hoje um novo elemento de commoção tragica. Pela ua agonia tão longa, pelo seu fim tão doloroso, o sobrinb de Simão Botelho fica fazendo parte d'este romance de mor e de morte, es-

pecie de introducção pathologica á biographia do poeta que o concebeu. O espectro da hereditariedade degenerativa passará de ora àvante, novo personagem mysterioso e mudo, ao fundo d'estas paginas, seguindo-o mais uma alma dolente, errante na infinita duvida.

E quem sabe se este livro egualmente precioso como expressão artistica e como documentação medica, equivalente, sob a sua fórma de dramatico e sanguinolento idyllio, a um perfeito relatorio dos antecedentes pathologicos de Camillo Castello Branco, não será um capitulo solto da desolante historia geral de todos os talentos na arte?

As complexidades e os requintes da civilisação neste exgotante fim de seculo estão tornando cada vez mais complicada e mais difficil para todos nós a adaptação ao meio, origem primordial de todos os phenomenos de decadencia no empobrecido organismo humano. A cada novo desenvolvimento do progresso, a cada novo aperfeiçoamento da vida civilizada, corresponde na lucta da concorrencia um novo esforço de energia e de vontade, e um proporcional cansaço, cujas consequencias destructivas recahem principalmente sobre o systema nervoso central de cada individuo em lucta. É o grande mal do tempo, a que os psychologistas americanos deram o nome de *exhaustão nervosa.*

É d'essa legião dos combalidos — segundo affirmam os modernos psychiatras — que procedem os artistas da nossa era.

O poder creativo, a evocação das visões da phantasia para as realidades da arte, a faculdade da expressão litteraria levada até os mais estranhos, os mais imprevistos, os mais agudos, os mais penetrantes effeitos de estylo, presupõe uma diathese de sensitividade, uma acuidade emotiva tão exageradamente irritavel, tão subtilmente vibrante, tão invasiva, tão absorvente, tão predominante sobre todas as demais faculdades do nosso ser, que uma tal anomalia não poderá talvez deixar de considerar-se uma excepção mor-

bida á norma commum, ao equilibrio geral na physiologia da especie.

A nevrose geralmente designada pelo captivante euphemismo de *talento artistico*, é em certos organismos a phase inicial da degenerescencia da raça. Tão estreita e tão vaga zona separa o talento das affecções inferiores da mentalidade, que quasi todas as producções litterarias se podem classificar pela diagnose alienistica. É a *erotomania* em alguns romancistas da escóla naturalista; é o *exagero da personalidade* em certos lyricos e em certos pamphletarios; é a *monomania da perseguição*, transcendente e philosophica, abrangendo a nacionalidade, a raça ou a especie, na maioria dos pessimistas, historiadores e criticos; é o *delirio das grandezas* e o *delirio das elegancias*, em todos os romanescos contemporaneos; é nos subalternos o *aphrodisismo*, o *pornographismo*, a *satyriasis*, o *exhibicionismo*, etc.

A visão, ou dramatica ou pittoresca, toma para os artistas uma intensidade superior á do real, e é por elles positivamente *vivida*. Balzac falava dos personagens da *Comedia Humana* como das pessoas vivas com quem tinha relações. O grande Flaubert conta na sua correspondencia que sentiu na bôca o gosto assucarado do arsenico com que matou a Bovary, e teve elle mesmo, escrevendo, os primeiros symptomas do envenenamento de que ella morreu. A commoção nervosa que toda a bella pagina desperta é muito mais profunda naquelle que a escreve do que naquelle que a lê. Assim, para cada artista, duplicação profissional das causas destructivas do nosso ser: as que procedem da realidade e as que procedem da phantasia. E talvez a arte um encanto de civilização, cujo requinte moderno a humanidade é obrigada a pagar com um sacrificio da especie.

Entre os condemnados das letras, Camillo Castello Branco foi dos mais desgraçados, porque nunca teve para o despreoccupar do trabalho hypnotico e allucinante da gestação artistica nenhuma das distracções do homem

moderno, — nem a ambição embaladora da politica, nem o dilettantismo da musica, da pintura, da curiosidade ou do *bibelot*, nem a alegria das viagens, nem a fadiga muscular do *sport*, nem os dispersivos deveres de sociabilidade adstrictos aos encargos do mundanismo.

Viveu na sua escripta como vive um monge na sua clausura, sequestrado do seculo pelo condão fastiento e desdenhoso da sua indole, não lhe permittindo gosar da vida senão o sabor mordente e corrosivo da paixão amorosa, — de todas as paixões humanas a que mais frequentemente leva a appetecer a morte. De sorte que elle poderia adoptar para si o epitaphio de Beyle, compendiando a sua autobiographia na mesma breve epigraphe, resignada e altiva, resumo de todo o destino que teve na terra o seu dolorido coração e o seu grande espirito:

Escrevi, amei, vivi.

RAMALHO ORTIGÃO.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O ROMANCE, COMO FORMA DEFINITIVA DA ARTE MODERNA

Ao tomar parte nesta homenagem litteraria ao fundador do romance moderno em Portugal, quando pela fatalidade da doença parece terminada a sua actividade, occorrem-nos as profundas palavras de Augusto Comte, que explicam o sentimento de taes consagrações: «A nossa natureza carece de ser apurada pela morte, para que os seus melhores attributos possam sobresair, sobrepujando as grosseiras necessidades que anteriormente os dominam.» [1] Em uma existencia de combate, o conflicto dos interesses, das paixões ou das opiniões aprecia-se segundo os impulsos egoistas da personalidade, como meio de enfraquecer a acção que ella possa exercer no meio social a que se impõe. O tempo dá relevo aos actos da individualidade poderosa, apagando esses apparentes impulsos egoistas, e

1 *Politique positive*, t. IV, 34.

desvendando o ideal sublime que dirgiu aquelle que em vez de cahir no esquecimento vulgar se vae tornando o grande homem. Acontece isto principalmente com as individualidades politicas; em vida, a sua imagem tem os fortes sulcos da violencia do poder, do sangue, das devastações, começando-se depois da morte a conhecer a realisação de um plano que motivava esses arbitrios, plano que é, muitas vezes, a iniciação de uma época gloriosa para uma nacionalidade. Assim em Cromwel e Pombal; um cria a grandeza maritima da Inglaterra, o outro liga Portugal á civilisação moderna da Europa. Mesmo nas naturezas que proseguem mais directamente o ideal, como os poetas, é a morte ainda que lhes vem dar a luz plena da superior concepção. Na Epopeia de Dante está esquecida aquella parte das luctas terriveis dos guelfos e gibelinos, do sacerdocio e do imperio, e mal se comprehendem os dolorosos resentimentos de uma personalidade ferida; mas a Edade média apparece completa em uma synthese esthetica na *Divina Comedia*, em que definida uma éra nova, o artista conseguiu realisar uma justa harmonia entre as suas concepções ideaes e as sympathias sociaes. No *Inferno*, tornam-se anonymos e esquecidos os vultos dos antagonistas politicos, para acima de tudo realçar a liberdade mental e a emancipação de consciencia com que o poeta usurpa a missão do julgamento final da crença antecipado pela razão. No *Purgatorio*, elle quebra essa antinomia restabelecida entre a Egreja e a antiguidade classica, pela rehabilitação do poeta Stacio, e guiado por Virgilio, exprime a noção da continuidade do mundo antigo para a edade nova. No *Paraizo*, desapparece a Beatriz transfigurada nesse ideal esplendido que illuminou a sociedade medieval a Mulher, de que a theologia e a cavallaria fizeram a Virgem. Se a obra se engrandece com o tempo, a personalidade apura-se com a morte; pode-se applicar com verdade a bella phrase do mytho hellenico, quando Hercules, desvairado no seu desespero pela tunica,

que o constrange, se arroja á fogueira, e ao entrar no paroxismo, proferia: — Sinto que me vou tornando um Deus!

Para o escriptor que durante quarenta annos fez da sua penna utensilio e arma, o momento em que se vê forçado a depol-a é para elle como a morte; é nesse momento que a geração que o acompanhou tem obrigação de acclamal-o, e fal-o espontaneamente, dando relêvo aos melhores attributos da sua individualidade. Camillo Castello Branco foi o primeiro que apagou antigos resentimentos, consagrando na inimitavel obra prima *A Maior Dôr Humana* a morte dos meus dois filhos. « O grande mestre esqueceu-se das dissidencias doutrinarias de outr'ora, e veio derramar o balsamo do mais ideal sentimento sobre a ferida que nunca cicatriza. Eu repasso-me d'essa expressão profunda do eximio poeta, e se alguma cousa póde consolar-me é a lembrança de que emquanto se falar a lingua portugueza e se admirar o bello, esse soneto inexcedivel *A Maior Dôr Humana* ha de prolongar a existencia subjectiva d'esses entes queridos, cuja belleza e distincção moral pouco irradiou além do fóco da affectividade domestica. Bem haja a arte que eternisa o nosso sêr moral, corrigindo a imperfeição das leis brutas, cegas ou inconscientes da natureza que tudo arrasta na mesma corrente de transformação. O quadro traçado por Camillo Castello Branco fica eterno pela emoção que exprime, e no futuro deporá a favor da individualidade mal conhecida, porque se dispendeu na obra negativa de uma época de transição, tendo o poder de construcção dos genios eleitos. » [1]

Quando estas palavras foram communicadas a Camillo Castello Branco, desejou perceber o sentido do pensamento implicito na phrase — obra negativa, de uma época

1 Carta a J. F. Moutinho, de 11 de Dezembro de 1887. Ap. «Por bem fazer», p. 77.

de transição. — Era simplesmente uma applicação do criterio positivista á missão da forma satyrica da arte, que tanto prevalece nos quadros em que o romancista retrata com uma realidade viva a burguezia. Embora seja este um dos aspectos mais salientes do seu genio, com que assignalou a sua força e se impoz, essa capacidade esthetica mais destinada a demolir do que a construir, não deixou por vezes reconhecer as grandes qualidades organicas de que dispunha. Na sua obra delucta, ha creações que exprimem a pureza no sentimento, o vigor da paixão, a santidade domestica, o meio social portuguez, e ha os productos forçados por situações angustiosas, que são excellentes traços autobiographicos, documentos de uma existencia trabalhada, mas a que falta da parte do artista um ideal superior e da parte do publco a sympathia da emoção. Com o tempo se fará esta separação na obra capital de Camillo Castello Branco; o mesmo está acontecendo já ao grande idealisador da vida cavalheiresca Walter Scott, em que a sua vastissima construcção se synthetisa nas sete obras primas *Ivanhoe*, *Waverley*, *Formosa Donzella de Perth*, *O Official de Fortuna*, *Os Puritanos*, *A Prisão de Edimburgo* e o *Antiquario*. E já que alludimos aos numerosos romances de Walter Scott, toda a sua obra, admiravel nos detalhes, amesquinha-se pela falta de um pensamento geral, um plano, uma synthese philosophica, de que fosse a laboriosa realisação. No meio da grande construcção da *Comedia Humana*, Balzac comprehendeu a dispersão em que ia malbaratando o seu genio, diante da obra do romancista escocez; reconhecendo a necessidade de uma these fundamental, escrevia em 1835 a Félix Davin: «Não basta ser um homem, é preciso ser um systema: Voltaire foi um pensamento, tal como Marius, e triumphou. Embora grande, o bardo escocez só tem apresentado um certo numero de pedras habilmente esculpidas, em que se vêem admiraveis figuras, em que revive o genio de cada época, sendo quasi todas sublimes; mas onde é que está o mo-

numento? encontram-se nelle os seductores effeitos de uma maravilhosa analyse, não se acha ali a synthese. A sua obra assemelha-se ao Museu da rua dos Petits-Augustins, onde cada cousa, magnifica em si, a nada se liga, não se adapta a nenhum edificio. O genio é completo quando elle junta á faculdade de crear o poder de coordenar as suas creações. Não é bastante o observar e pintar, é preciso pintar e observar para um fim qualquer. O narrador do Norte possuia a perspicacia do relance, para que lhe escapasse um tal pensamento, mas com certeza occorreu-lhe muito tarde.» Balzac sentiu-se mais forte, impellido pela allucinação de Archimedes, quando em 1842 achou a ideia-mãe sobre que assenta a estructura da *Comedia Humana*; sua irmã descreve pelo lado pittoresco esse momento de transfiguração do obreiro em soberbo architecto.

Os estudos biologicos, que caracterisam a primeira metade d'este seculo, e que serviram de base para a lucta das concepções positivas contra as ficções theologicas que decahiam como synthese social, como se viu no conflicto entre Cuvier e Geoffroy Saint-Hilaire, vieram revelar a Balzac o elemento generativo para a creação e coordenação dos typos dos seus romances. O homem individualmente igual a outro homem, é, segundo a confirmação e adaptação social tão differenciado do seu semelhante como o lobo, o cão de gado, o lebreu e o cão de regaço entre si. Balzac reconheceu a acção profunda do meio social, procurou descrevel-a nas suas variedades, e os typos dos seus romances condemnaram-se facilmente segundo esses meios confinados na «vida privada», na «vida da provincia, vida parisiense, vida militar, vida politica» e «vida do campo». O meio imprime caracter, e o typo faceado pela provincia desenvolve novas qualidades na vida da capital; as profissões dão muitas vezes á classe uma feição ou physiognomia peculiar, como vemos no padre, no militar, no actor, no funccionario, mesmo quando não usam os trajos distinctivos. Balzac relaciona a synthese

*

organica com a synthese social: «Os animaes, nascidos sob um typo uniforme, diz Geoffroy Saint-Hilaire, desenvolvem-se segundo os meios em que são collocados; — e d'este principio elle parte para fundar as especies zoologicas, desconhecidas de Buffon, modificações naturaes do mesmo individuo, segundo o clima, a cultura e o ambiente. O que é verdadeiro na ordem social, é verdadeiro na ordem moral: o homem moral modifica-se por causas analogas, e fórma especies sociaes bem distinctas, creadas pela educação, pela familia e pela direcção impressa. O gato, o lobo e o leão não differem uns dos outros por titulos mais seguros, do que o operario, o nobre e o padre».

Nos quadros, ou *scenas*, descriptas por Balzac, ha já o presentimento da identificação das fórmas do drama e da epopeia e é este o valor esthetico do titulo geral *A Comedia Humana*, cujos elementos se systematsam inicialmente pela «vida privada».

É na idealisação da vida domestica, por onde se fez forte a burguezia que antecipou o proletariado na incorporação da sociedade moderna, que Augusto Comte determina o caracter fundamental da Arte novamente reorganisada depois de decahida a synthese affectiva da Edade media. A velha epopeia heroica quer do mundo hellenico, quer feudal, e a antiga tragedia mythica e philosophica transmittida da civilização greco-romana para a Renascença, perderam as suas differenças apparentes, e vieram a fundir-se no seculo XVII em um producto novo — o Romance. Diz Comte: «Quanto ás producções destinadas á representação épica dos costumes privados, e que constituem tambem o genero simultaneamente mais original e o mais extenso das creações litterarias proprias á sociedade moderna, vêem-se então surgir, entre muitos estimaveis testemunhos da universal espontaneidade de uma tal expansão, as admiraveis obras primas de Lesage e de Fielding, que bastariam sós para provar que a mediocridade dos outros trabalhos contemporaneos não indica ne-

nhuma degeneração real nas faculdades praticas da humanidade ».[1] Determinada a nova fórma da arte moderna, ella tornou-se analytica, porque desde o seculo XVII procura a consciencia humana a formação de uma nova synthese, que substitua a direcção das ficções theologicas. Muitos dos romances da época creadora satisfazem plenamente como revelações da natureza humana sob determinados aspectos psychologicos; no *D. Quichote*, Cervantes estabelece a perfeita theoria da allucinação, pelo predominio das emoções subjectivas sobre os dados objectivos ou do mundo exterior; no *Gargantua* idealisa-se o instincto nutritivo, reagindo ao mesmo tempo contra a autoridade que os symbolos exercem sobre o espirito; no *Werther* idealisa-se o instincto sexual, ligado segundo as observações dos physiologistas ao instincto distinctivo; no *Robinson Crusoé* realisa-se em um quadro definitivo e sempre pittoresco o instincto constructivo. Podiam colligir as principaes obras primas do romance em todas as litteraturas, e agrupal-as segundo um quadro scientifico da psychologia humana; seria uma coordenação critica, uma como psychologia experimental, em grande parte com o valor de um documento humano como as Memorias, as Cartas, as Viagens e os Processos. Comtudo, este trabalho não dispensa a synthese philosophica do genio esthetico actuando sobre a sympathia social.

Assim, depois da *Comedia Humana*, uma nova tentativa de construcção synthetica foi planeada nos *Rougon-Macquart*, de Zola, que tambem se resente das novas doutrinas biologicas da segunda metade d'este seculo. As theorias da selecção e da hereditariedade, especialmente nas manifestações morbidas, revelaram a Zola as differenças dos typos dentro da mesma familia segundo a preponderancia dos seus atavismos; o meio social não faz senão

---

1 *Curso de Phil. posit. VI, 190.*

pôr em relevo as qualidades latentes do individuo. Zola levou o seu rigorismo sobre as dependencias atavicas a formar a arvore genealogica dos *Rougon-Macquart*, publicada na *Page d'amour*, como o plano da construcção da Historia de uma familia sob o segundo Imperio. E um aspecto do problema, como a acção da classe sobre o individuo ; a synthese de Balzac e a de Zola não se contradizem, mas tambem não se completam, são reflexos de doutrinas biologicas verdadeiras, mas que não dispensam a preponderancia de uma synthese mais elevada, como a que parte da animalidade para a Psychologia humana. Tal como os estudos experimentaes da physiologia e da pathologia cerebraes, e os estudos comparativos das concepções primitivas dos povos, assim a Psychologia tomou o caracter de uma sciencia positiva, constituindo-se independente da Biologia. Pelo conhecimento de determinados processos psychicos assim se explicam hoje determinadas phases da civilização e da Historia. A Psychologia torna-se verdadeiramente o elemento dynamico da Sociologia. É a esta altura das concepções que deve constituir-se a synthese nova do Romance, baseada nos tres factores psychologicos a Affectividade, a Intellectualidade e a Actividade, nas mutuas relações e dependencia, que determinam a fórma das aptidões. Os romances tornam-se propriamente casos da descoordenação d'esses tres factores; e assim como Cervantes achou a grande maravilha da arte na descoordenação entre as concepções subjectivas e os dados objectivos, novas maravilhas resultarão em futuro não remoto nos casos da affectividade sem o equilibrio da acção, da intellectualidade sem a disciplina affectiva, ou da actividade sem a direcção especulativa ou a concentração affectiva. Então em vez dos typos que se descrevem com predilecção no romance, prevalecerão os caracteres; e em vez da preoccupação do meio e dos atavismos, o drama da vida deduzir-se-ha logicamente segundo o desaccordo entre as tres unidades sympathica, synthetica e synergica. O Romance

elevar-se-ha da simples idealisação da vida domestica á unificação d'esta com a vida publica, o thema definitivo de toda a elaboração esthetica, propria de uma idade normal. As observações dos physio-psychologistas sobre as sugestões, sobre os agitados, desequilibrados, larvados, sobre as vesanias, reduzem em grande parte o drama judiciario da responsabilidade moral; o romance moderno tende para se apoderar d'esse campo das nevroses e dos codigos criminaes. Mas a incompetencia scientifica do que não visa a ser mais do que simples litterato, não o deixa ir além da vibração emocional, do effeito. Estes casos morbidos só se prestam ao romance caricaturesco, como o fez Cervantes; como experimentação psychologica, os casos devem ser procurados na vida usual, para fazer sentir a necessidade de harmonisar no ser perfeito esses tres factores, deixando o homem completo de ser uma excepção.

THEOPHILO BRAGA.

AO ILL.mo E EX.mo SR.

Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello

Dedica

O Autôr.

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Snr.

Ha de pensar muita gente que V. Ex.ª não dá valor algum a este livro, que a minha gratidão lhe dedica, porque muita gente está persuadida que ministros de estado não lêem novellas. É um engano. Uma vez, ouvi eu um collega de V. Ex.ª discorrer no parlamento ácerca de caminhos de ferro. Com tanto engenho o fazia, de tantas flores matizára aquella materia, que me deleitou ouvil-o. Na noite d'esse dia, encontrei o collega de V. Ex.ª a lêr a **Fanny**, *aquella* **Fanny**, *que sabia tanto de caminhos de ferro como eu.*

Que V. Ex.ª tem romances na sua bibliotheca, é convicção minha. Que lá tem alguns, que não leu, porque o tempo lhe fallece, e outros porque não merecem tempo, tambem o creio. Dê V. Ex.ª, no lote dos segundos, um logar a este livro, e terá assim V. Ex.ª significado que o recebe e aprecia, por levar em si o nome do mais agradecido e respeitador criado de V. Ex.ª

Na cadeia da Relação do Porto,
aos 24 de Setembro de 1861.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

PREFACIO DA QUINTA EDIÇÃO

Publiquei, ha vinte e dois annos, o romance *Onde está a felicidade?* — Pouco depois, Alexandre Herculano, republicando as *Lendas e Narrativas*, escrevia na *Advertencia:* «... Nestes quinze ou vinte annos, creou-se uma litteratura, e póde dizer-se que não ha anno que não lhe traga um progresso. Desde as *Lendas e Narrativas* até o livro *Onde está a felicidade?* que vasto espaço transposto!»

Se comparo o *Amor de Perdição*, cuja 5.ª edição me parece um exito phenomenal e extra-lusitano, com *O Crime do padre Amaro* e *O primo Basilio*, confesso, voluntariamente resignado, que para o esplendor d'estes dois livros foi preciso que a Arte se ataviasse dos primores lavrados no transcurso de dezeseis annos. O *Amor de Perdição*, visto á luz electrica do criticismo moderno, é um romance romantico, declamatorio, com bastantes aleijões ly-

ricos, e umas ideias sceleradas que chegam a tocar no desafôro do sentimentalismo. Eu não cessarei de dizer mal d'esta novella, que tem a boçal innocencia de não devassar alcôvas, a fim de que as senhoras a possam lêr nas salas, em presença de suas filhas ou de suas mães, e não precisem de esconder-se com o livro no seu quarto de banho. Dizem, porém, que o *Amor de Perdição* fez chorar. Mau foi isso. Mas agora, como indemnisação, faz rir; tornou-se comico pela seriedade antiga, pelo raposinho que lhe deixou o ranço das velhas historias do Trancoso e do padre Theodoro d'Almeida.

E por isso mesmo se reimprime. O bom senso publico relê isto, compara com aquillo, e vinga-se barrufando com frouxos de riso realista as paginas que ha dez annos aljofarava com lagrimas romanticas.

Faz-me tristeza pensar eu que floreci nesta futilidade da novella quando as dôres da alma podiam ser descriptas sem grande desaire da grammatica e da decencia. Usava-se então a rhetorica de preferencia ao calão. O escriptor antepunha a frequencia de Quintiliano á do *Collête-encarnado*. A gente imaginava que os alcouces não abriam gabinetes de leitura e artes correlativas. Ai! quem me déra ter antes desabrochado hoje com os pumos arregaçados para espremer o pús de muitas escrofulas á face do leitor! Naquelle tempo, enfloava-se a pustula; agora, a carne com varêja pencura-se na es-

cápula e vende-se bem, porque muita gente não desgosta de se narcisar num espelho fiel.

Pois que estou a dobrar o cabo tormentorio da morte, já não verei onde vae desaguar este enxurro, que róla no bôjo a Ideia Novissima. Como a honestidade é a alma da vida civil, e o decoro é o nó dos liames que atam a sociedade, lembra-me se vergonha e sociedade ruirão ao mesmo tempo por effeito de uma grande evolução-rigolboche. A logica diz isto: mas a Providencia, que usa mais da metaphysica que da logica, provavelmente fará outra coisa. Se, por virtude da metempsycose, eu reapparecer na sociedade do seculo XXI, talvez me regosije de ver outra vez as lagrimas em moda nos braços da rhetorica, e esta 5.ª edição do *Amor de Perdição* quasi esgotada.

S. Miguel de Seide, 8 de Fevereiro de 1879.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

PREFACIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Nas *Memorias do carcere,* referindo-me ao romance que novamente se imprime, escrevi estas linhas:

«O romance, escripto em seguimento d'aquelle, «*(O romance de um homem rico)* foi o *Amor de Per-* «*dição.* Desde menino ouvi contar a triste historia «de meu tio paterno Simão Antonio Botelho. Mi- «nha tia, irman d'elle, solicitada por minha curio- «sidade, estava sempre prompta a repetir o facto, «alligado á sua mocidade. Lembrou-me natural- «mente na cadêa muitas vezes meu tio, que ali «devêra estar inscripto no Livro das entradas no «carcere e das sahidas para o degredo. Folheei os «livros desde os de 1800, e achei a noticia com «pouca fadiga e alvoroços de contentamento, como «se em minha alçada estivesse adornar-lhe a memo- «ria como recompensa das suas tragicas e affron- «tosas dores em vida tão breve. Sabia eu que em «casa de minha irman estavam acantoados uns ma-

«ços de papeis antigos, tendentes a esclarecer a «nubelosa historia de meu tio. Pedi aos contempo- «raneos, que o conheceram, noticias e miudezas, a «fim de entrar de consciencia naquelle trabalho. «Escrevi o romance em quinze dias, os mais ator- «mentados de minha vida. Tão horrorisada tenho «d'elles a memoria, que nunca mais abrirei o *Amor* «*de Perdição,* nem lhe passarei a lima sobre os de- «feitos das edições futuras, se é que não sahiu to- «lhiço incorrigivel da primeira. Não sei se lá digo «que meu tio Simão chorava, e menos sei se o lei- «tor chorou com elle. De mim lhe juro que...»

Vão passados quasi dois annos, depois que protestei não mais abrir este romance. No decurso de dois annos tive de affrontar-me com os infortunios menos vulgares que a privação da liberdade, e esqueci o horror dos outros, a ponto de os recordar sem espanto, e simplesmente como usis indispensaveis nesta minha cadêa, em que jáme vou retorcendo e saboreando com infernal delatação. Abri o livro, como se o tivesse escripto nos dias mais festivos da minha mocidade; se bem que eu falo em dias de mocidade por me dizer a minha certidão de idade que eu já fui moço; que no tocante a festas de juventude, estou agora esperando que ellas venham no outono, e é de crer que venham, acamaradadas com o rheumatismo e gôta.

Este livro, cujo exito se me antolhava mau, quando eu o ia escrevendo, teve uma recepção de primasia sobre todos os seus irmãos. Movia-me á

desconfiança o ser elle triste, sem interpolação de risos; sombrio, e rematado por catastrophe de confrangir o animo dos leitores, que se interessam na boa sorte de uns, e no castigo d'outros personagens. Em honra e louvor das pessoas que estimaram o meu livro, confessarei agradavelmente que julguei mal d'ellas. Não approvo a qualificação; mas a critica escripta conformou-se com a opinião da maioria que antepõe o *Amor de Perdição* ao *Romance de um homem rico* e ás *Estrellas propicias*.

É grande parte neste favoravel, embora insustentavel juizo, a rapidez das peripecias, a derivação concisa do dialogo para os pontos essenciaes do enrêdo, a ausencia de divagações philosophicas, a lhaneza da linguagem e desartificio das locuções. Isto, em quanto a mim, não póde ser um merecimento absoluto. O romance, que não estribar em outras recommendações mais solidas, deve ter uma voga mui pouco duradoura.

Estou quasi convencido de que o romance, tendendo a appellar da iniqua sentença, que o condemna a fulgir e apagar-se, tem de firmar sua duração em alguma especie de utilidade, tal como o estudo da alma, ou a pureza do dizer. E dou mais pelo segundo merecimento; que a alma está sobejamente estudada e desvelada nas litteraturas antigas, em nome e por amor das quaes muita gente abomina o romance moderno, e jura morrer sem ter lido o melhor do mais apregoado autôr. Doume por suspeito nesta questão. Graças a Deus,

ainda não escrevi duas linhas a meu favor, nem sequer nas locaes do jornalismo. Até escrupuliso em dizer que devem ler-se romances: não vão cuidar que eu recommendo os meus.

É certo, que tenho querido imprinir em alguns de meus livros o cunho da utilidade com o valor da linguagem san e ageitada á expressão de ideias, que pareciam estranhas, como de feito eram, e não se nos deparam nos escriptos dos Sousas, Lucenas e Bernardes. Em verdade foi isto mirar muito longe com vista muito curta; assim mesmo, fiz o que pude; e neste livro direi que fiz menos do que podia. Nos *quinze atormentados dias,* en que o escrevi, falleceu-me o vagar e contensão que requer o acepilhar e brunir periodos. O que eu queria era afogar as horas, e afogar talvez a necessidade de vender o meu tempo, as minhas meditações silenciosas, e o direito de me espreguiçar como toda a gente, e o prazer ainda de ser tão ustroso na linguagem, quanto, em diversas circunstancias, podia ser.

O que então não fiz, tambem agora o não faço, senão em pouquissimo e muito de corrida. O livro agradou como está. Seria desacêrto e ingratidão demudar sensivelmente, quer na esencia, quer na compostura, o que, tal qual é, foi bem recebido.

Porto — Setembro 1863.

Camillo Castello Branco.

AMOR DE PERDIÇÃO

INTRODUCÇÃO

Folheando os livros de antigos assentamentos, no cartorio das cadêas da relação do Porto, li, no das entradas dos presos desde 1803 a 1805, a folhas 232, o seguinte:

Simão Antonio Botelho, que assim disse chamar-se, ser solteiro, e estudante na Universidade de Coimbra, natural da cidade de Lisboa, e assistente na occasião de sua prizão na cidade de Vizeu, idade de dezoito annos, filho de Domingos José Corrêa Botelho e de D. Rita Preciosa Caldeirão Castello Branco; estatura ordinaria, cara redonda, olhos castanhos, cabello e barba preta, vestido com jaqueta de baetão azul, collête de fustão pintado e calça de panno pedrez. E fiz este assento, que assignei — Fillippe Moreira Dias.

Á margem esquerda d'este assento está escripto:

Foi para a India em 17 de Março de 1807.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Não seria fiar demasiadamente na sensibilidade do leitor, se cuido que o degrêdo de um moço de dezoito annos lhe ha de fazer dó.

Dezoito annos! O arrebol dourado e escarlate da manhan da vida! As louçanias do coração que ainda não sonha em fructos, e todo se embalsama no perfume das flores! Dezoito annos! O amor d'aquella idade! A passagem do seio de familia, dos braços de mãe, dos beijos das irmans para as caricias mais doces da virgem, que se lhe abre ao lado como flôr da mesma sazão e dos mesmos aromas, e á mesma hora da vida! Dezoito annos!... E degregado da patria, do amor e da familia! Nunca mais o céo de Portugal, nem liberdade, nem irmãos, nem mãe, nem rehabilitação, nem dignidade, nem um amigo!... É triste!

O leitor de certo se compungia; e a leitora, se lhe dissessem em menos de uma linha a historia d'aquelles dezoito annos, choraria!

Amou, perdeu-se, e morreu amando.

É a historia. E historia assim poderá ouvil-a a olhos enxutos a mulher, a creatura mais bem formada das branduras da piedade, a que por vezes traz comsigo do céo um reflexo da divina misericordia: essa, a minha leitora, a carinhosa amiga de todos os infelizes, não choraria se lhe dissessem que o pobre moço perdêra honra, rehabilitação, patria, liberdade, irmans, mãe, vida, tudo, por amor da primeira mulher que o despertou do seu dormir de innocentes desejos?!

Chorava, chorava! Assim eu lhe soubesse dizer o doloroso sobresalto que me causaram aquellas linhas, de proposito procuradas, e lidas com amargura e respeito e, ao mesmo tempo, odio. Odio, sim... A tempo verão se é perdoavel o odio, ou se antes me não fôra melhor abrir mão desde já de uma historia que me póde acarear enojos dos frios julgadores do coração, e das sentenças que eu aqui lavrar contra a falsa virtude de homens, feitos barbaros, em nome de sua honra.

AMOR DE PERDIÇÃO

I

Domingos José Corrêa Botelho de Mesquita e Menezes, fidalgo de linhagem, e um dos mais antigos solarengos de Villa Real de Traz-os-Montes, era em 1779, juiz de fóra de Cascaes, e nesse mesmo anno casára com uma dama do paço, D. Rita Thereza Margarida Preciosa da Veiga Caldeirão Castello Branco, filha d'um capitão de cavallos, neta de outro, Antonio de Azevedo Castello Branco Pereira da Silva, tão notavel por sua jerarchia, como por um, naquelle tempo, precioso livro ácerca da Arte da Guerra.

Dez annos de enamorado, mal succedido, consumira em Lisboa o bacharel provinciano. Para fazer-se amar da formosa dama de D. Maria I minguavam-lhe dotes physicos: Domingos Botelho era extremamente feio. Para se inculcar como partido conveniente a uma filha segunda, faltavam-lhe bens

de fortuna: os haveres d'elle não excediam a trinta mil cruzados em propriedades no Douro. Os dotes de espirito não o recommendavam tambem: era alcançadissimo de intelligencia, e grangeára entre os seus condiscipulos da Universidade o epitheto de «brocas», com que ainda hoje os seus descendentes em Villa Real são conhecidos. Ben ou mal derivado, o epitheto *brocas* vem de *brôa*. Entenderam os academicos que a rudeza do seu condiscipulo procedia de muito pão de milho que elle digerira na sua terra.

Domingos Botelho devia ter uma vocação qualquer, e tinha: era excellente flautista; foi a primeira flauta do seu tempo; e a tocar flauta se sustentou dois annos em Coimbra, durante os quaes seu pae lhe suspendeu as mesadas, porque os rendimentos da casa não bastavam a livrar outro filho de um crime de morte. [1]

Formára-se Domingos Botelho em 177, e fôra a Lisboa lêr no desembargo do paço, a iniciação banal dos que aspiravam á carreira da magistra-

---

[1] Ha vinte annos que eu ouvi d'um coevo do facto a historia do assassinio assim contada: Era em quinta feira santa. Marcos Botelho, irmão de Dominos, estava na festa de endoenças, em S. Francisco, defronte com uma dama, namorada sua, e desleal dama que ella era. Noutro ponto da igreja estava, apontando os olhos e coração á mesma mulher, um alferes de infantaria. Marcos enfreou o seu ciume até ao final do officio da paixão. Á sahida do templo encarou no militar, e provocou-o. O alferes

tura. Já Fernão Botelho, pae do bacharel, fôra bem aceito em Lisboa, e mórmente ao duque de Aveiro, cuja estima lhe teve a cabeça em risco, na tentativa regicida de 1758. O provinciano sahiu das masmorras da Junqueira illibado da infamante nodoa, e até bemquisto do conde de Oeiras, porque tomára parte na prova que este fizera do primor de sua genealogia sobre a dos Pintos Coelhos do Bomjardim do Porto: pleito ridiculo, mas estrondoso, movido pela recusa que o fidalgo portuense fizera de sua filha ao filho de Sebastião José de Carvalho.

As artes com que o bacharel flautista vingou insinuar-se na estima de D. Maria I e Pedro III não as sei eu. É tradição que o homem fazia rir a rainha com as suas facecias, e por ventura com os tregeitos de que tirava o melhor do seu espirito. O certo é que Domingos Botelho frequentava o paço, e recebia do bolsinho da soberana uma farta pensão, com a qual o aspirante a juiz de fóra se esqueceu de si, do futuro e do ministro da justiça que muito rogado, fiára das suas letras o encargo do juiz de fóra de Cascaes.

---

tirou da espada, e o fidalgo do espadim. Terçaram as armas longo tempo sem desaire, nem sangue. Amigos de ambos tinham conseguido aplacal-os, quando Luiz Botelho, outro irmão de Marcos, desfechou uma clavina no peito do alferes, e ali, á entrada da « rua do Jogo da Bola », o derribou morto. O homicida foi livre por graça regia.

(*Nota* da 1.ª edição.)

Já está dito que elle se atreveu aos amores do paço, não poetando como Luiz de Camões ou Bernardim Ribeiro; mas namorando na sua prosa provinciana, e captando a bem-querença da rainha para amollecer as durezas da dama. Devia ser, a final, feliz o «doutor bexiga» — que assim era na côrte conhecido — para se não desconcertar a discordia em que andam rixados o talento e a felicidade. Domingos Botelho casou com D. Rita Preciosa. Rita era uma formosura, que ainda aos cincoenta annos se podia presar de o ser. E não tinha outro dote, se não é dote uma série de avoengos, uns bispos, outros generaes, e entre estes o que morrêra frigido em caldeirão de não sei que terra da mourisma; gloria, na verdade um pouco ardente; mas de tal monta que os descendentes do general frito se assignaram *Caldeirões*.

A dama do paço não foi ditosa con o marido. Molestavam-na saudades da côrte, das pompas das camaras reaes, e dos amores de sua feição e molde, que immolou ao capricho da rainha. Este desgostoso viver, porém, não impeceu que se reproduzissem em dois filhos e tres meninas. O mais velho era Manoel, o segundo Simão; das meninas uma era Maria, a segunda Anna, e a ultima tinha o nome de sua mãe, e alguns traços da bolleza d'ella.

O juiz de fóra de Cascaes, solicitando logar de mais graduado banco, demorava em Lisboa, na freguezia da Ajuda, em 1784. Neste anno é que nasceu Simão, o penultimo de seus filhos. Conseguiu elle,

sempre balanceado da fortuna, transferencia para Villa Real, sua ambição suprema.

A distancia d'uma legoa de Villa Real estava a nobreza da villa esperando o seu conterraneo. Cada familia tinha a sua liteira com o brazão da casa. A dos Corrêas de Mesquita era a mais antiquada no feitio, e as librés dos criados as mais surradas e traçadas que figuravam na comitiva.

D. Rita, avistando o prestito das liteiras, ajustou ao olho direito a sua grande luneta de oiro, e disse:

— Ó Menezes, aquillo que é?

— São os nossos amigos e parentes que véem esperar-nos.

— Em que seculo estamos nós nesta montanha? — tornou a dama do paço.

— Em que seculo?! o seculo tanto é dezoito aqui como em Lisboa.

— Ah! sim? Cuidei que o tempo parára aqui no seculo dôze...

O marido achou que devia rir-se do chiste, que o não lisonjeára grandemente.

Fernão Botelho, pae do juiz de fóra, sahiu á frente do prestito para dar a mão á nora, que apeava da liteira, e conduzil-a á de casa. D. Rita, antes de vêr a cara de seu sogro, contemplou-lhe a olho armado as fivellas de aço, e a bolsa do rabicho. Dizia ella depois, que os fidalgos de Villa Real eram muito menos limpos que os carvoeiros de Lisboa. Antes de entrar na avoenga liteira de

seu marido, perguntou, com a mais ralsada seriedade, se não haveria risco em ir dem·o d'aquella antiguidade. Fernão Botelho asseverc a sua nora que a sua liteira não tinha ainda cem nnos, e que os machos não excediam a trinta.

O modo altivo como ella recebeias cortezias da nobreza — velha nobreza, que parali viera em tempo de D. Diniz, fundador da ville— fez que o mais novo do prestito, que ainda vivi ha dôze annos, me dissesse a mim: «Sabiamosque ella era dama da Senhora D. Maria I; porér da soberba com que nos tratou ficamos pensando ue seria ella a propria rainha.» Repicaram os sios da terra quando a comitiva assomou á Senhorde Almudena. D. Rita disse ao marido que a recpção dos sinos era a mais estrondosa e barata.

Apearam á porta da velha casa d Fernão Botelho. A aia do paço relanceou os olhs pela fachada do edificio, e disse de si para si:« É uma bonita vivenda para quem foi criadaem Mafra e Cintra, na Bemposta e Queluz.»

Decorridos alguns dias, D. Rita dise ao marido que tinha medo de ser devorada ds ratazanas; que aquella casa era um covil de fers; que os tectos estavam a desabar; que as parees não resistiriam ao inverno; que os preceitos deuniformidade conjugal não obrigavam a morrer d·frio uma esposa delicada e affeita ás almofadas o palacio dos Reis.

Domingos Botelho conformou-se om a estre-

mecida consorte, e começou a fabrica de um palacete. Escassamente lhe chegavam os recursos para os alicerces: escreveu á rainha, e obteve generoso subsidio com que ultimou a casa. As varandas das janellas foram a ultima dadiva que a real viuva fez á sua dama. Quer-nos parecer que a dadiva é um testemunho, até agora inedito, da demencia da Senhora D. Maria I.

Domingos Botelho mandára esculpir em Lisboa a pedra de armas; D. Rita, porém, teimara que no escudo se esquarteassem tambem as suas; mas era tarde, porque já a obra tinha vindo do esculptor, e o magistrado não podia com segunda despeza, nem queria desgostar seu pae, orgulhoso de seu brasão. Resultou d'aqui ficar a casa sem armas e D. Rita victoriosa. [1]

O juiz de fóra tinha ali parentela illustre. O aprumo da fidalga dobrou-se até aos grandes da provincia, ou antes houve por bem levantal-os até ella. D. Rita tinha uma côrte de primos, uns que se contentavam em serem primos, outros que invejavam a sorte do marido. O mais audacioso não ousava fital-a de rosto, quando ella o remirava com a luneta em geito de tanta altivez e zombaria, que não será estranha figura dizer que a luneta de Rita

---

[1] É a casa-palacete da «rua da Piedade», hoje pertencente ao doutor Antonio Girardo Monteiro. — (Nota da 1.ª edição).

Preciosa era a mais vigilante sentinella da sua virtude.

Domingos Botelho desconfiava da efficacia dos merecimentos proprios para cabalmente encher o coração de sua mulher. Inquietava-o o ciume; mas suffocava os suspiros, receando que Rita se desse por injuriada da suspeita. E razão era que se offendesse. A neta do general frigido no caldeirão sarraceno ria dos primos, que, por amor d'ella, erriçavam e empoavam as cabelleiras com desgracioso esmero, e cavalleavam estrepitosamente na calçada os seus ginetes, fingindo que os picadores da provincia não desconheciam as graças hippicas do marquez de Marialva.

Não o cuidava assim, porém, o juiz de fóra. O intriguista que lhe trazia o espirito em ancias era o seu espelho. Via-se sinceramente feio, e conhecia Rita cada vez mais em flôr, e mais enfadada no trato intimo. Nenhum exemplo da historia antiga, exemplo de amor sem quebra entre o esposo deforme e a esposa linda, lhe occorria. Um só lhe mortificava a memoria, e esse, com quanto fosse da fabula, era-lhe avêsso, e vinha a ser o casamento de Venus e Vulcano. Lembravam-lhe as redes que o ferreiro côxo fabricára para apanhar os deuses adulteros, e assombrava-se da paciencia d'aquelle marido. Entre si, dizia elle, que, erguido o véo da perfidia, nem se queixaria a Jupiter, nem armaria ratoeiras aos primos. A par do bacamarte de Luiz Botelho, que varára em terra o alferes, estava uma

fileira de bacamartes em que o juiz de fóra era entendido com muito superior intelligencia á que revelava na comprehensão do Digesto e das Ordenações do Reino.

Este viver de sobresaltos durou seis annos, ou mais seria. O juiz de fóra empenhára os seus amigos na transferencia, e conseguiu mais do que ambicionava: foi nomeado provedor para Lamego. Rita Preciosa deixou saudades em Villa Real, e duradoura memoria da sua soberba, formosura e graças de espirito. O marido tambem deixou anecdotas que ainda agora se repetem. Duas contarei sómente para não enfadar. Acontecêra um lavrador mandar-lhe o presente d'uma vitella, e mandar com ella a vacca, para se não desgarrar a filha. Domingos Botelho mandou recolher á loja a vitella e a vacca, dizendo que quem dava a filha dava a mãe. Outra vez, deu-se o caso de lhe mandarem um presente de pasteis em rica salva de prata. O juiz de fóra repartiu os pasteis pelos meninos, e mandou guardar a salva, dizendo que receberia como escarneo um presente de doces, que valiam dez patacões, sendo que naturalmente os pasteis tinham vindo como ornato da bandeja. E assim é que, ainda hoje, em Villa Real, quando se dá um caso analogo de ficar alguem com o conteúdo e continente, diz a gente da terra: «Aquelle é como o doutor brocas».

Não tenho assumpto de tradição com que possa deter-me em miudezas da vida do provedor em Lamego. Escassamente sei que D. Rita aborrecia a

*

comarca, e ameaçava o marido de ir com seus cinco filhos para Lisboa, se elle não sahisse daquella intratavel terra. Parece que a fidalguia de Lamego, em todo o tempo orgulhosa d'uma antigidade, que principia na acclamação de Almacave, desdenhou a philaucia da dama do paço, e esmerilou certas vergonteas podres do tronco dos Botelhos Corrêas de Mesquita, desprimorando-lhe as sans om o facto de elle ter vivido dois annos em Coimbra tocando flauta.

Em 1801, achamos Domingos José Corrêa Botelho de Mesquita corregedor em Vizeu

Manuel, o mais velho de seus filho tem vinte e dois annos, e frequenta o segundo ano juridico. Simão, que tem quinze, estuda humaidades em Coimbra. As tres meninas são o prazer e a vida toda do coração de sua mãe.

O filho mais velho escreveu a seu ae queixando-se de não poder viver com seu irmo, temeroso do genio sanguinario d'elle. Conta que, cada passo se vê ameaçado na vida, porque Simão emprega em pistolas o dinheiro dos livros, convive com os mais famosos perturbadores da academia, e corre de noite as ruas insultando os habitantes e provocando-os á lucta com assuadas. O corregedor admira a bravura de seu filho Simão, e diz á consternada mãe que o rapaz é a figura e o genio e seu bisavô Paulo Botelho Corrêa, o mais valent fidalgo que déra Traz-os-Montes.

Manuel, cada vez mais aterrado as arremetti-

das de Simão, sáe de Coimbra antes de férias e vai a Vizeu queixar-se, e pedir que lhe dê seu pae outro destino. D. Rita quer que seu filho seja cadete de cavallaria. De Vizeu parte para Bragança Manuel Botelho, e justifica-se nobre dos quatro costados para ser cadete.

No entanto, Simão recolhe a Vizeu com os seus exames feitos e approvados. O pae maravilha-se do talento do filho, e desculpa-o da extravagancia por amor do talento. Pede-lhe explicações do seu mau viver com Manuel, e elle responde que seu irmão o quer forçar a viver monasticamente.

Os quinze annos de Simão teem apparencias de vinte. É forte de compleição; bello homem com as feições de sua mãe, e a corpulencia d'ella; mas de todo avêsso em genio. Na plebe de Vizeu é que elle escolhe amigos e companheiros. Se D. Rita lhe censura a indigna eleição que faz, Simão zomba das genealogias, e mórmente do general Caldeirão que morreu frito. Isto bastou para elle grangear a malquerença de sua mãe. O corregedor via as coisas pelos olhos de sua mulher, e tomou parte no desgosto d'ella e na aversão ao filho. As irmans temiam-no, tirante Rita, a mais nova, com quem elle brincava puerilmente, e a quem obedecia, se lhe ella pedia, com meiguices de criança, que não andasse com pessoas mecanicas.

Finalisavam as férias, quando o corregedor teve um grave dissabor. Um dos seus criados tinha ido levar a beber os machos, e, por descuido ou pro-

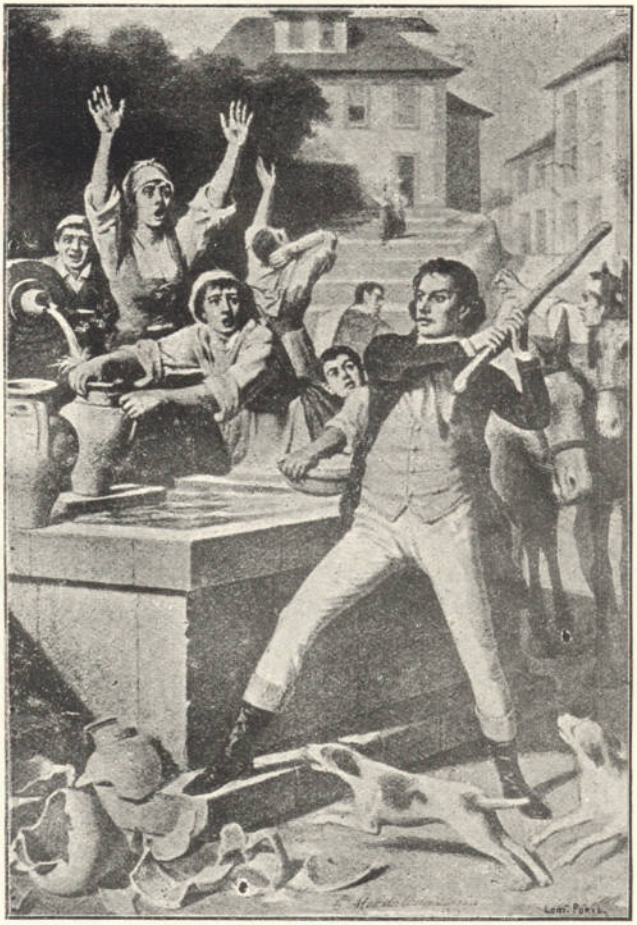
posito, deixou quebrar algumas vasilhas que estavam á vez no parapeito do chafariz. Os donos das vazilhas conjuraram contra o criado; espancaram-no. Simão passava nesse ensejo; e, armado d'um fueiro que descravou d'um carro, partiu muitas cabeças, e rematou o tragico espectaculo pela farça de quebrar todos os cantaros. O povoleu intacto fugira espavorido, que ninguem se atrevia ao filho do corregedor; os feridos, porém, incorporaram-se e foram clamar justiça á porta do magistrado.

Domingos Botelho bramia contra o filho, e ordenava ao meirinho geral que o prendesse á sua ordem. D. Rita, não menos irritada, mas irritada como mãe, mandou, por portas travessas, dinheiro ao filho para que, sem detença, fugisse para Coimbra, e esperasse lá o perdão do pae.

O corregedor, quando soube o expediente de sua mulher, fingiu-se zangado, e pronetteu fazel-o capturar em Coimbra. Como, porém, D. Rita lhe chamasse brutal nas suas vinganças e estupido juiz de uma rapaziada, o magistrado lesenrugou a serenidade postiça da testa, e confessou tacitamente que era brutal e estupido juiz.

II

Simão Botelho levou de Vizeu para Coimbra arrogantes convicções da sua valenta. Se recor-



SIMÃO PARTINDO OS CANTAROS NA DESORDEM DO CHAFARIZ

dava os chibantes pormenores da derrota em que puzera trinta aguadeiros, o som cavo das pancadas, a queda atordoada d'este, o levantar-se d'aquelle, ensanguentado, a bordoada que abrangia tres a um tempo, a que afocinhava dois, a gritaria de todos, e o estrepito dos cantaros afinal, Simão deliciava-se nestas lembranças, como ainda não vi nalgum drama, em que o veterano de cem batalhas relembra os louros de cada uma, e esmorece, afinal, estafado de espantar, quando não é de estafar, os ouvintes.

O academico, porém, com os seus enthusiasmos era incomparavelmente muito mais prejudicial e perigoso que o mata-mouros de tragedia. As recordações esporeavam-no a façanhas novas, e naquelle tempo a academia dava azo a ellas. A mocidade estudiosa, em grande parte, sympathisava com as balbuciantes theorias da liberdade, mais por presentimento, que por estudo. Os apostolos da revolução franceza não tinham podido fazer revoar o trovão dos seus clamores neste canto do mundo; mas os livros dos encyclopedistas, as fontes onde a geração seguinte bebêra a peçonha que sahiu no sangue de noventa e tres, não eram de todo ignorados. As doutrinas da regeneração social pela guilhotina tinham alguns timidos sectarios em Portugal, e esses de ver é que deviam pertencer á geração nova. Além de que, o rancor á Inglaterra lavrava nas entranhas das classes manufactureiras, e o desprender-se do jugo aviltador de estranhos,

apertado, desde o principio do seculo nterior, com as sôgas de ruinosos e perfidos tratads, estava no animo de muitos e bons portuguezesque se queriam antes allianҫados com a França Estes eram os pensadores reflexivos; os sectarios a academia, porém, exprimiam mais a paixão da ovidade que as doutrinas do raciocinio.

No anno anterior de 1800, sahira Antonio de Araujo de Azevedo, depois conde daBarca, a negociar em Madrid e Pariz a neutralidade de Portugal. Rejeitaram-lhe as potencias alladas as propostas, tendo-lhe em conta de nada os dezeseis milhões que o diplomata offerecia ao primeiro consul. Sem delongas, foi o territorio poruguez infestado pelos exercitos de Hespanha e França. As nossas tropas, commandadas pelo duque de Lafões, não chegaram a travar a lucta desigual, porque a esse tempo Luiz Pinto de Souza, más tarde visconde de Balsemão, negociára ignominiosa paz em Badajoz, com cedencia de Olivença á Hespanha, exclusão de inglezes de nossos portos,e indemnisação de alguns milhões á França.

Estes successos tinham irritado contra Napoleão os animos d'aquelles que odiavam o aventureiro, e para outros deram causa a congratularem-se do rompimento com Inglaterra. Entre os d'esta parcialidade, na convulsiva e irrequieta academia, era voto de grande monta Simão Botelho, apesar dos seus imberbes dezeseis annos. Mirabeau, Danton, Robespierre, Desmoulins, e muitos outros al-

gozes e martyres do grande açougue, eram nomes de soada musical aos ouvidos de Simão. Diffamal-os na sua presença era affrontarem-no a elle, e bofetada certa, e pistolas engatilhadas á cara do diffamador. O filho do corregedor de Vizeu defendia que Portugal devia regenerar-se num baptismo de sangue, para que a hydra dos tyrannos não erguesse mais uma das suas mil cabeças sob a clava do Hercules popular.

Estes discursos, arremêdo d'alguma clandestina objurgatoria de Saint-Just, afugentavam da sua communhão aquelles mesmos que o tinham applaudido em mais racionaes principios de liberdade. Simão Botelho tornou-se odioso aos condiscipulos que, para se salvarem pela infamia, o delataram ao bispo-conde, e ao reitor da universidade.

Um dia, proclamava o demagogo academico na praça de Sansão aos poucos ouvintes que lhe restaram fiéis, uns por medo, outros por analogia de bossas. O discurso ia no mais acrisolado da ideia regicida, quando uma escolta de verdeaes lhe aguou a escandecencia. Quiz o orador resistir, aperrando as pistolas, mas de sobra sabiam os braços musculosos da cohorte do reitor com quem as haviam. O jacobino, desarmado e cercado entre a escolta dos archeiros, foi levado ao carcere academico, d'onde sahiu seis mezes depois, a grandes instancias dos amigos de seu pae e dos parentes de D. Rita Preciosa.

Perdido o anno lectivo, foi para Vizeu Simão. O corregedor repelliu-o da sua presença com amea-

ças de o expulsar de casa. A mãe, mais levada do dever que do coração, intercedeu pelo filho e conseguiu sental-o á mesa commum.

No espaço de tres mezes fez-se maravilhosa mudança nos costumes de Simão. As companhias da ralé despresou-as. Sahia de casa raras vezes, ou só, ou com a irman mais nova, sua predilecta. O campo, as arvores, e os sitios mais sombrios e ermos eram o seu recreio. Nas doces noites de estio demorava-se por fóra até ao repontar da alva. Aquelles que assim o viam admiravam-lhe o ar scismador e o recolhimento que o sequestrava da vida vulgar. Em casa encerrava-se no seu quarto, e sahia quando o chamavam para a mesa.

D. Rita pasmava da transfiguração, e o marido, bem convencido d'ella, ao fim de cinco mezes consentiu que seu filho lhe dirigisse a palavra.

Simão Botelho amava. Ahi está uma palavra unica, explicando o que parecia absurda reforma aos dezesete annos.

Amava Simão uma sua vizinha, menina de quinze annos, rica herdeira, regularmente bonita e bem nascida. Da janella do seu quarto é que elle a vira a primeira vez, para amal-a sempre. Não ficára ella incólume da ferida que fizera no coração do vizinho: amou-o tambem, e com mais sociedade que a usual nos seus annos.

Os poetas cansam-nos a paciencia a falarem do amor da mulher aos quinze annos, como paixão perigosa, unica e inflexivel. Alguns prosadores de

romances dizem o mesmo. Enganam-se ambos. O amor dos quinze annos é uma brincadeira; é a ultima manifestação do amor ás bonecas; é a tentativa da avesinha que ensaia o vôo fóra do ninho, sempre com os olhos fitos na ave-mãe que a está da fronde proxima chamando: tanto sabe a primeira o que é amar muito, como a segunda o que é voar para longe.

Thereza de Albuquerque devia ser, por ventura, uma excepção no seu amor.

O magistrado e sua familia eram odiosos ao pae de Thereza, por motivos de litigios, em que Domingos Botelho lhe deu sentenças contra. Afóra isso, ainda no anno anterior dois criados de Thadeu de Albuquerque tinham sido feridos na celebrada pancadaria da fonte. É, pois, evidente que o amor de Thereza, declinando de si o dever de obtemperar e sacrificar-se ao justo azedume de seu pae, era verdadeiro e forte.

E este amor era singularmente discreto e cauteloso. Viram-se e falaram-se tres mezes, sem darem rebate á vizinhança, e nem sequer suspeitas ás duas familias. O destino, que ambos se promettiam, era o mais honesto: elle ia formar-se para poder sustental-a, se não tivessem outros recursos: ella esperava que seu velho pae fallecesse para, senhora sua, lhe dar, com o coração, o seu grande patrimonio. Espanta discreção tamanha na indole de Simão Botelho, e na presumivel ignorancia de Thereza em coisas materiaes da vida, como são um patrimonio!

Na vespera da sua ida para Coimbra, estava Simão Botelho despedindo-se da suspirosa menina, quando subitamente ella foi arrancada da janella. O allucinado moço ouviu gemidos d'aquella voz que, um momento antes, soluçava commovida por lagrimas de saudade. Ferveu-lhe o sangue na cabeça; contorceu-se no seu quarto como o tigre contra as grades inflexiveis da jaula. Teve tentações de se matar na impotencia de soccorrel-a. As restantes horas d'aquella noite passou-as em raivas e projectos de vingança. Com o amanhecer esfriou-lhe o sangue, e renasceu a esperança com os calculos.

Quando o chamaram para partir para Coimbra, lançou-se do leito de tal modo transfigurado, que sua mãe, avisada do rosto amargurado d'elle, foi ao quarto interrogal-o e despersuadil-o de ir emquanto assim estivesse febril. Simão, porém, entre mil projectos, achára melhor o de ir para Coimbra, esperar lá noticias de Thereza, e vir a occultas a Vizeu falar com ella. Ajuizadamente discorrêra elle; que a sua demora aggravaria a situação de Thereza.

Descêra o academico ao pateo, depois de abraçar a mãe e irman, e beijar a mão do pae, que para esta hora reservára uma admoestação severa, a ponto de lhe asseverar que de todo o abandonaria se elle cahisse em novas extravagancias. Quando mettia o pé no estribo, viu a seu lado uma velha mendiga, estendendo-lhe a mão aberta, como quem

pede esmola, e, na palma da mão, um pequeno papel. Sobresaltou-se o moço; e, a poucos passos distante de sua casa, leu estas linhas:

«Meu pae diz que me vae encerrar num con-«vento, por tua causa. Soffrerei tudo por amor de «ti. Não me esqueças tu, e achar-me-has no con-«vento, ou no céo, sempre tua do coração, e sem-«pre leal. Parte para Coimbra. Lá irão dar as mi-«nhas cartas; e na primeira te direi em que nome «hás-de responder á tua pobre Thereza.»

A mudança do estudante maravilhou a academia. Se o não viam nas aulas, em parte nenhuma o viam. Das antigas relações restavam-lhe apenas as dos condiscipulos sensatos que o aconselhavam para bem, e o visitaram no carcere de seis mezes, dando-lhe alentos e recursos, que seu pae lhe não dava, e sua mãe escassamente suppria. Estudava com fervor, como quem já d'ali formava as bases do futuro renome e da posição por elle merecida, bastante a sustentar dignamente a esposa. A ninguem confiava o seu segredo, senão ás cartas que enviava a Thereza, longas cartas em que folgava o espirito da tarefa da sciencia. A apaixonada menina escrevia-lhe a miudo, e já dizia que a ameaça do convento fôra mero terror de que já não tinha medo, porque seu pae não podia viver sem ella.

Isto afervorou-lhe para mais o amor ao estudo. Simão, chamado em pontos difficeis das materias do primeiro anno, tal conta deu de si, que os len-

tes e os condiscipulos o houveram como primeiro premiado.

A este tempo, Manuel Botelho, cadete em Bragança, destacado no Porto, licenciou-se para estudar na universidade as mathematicas. Animou-o a noticia do reviramento que se dera em seu irmão. Foi viver com elle; achou-o quieto; mas alheado numa ideia que o tornava misanthropo e intratavel noutro genero. Pouco tempo conviveram, sendo a causa da separação um desgraçado amor de Manuel Botelho a uma açoriana casada com um academico. A esposa apaixonada perdeu-se nas illusões do cego amante. Deixou o marido e fugiu com elle para Lisboa, e d'ahi para Hespanha. Em outro relanço d'esta narrativa darei conta do remate d'este episodio.

No mez de fevereiro de 1803, recebeu Simão Botelho uma carta de Thereza. No seguinte capitulo se diz minuciosamente a peripecia que forçára a filha de Thadeu de Albuquerque a escrever aquella carta de pugentissima surpreza para o academico, convertido aos deveres, á honra, á sociedade e a Deus pelo amor.

III

O pae de Thereza não embicaria na impureza do sangue do corregedor, se o ajustar-se os dois filhos em casamento se compadecesse com o odio

de um e o desprezo do outro. O magistrado mofava do rancor do seu vizinho, e o vizinho malsinava de venalidade a reputação do magistrado. Este sabia da injuriosa vingança em que o outro se ia despicando; fingia-se invulneravel á detracção; mas de dia para dia se lhe azedava mais a bilis; e é de crêr que, se o não contivessem considerações de familia, soffreria menos, desabafando pela bôca d'um bacamarte, arma de predilecção dos Botelhos Corrêas de Mesquita. Seria impossivel o reconciliarem-se.

Rita, a filha mais nova, estava um dia na janella do quarto de Simão, e viu a vizinha rente com os vidros e a testa apoiada nas mãos. Sabia Thereza que era aquella menina a mais querida irman de Simão, e a que mais semelhança de parecer tinha com elle. Sahiu da sua artificial indifferença, e respondeu ao reparo de Rita fazendo-lhe com a mão um gesto e sorrindo. A filha do corregedor sorriu tambem, mas fugiu logo da janella, porque sua mãe tinha prohibido ás filhas de trocarem vistas com pessoa d'aquella casa.

No dia seguinte, á mesma hora, levada da sympathia que lhe causára aquelle gesto de amizade, tornou Rita á janella, e lá viu Thereza com os olhos fitos na sua, como se a estivesse esperando. Sorriram-se com resguardo, afastando-se a um tempo do peitoril das janellas; e assim, ambas de pé, no interior dos quartos, se estavam contemplando. Como a rua era estreita, podiam ouvir-se, falando baixo.

Thereza, mais pelo movimento dos labios que por palavras, perguntou a Rita se era sua amiga. A menina respondeu com um gesto affirmativo, e fugiu, acenando-lhe um adeus. Estes rapidos instantes de se verem repetiram-se successivos dias, até que, perdido o maior medo de ambas, ousaram demorar-se em palestras a meia voz. Thereza falava de Simão, contava á menina de onze annos o segredo do seu amor, e dizia-lhe que ella havia de ser ainda sua irman, recommendando-lhe muito que não dissesse nada á sua familia.

Numa d'essas conversações, Rita descuidára-se, e levantou de modo a voz que foi ouvida d'uma irman, que a foi logo acusar ao pae. O corregedor chamou Rita, e forçou-a pelo terror a contar tudo que ouvira á vizinha. Tanta foi sua cólera, que, sem attender ás razões da esposa, que viera espavorida dos gritos d'elle, correu ao quarto de Simão, e viu ainda Thereza á janella.

— Olé! — disse elle á pallida menina. — Não tenha a confiança de pôr os olhos em pessoa de minha casa. Se quer casar, case com um sapateiro, que é um digno genro de seu pae.

Thereza não ouviu o remate da brutal apostrophe: tinha fugido aturdida e envergonhada. Porém, como o desabrido ministro ficasse bramindo no quarto, e Thadeu de Albuquerque sahisse a uma janella, a cólera do doutor redobrou, e a torrente das injurias, longo tempo represada bateu no rosto do vizinho, que não ousou replicar-lhe.

Thadeu interrogou sua filha, e acreditou que foi causa á sanha de Domingos Botelho estarem as duas meninas praticando innocentemente, por tregeitos, em coisas de sua edade. Desculpou o velho a criancice de Thereza, admoestando-a a que não voltasse áquella janella.

Esta mansidão do fidalgo, cujo natural era bravio, tem a sua explicação no projecto de casar em breve a filha com seu primo Balthazar Coutinho, de Castro-d'Aire, senhor de casa, e igualmente nobre da mesma prosapia. Cuidava o velho, presumpçoso conhecedor do coração das mulheres, que a brandura seria o mais seguro expediente para levar a filha ao esquecimento d'aquelle pueril amor a Simão. Era maxima sua que o amor, aos quinze annos, carece de consistencia para sobreviver a uma ausencia de seis mezes. Não pensava errado o fidalgo, mas o êrro existia. As concepções tem sido o ludibrio dos mais assizados pensadores, tanto no especulativo como no experimental. Não era muito que Thadeu de Albuquerque fosse enganado em coisas de amor e coração de mulher, cujas variantes são tantas e tão caprichosas, que eu não sei se alguma maxima póde ser-nos guia, a não ser esta: «Em cada mulher, quatro mulheres incomprehensiveis, pensando alternadamente como se hão de desmentir umas ás outras». Isto é o mais seguro; mas não é infallivel. Ahi está Thereza que parece ser unica em si. Dir-se-ha que as tres da conta, que diz a sentença, não podem coexistir com a quarta,

aos quinze annos? Tambem o peiso assim, posto que a fixidez, a constancia d'aquele amor, funda-se em causa independente do coração: é porque Thereza não vai á sociedade, não tem um altar em cada noite na sala, não provou o incenso d'outros galans, nem teve ainda uma hora de conparar a imagem amada, desluzida pela auzencia, com a imagem amante, amor nos olhos que a fiam, e amor nas palavras que a convencem de que ha um coração para cada homem, e uma só mocidade para cada mulher. Quem me diz a mim que Thereza teria em si as quatro mulheres da maxima, se o vapor de quatro incensorios lhe estonteasse o espirito? Não é facil, nem preciso decidir. E vanos ao conto.

Ácerca de Simão Botelho, nunca diante de sua filha Thadeu de Albuquerque proferiu palavra, nem antes nem depois do disparate do corregedor. O que elle fez logo foi chamar a Vizeu o sobrinho de Castro-d'Aire, e prevenil-o do seu designio, para que elle, em face de Thereza, procedesse como convinha a um enamorado de feição, e mutuamente se apaixonassem e promettessem auspicioso futuro ao casamento.

Por parte de Balthazar Coutinho a paixão inflamou-se tão depressa, quanto o coração de Thereza se congelou de terror e repugnancia. O morgado de Castro-d'Aire, attribuindo a frieza de sua prima a modestia, innocencia e acanhamento, lisonjeou-se do virginal melindre d'aquella alma, e saboreou de antemão o prazer de uma lenta, mas segura con-

quista. Verdade é que Balthazar nunca se explicára de modo que Thereza lhe désse resposta decisiva; um dia, porém, instigado por seu tio, afoitou-se o ditoso noivo a falar assim á melancolica menina:

— É tempo de lhe abrir o meu coração, prima. Está bem disposta a ouvir-me?

— Eu estou sempre bem disposta a ouvil-o, primo Balthazar.

O desdem aborrecido d'esta resposta abalou algum tanto as convicções do fidalgo, respeito á innocencia, modestia e acanhamento de sua prima. Ainda assim, quiz elle no momento persuadir-se que a boa vontade não poderia exprimir-se d'outro modo, e continuou:

— Os nossos corações penso eu que estão unidos; agora é preciso que as nossas casas se unam.

Thereza empallideceu, e baixou os olhos.

— Acaso lhe diria eu alguma cousa desagradavel? — proseguiu Balthazar, rebatido pela desfiguração de Thereza.

— Disse-me o que é impossivel fazer-se — respondeu ella sem turvação. — O primo engana-se: os nossos corações não estão unidos. Sou muito sua amiga, mas nunca pensei em ser sua esposa, nem me lembrou que o primo pensasse em tal.

— Quer dizer que me aborrece, prima Thereza? — atalhou corrido o morgado.

— Não, senhor: já lhe disse que o estimava muito, e por isso mesmo não devo ser esposa de

um amigo a quem não posso amar. A infelicidade não seria só minha...

— Muito bem... Posso eu sabe— tornou com refalsado sorriso o primo — quem é ue me disputa o coração de minha prima?

— Que lucra em o saber?

— Lucro saber, pelo menos, qua minha prima ama outro homem... É exacto?

— É.

— E com tamanha paixão que dsobedece a seu pae?

— Não desobedeço: o coração énais forte que a submissa vontade de uma filha. Desobedeceria, se casasse contra a vontade de me pae; mas eu não disse ao primo Balthazar que casava; disse-lhe unicamente que amava.

— Sabe a prima que eu estou esantado do seu modo de falar!... Quem pensari que os seus dezeseis annos estavam tão abundntes de palavras!...

— Não são só palavras, primo —retorquiu Thereza com gravidade — são sentimeios, que merecem a sua estima, por serem verddeiros. Se lhe eu mentisse, ficaria mais bem vista e meu primo?

— Não, prima Thereza; fez bem m dizer a verdade, e de a dizer em tudo. Ora ole, não duvida declarar quem é o ditoso mortal da sa preferencia?

— Que lhe faz saber isso?

— Muito, prima; todos temos a nossa vaidade, e eu folgaria muito de me vêr vencido por quem

tivesse merecimentos que eu não tenho aos seus olhos. Tem a bondade de me dizer o seu segredo, como o diria a seu primo Balthazar, se o tivesse em conta de seu amigo intimo?

— Nessa conta é que eu o não posso já ter... — respondeu Thereza, sorrindo e pausando, como elle, as syllabas das palavras.

— Pois nem para amigo me quer?!

— O primo não me perdoa a sinceridade que eu tive, e será de hoje em diante meu inimigo.

— Pelo contrario... — tornou elle com mal rebuçada ironia — muito pelo contrario... Eu lhe provarei que sou seu amigo, se alguma vez a vir casada com algum miseravel indigno de si.

— Casada!... — interrompeu ella; mas Balthazar cortou-lhe logo a réplica d'este modo:

— Casada com algum famoso ebrio ou jogador de pau, valentão de aguadeiros, distincto cavalheiro, que passa os annos lectivos encarcerado nas cadêas de Coimbra...

Claro está que Balthazar Coutinho conhecia o segredo de Thereza. Seu tio, naturalmente, lhe communicára a criancice da prima, talvez antes de destinar-lh'a esposa.

Ouvira Thereza o tom sarcastico d'aquellas palavras, e erguera-se respondendo com altivez:

— Não tem mais que me diga, primo Balthazar?

— Tenho, prima: queira sentar-se algum tempo mais. Não cuide agora que está falando com o namorado infeliz: convença-se de que fala com o seu

mais proximo parente, mais sincero amigo, e mais decidido guarda da sua dignidade e fortuna. Eu sabia que minha prima, contra a expressa vontade de seu pae, uma ou outra vez conversára da janella com o filho do corregedor. Não dei valor ao successo, e tomei-o como brincadeira propria da sua edade. Como eu frequentasse o meu ultimo anno em Coimbra, ha dois annos, conhec de sobra Simão Botelho. Quando voltei, e me contaram a sua affeição ao academico, pasmei da boa fé da priminha; depois entendi que a sua mesma innocencia devia ser o seu anjo da guarda. Agora, como seu amigo, compunjo-me de a vêr ainda fascinada pela perversidade do seu vizinho. Não se recorda de ter visto Simão Botelho sociando com a infima villanagem d'esta terra?! Não viu os seus criados com as cabeças quebradas pelo tal varredor de feiras? Não lhe constou que elle, em Coimbra, abarrotado de vinho, andava pelas ruas armado como um salteador de estradas, proclamando á canalha a guerra aos nobres e aos reis, e á religião de nossos paes? A prima ignoraria isto por ventura?

— Ignorava parte d'isso, e não me afflige o sabel-o. Desde que conheci Simão, não me consta que elle tenha dado o menor desgosto á sua familia, nem ouço falar mal d'elle.

— E está por isso persuadida de que Simão deve ao seu amor a reforma de costumes?

— Não sei, nem penso nisso — replicou com enfado Thereza.

— Não se zangue, prima. Vou-lhe dizer as minhas ultimas palavras: eu hei de, em quanto viver, trabalhar por salval-a das garras de Simão Botelho. Se seu pae lhe faltar, fico eu. Se as leis a não defenderem dos ataques do seu demonio, eu farei vêr ao valentão que a victoria sobre os aguadeiros não o poupa ao desgosto de ser levado a pontapés para fóra de casa de meu tio Thadeu d'Albuquerque.

— Então o primo quer-me governar!? — atalhou ella com desabrida irritação.

— Quero-a dirigir em quanto a sua razão precisar de auxilio. Tenha juizo e eu serei indifferente ao seu destino. Não a enfado mais, prima Thereza.

Balthazar Coutinho foi d'ali procurar seu tio, e contou-lhe o essencial do dialogo. Thadeu, atonito da coragem da filha e ferido no coração e direitos paternaes, correu ao quarto d'ella, disposto a espancal-a. Reteve-o Balthazar, reflexionando-lhe que a violencia prejudicaria muito a crise, sendo coisa de esperar que Thereza fugisse de casa. Refreou o pae a sua ira, e meditou. Horas depois chamou sua filha, mandou-a sentar ao pé de si, e, em termos serenos e gesto bem composto, lhe disse que era sua vontade casal-a com o primo; porém que elle já sabia que a vontade de sua filha não era essa. Ajuntou que a não violentaria; mas tambem não consentiria que ella, sovando aos pés o pundunor de seu pae, se désse de coração ao filho

do seu maior inimigo. Disse mais que estava a resvalar na sepultura, e mais depressa desceria a ella, perdendo o amor da filha, que elle já considerava morta. Terminou perguntando a Thereza, se ella duvidava entrar num convento, e ahi esperar que seu pae morresse, para depois ser desgraçada á sua vontade.

Thereza respondeu, chorando, que entraria num convento, se essa era a vontade de seu pae; porém, que se não privasse elle de a ter em sua companhia, nem a privasse a ella dos seus affectos, por medo de que sua filha praticasse alguma acção indigna, ou lhe desobedecesse no que era virtude obedecer. Prometteu-lhe julgar-se morta para todos os homens, menos para seu pae.

Thadeu ouviu-a, e não lhe replicou.

IV

O coração de Thereza estava mentindo. Vão lá pedir sinceridade ao coração!

Para finos entendedores, o dialogo do anterior capitulo definiu a filha de Thadeu de Albuquerque. É mulher varonil, tem força de caracter, orgulho fortalecido pelo amor, despêgo das vulgares apprehensões, se são apprehensões a renuncia que uma filha faz do seu alvedrio ás imprevidentes e

caprichosas vontades de seu pae. Diz boa gente que não, e eu abundo sempre no voto da gente boa. Não será aleive attribuir-lhe uma pouca de astucia, ou hypocrisia, se quizerem; perspicacia seria mais correcto dizer. Thereza adivinha que a lealdade tropeça a cada passo na estrada real da vida, e que os melhores fins se attingem por atalhos onde não cabem a franqueza e a sinceridade. Estes ardis são raros na idade inexperta de Thereza; mas a mulher do romance quasi nunca é trivial, e esta, de que resam os meus apontamentos, era distinctissima. A mim me basta, para crêr em sua distincção, a celebridade que ella veio a ganhar á conta da desgraça.

Da carta que ella escreveu a Simão Botelho, contando as scenas descriptas, a critica deduz que a menina de Vizeu contemporisava com o pae, pondo a mira no futuro, sem passar pelo dissabor do convento, nem romper com o velho em manifesta desobediencia. Na narrativa que fez ao academico omittiu ella as ameaças do primo Balthazar, clausula que, a ser transmittida, arrebataria de Coimbra o moço, em quem sobejavam brios e bravura para mantel-os.

Mas não é esta ainda a carta que surprehendeu Simão Botelho.

Parecia bonançoso o céo de Thereza. Seu pae não falava em claustro nem em casamento. Balthazar Coutinho voltára ao seu solar de Castro d'Aire. A tranquilla menina dava semanalmente estas boas

novas a Simão, que, alliando ás venturas do coração as riquezas do espirito, estudava incessantemente, e desvelava as noites architectando o seu edificio de futura gloria.

Ao romper d'alva d'um domingo de Junho de 1803, foi Thereza chamada para ir com seu pae á primeira missa da igreja parochial. Vestiu-se a menina assustada, e encontrou o velho na ante-camara a recebel-a com muito agrado, perguntando-lhe se ella se erguia de bons humores para dar ao autôr de seus dias um resto de velhice felz. O silencio de Thereza era interrogador.

— Vaes hoje dar a mão d'esposa a teu primo Balthazar, minha filha. É preciso que te deixes cegamente levar pela mão de teu pae. Logo que deres este passo difficil, conhecerás que a tua felicidade é d'aquellas que precisam ser imposta pela violencia. Mas repara, minha querida filha, que a violencia de um pae é sempre amor. Amor tem sido a minha condescendencia e brandura para comtigo. Outro teria subjugado a tua desobediencia com maus tratos, com os rigores do convento, e talvez com o desfalque do teu grande patrimonio. Eu, não. Esperei que o tempo te aclarasse o juizo, e felicito-me por te julgar desassombrada do diabolico prestigio do maldito que accordou o teu innocente coração. Não te consultei outra vez sobre este casamento, por temer que a reflexão fizesse mal ao zêlo de boa filha com que tu vaes abraçar teu pae, e agradecer-lhe a prudencia com que elle respeitou

o teu genio, velando sempre a hora de te encontrar digna do seu amor.

Thereza não desfitou os olhos do pae; mas tão abstrahida estava, que escassamente lhe ouviu as primeiras palavras, e nada das ultimas.

— Não me respondes, Thereza?! — tornou Thadeu, tomando-lhe cariciosamente as mãos.

— Que hei de eu responder-lhe, meu pae? — balbuciou ella.

— Dás-me o que te peço? enches de contentamento os poucos dias que me restam?

— E será o pae feliz com o meu sacrificio?

— Não digas sacrificio, Thereza... Ámanhan a estas horas verás que transfiguração se fez na tua alma. Teu primo é um composto de todas as virtudes; nem a qualidade de ser um gentil moço lhe falta, como se a riqueza, a sciencia e as virtudes não bastassem a formar um marido excellente.

— E elle quer-me, depois de eu me ter negado? — disse ella com amargura ironica.

— Se elle está apaixonado, filha!... e tem bastante confiança em si para crêr que tu has de amal-o muito!...

— E não será mais certo odial-o eu sempre!? Eu agora mesmo o abomino como nunca pensei que se pudesse abominar! Meu pae... — continuou ella, chorando, com as mãos erguidas — mate-me; mas não me force a casar com meu primo! É escusada a violencia, porque eu não caso!

Thadeu mudou de aspecto, e disse irado:

— Has de casar! Quero que cases! Quero!... Quando não, amaldiçoada serás para sempre, Thereza! Morrerás num convento! Esta casa irá para teu primo! Nenhum infame ha de aqui pôr um pé nas alcatifas de meus avós. Se és una alma vil, não me pertences, não és minha filha, não podes herdar appellidos honrosos, que foram pela primeira vez insultados pelo pae d'esse miseravel que tu amas! Maldita sejas! Entra nesse quarto, e espera que d'ahi te arranquem para outro, onde não verás um raio de sol.

Thereza ergueu-se sem lagrimas, e entrou serenamente no seu quarto. Thadeu de Albuquerque foi encontrar seu sobrinho, e disse-lhe:

— Não te pósso dar minha filha, porque já não tenho filha. A miseravel, a quem de este nome, perdeu-se para nós e para ella.

Balthazar, que, a juizo de seu tio, era um composto de excellencias, tinha apenas um quebra: a absoluta carencia de brios. Mallogradaa tentativa do seu amor de emboscada, tornou para a terra o primo de Thereza, dizendo ao velho que elle o livraria do assedio em que Simão Botelho lhe tinha o coração da filha. Não approvou a reclusão no convento, discorrendo sobre as hypotheses infamantes que a opinião publica inventaria. Aconselhou que a deixasse estar em casa, e esperasse que o filho do corregedor viesse de Coimbra.

Ponderaram no animo do velho as razões de Balthazar. Thereza maravilhou-se da quietação ines-

perada de seu pae e desconfiou da incoherencia. Escreveu a Simão. Nada lhe escondeu do succedido; nem as ameaças de Balthazar por delicadeza supprimiu. Rematava communicando-lhe as suas suspeitas de algum novo plano de violencia.

O academico, chegando ao periodo das ameaças, já não tinha clara luz nos olhos para decifrar o restante da carta. Tremia sezões, e as arterias frontaes arfavam-lhe entumecidas. Não era sobresalto do coração apaixonado: era a indole arrogante que lhe escaldava o sangue. Ir d'ali a Castro-d'Aire e apunhalar o primo de Thereza na sua propria casa, foi o primeiro conselho que lhe segredou a furia do odio. Neste proposito sahiu, alugou cavallo, e recolheu a vestir-se de jornada. Já preparado, a cada minuto de espera assomava-se em frenesis. O cavallo demorou-se meia hora, e o seu bom anjo, neste espaço, vestido com as galas com que elle vestia na imaginação Thereza, deu-lhe rebates de saudade d'aquelles tempos e ainda das horas d'aquelle mesmo dia, em que scismava na felicidade que o amor lhe promettia, se elle a procurasse no caminho do trabalho e da honra. Contemplou os seus livros com tanto affecto, como se em cada um estivesse uma pagina da historia do seu coração. Nenhuma d'aquellas paginas tinha elle lido, sem que a imagem de Thereza lhe apparecesse a fortalecel-o para vencer os tédios da continuada applicação, e os impetos d'um natural inquieto e ancioso de commoções desusadas.

«E ha de tudo acabar assim? — pesava elle, com a face entre as mãos, encostado á sua banca de estudo. — Ainda ha pouco eu era tão feliz!... — Feliz! — repetiu elle erguendo-se de golpe — quem póde ser feliz com a deshonra d'uma ameaça impune!... Mas eu perco-a! nunca mais hei de vêl-a... Fugirei como um assassino, e meu pae será o meu primeiro inimigo, e ella mesma ha de horrorisar-se da minha vingança... A ameaça s ella a ouviu; e, se eu tivesso sido aviltado no conceito de Thereza, pelos insultos do miseravel, talvez que ella os não repetisse...»

Simão Botelho releu a carta das vezes, e á terceira leitura achou menos affrontosas as bravatas do fidalgo cioso. As linhas finas desmentiam formalmente a suspeita do aviltameto, com que o seu orgulho o atormentava: eram expressões ternas, supplicas ao seu amor como recompensa dos passados e futuros desgostos, visões encantadoras do futuro, novos juramentos de constancia, e sentidas phrases de saudade.

Quando o arreeiro bateu á porta, Simão Botelho já não pensava em matar o homem de Castro-d'Aire; mas resolvêra ir a Vizeu, entrar de noite, esconder-se e vêr Thereza. Faltava-lhe, porém, casa de confiança onde se occultasse. Nas estalagens seria logo descoberto. Perguntou ao arreeiro se conhecia alguma casa em Vizeu onde elle pudesse estar escondido uma noite ou duas, sem receio de ser denunciado. O arreeiro respondeu que tinha, a

um quarto de legoa de Vizeu, um primo ferrador; e não conhecia em Vizeu senão os estalajadeiros. Simão achou aproveitavel o parentesco do homem, e logo d'ali o presenteou com uma jaqueta de pelles e uma faxa de seda escarlate, á conta de maiores valores promettidos, se elle o bem servisse numa emprêsa amorosa.

No dia seguinte chegou o academico a casa do ferrador. O arreeiro deu conta ao seu parente do que vinha tratado com o estudante.

Foi Simão Botelho cautelosamente hospedado, e o arreeiro abalou no mesmo ponto para Vizeu, com uma carta destinada a uma mendiga, que morava no mais impraticavel becco da terra. A mendiga informou-se miudamente da pessoa que enviava a carta e sahiu, mandando esperar o caminheiro. Pouco depois voltou ella com a resposta, e o arreeiro partiu a galope.

Era a resposta um grito de alegria. Thereza não reflectiu, respondendo a Simão, que naquella noite se festejavam os seus annos, e se reuniam em casa os parentes. Disse-lhe que ás onze horas em ponto ella iria ao quintal e lhe abriria a porta.

Não esperava tanto o academico. O que elle pedia era falar-lhe da rua para a janella do seu quarto, e receava impossivel este prazer, que elle avaliava o maximo. Apertar-lhe a mão, sentir-lhe o halito, abraçal-a talvez, cometter a ousadia de um beijo, estas esperanças, tão além de suas modestas e honestas ambições, igualmente o enlevavam.

Enlevo e susto em corações que se estreiam na comedia humana, são sentimentos congeniaes.

Á hora da partida, Simão tremia, e a si mesmo pedia contas da timidez, sem saber que os encantos da vida, os mais angelicos momentos da alma, são esses lances de mysterioso alvoroço que aos mais serôdios de coração succedem em todas as sasões da vida, e a todos os homens, uma vez ao menos.

Ás onze horas em ponto estava Simão encostado á porta do quintal, e a distancia convencionada o arreeiro com o cavallo á réda. A toada da musica, que vinha das salas remotas alvoroçava-o, porque a festa em casa de Thadeu de Albuquerque o surprehendera. No longo termo de tres annos nunca elle ouvira musica naquella casa. Se elle soubesse o dia natalicio de Thereza, espantára-se menos da estranha alegria d'aquellas salas, sempre fechadas, como em dias de mortorio. Simão imaginou desvairadamente as chimeras que voejam, ora negras, ora translucidas, em redor da fantasia apaixonada. Não ha balisa racional para as bellas, nem para as horrorosas illusões, quando o amor as inventa. Simão Botelho, com o ouvido collado á fechadura, ouvia apenas o som das flautas, e as pancadas do coração sobresaltado.

V

Balthazar Coutinho estava na sala, simulando vingativa indifferença por sua prima. As irmans do fidalgo e a demais parentela da casa não deixavam respirar Thereza. Moças e velhas, todas á uma, se repetiam, aconselhando-a a reconciliar-se com seu primo, e dar a seu pae a alegria que o pobre velho tanto rogava a Deus, antes de fechar os olhos. Replicava Thereza que não queria mal a seu primo, nem sequer estava sentida d'elle; que era sua amiga, e sêl-o-ia sempre emquanto lhe elle deixasse livre o coração.

O velho esperava muito d'aquella noitada de festa. Alguns parentes, presumidos de circumspectos, lhe tinham dito que seria proveitoso regalar a filha com os prazeres congruentes á sua edade, dando-lhe ensejo a que ella repartisse o espirito, concentrado num só ponto, por diversões em que a natural vaidade se preoccupa, e a força do amor contrariado se vai a pouco e pouco quebrantando. Aconselharam as reuniões amiudadas, já em sua casa, já na dos seus parentes, para d'este modo Thereza se mostrar a muitos, ser cortejada por todos, e ter em opinião de menos valia o unico homem com quem falava, e a quem julgava superior a todos. O fidalgo accedeu, mas com difficuldade: é

que tinha lá um systema seu de ajuizar das mulheres, vivêra trinta annos de vida libertina e dispendiosa, e se estava agora saboreando na economia e na quietação. Os annos de Thereza eram pela primeira vez festejados com estrondo. A morgada viu então o que era o minuete da côrte, e certos jogos de prendas com que os intervallos naquelles tempos se aligeiravam em delicias, sem fadiga do corpo, nem desagrado da moral.

Mas, de agitada que estava, Thereza não compartia do gôso dos seus hospedes. Desde que soaram as dez horas d'aquella noite, a rainha da festa parecia tão alienada das finezas com que as senhoras e homens á competencia a lisonjeavam, que Balthazar Coutinho deu tento do dessocego de sua prima, e teve a modestia de imaginar que ella se offendêra da indifferença d'elle. Generoso até ao perdão, o morgado de Castro d'Aire, compondo o rosto com gesto grave e melancolico, dirigiu-se a Thereza, e pediu-lhe desculpa da frieza que elle disse ser como a das montanhas, que teem vulcões por dentro e neve por fóra. Thereza teve a sinceridade de responder que não tinha reparado na frieza de seu primo, e chamou para junto d'ella uma menina, para evitar que a montanha se fendesse em vulcões. Pouco depois ergueu-se, e sahiu da sala.

Eram dez horas e tres quartos. Thereza corrêra ao fundo do quintal, abrira a porta, e, como não visse alguem, tornou de corrida para a sala. No

momento, porém, de subir a escada que ligava o jardim á casa, Balthazar Coutinho, que a espiava desde que ella sahiu da sala, chegou a uma das janellas sobre o jardim, bem longe de imaginar que a via. Retirou-se e entrou com Thereza na sala, ao mesmo tempo, por diversa porta. Decorridos alguns minutos, a menina sahiu outra vez e o primo tambem. Thereza ouviu, a distancia, o estrepito d'um cavallo, quando passou ao patamar da escada. Balthazar tambem o ouviu, e notou que sua prima, receosa de ser vista e conhecida pela alvura do vestido, levava uma capa ou chale que a envolvia toda. O de Castro d'Aire fez pé atrás para não ser visto. Thereza, porém, num relance de olhar temeroso, ainda vira um vulto retirar-se. Teve medo e retrocedeu a largar a capa, e entrou na sala, offegante de cansaço e pállida de medo.

— Que tens, minha filha?! — disse-lhe o pae — Já duas vezes sahiste da sala e vens tão alvoroçada! Tens algum incommodo, Thereza?

— Tenho uma dôr: preciso de respirar de vez em quando... Nada é, meu pae.

Thadeu acreditou, e disse a toda a gente que a sua filha tinha uma dôr: só o não disse a seu sobrinho, porque o não encontrou, e soube que elle tinha sahido.

Tambem Thereza dera pela ausencia do primo, e fingiu que o ia procurar, resolução de que o velho gostou muito. Desceu ella ao jardim, correu á porta,

onde a esperava Simão, abriu-a, e com a voz cortada pela anciedade, apenas disse:

— Vai-te embora; vem ámanhan as mesmas horas... vai, vai!

Simão, quando isto ouvia, tinha os olhos fitos num vulto que se aproximava d'elle, rente com o muro do quintal. O arreeiro, que prmeiro o vira, déra um signal, e entalára as rédas do cavallo entre umas pedras, para ficar desemlaraçado, se o estudante se não pudesse haver como inimigo.

Simão Botelho não se moveu do local, e Balthazar Coutinho parou na distancia de seis passos. O arreeiro tinha lentamente avançado a meio caminho do patrão, quando este lhe disse que não se aproximasse. E, caminhando para o vulto, aperrou duas pistolas, e disse-lhe:

— Isto aqui não é caminho. Que quer?

O fidalgo não respondeu.

— Parece-me que lhe abro a boca com uma bala! — tornou Simão.

— Que lhe importa o senhor quem está?! — disse Balthazar — Se um tiver um segredo, como o senhor parece que tem o seu neses sitios, sou obrigado a confessar-lh'o!?

Simão reflectiu, e replicou:

— Este muro pertence a uma caa onde mora uma só familia e uma só mulher.

— Estão nesta casa mais de quarnta mulheres esta noite — redarguiu o primo de Tereza — Se o cavalheiro espera uma, eu posso esprar outra.

— Quem é o senhor? — tornou com arrogancia o filho do corregedor.

— Não conheço a pessoa que me interroga, nem quero conhecer. Fiquemos cada um com o nosso incognito. Boas noites.

Balthazar Coutinho retrocedeu, dizendo entre si: «Que partido tem uma espada contra dois homens e duas pistolas?»

Simão Botelho cavalgou, e partiu para casa do hospitaleiro ferrador.

O sobrinho de Thadeu de Albuquerque entrou na sala sem denunciar levemente alteração de animo. Viu que Thereza o observava de revés, e soube dissimular-se de modo que a socegou. A pobre menina anciosa por se vêr sósinha, viu com prazer erguer-se para sahir a primeira familia, que deu rebate ás outras, menos ao de Castro d'Aire e suas irmans, que ficaram hospedados em casa de seu tio, com tenção de se demorarem oito dias em Vizeu.

Velou Thereza o restante da noite, escrevendo a Simão a longa historia dos seus terrores, e pedindo-lhe perdão de o ella não ter advertido do baile, por ficar doida de alegria com a sua vinda. No tocante ao plano de se encontrarem na seguinte noite não havia alteração na carta. Isto espantou o academico. A seu ver, o vulto era Balthazar Coutinho, e o pae de Thereza devia ser avisado naquella mesma noite.

Respondeu elle contando a historia do incidente com o encapotado; receando, porém, assustar The-

reza e privar-se da entrevista, escreveu nova carta, em que não transluzia medo de seratacado, nem sequer receio de marear-lhe a fama Quiz parecer a Simão Botelho que este era o digo porte de um amante corajoso.

Passou o estudante aquelle dia contando as longas horas, e meditando instante: nos funestos resultados que podia ter a sua temeraria ida, se Balthazar Coutinho era aquelle homem que reservara para melhor relance a vingançala provocação insolente. Mas de si para si tinha de que pensar em tal era mais cobardia que prudeoia.

O ferrador tinha uma filha, mca de vinte e quatro annos, fórmas bonitas, um rosto bello e triste. Notou Simão os reparos em ue ella se demorava a contemplal-o, e perguntc-lhe a causa d'aquelle olhar melancolico com qu ella o fitava. Marianna córou, abriu um sorriso tste, e respondeu:

— Não sei o que me adivinha o:oração a respeito de vossa senhoria. Alguma desraça está para lhe succeder...

— A menina não dizia isso — repcou Simão — sem saber alguma coisa da minha vla.

— Alguma coisa sei... — tornouella.

— Ouviu contar ao arreeiro?

— Não, senhor. É que meu pae onhece o paisinho de vossa senhoria, e tambemconhece o senhor. E ha bocadinho que eu ouvi:star meu pae a dizer a meu tio, que é o arreeircque veio com

vossa senhoria, que tinha suas razões para saber que alguma desgraça lhe estava para acontecer...

— Porquê?

— Pr'amor d'uma fidalga de Vizeu, que tem um primo em Castro d'Aire.

Simão espantou-se da publicidade do seu segredo, e ia colher pormenores do que elle julgava mysterio entre duas familias, quando o mestre ferrador João da Cruz entrou no sobrado, onde o precedente dialogo se passára. A moça, como ouvisse os passos do pae, sahira lestamente por outra porta.

— Com sua licença — disse mestre João.

Dizendo, fechou por dentro ambas as portas, e sentou-se sobre uma arca.

— Ora, meu fidalgo — continuou elle, descendo as mangas arregaçadas da camiza, e apertando-as com difficuldade nos grossos pulsos, como quem sabe as etiquetas das mangas — ha de desculpar que eu viesse assim em mangas de camiza: mas não dei com a jaqueta...

— Está muito bem, senhor João — atalhou o academico.

— Pois, senhor, eu devo um favor a seu pae, e um favor d'aquella casta. Uma vez armou-se aqui á minha porta uma desordem, a trôco d'um couce que um macho d'um almocreve deu numa egua, que eu estava ferrando, e, em tão boa hora foi, que lhe partiu rente o jarrete por aqui, salvo tal logar.

João da Cruz mostrou na sua perna o ponto por onde fôra fracturada a da egua, e continuou:

— Eu tinha ali á mão o martello, e não me tive que não pregasse com elle na cabeça do macho, que foi logo p'ra terra. O recoveiro de Carção, que era chibante, deitou as unhas a um bacamarte, que trazia entre uma carga, e desfechou commigo, sem mais tirte nem garte. «Ó alma damnada! — disse-lhe eu — pois tu vês que o teu macho me aleijou esta egua, que custou vinte peças a seu dono, e que eu tenho de pagar, e dás-me um tiro por eu te atordoar o macho!?»

— E o tiro acertou-lhe? — atalhou Simão.

— Acertou; mas saberá vossa senhoria que me não matou; deu-me aqui por este braço esquerdo com dois quartos. E vae eu, entro em casa, vou á cabeceira da cama, e trago uma clavina, e desfecho-lh'a na taboa do peito. O almocreve cahiu como um tôrdo, e não tugiu nem mugiu. Prenderam-me, e fui para Vizeu e já lá estava ha tres annos, no anno em que o paesinho de vossa senhoria veio corregedor. Andava muita gente a trabalhar contra mim, e todos me diziam que eu ia pernear na forca. Estava lá na enxovia commigo um preso a cumprir sentença, e disse-me elle que o senhor corregedor tinha muita devoção com as sete dôres de Nossa Senhora. Uma vez que elle ia passando com a familia para a missa, disse-lhe eu: «Senhor corregedor, peço a vossa senhoria, pelas sete dôres de Maria Santissima, que me mande ir á sua pre-

sença, para eu explicar a minha culpa a vossa senhoria.» O paesinho de vossa senhoria chamou o meirinho geral, e mandou tomar o meu nome. Ao outro dia fui chamado ao senhor corregedor, e contei-lhe tudo, mostrando-lhe ainda as cicatrizes do braço. Seu pae ouviu-me, e disse-me: «Vae-te embora, que eu farei o que puder.» O caso é, meu fidalgo, que eu sahi absolvido, quando muita gente dizia que eu havia de ser enforcado á minha porta. Faz favor de me dizer se eu não devo andar com a cara onde o seu paesinho põe os pés!?

— Tem o senhor João motivo para lhe ser grato, não ha duvida nenhuma.

— Agora faz favor de ouvir o mais. Eu, antes de ser ferrador, fui criado de farda em casa do fidalgo de Castro d'Aire, que é o senhor Balthazar. Conhece-o vossa senhoria? Ora, se conhece!...

— Conheço de nome.

— Foi elle que me abonou dez moedas de ouro para me estabelecer; mas paguei-lh'as, Deus louvado. Ha de haver seis mezes que elle me mandou chamar a Vizeu, e me disse que tinha trinta peças para me dar, se eu lhe fizesse um serviço. «O que vossa senhoria quizer, fidalgo.» E vae elle disse-me que queria que eu tirasse a vida a um homem. Isto boliu cá por dentro commigo, porque, a falar a verdade, um homem que mata outro num apêrto não é matador de officio, acho eu, não é assim?

— De certo... — respondeu Simão, adivinhando

o remate da historia. — Quem era o hmem que elle queria morto?

— Era vossa senhoria... Ó homm! — disse o ferrador com espanto — O senhor nem sequer mudou de côr!

— Eu não mudo nunca de côr, snhor João — disse o academico.

— Estou pasmado!

— E vocemecê não acceitou a incumbencia, pelo que vejo — tornou Simão.

— Não, senhor; e então, logo que elle me disse quem era, a minha vontade era prgar-lhe com a cabeça numa esquina.

— E elle disse-lhe a razão por que me mandava matar?

— Não, meu fidalgo; eu lhe conto: Na semana adiante, quando soube que o senhor Balthazar (raios o partam!) tinha sahido de Vizeu, fui falar com o senhor corregedor, e contei-lhe tudo como se passára. O senhor corregedor esteve a scsmar um pouquinho, e disse-me, e vossa senhoria ha de perdoar por eu lhe dizer o que o seu pae me disse tal e qual.

— Diga.

— Seu pae começou a esfregar o nariz, e disse-me: «Eu sei o que é isso. Se aquele brejeiro de meu filho Simão tivesse honra, não olharia para a prima d'esse assassino. Cuida o patife que eu consentia que meu filho se ligasse a uma filha de Thadeu de Albuquerque!...» Ainda dise mais coisas

que me não lembram; mas eu fiquei sabendo tudo. Ora aqui tem o que houve. Agora appareceu-me aqui vossa senhoria, e a noite passada foi a Vizeu. Perdoará a minha confiança; mas vossa senhoria foi falar com a tal menina: e eu estive vai não vai a seguil-o; mas como ia meu cunhado, que é homem para tres, fiquei descançado. Elle contou-me um encontro que vossa senhoria teve á porta do quintal da menina. Se lá torna, senhor Simão, vá preparado para alguma coisa de maior. Eu bem sei que vossa senhoria não é medroso; mas d'uma traição ninguem se livra. Se quer que eu vá tambem, estou ás suas ordens; e a clavina que deu policia ao almocreve ainda ali está, e dá fogo debaixo d'agua, como diz o outro. Mas, se vossa senhoria dá licença que eu lhe diga a minha opinião, o melhor é não andar nessas encamizadas. Se quer casar com ella, vá pedir a seu pae licença, e deixe o resto cá por minha conta; ponto é que ella queira, que eu, num abrir e fechar d'olhos, atiro com ella para cima d'uma egua de chupêta, que ali tenho, e o pae e mais o primo ficam a vêr navios.

— Obrigado, meu amigo — disse Simão — Aproveitarei os seus bons serviços, quando me forem necessarios. Esta noite hei de ir, como fui a noite passada, a Vizeu. Se houver novidade, então veremos o que se ha de fazer. Conto com vocemecê, e creia que tem em mim um amigo.

Mestre João da Cruz não replicou. D'ali foi examinar miudamente a fecharia da clavina, e en-

tender-se com o cunhado sobre cautelas necessarias, em quanto descarregava a arca, e a carregava de novo com uns zagalotes especiaes, que elle denominava «amendoas de pimpes.»

Neste intervallo, Marianna, filha do ferrador, entrou no sobrado, e disse com meiguice a Simão Botelho:

— Então sempre é certo ir?

— Vou; porque não hei de ir?!

— Pois Nossa Senhora vá na sua companhia — tornou ella, sahindo logo para esconder as lagrimas.

VI

Ás dez horas e meia da noite d'aquelle dia, tres vultos convergiram para o local d'aro frequentado, em que se abria a porta do quintal de Thadeu de Albuquerque. Ali se detiveram alguns minutos discutindo e gesticulando. De tres vultos havia um, cujas palavras eram ouvidas em silencio e sem réplicas pelos outros. Dizia-se a um dos dois:

— Não convem que estejas perto d'esta porta. Se o homem apparecesse aqui mortas suspeitas cahiam logo sobre mim ou meu tio. Afastem-se vocês um do outro, e tenham o ouvido applicado ao tropel do cavallo. Depois apressem o passo até

o encontrarem, de modo que os tiros sejam dados longe d'aqui.

— Mas... — atalhou um — quem nos diz que elle veio hontem a cavallo, e hoje vem a pé?

— É verdade — accrescentou o outro.

— Se elle vier a pé, eu lhes darei aviso para o seguirem depois até o terem a geito de tiro, mas longe d'aqui, percebem vocês? — Disse Balthazar Coutinho.

— Sim, senhor; mas se elle sae de casa do pae, e entra sem nos dar tempo?

— Tenho a certeza de que não está em casa do pae, já lh'o disse. Basta de palavriado. Vão esconder-se atrás da igreja, e não adormeçam.

Debandou o grupo, e Balthazar ficou alguns momentos encostado ao muro. Soaram os tres quartos depois das dez. O de Castro d'Aire collou o ouvido á porta, e retirou-se acceleradamente, ouvindo o rumor da folhagem sêcca que Thereza vinha pizando.

Apenas Balthazar, cozido com o muro, desapparecera, um vulto assomou do outro lado a passo rapido. Não parou: foi direito a todos os pontos onde uma sombra podia figurar um homem. Rodeou a igreja que estava a duzentos passos de distancia. Viu os dois vultos direitos com o recanto que formava a juncção da capella mór, e sobre o qual cahia as sombras da torre. Fitou-os de passagem, e suspeitou: não os conheceu, mas elles disseram entre si, depois que elle desapparecera:

— É o João da Cruz, ferrador, a o diabo por elle!...

— Que fará a esta hora por aqui

— Eu sei!

— Não desconfias que elle entre isto?

— Ágora! se entrasse, era por ns. Não sabes que elle foi mochilla do nosso amo?

— E tambem sei que pôs a loja om o dinheiro do snr. Balthazar.

— Pois então que medo tens?

— Não ha medo; mas tambem se que foi o corregedor que o livrou da forca...

— Isso que tem! O corregedor no se importa com isto, nem sabe que o filho cá esá...

— Assim será; mas não estou muib contente... Elle é homem dos diabos...

— Deixal-o ser... tanto entram as balas nelle como noutro...

A discussão continuou sobre varias conjecturas. De tudo o que elles disseram uma coisa era certissima: ser o vulto o João da Cruz, ferrador.

Teria este dado trezentos passos, quando os criados de Balthazar ouviram o remoto tropel da cavalgadura.

Ao tempo que elles sahiam do seu esconderijo, sahia João da Cruz á frente do cavalleiro. Simão aperrou as pistolas, e o arreeiro umaclavina.

— Não ha novidade — disse o ferador — mas saiba vossa senhoria que já podia etar em baixo do cavallo com quatro zagalotes no pito.

O arreeiro reconheceu o cunhado, e disse:

— És tu, João?

— Sou eu. Vim primeiro que tu.

Simão estendeu a mão ao ferrador, e disse commovido:

— Dê cá a sua mão; quero sentir na minha a mão de um homem honrado.

— Nas occasiões é que se conhecem os homens — redarguiu o ferrador. — Ora vamos... não ha tempo para falatorio. O senhor doutor tem uma espera.

— Tenho? — disse Simão.

— Atrás da igreja estão dois homens que eu não pude conhecer; mas não se me dava de jurar que são criados do snr. Balthazar. Salte abaixo do cavallo, que ha de haver mostarda. Eu disse-lhe que não viesse; mas vossa senhoria veio, e agora é andar com a cara para a frente.

— Olhe que eu não tremo, mestre João — disse o filho do corregedor.

— Bem sei que não; mas á vista do inimigo, veremos.

Simão tinha apeado. O ferrador tomou as rédeas do cavallo, recuou alguns passos na rua, e foi prendel-o á argola da parede de uma estalagem.

Voltou, e disse a Simão que o seguisse a elle e ao cunhado na distancia de vinte passos; e que, se os visse parar perto do quintal de Albuquerque, não passasse do ponto d'onde os visse.

Quiz o academico protestar contra um plano,

que o humilhava como protegido pela defesa dos dois homens; o ferrador, porém, não admittiu a réplica.

— Faça o que eu lhe digo, fidalgo — disse elle com energia.

João da Cruz e o cunhado, espiando todas as esquinas, chegaram defronte do quintal de Thereza, e viram um vulto a sumir-se no angulo da parede.

— Vamos sobre elles — disse o ferrador — que lá passaram para o adro da igreja; neste entrementes, o doutor chega á porta do quintal e entra; depois voltaremos para lhe guardar a sahida.

Neste proposito, moveram-se apressados, e Simão Botelho caminhou com as pistolas aperradas na direcção da porta. Em frente do muro do jardim de Thereza havia uma cascalheira escarpada, que se esplainava depois numa alamêda sombria.

Os dois criados de Balthazar, quando o tropel do cavallo parou, recordaram as ordens do amo, no caso de vir a pé Simão. Buscaram sitio azado para o espreitarem na sahida, e entraram na alamêda quando o academico chegava á porta do quintal.

— Agora está seguro — disse um.

— Se lá não ficar dentro... — repondeu o outro, vendo-o entrar, e fechar-se a porta.

— Mas além véem dois homens.. — disse o mais assustado, olhando para a outa entrada da alamêda.

— E véem direitos a nós... Apera lá a clavina...

— O melhor é retirarmos. Nós estamos á espera do outro, e não d'estes. Vamos embora d'aqui...

Este não esperou convencer o companheiro: desceu a ribanceira do cascalho. O mais intrepido teve tambem a prudencia de todos os assassinos assalariados: seguiu o assustadiço, e deu-lhe razão, quando ouviu após de si os passos velozes dos perseguidores. Sahiu-lhes o amo de frente, quando dobravam a esquina do quintal, e disse-lhes:

— Vocês a que fogem, seus poltrões?

Os homens pararam de envergonhados, aperrando os bacamartes.

João da Cruz e o arreeiro appareceram, e Balthazar caminhou para elles, bradando.

— Alto ahi!

O ferrador disse ao cunhado:

— Fala-lhe tu, que eu não quero que elle me conheça.

— Quem manda fazer alto? — disse o arreeiro.

— São tres clavinas — respondeu Balthazar.

— Olha se os demoras a dar tempo que o doutor sáia — disse João da Cruz ao ouvido do arreeiro.

— Pois nós cá estamos parados — replicou o criado de Simão. — Que nos querem vocês?

— Quero saber o que teem que fazer neste sitio.

— E vocês que fazem por cá?

— Não admitto perguntas — disse o de Castro d'Aire, aventurando alguns passos vacillantes para a frente. — Quero saber quem são.

Mestre João disse ao ouvido do cunhado:

— Dize-lhe que se dá mais um passo que o arrebentas.

O arreeiro repetiu a clausula, e Balthazar parou.

Um dos criados d'este chamou-o ao lado para lhe dizer que aquelle dos dois, que não falava, parecia ser o João da Cruz. O morgado duvidou, quiz esclarecer-se; mas o ferrador ouvira as palavras do criado, e disse ao cunhado:

— Vem commigo, que elles conhecem-me.

Dizendo, voltou as costas ao grupo, e caminhou ao longo do quintal de Thadeu de Albuquerque. Os criados de Balthazar, gloriosos da retirada, como de uma derrota certa, apressaram o passo na cola dos suppostos fugitivos. O morgado ainda lhes disse que os não seguissem; nas elles, momentos antes cobardes, queriam desforrar-se agora, correndo após o inimigo tanto quanto lhe tinham fugido antes.

Simão Botelho ouvira passos ligeiros, e, compellido pelo susto de Thereza, abrra a porta do quintal, sem saber ainda de quem fossem os passos. João da Cruz, com ar galhofeiro, já quando os perseguidores se viam, disse ao filho do corregedor, se estava ajustado o casamento, que não havia panno para mangas.

Simão entendeu o perigo, apertou convulsamente a mão de Thereza, e retirou-se. Queria elle reconhecer os dois vultos parados a distancia; mas João da Cruz, com o tom imperioso de quem obriga á submissão, disse ao filho do corregedor:

— Vá por onde veio, e não olhe para trás.

Simão foi indo até encontrar o cavallo. Montou, e esperou os dois inalteraveis guardas que o seguiam a passo vagaroso. Maravilhara-os o subito desapparecimento dos criados de Balthazar, e recearam-se de alguma espera fóra da cidade. O ferrador conhecia o atalho que podia levar os da emboscada ao caminho, e revelou o seu receio a Simão, dizendo-lhe que picasse a toda a brida, que elle e o cunhado lá iriam ter. O academico recebeu com enfado a advertencia, admoestando-os a que o não tivessem em tão vil preço. E acintemente soffreou as rédeas, para não forçar os homens a aligeirar o passo.

— Vá como quizer — disse mestre João — que nós vamos por fóra do caminho.

E subiram a uma rampa de olivaes, para tornarem a descer encobertos por moitas de giestas, cozendo-se aos torcicolos d'uma parede parallela com a estrada.

— O atalho vae acolá onde a serra faz aquelle cotovêlo — disse o ferrador ao cunhado — hão de ali passar, ou já passaram. A estrada vai mesmo na quebrada d'aquelle outeirinho. Os homens é d'ali que lhe vão atirar, encobertos pelos sobreiros. Vamos depressa...

E um pouco descobertos, e outro curvados á sombra das devêzas, chegaram a um vallado d'onde ouviram os passos dos dois homens que atravessavam o pontilhão de um córrego.

*

— Já não vamos a tempo — disse afflicto o João da Cruz — os homens vão atirar-lhe, porque o cavallo trupa cá muito atrás.

E corriam já sem temor de serem vistos, porque os outros tinham dobrado o outeiro, em cujo valle corria a estrada.

— Os homens vão atirar-lhe... — disse o ferrador.

— Gritemos d'aqui ao doutor que não vá para diante.

— Já não é tempo... Ou o maten ou não matem, quando voltarem são nossos.

Tinham já passado o pontilhão, e subiram a ladeira, quando ouviram dois tiros.

— Arriba! — exclamou João da Cruz — que não vão elles metter-se á estrada, se mataram o fidalgo.

Tinham vencido a chan, esbofados e anciados, com as clavinas aperradas. Os criados de Balthazar, ao envez da conjectura do ferrador, retrocediam pelo mesmo atalho, suppondo que os companheiros de Simão iam adiante batendo os pontos azados á emboscada, ou se tinham retardado.

— Elles ahi véem! — disse o arreeiro.

— Nós cá estamos — respondeu o ferrador, sentando-se a coberto de um cômoro. — Senta-te tambem, que não estou p'ra correr atrás d'elles.

Os assassinos, a dez passos, viram de frente erguerem-se os dois vultos, e ladearam cada qual para o seu lado, um galgando os socalcos de uma vinha, o outro atirando-se a uns silveiraes.

— Atira ao da esquerda! — disse João da Cruz.

Foram simultaneas as explosões. A pontaria do ferrador fez logo um cadaver. Os balotes do arreeiro não estremaram o outro entre o carrascal onde se enbrenhára.

A este tempo assomava Simão no tezo d'onde lhe tinham atirado, e corria ao ponto onde ouvira os segundos tiros.

— É vossa senhoria, fidalgo? — bradou o ferrador.

— Sou.

— Não o mataram?

— Creio que não — respondeu Simão.

— Este desalmado deixou fugir o melro — tornou João da Cruz — mas o meu lá está a pernear na vinha. Sempre lhe quero ver as trombas...

O ferrador desceu os tres socalcos da vinha, e curvou-se sobre o cadaver, dizendo:

— Alma de cantaro, se eu tivesse duas clavinas não ias sósinho para o inferno.

— Anda d'ahi! — disse o arreeiro — deixa lá esse diabo que o senhor doutor está ferido num hombro. Vamos depressa, que está o sangue a escorrer-lhe.

— Eu vi duas cabeças a espreitarem-me de cima da ribanceira, e cuidei que eram vocês — disse Simão, em quanto o ferrador, com a destreza de habil cirurgião, lhe enfeixava com lenços o braço ferido. — Parei o cavallo, e disse: «Olé! ha novidade?» Logo que me não responderam, saltei para

terra; mas ainda eu tinha o pé no eribo quando me fizeram fogo. Quiz saltar á ribandra, mas não pude romper o matto. Dei uma volt grande para achar subida, e foi então que dei f de estar ferido...

— Isto é uma arranhadura — disseJoão da Cruz — olhe que eu sei d'isto, fidalgo! Etou affeito a curar muitas feridas.

— Nos burros, mestre João? — esse o ferido, sorrindo.

— E nos christãos tambem, senhodoutor. Olhe que houve em Portugal um rei que ão queria outro medico senão um alveitar. Hei-denostrar-lhe o meu corpo, que está uma rêde de facdas, e nunca fui ao cirurgião. Com ceroto e vinare sou capaz de ir resuscitar aquelle alma do diab que ali está a escutar a cavallaria.

Nisto ouviu-se um leve rumor defolhagem no matagal para onde tinha saltado o coipanheiro do morto.

João da Cruz, como galgo de fincolfacto, fitou a orelha e resmungou:

— Querem vocês vêr que ellas s armam!... Dar-se-ha caso que o outro ainda eseja por ali a tremer maleitas!...

O rumor continuou e logo um bado de passaros rompeu d'entre a folhagem chilrando.

— O homem está ali — tornou ferrador. — Passe-me cá uma pistola, senhor Simo!

Correu mestre João, e ao mesm tempo uma

grande rostilhada se fez entre as moitas de codêços e urzes.

— Elle estrinça lenha como um porco do monte! — exclamou o ferrador. — Ó cunhado, bate este matto com alguns penedos; quero vêr sahir o javali da moita!...

Para o outro lado da bouça estava um plaino cultivado. Simão, rodeando a sebe, conseguira saltar ao campo por sobre a pedra d'um agoeiro.

— Tenha lá mão, mestre; não vá você atirar-me! — bradou Simão ao ferrador.

— Pois o fidalgo já ahi anda!! Então está fechado o cêrco. Eu cá vou fazer de furão. Se este nos escapa, não ha nada seguro neste mundo!

Não se enganaram. O criado de Balthazar Coutinho, quando se atirara desamparado á brenha, desnocara um joelho, e cahira atordoado. O arreeiro não examinou o effeito do tiro, porque atirara á ventura, e achava natural que o fugitivo se não molestasse. Quando volveu a si do aturdimento da quéda, o homem arrastou-se até encontrar um cerrado de arvores silvestres, em que pernoitava a passarinhada. Como os melros cacarejassem, esvoaçando, o criado de Balthazar retrocedeu para o matto, cuidando que ahi escaparia; mas o arreeiro jogava enormes calhaus em todas as direcções, e alguns acertavam mais que as balas do seu bacamarte. João da Cruz tirou do bolso da jaqueta um podão, e começou a cortar a selva de carvalhas novas e giestaes que se emmaranhavam em redor do

esconderijo. Já cansado, porém, e visto o pouco fructo do trabalho, disse ao arreeiro:

— Petisca lume, vae ali dentro buscar um pouco de restolho sêcco, e vamos pegar fogo ao matto, que este ladrão ha de morrer assado.

O perseguido, quando tal ouviu, tirou do maior perigo coragem para fugir, rompendo a espessura e saltando a parede da tapada para o campo de restolho em que o arreeiro andava apanando palha, e Simão esperava o desfecho da motaria. Correram a um tempo o arreeiro e o academico sobre elle. O fugitivo, sentindo-se alcançado lançou-se de joelhos e mãos erguidas, pedindo perdão, e dizendo que o amo o obrigára áquella desgraça. Já a coronha do bacamarte do arreeiro lhe ia direita ao peito, quando Simão lhe reteve o braço.

— Não se bate assim num homem joelhado! — disse o moço — Levanta-te, rapaz!

— Eu não posso, senhor. Tenho uma perna quebrada, e estou aleijado para a minha vida.

Neste comenos, chegou o ferrador e exclamou:

— Pois esse tratante ainda está vivo!

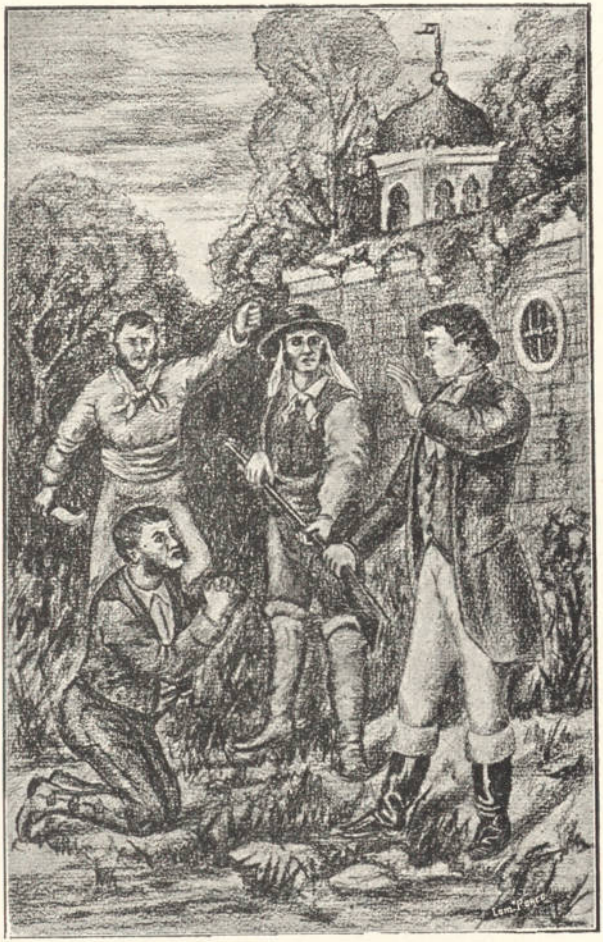
E correu sobre elle com o podão.

— Não mate o homem, senhor Joaquim! — disse o filho do corregedor.

— Que o não mate! essa é de cabo de esquadra! Com que então o fidalgo quer pagar-me com a forca o favor de o acompanhar... eim?

— Com a forca!? — atalhou Simão.

— Podéra não! Quer que este homem fique para



NÃO SE BATE ASSIM NUM HOMEM AJOELHADO !

ir contar a historia? Acha bonito? Lá vossa senhoria, como é filho de ministro, não terá perigo; mas eu, que sou ferrador, posso contar que d'esta vez tenho o baraço no pescoço. Não me faz geito o negocio. Deixe-me cá com o homem...

— Não o mate, senhor João; peço-lhe eu que o deixe ir. Uma testemunha não nos póde fazer mal.

— O quê! — redarguiu o ferrador — vossa senhoria é doutor, saberá muito, mas de justiça não sabe nada, e ha de perdoar o meu atrevimento. Basta uma só testemunha para guiar a justiça na devassa. Ás duas por tres, uma testemunha de vista, e quatro de ouvir dizer, com o fidalgo de Castro d'Aire a mexer os pausinhos, é forca certa, como dois e dois serem quatro.

— Eu não digo nada; não me matem, que eu não torno a ir para Castro d'Aire — exclamou o homem.

— Deixe-o ficar, João da Cruz... vamos embora...

— Isso! — acudiu o ferrador — chame-me João da Cruz!... para este maroto ficar bem certo de que sou o João da Cruz!... Com effeito, não sei o que me parece vossa senhoria querer deixar com vida um alma do diabo que lhe deu um tiro para o matar.

— Pois sim, tem você razão; mas eu não sei castigar miseraveis que me não resistem.

— E se elle o tivesse matado, castigava-o? Responda a isto, senhor doutor.

— Vamos embora — tornou Simão — deixemos para ahi esse miseravel.

Mestre João scismou alguns momentos, coçando a cabeça, e resmungou com descontentamento:

— Vamos lá... Quem o seu inimigo poupa nas mãos lhe morre.

Tinham já sahido do plaino e saltado a tapada, e iam descendo para a estrada, quando o ferrador exclamou:

— Lá me ficou a minha clavina encostada á sebe. Vão indo que eu venho já.

O arreeiro conduzia o cavallo, que pacificamente estivera tozando a relva das paredes marginaes da estrada, quando Simão ouviu gritos. Conjecturou com certeza o que era.

— O João lá está a fazer justiça! — disse o arreeiro. — Deixal-o lá, meu amo, que elle é homem que sabe o que faz.

João da Cruz appareceu d'ahi a pouco, limpando com fentos o podão ensanguentado.

— Você é cruel, snr. João — disse o academico.

— Não sou cruel — disse o ferrador — o fidalgo está enganado commigo; é que diz lá o ditado, morrer por morrer, morra meu pae que é mais velho. Tanto faz matar um como dois. Quando se está com a mão na massa, tanto faz amassar um alqueire como tres. As obras devem ser acabadas, ou então o melhor é não se metter a gente nellas. Agora, levo a minha consciencia socegada. A justiça que prove, se quizer; mas não ha de ser porque lh'o

digam aquelles dois que eu mandei de presente ao diabo.

Simão teve um instante de horror do homicida, e de arrependimento de se ter ligado com tal homem.

VII

O ferimento de Simão Botelho era melindroso de mais para obedecer promptamente ao curativo do ferrador, enfronhado em aforismos de alveitaria. A bala passara-lhe de revés a porção muscular do braço esquerdo; mas algum vaso importante rompera, que não bastavam compressas a vedar-lhe o sangue. Horas depois de ferido, o academico deitou-se febril, deixando-se medicar pelo ferrador. O arreeiro partiu para Coimbra, encarregado de espalhar a noticia de ter ficado no Porto Simão Botelho.

Mais que as dôres e o receio da amputação, o mortificava a ancia de saber novas de Thereza. João da Cruz estava sempre de sobre-rolda, precavido contra algum procedimento judicial por suspeitas d'elle. As pessoas que vinham de feirar na cidade contavam todas que dois homens tinham apparecido mortos, e constava serem criados d'um fidalgo de Castro d'Aire. Ninguem, porém, ouvira imputar o assassinio a determinadas pessoas.

Na tarde d'esse dia recebeu Simão a seguinte carta de Thereza:

«Deus permita que tenhas chegado sem perigo «a casa d'essa boa gente. Eu não sei o que se «passa mas ha coisa mysteriosa que eu não posso «adivinhar. Meu pae tem estado toda a manhan fe- «chado com o primo, e a mim não ne deixa sahir «do quarto. Mandou-me tirar o tinteiro; mas eu «felizmente estava prevenida com outro. Nossa Se- «nhora quiz que a pobre viesse pelir esmola de- «baixo da janella do meu quarto; senão, eu nem «tinha modo de lhe dar signal para ella esperar «esta carta. Não sei o que ella me disse. Falou-me «em criados mortos; mas eu não puce entender... «Tua mana Rita está-me acenando por trás dos vi- «dros do teu quarto...

«Disse-me agora tua mana que os moços de «meu primo tinham apparecido mortos perto da «estrada. Agora já sei tudo. Estive para lhe dizer «que tu ahi estás; mas não me deram tempo. Meu «pae de hora a hora dá passeios no corredor, e «solta uns ais muito altos.

«Ó meu querido Simão, que será feito de ti?... «Estarás tu ferido? Serei eu a causa da tua morte?

«Dize-me o que souberes. Eu já não peço a «Deus senão a tua vida. Foge d'esses sitios: vae «para Coimbra, e espera que o tempo melhore a «nossa situação. Tem confiança nesta desgraçada, «que é digna da tua dedicação... Chega a pobre: «não quero demoral-a mais... Perguntei-lhe se se

« dizia de ti alguma coisa, e ella respondeu que « não. Deus o queira. »

Respondeu Simão a querer tranquillisar o animo de Thereza. Do seu ferimento falava tão de passagem, que dava a suppôr que nem o curativo era necessario. Promettia partir para Coimbra logo que o pudesse fazer sem receio de Thereza soffrer na sua ausencia. Animava-a a chamal-o, assim que as ameaças do convento passassem a ser realisadas.

Entretanto, Balthazar Coutinho, chamado ás auctoridades judiciarias para esclarecer a devassa instaurada, respondeu que effectivamente os homens mortos eram seus criados, de quem elle e sua familia se acompanhára de Castro d'Aire. Accrescentou que não sabia que elles tivessem inimigos em Vizeu, nem tinha contra alguem as mais leves presumpções.

Os mais proximos vizinhos da localidade, onde os cadaveres tinham apparecido, apenas depunham que, alta noite, tinham ouvido dois tiros ao mesmo tempo, e outro, pouco depois. Um apenas adiantava coisa que não podia allumiar a justiça, e vinha a ser que o matto, nas visinhanças do local, fôra chapotado. Nesta escuridade a justiça não podia dar passo algum.

Thadeu de Albuquerque era connivente no attentado contra a vida de Simão Botelho. Fôra seu o alvitre, quando o sobrinho denunciou a causa das sahidas frequentes de Thereza, na noite do baile. Tanto ao velho como ao morgado convinha apagar

algum indicio que pudesse envolvêl-os no mysterio d'aquellas duas mortes. Os criados não mereciam a pena d'um desforço que implicasse o desdouro de seus amos. Provas contra Simão Botelho não podiam adduzil-as. Áquella hora o suppunham elles a caminho de Coimbra, ou refugiado em casa de seu pae. Restava-lhes ainda a esperança de que elle tivesse sido ferido, e fosse acabar longe do local em que o tinham assaltado.

Em quanto a Thereza, resolveu Albuquerque encerral-a num convento do Porto, e escolheu Monchique, onde era prioreza uma sua proxima parenta. Escreveu á prelada para lhe preparar aposentos, e ao seu procurador para negociar as licenças ecclesiasticas para a entrada. Todavia, receando o velho algum incidente no espaço de tempo que medeava até se conseguirem as licenças, resolveu não ter comsigo Thereza, e solicitou a retenção temporaria d'ella num convento de Vizeu

Acabára Thereza de lêr e esconder no seio a resposta de Simão Botelho, que a nendiga lhe passára ao escurecer, pendente de uma linha, quando o pae entrou no seu quarto, e a mandou vestir-se. A menina obedeceu, tomando uma capa e um lenço.

— Vista-se como quem é: lembre-se que ainda tem os meus appellidos — disse com severidade o velho.

— Cuidei que não era preciso vestir-me melhor para sahir á noite... — disse Thereza.

— E a senhora sabe para onde vae?

— Não sei... meu pae.

— Então vista-se, e não me dê leis.

— Mas, meu pae, attenda-me um momento.

— Diga.

— Se a sua ideia é obrigar-me a casar com meu primo...

— E d'ahi?

— De certo não caso; morro, e morro contente, mas não caso.

— Nem elle a quer. A senhora é indigna de Balthazar Coutinho. Um homem do meu sangue não acceita para esposa uma mulher que fala de noite aos amantes nos quintaes. Vista-se depressa, que vai para um convento.

— Promptamente, meu pae. Esse destino lh'o pedi eu muitas vezes.

— Não quero reflexões. D'aqui a pouco appareça-me vestida. Suas primas esperam-a para a acompanharem.

Quando se viu sosinha, Thereza debulhou-se em lagrimas e quiz escrever a Simão. Áquella hora quem lhe levaria a carta? Apellou para o retabulo da Virgem, que ella fizera confidente do seu amor. Pediu-lhe de joelhos que a protegesse, e désse forças a Simão para resistir ao golpe, e guardar-lhe constancia através dos trabalhos que succedessem. Depois vestiu-se, comprimindo contra o seio o embrulho em que levava o tinteiro, o papel e o macête das cartas de Simão. Sahiu do seu quarto, relanceando os olhos lagrimosos para o painel da

Virgem, e encontrando o pae, pediu-lhe licença para levar comsigo aquella devota nagem.

— Lá irá ter — respondeu elle. — Se tivesse tanta vergonha como devoção, seria mais feliz do que ha de ser.

Uma das primas, irmans de Baltazar, chamou-a de parte, e segredou-lhe:

— Ó menina! estava ainda na tua mão dares remedio á desordem d'esta casa...

— Qual remedio?! — perguntou Thereza com artificial seriedade.

— Dize a teu pae que não duvias casar com o mano Balthazar.

— O primo Balthazar não me quer — replicou ella sorrindo.

— Quem te disse isso, Therezina?

— Disse-m'o meu pae.

— Deixa falar teu pae, que está desatinado com o amor que te tem. Queres tu que eu lhe fale?

— Para que?

— Para se remediar d'este modo a desgraça de todos nós.

— Estás a brincar, prima! — redarguiu Thereza. — Eu hei de ser tua cunhada, quando não tiver coração. Teu mano tem a certeza de que eu amo outro homem. Queria viver para elle; mas, se quizerem que eu morra por elle, abençoarei todos os meus algozes. Podes dizer isso ao primo Balthazar, e dize-lh'o antes que te esqueça.

— Então vamos?! — disse o velho.

— Estou prompta, meu pae.

Abriu-se a portaria do mosteiro. Thereza entrou sem uma lagrima. Beijou a mão de seu pae, que elle não ousou recusar-lhe na presença das freiras. Abraçou suas primas, com semblante de regosijo; e, ao fechar-se a porta, exclamou, com grande espanto das monjas:

— Estou mais livre que nunca. A liberdade do coração é tudo.

As freiras olharam-se entre si, como se ouvissem na palavra «coração» uma heresia, uma blasphemia proferida na casa do Senhor.

— Que diz a menina?! — perguntou a prioreza, fitando-a por cima dos oculos, e apanhando no lenço de Alcobaça a destillação do esturrinho.

— Disse eu que me sentia aqui muito bem, minha senhora.

— Não diga *minha senhora* — atalhou a escrivan.

— Como hei de dizer?

— Diga «nossa madre prioreza.»

— Pois sim, nossa madre prioreza, disse eu que me sentia aqui muito bem.

— Mas quem vem para estas casas de Deus não vem para se sentir bem — tornou a nossa madre prioreza.

— Não?! — disse Thereza com sincera admiração.

— Quem para aqui vem, menina, ha de mortificar o espirito, e deixar lá fóra as paixões mundanas. Ora pois! Aqui está a nossa madre mestra

de noviças, a quem compete encaminhal-a e dirigil-a.

Thereza não redarguiu: fez um gesto de respeito á mestra de noviças, e seguiu o caminho que a prelada lhe ia indicando.

A nossa madre entrou nos seus aposentos, e disse a Thereza que era sua hospeda emquanto ali estivesse; e ajuntou que não sabia se seu pae escolheria aquelle convento ou outro.

— Que importa que seja um ou outro? — disse Thereza.

— É conforme. Seu pae póde querer que a menina professe em ordem rica das bentas ou bernardas.

— Professe! — exclamou Thereza.—Eu não quero ser freira aqui, nem noutra parte.

— A senhora ha de ser o que seu pae quizer que seja.

— Freira!? a isso não póde ninguem obrigar-me! — recalcitrou Thereza.

— Isso assim é — retorquiu a prioreza — mas como a menina tem de noviciado um anno, sobra-lhe tempo para se habituar a esta vida, e verá que não ha vida mais descançada pra o corpo, nem mais saudavel para a alma.

— Mas a nossa madre — torou Thereza, sorrindo como se a ironia lhe fosse habitual — já disse que a estas casas ninguem vem pra se sentir bem...

— É um modo de falar, meina. Todos temos as nossas mortificações e obrigações de côro e de

serviços para que nem sempre o espirito está bem disposto. Ora vês-ahi. Mas, em comparação do que lá vae pelo mundo, o convento é um paraizo. Aqui não ha paixões, nem cuidados que tirem o somno, nem a vontade de comer, bemdito seja o Senhor! Vivemos umas com as outras, como Deus com os anjos. O que uma quer, querem todas. Más linguas é coisa que a menina não ha de achar aqui, nem intriguistas, nem murmurações de soalheiro. Emfim, Deus fará o que fôr servido. Eu vou á cozinha buscar a ceia da menina, e já volto. Aqui a deixo com a senhora madre organista, que é uma pomba, e com a nossa mestra de noviças, que sabe dizer melhor que eu o que é a virtude nestas santas casas.

Apenas a prioreza voltou costas, disse a organista á mestra de noviças:

— Que impostora!

— E que estupida! — acudiu a outra. — A menina não se fie nesta trapalhona, e veja se seu pae lhe dá outra companhia emquanto cá estiver, que a prioreza é a maior intriguista do convento. Depois que fez sessenta annos, fala das paixões do mundo como quem as conhece por dentro e por fóra. Emquanto foi nova era a freira que mais escandalos dava na casa; depois de velha era a mais ridicula, porque ainda queria amar e ser amada; agora, que está decrepita, anda sempre este mostrengo a fazer missões, e a curar indigestões.

Thereza, apesar da sua dôr, não pôde reprimir

uma risada, lembrando-se da *vida de Deus com os anjos,* que as esposas do Senhor ali viviam, no dizer da madre prioreza.

Pouco depois, entrou a prelada com a ceia, e sahiram as duas freiras.

— Que lhe pareceram as duas religiosas que ficaram com a menina? — disse ella a Thereza.

— Pareceram-me muito bem.

A velha distendeu os beiços matizados de meandros de esturrinho liquido, e regougou:

— *Hum!*... está feito, está feito!... Ainda não são das peores; mas, se fossen melhores, não se perdia nada... Ora vamos a isto, menina; aqui tem duas pernas de gallinha, e um caldo que o pódem comer os anjos.

— Eu não cômo nada, minha senhora — disse Thereza.

— Ora essa! não come nada!? Ha de comer; sem comer ninguem resiste. Paixões!... que as leve o porco-sujo!... As mulheres é que ficam logradas, e elles não teem que perder!... Que eu cá de mim, até ao presente, Deus louvado, não sei o que sejam paixões; mas, quem tem cincoenta e cinco annos de convento, tem muita experiencia do que vê penar ás outras doidivanas. E para não ir mais longe, estas duas, que d'aqui sairam, teem pagado bem o seu tributo á asneira, Deus me perdôe se pecco. A organista tem já os seus quarenta bons, e ainda vae ao locutorio derreter-se em finezas; a outra, apesar de ser mestra de noviças á falta doutra que qui-

zesse sêl-o, se eu lhe não andasse com o olho em cima, estragava-me as raparigas.

Este edificante discurso de caridade foi interrompido pela madre escrivan, que vinha, palitando os dentes, pedir á prelada um copinho de certo vinho estomacal com que todas as noites era brindada.

— Estava eu a dizer a esta menina as peças que são a organista e a mestra — disse a prioreza.

— Oh! são para o que eu lhe prestar! Lá foram ambas para a cella da porteira. A esta hora está a menina a ser cortada por aquellas linguas, que não perdoam a ninguem.

— Vaes tu vêr se ouves alguma coisa, minha flôr? — disse a prelada.

A escrivan, contente da missão, foi imperceptivelmente ao longo dos dormitorios até parar a uma porta que não vedava o ruido estridente das risadas.

No emtanto, dizia a prelada a Thereza:

— Esta escrivan não é má rapariga: só tem o defeito de se tomar da pingoleta: depois, não ha quem a ature. Tem uma boa tença, mas gasta tudo em vinho, e tem occasiões de entrar no côro a fazer *ss,* que é mesmo uma desgraça. Não tem outro defeito; é uma alma lavada, e amiga da sua amiga. É verdade que, ás vezes... (aqui a prelada ergueu-se a escutar nos dormitorios, e fechou por dentro a porta) é verdade que, ás vezes, quando anda azuratada, dá por paus e por pedras e descobre os de-

feitos das suas amigas. A mim já ella me assacou um aleive, dizendo que eu, quando sahia a ares, não ia só a ares, e andava por lá a fazer o que fazem as outras. Forte pouca vergonha! Lá que outra falasse, vá; mas ella, que tem sempre uns namorados pandilhas que bebem com ella na grade, isso lá me custa; mas, emfim, não ha ninguem perfeito!... Boa rapariga é ella... se não fosse aquelle maldito vicio...

Como tocasse ao côro nesta occasião, a veneranda prioreza bebeu o segundo calice do vinho estomacal, e disse a Thereza que a esperasse um quarto de hora, que ella ia ao côro e pouco se demoraria. Tinha ella sahido, quando a escrivan entrou a tempo que Thereza, com as mão abertas sobre a face, dizia em si: «Um convento, meu Deus! isto é que é um convento!»

— Está sósinha? — disse a escrivan.

— Estou, minha senhora.

— Pois aquella grosseira vae-se embora, e deixa uma hospeda sósinha? Bem se vê que é filha de funileiro!... Pois tinha tempo de ter pratica do mundo, que tem andado por lá que farte... Eu havia de ir ao côro: mas não vou para lhe fazer companhia, menina.

— Vá, vá, minha senhora, que eu fico bem sósinha — disse Thereza, com a esperança de poder desafogar em lagrimas a sua afflicção.

— Não vou, não!... A menina aqui estarrecia de mêdo; mas a prelada não tarda ahi. Ella, se

póde escapar-se do côro, não pára lá muito tempo. A apostar que ella lhe esteve a falar mal de mim?

— Não, minha senhora, pelo contrario...

— Ora diga a verdade, menina! Eu sei que esta cegonha não fala bem de ninguem. Para ella tudo são libertinas e bebedas.

— Nada, não, minha senhora; nada me disse a respeito d'alguma freira.

— E se disse, deixal-a dizer. Ella o vinho não o bebe, suga-o; é uma esponja viva. Em quanto á libertinagem, tomára eu tantos mil cruzados como de amantes ella tem tido! Faz lá uma pequena ideia, menina!

A escrivan bebeu um calice de vinho da sua prelada, e continuou:

— Faz lá uma pequena ideia! Ella é velhissima como a sé. Quando eu professei já ella era velha como agora, com pouca differença. Ora eu sou freira ha vinte e seis annos; calcule a menina quantas arrobas de esturrinho ella tem atulhado naquelles narizes! Pois olhe, quer me creia, quer não, tenho-lhe conhecido mais de uma duzia de chichesbéos, não falando do padre capellão, que esse ainda agora lhe fornece a garrafeira, á nossa custa, entende-se. É uma dissipadora dos rendimentos da casa. Eu, que sou escrivan, é que sei o que ella rouba. Eu tenho immensa pena de vêr a menina hospedada em casa d'esta hypocrita. Não se deixe levar das imposturices d'ella, meu anjinho. Eu sei que seu pae lhe mandou falar, e a encarregou de

a não deixar escrever, nem receber cartas; mas olhe, minha filha, se quizer escrever, eu dou-lhe tinteiro, papel, obreias, e o meu quarto, se para lá quizer ir escrever. Se tem alguem que lhe escreva, diga-lhe que mande as cartas em meu nome; eu chamo-me Dionizia da Immaculada Conceição.

— Muito agradecida, minha senhora — disse Thereza, animada pelo offerecimento. — Quem me déra poder mandar um recado a uma pobre que mora no bêco do...

— O que quizer, menina. Eu mando lá logo que fôr dia. Esteja descançada. Não se ie d'alguem, senão de mim. Olhe que a mestra de noviças e a organista são duas falsas. Não lhes dê trela, que, se as admitte á sua confiança, está perdida. Ahi vem a lesma... Falemos noutra coisa..

A prelada vinha entrando, e a escrivan proseguiu assim:

— Não ha, não ha nada mais agradavel que a vida do convento, quando se tem a fortuna de ter uma prelada como a nossa... Ai! oras tu, menina? Olha, se estivessemos a falar mal de ti!

— Eu sei que tu nunca falas mal de mim — disse a prelada, piscando o olho a Thereza. — Ahi está essa menina que diga o que eu lhe estive a dizer das tuas boas qualidades...

— Pois o que eu disse de ti — respondeu soror Dionizia da Immaculada Conceição — não precisas de perguntar, porque felizmente ouviste o que eu estava dizendo. Oxalá que se pudesse dizer o

mesmo das outras que deshonram a casa, e trazem aqui tudo intrigado numa meada, que é mesmo coisa de peccado.

— Então não vaes ao côro, Nini? — tornou a prioreza.

— Já agora é tarde... Tu absolves-me da falta, sim?

— Absolvo, absolvo; mas dou-te como penitencia beberes um copinho...

— Do estomacal?

— Pudera!

Dionizia cumpriu a penitencia, e sahiu para, dizia ella, deixar a prelada na sua hora de oração.

Não delongaremos esta amostra do evangelico e exemplar viver do convento onde Thadeu de Albuquerque mandara sua filha a respirar o purissimo ar dos anjos, emquanto se lhe prepara crysol mais depurador dos sedimentos do vicio no convento de Monchique.

Encheu-se o coração de Thereza de amargura e nojo naquellas duas horas de vida conventual. Ignorava ella que o mundo tinha d'aquillo. Ouvira falar dos mosteiros como de um refugio da virtude, da innocencia e das esperanças immorredoiras. Algumas cartas lêra de sua tia, prelada em Monchique, e por ellas formara conceito do que devia ser uma santa. D'aquellas mesmas dominicanas, em cuja casa estava, ouvira dizer ás velhas e devotas fidalgas de Vizeu virtudes, maravilhas de caridade, e até mila-

gres. Que desillusão tão triste e, ao mesmo tempo, que ancia de fugir d'ali!

A cama de D. Thereza estava na mesma cella da prioreza, em alcova separada, com cortinas de cassa.

Quando a prelada lhe disse que podia deitar-se, querendo, perguntou-lhe a menina se poderia escrever a seu pae. A freira respondeu que no dia seguinte o faria, posto que o Senhor Albuquerque ordenasse que sua filha não escrevesse: assim mesmo, ajuntou ella, que lh'o não prohibiria, se tivesse tinteiro e papel na cella.

Thereza deitou-se e a prelada ajoelhou diante d'um oratorio, rezando a corôa a meia voz. Se o murmurio da oração enfadasse a hospeda, não teria ella muita razão de queixa, porque a devota monja, ao segundo *Padre Nosso,* cabeceava de modo que já não atinou com a primeira *Ave Maria.* Levantou-se, cambaleando uma mesura ás imagens do sanctuario, foi deitar-se, e pegou a resonar.

Thereza afastou subtilmente as cortinas do quarto, e tirou de entre o seu fato o tinteiro de tarracha e o papel.

A lampada do oratorio lançava um frouxo raio sobre a cadeira, em que Thereza puzera os seus vestidos. Desceu da cama, ajoelhou ao pé da cadeira, e escreveu a Simão, relatando-lhe miudamente os successos d'aquelle dia A carta rematava assim:

«Não receies nada por mim, Simão. Todos es-
«tes trabalhos me parecem leves, se os comparo
«ao que tens padecido por amor de mim. A des-
«graça não abala a minha firmeza, nem deve inti-
«midar os teus projectos. São alguns dias de tem-
«pestade, e mais nada. Qualquer nova resolução
«que meu pae tome dir-t'a-hei logo, podendo, ou
«quando puder. A falta das minhas noticias deves
«attribuil-a sempre ao impossivel. Ama-me assim
«desgraçada, por que me parece que os desgraça-
«dos são os que mais precisam de amor e de con-
«fôrto. Vou vêr se posso esquecer-me, dormindo.
«Como isto é triste, meu querido amigo!... Adeus.»

VIII

Marianna, a filha de João da Cruz, quando viu seu pae pensar a chaga do braço de Simão, perdeu os sentidos. O ferrador riu estrondosamente da fraqueza da moça, e o academico achou estranha sensibilidade em mulher affeita a curar as feridas com que seu pae vinha laureado de todas as feiras e romarias.

— Não ha ainda um anno que me fizeram tres buracos na cabeça, quando eu fui á Senhora dos Remedios, a Lamego, e foi ella que me tosqueou e rapou o casco á navalha — disse o ferrador. —

Pelo que vejo, o sangue do fidalgo deu volta ao estomago da rapariga!... Estamos então bem aviados! Eu tenho cá a minha vida, e queria que ella fosse a enfermeira do meu doente... Ès, ou não és, rapariga? — disse elle á filha, quando ella abriu os olhos, com semblante de envergonhada da sua fraqueza.

— Serei com muito gosto, se o pae quizer.

— Pois então, moça, se has de ir costurar para a varanda, vem aqui para a beira do senhor Simão. Dá-lhe caldos a miudo, e trata-lhe da ferida; vinagre e mais vinagre, quando ella estiver assim a' modo de rôxa. Conversa com elle, não o deixes estar a malucar, nem escrever muito, que não é bom quando se está fraco do miôlo. E vossa senhoria não tenha aquellas de ceremonia, nem me diga á Marianna — a menina isto, a menina aquillo. É — rapariga, dá cá um caldo; rapariga, lava-me o braço, dá cá as compressas — e nada de politicas. Ella está aqui como sua criada, porque eu já lhe disse que, se não fosse o pae de vossa senhoria, já ella ha muito tempo que andava por ahi ás esmolas, ou peor ainda. É verdade que eu podia deixar-lhe uns bensinhos, ganhos ali a suar na bigorna ha dez annos, afóra uns quatrocentos mil reis que herdei de minha mãe, que Deus haja; mas vossa senhoria bem sabe que, se eu fosse á forca ou pela barra fóra, vinha a justiça, e tomava conta de tudo para as custas.

— Se vocemecê tem uma casinha soffrivel — ata-

lhou Simão — póde, querendo, casar a sua filha numa boa casa de lavoira.

— Assim ella quizesse. Maridos não lhe faltam; até o alferes da casa da Igreja a queria, se eu lhe fizesse doação de tudo, que pouco é, mas ainda vale quatro mil cruzados bons; o caso é que a moça não tem querido casar, e eu a falar a verdade, sou só e mais ella, e tambem não tenho grande vontade de ficar sem esta companhia, para quem trabalho como moiro. Se não fosse ella, fidalgo, muita asneira tinha eu feito! Quando vou ás feiras ou romarias, se a levo commigo, não bato, nem apanho; indo sósinho, é desordem certa. A rapariga já conhece quando a pinga me sobe ao capacete do alambique; puxa-me pela jaqueta, e por bons modos põe-me fóra do arraial. Se alguem me chama para beber mais um quartilho, ella não me deixa ir, e eu acho graça á obediencia com que me deixo guiar pela moça, que me pede que não vá por alma da mãe. Eu cá, em ella me pedindo por alma da minha santa mulher, já não sei de que freguezia sou.

Marianna ouvia o pae, escondendo meio rosto no seu alvissimo avental de linho. Simão estava-se gosando da simpleza d'aquelle quadro rustico, mas sublime de naturalidade.

João da Cruz foi chamado para ferrar um cavallo, e despediu-se nestes termos:

— Tenho dito, rapariga; aqui te entrego o nosso doente; trata-o como quem é, e como se fosse teu irmão ou marido.

O rosto de Marianna acerejou-se quando aquella ultima palavra sahiu, natural como todas, da bôca de seu pae.

A moça ficou encostada ao batente da alcova de Simão.

— Não foi nada boa esta praga que lhe cahiu em casa, Marianna! — disse o academico. — Fazerem-na enfermeira d'um doente, e privarem-na talvez de ir costurar na sua varanda, e conversar com as pessoas que passam...

— Que se me dá a mim d'isso! — respondeu ella, sacudindo o avental, e baixando o cóz ao logar da cintura com infantil graça.

— Sente-se, Marianna; seu pae disse-lhe que se sentasse... Vá buscar a sua costura, e dê-me d'ali uma folha de papel e um lapis que está na carteira.

— Mas o pae tambem me disse que o não deixasse escrever... — replicou ella, sorrindo.

— Pouco, não faz mal. Eu escrevo apenas algumas linhas.

— Veja lá o que faz... — tornou ella dando-lhe o papel e o lapis — Olhe se alguma carta se perde e se descobre tudo...

— Tudo, o quê, Marianna? Pois sabe alguma coisa!?

— Era preciso que eu fosse tola. Eu não lhe disse já que sabia da sua amizade a uma menina fidalga da cidade?

— Disse; mas que tem isso?

— Aconteceu o que eu receava. Vossa senhoria

está ahi ferido, e toda a gente fala nuns homens que appareceram mortos.

— Que tenho eu com os homens que appareceram mortos?

— Para que está a fingir-se de novas?! Pois eu não sei que esses homens eram criados do primo da tal senhora? Parece que vossa senhoria desconfia de mim, e está a querer guardar um segredo que eu tomára que ninguem soubesse, para que meu pae e o senhor Simão não tenham alguns trabalhos maiores...

— Tem razão, Marianna, eu não devia esconder de si o mau encontro que tivemos...

— E Deus queira que seja o ultimo!... Tanto tenho pedido ao Senhor dos Passos que lhe dê remedio a essa paixão!... O peor futuro eu que ainda está por passar...

— Não, menina, isto acaba assim: eu vou para Coimbra, logo que esteja bom, e a menina da cidade fica em sua casa.

— Se assim fôr, já prometti dois arrateis de cera ao Senhor dos Passos; mas não me diz o coração que vossa senhoria faça o que diz...

— Muito agradecido lhe estou pelo bem que me deseja — disse Simão commovido. — Não sei o que lhe fiz para lhe merecer a sua amizade.

— Basta vêr o que seu paesinho fez pelo meu — disse ella, limpando as lagrimas. — O que seria de mim, se me elle faltasse, e se fosse á forca como toda a gente dizia!... Eu era ainda muito nova

quando elle estava na enxovia. Tem treze annos; mas estava resolvida a atirar-me a poço, se elle fosse condemnado á morte. Se o degredassem, então ia com elle, ia morrer onde ell fosse morrer. Não ha dia nenhum que eu não peça a Deus que dê a seu pae tantos prazeres como estrellas tem o céo. Fui de proposito á cidade para beijar os pés á sua mãesinha, e vi suas manas, e uma, que era a mais nova, deu-me uma saia de lapm, que eu ainda ali tenho guardada como uma rliquia. Depois, cada vez que ia á feira, dava um grande volta para vêr se acertava de encontrar a senhora D. Ritinha á janella; e muitas vezes vi o senhor Simão. E talvez não saiba que eu estava a beber na fonte, quando vossa senhoria, ha dois pra tres annos, deu muita pancada nos criados, que era mesmo um reboliço que parecia o fim do mundo. Eu vim contar ao pae, e elle até cahiu ao chã a dar risadas como um doido... Depois nunca mais o vi senão quando vossa senhoria entrou com o tio de Coimbra; mas já sabia que vinha para esta desgraça, porque tinha tido um sonho, em que via muito sangue, e eu estava a chorar, porque via uma pessôa muito minha amiga a cahir numa cova muito funda...

— Isso são sonhos, Marianna!..

— São sonhos, são; mas eu nunca sonhei nada que não acontecesse. Quando meu pae matou o almocreve, tinha eu sonhado que o via a dar um tiro noutro homem; antes de minha mãe morrer,

acordei eu a chorar por ella, e mais ainda viveu dois mezes... A gente da cidade ri-se dos sonhos, mas Deus sabe o que isto é... Ahi vem meu pae... Senhor dos Passos! não vá ser alguma má nova!

João da Cruz entrou com uma carta que recebêra da pobre do costume. Em quanto Simão leu a carta escripta do convento, Marianna fitou os seus grandes olhos azues no rosto do academico, e, a cada contracção da fronte d'elle, angustiava-se-lhe a ella o coração. Não teve mão da sua ancia e perguntou:

— É noticia má?

— Tu és muito atrevida, rapariga! — disse João da Cruz.

— Não é, não — atalhou o estudante. — Não é má a noticia, Marianna. Senhor João, deixe-me ter na sua filha uma amiga, que os desgraçados é que sabem avaliar os amigos.

— Isso é verdade; mas eu não me atrevia a perguntar o que a carta diz.

— Nem eu perguntei, meu pae; foi porque me pareceu que o snr. Simão estava afflicto quando lia.

— E não se enganou — tornou o doente, voltando-se para o ferrador. — O pae arrastou Thereza ao convento.

— Sempre é patife d'uma vez — disse o ferrador, fazendo com os braços instinctivamente um movimento de quem aperta entre as mãos um pescoço.

Neste lance, um observador perspicaz veria lu-

zir nos olhos de Marianna um clarão de innocente alegria.

Simão sentou-se, e escreveu sobre uma cadeira, que Marianna espontaneamente lhe chegou, dizendo:

— Em quanto escreve, vou olhar pelo caldinho, que está a ferver.

«É necessario arrancar-te d'ahi — dizia a carta «de Simão. — Esse convento ha de ter uma evasi- «va. Procura-a, e dize-me a noite e a hora em que «devo esperar-te. Se não poderes fugir, essas por- «tas hão de abrir-se diante da minha cólera. Se «d'ahi te mandarem para outro convento mais «longe, avisa-me, que eu irei, sósinho ou acompa- «nhado, roubar-te ao caminho. É indispensavel que «te refaças de animo para te não assustarem os «arrojos da minha paixão. És minha! não sei de «que me serve a vida, se a não sacrificar a sal- «var-te. Creio em ti, Thereza, creio. Ser-me-has «fiel na vida e na morte. Não soffras com pacien- «cia; lucta com heroismo. A submissão é uma «ignominia, quando o poder paternal é uma af- «fronta. Escreve-me a toda a hora que possas. Eu «estou quasi bom. Dize-me uma palavra, chama-me, «e eu sentirei que a perda do sangue não diminue «as forças do coração.»

Simão pediu a sua carteira, tirou dinheiro em prata, deu-o ao ferrador, e recommendou-lhe que o entregasse á pobre com a carta.

Depois ficou relendo a de Thereza, e recordando-se da resposta que déra.

Mestre João foi á cozinha e disse a Marianna:

— Desconfio d'uma coisa, rapariga.

— O que é, meu pae?

— O nosso doente está sem dinheiro.

— Porquê? O pae como sabe isso?

— É que elle pediu-me a carteira para tirar dinheiro, e ella pezava tanto como uma bexiga de porco cheia de vento. Isto bole-me cá por dentro! Queria offerecer-lhe dinheiro, e não sei como ha de ser...

— Eu pensarei nisso, meu pae — disse Marianna, reflectindo.

— Pois sim; cogita lá tu, que tens melhores ideias que eu.

— E se o pae não quizer bolir nos seus quatro centos, eu tenho aquelle dinheiro dos meus bezerros; são onze moedas d'ouro menos um quarto.

— Pois falaremos: pensa tu no modo de elle acceitar sem *remorsos*.

Remorsos, na linguagem pouco castigada de mestre João, era synonymo de *escrupulos* ou *repugnancia*.

Foi Marianna levar o caldo a Simão, que lh'o rejeitou como distrahido em profundo scismar.

— Pois não toma o caldinho? — disse ella com tristeza.

— Não posso, não tenho vontade, menina; será logo. Deixe-me sósinho algum tempo; vá, vá; não

passe o seu tempo ao pé d'um doente aborrecido.

— Não me quer aqui? irei, e voltarei quando vossa senhoria chamar.

Dissera isto Marianna com os olhos a revêrem lagrimas.

Simão notou as lagrimas, e pensou um momento na dedicação da moça; mas não lhe disse palavra alguma.

E ficou pensando na sua espinhosa situação. Deviam de occorrer-lhe ideias afflictivas, que os romancistas raras vezes attribuem aos seus heroes. Nos romances todas as crises se explicam, menos a crise ignobil da falta de dinheiro. Entendem os novellistas que a materia é baixa e plebêa. O estylo vai de má vontade para coisas nzas. Balzac fala muito em dinheiro; mas dinheirc a milhões: não conheço, nos cincoenta livros que tenho d'elle, um galan num entre-acto da sua tragedia a scismar no modo de arranjar uma quantia com que pague ao alfaiate, ou se desembarace das rêdes que um usurario lhe lança, desde a casa do juiz de paz a todas as esquinas, d'onde o assaltam o capital e juro de oitenta por cento. D'isto é que os mestres em romance se escapam sempre. Bem sabem elles que o interesse do leitor se gela a passo igual que o heroe se encolhe nas proporçõos d'estes heroesinhos de botequim, de quem o leitor dinheiroso foge por instincto, e outro foge tambem, porque não tem que fazer com elle. A coisa é vilmente prosaica, de todo

o meu coração o confesso. Não é bonito deixar a gente vulgarisar-se o seu heroe a ponto de pensar na falta de dinheiro, um momento depois que escreveu á mulher estremecida uma carta como aquella de Simão Botelho. Quem a lêsse, diria que o rapaz tinha postadas, em differentes estações das estradas do paiz, carroças e folgadas parelhas de mulas para transportarem a Pariz, a Veneza, ou ao Japão a bella fugitiva! As estradas, naquelle tempo, deviam ser boas para isso; mas não tenho a certeza de que houvesse estradas para o Japão. Agora creio que ha, porque me dizem que ha tudo.

Pois eu já lhes fiz saber, leitores, pela bôca de mestre João, que o filho do corregedor não tinha dinheiro. Agora lhes digo que era em dinheiro que elle scismava, quando Marianna lhe trouxe o caldo rejeitado.

Ao meu ver, deviam attribulal-o estes pensamentos:

Como pagaria a hospitalidade de João da Cruz?

Com que agradeceria os desvelos de Marianna?

Se Thereza fugisse, com que recursos proveria á subsistencia de ambos?

Ora, Simão Botelho sahira de Coimbra com a sua mesada, que não era grande, e quasi lh'a absorvera o aluguel da cavalgadura, e a gorgeta generosa que déra ao arreeiro, a quem devia o conhecimento do prestante ferrador.

As reliquias d'esse dinheiro déra-as elle á portadora da carta naquelle dia. Má situação!

Lembrou-se de escrever á mãe. Que lhe diria elle? Como explicaria a sua residencia naquella casa? D'este modo não iria elle dar indicios da morte mysteriosa dos dois criados de Balthazar Coutinho?

Além de que, sobejamente sabia elle que sua mãe o não amava; e, a mandar-lhe algum dinheiro em segredo, seria escassamente o necessario para a jornada até Coimbra. Pessima situação!

Cansado de pensar, favoreceu-o a providencia dos infelizes com um somno profundo.

E Marianna entrára pé ante pé na sala, e, ouvindo-lhe a respiração alta, aventurou-se a entrar na alcova. Lançou-lhe um lenço de cassa sobre o rosto, em roda do qual zumbia um enxame de moscas. Viu a carteira sobre uma banqueta que adornava o quarto, pegou nella, e saliu pé ante pé. Abriu a carteira, viu papeis, que não soube lêr, e num dos repartimentos duas moedas de seis vintens. Foi restituir a carteira ao seu logar, e tomou d'um cabide as calças, collete e jaqueta á hespanhola, do hospede. Examinou os bolsos e não encontrou um ceitil.

Retirou-se para um canto escuro do sobrado, e meditou. Esteve meia hora assim, e meditava angustiada a nobre rapariga. Depois ergueu-se de golpe, e conversou longo tempo com o pae. João da Cruz escutou-a, contrariou-a, mas ia de vencida sempre pelas réplicas da filha, até que, afinal, disse:

— Farei o que dizes, Marianna. Dá-me cá o teu dinheiro, que não vou agora levantar a pedra da

lareira para bolir no caixote dos quatrocentos mil reis. Tanto faz um como o outro: teu é elle todo.

Marianna deu-se pressa em ir á arca, d'onde tinha uma bolsa de linho com dinheiro em prata, e alguns cordões, anneis e arrecadas. Guardou o seu oiro numa boceta, e deu a bolsa ao pae.

João da Cruz apparelhou a egua, e sahiu. Marianna foi para a sala do doente.

Acordou Simão.

— Não sabe!? — exclamou ella com semblante entre-alegre e assustado, perfeitamente contrafeito.

— Que é, Marianna?

— Sua mãesinha sabe que vossa senhoria aqui está.

— Sabe?! isso é impossivel! Quem lh'o disse?

— Não sei; o que sei é que ella mandou chamar meu pae.

— Isso espanta-me!... E não me escreveu?

— Não, senhor!... Agora me lembro que talvez ella soubesse que o senhor aqui esteve, e cuide que já não está, e por isso lhe não escreveu... Poderá ser?

— Poderá; mas quem lh'o diria!? Se isto se sabe, então podem suspeitar da morte dos homens.

— Póde ser que não; e ainda que desconfiem, não ha testemunhas. O pae disse que não tinha medo nenhum. O que fôr soará. Não esteja agora a scismar nisso... Vou-lhe buscar o caldinho, sim?

— Vá, se quer, Marianna. O céo deparou-me em si a amizade de uma irman.

Não achou a moça na sua alegre alma palavras em resposta á doçura que o rosto do mancebo exprimia.

Veio com o «caldinho» — diminuitivo que a rhetorica d'uma linguagem meiga sancciona; mas contra o qual protestava a larga e funda malga branca, ao lado da travessa com meia gallinha loira de gorda.

— Tanta coisa! exclamou, sorrindo, Simão.

— Côma o que puder — disse ella córando. — Eu bem sei que os senhores da cidade não comem em malgas tamanhas, mas eu não tinha outra mais pequena; e côma sem nôjo, que esta malga nunca serviu, que a fui eu comprar á loja, por pensar que vossa senhoria não quizéra hontem comer por se atrigar da outra.

— Não, Marianna, não seja injusta, eu não comi hontem pela mesma razão por que não cômo agora: não tinha nem tenho vontade.

— Mas côma por eu lhe pedir... Perdôe o meu atrevimento... Faça de conta que é uma sua irman que lhe pede. Ainda agora me disse...

— Que o céo me dava em si a amizade d'uma irman...

— Pois ahi está.

Simão achou tão necessario á sua conservação o sacrificio, como ao contentamento da carinhosa Marianna. Passou-lhe na mente, sem sombra de vaidade, a conjectura de que era amado d'aquella dôce creatura. Entre si dizia que seria una crueza mos-

trar-se conhecedor de tal affeição, quando não tinha alma para lh'a premiar, nem para lhe mentir. Assim mesmo, bem longe de se affligir, lisonjeavam-o os desvelos da gentil moça. Ninguem sente em si o pêso do amor que inspira e não comparte. Nas maximas afflicções, nas derradeiras horas do coração e da vida, é grato ainda sentir-se amado quem já não póde achar no amor diversão das penas, nem soldar o ultimo fio que se está partindo. Orgulho ou insaciabilidade de coração humano, seja o que fôr, no amor que nos dão é que nós graduamos o que valemos em nossa consciencia.

Não desprazia, portanto, o amor de Marianna ao amante apaixonado de Thereza. Isto será culpa no severo tribunal das minhas leitoras; mas, se me deixam ter opinião, a culpa de Simão Botelho está na fraca natureza, que é toda de galas no céo, no mar e na terra, e toda incoherencias, absurdezas e vicios no homem, que se acclamou a si proprio rei da creação, e nesta boa fé dynastica vae vivendo e morrendo.

IX

Duas horas se detivéra João da Cruz fóra de casa. Chegou quando a curiosidade do estudante era já soffrimento.

— Estará seu pae preso?! — disséra elle a Marianna.

— Não m'o diz o coração, e o meu coração nunca me engana — respondêra ela.

E Simão replicára:

— E que lhe diz o coração a seu respeito, Marianna? Os meus trabalhos ficarão aqui?

— Vou-lhe dizer a verdade, senhor Simão... mas não digo...

— Diga, que lh'o peço, porque tenho fé no bom anjo que fala em sua alma. Diga...

— Pois sim... o meu coração diz-me que os seus trabalhos ainda estão no começo...

Simão ouviu-a attentamente, e não respondeu. Assombrou-lhe o animo esta idéa tôrva, e affrontosa á singela rapariga: — «Pensará ella em me desviar de Thereza para se fazer amar?»

Pensava assim quando chegou o ferrador.

— Aqui estou de volta — disse elle com semblante festivo. — Sua mãe mandou-me chamar...

— Já sei... E como soube ela que eu estava aqui?

— Ella sabia que o fidalgo estivera cá: mas cuidava que vossa senhoria já tinha ido para Coimbra. Quem lh'o disse não sei, nem perguntei; porque a uma pessoa de respeito não se fazem perguntas. Dizia ella que sabia o fim a que o senhor viera esconder-se aqui. Ralhou alguma coisa: mas eu, cá como pude, accommodei-a e não ha novidade. Perguntou-me o que estava o menino fazendo aqui depois que a fidalgunha fôra para o convento. Disse-lhe que vossa senhoria estava adoen-

tado de uma quéda que dera do cavallo abaixo. Tornou ella a perguntar-me se o senhor tinha dinheiro; e eu disse que não sabia. E vae ella foi dentro, e voltou d'ahi a pouco com este embrulho, para eu lhe entregar. Ahi o tem tal e qual; não sei quanto é.

— E não me escreveu?

— Disse que não podia ir á escrivaninha, porque estava lá o senhor corregedor — respondeu com firmeza mestre João — e tambem recommendou que não lhe escrevesse vossa senhoria senão de Coimbra, porque, se seu pae soubesse que o menino cá estava, ia tudo razo lá em casa. Ora ahi está.

— E não lhe falou nos criados de Balthazar?

— Nem um pio!... Lá na cidade ninguem já falava nisso hoje.

— E que lhe disse da senhora D. Thereza?

— Nada, senão que ella fôra para o convento. Agora deixe-me ir amantar a egua, que está a escorrer em fio. Ó rapariga, traze-me cá a manta.

Em quanto Simão contava onze moedas menos um quartinho, maravilhado da estranha liberalidade, Marianna, abraçando o pae no repartimento vizinho da casa, exclamava:

— Arranjou muito bem a mentira!

— Ó rapariga, quem mentiu foste tu! Aquillo lá o arranjaste tu com essa tua cabecinha! Mas a coisa sahiu ao pintar, eim? Elle comeu-a que nem confeitos! Anda lá, que ficaste sem os bezerros;

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

mas lá virá tempo em que elle te dê bois a troco de bezerros.

— Eu não fiz isto por interesse, meu pae...— atalhou ella resentida.

— Olha o milagre! isso sei eu: mas, como diz lá o dictado: quem semeia colhe.

Marianna quedou pensativa, e lizendo entre si: — Ainda bem que elle não póde pensar de mim o que meu pae pensa. Deus sabe que não tenho esperanças nenhumas interesseiras no que fiz.

Simão chamou o ferrador, e disse-lhe.

— Meu caro João, se eu não ivesse dinheiro, acceitava sem repugnancia os seusfavores, e creio que vocemecê m'os faria sem espeança de ganhar com elles; mas, como recebi esta quantia, ha de consentir que eu lhe dê parte d'ela para os meus alimentos. Motivos de gratidão a dividas que se não pagam, ainda me ficam muitos para nunca me esquecer de si, e da sua boa fiha. Tome este dinheiro.

— As contas fazem-se no fim — respondeu o ferrador, retirando a mão — e ninguen nos ha de ouvir, se Deus quizer. Precisando eu de dinheiro, cá venho. Por ora, ainda está a capoera cheia de gallinhas, e o pão coze-se todas as senanas.

— Mas acceite — instou Simão — e dê-lhe a applicação que quizer.

— Em minha casa ninguem dá leis senão eu — replicou mestre João, com simulaco enfadamento. — Guarde lá o seu dinheiro, fidalgo, e não falêmos

mais nisso, se quer que o negocio vá direito até ao fim. *E victo-serio!*

Nos cinco subsequentes dias recebeu Simão regularmente cartas de Thereza, umas resignadas e confortadoras, outras escriptas na violencia exasperada da saudade. Em uma dizia:

«Meu pae deve saber que estás ahi, e em quanto «ahi estiveres, de certo me não tira do convento. «Seria bom que fosses para Coimbra, e deixassemos «esquecer a meu pae os ultimos acontecimentos. «Senão, meu querido esposo, nem elle me dá liber- «dade, nem sei como hei de fugir d'este inferno. «Não fazes ideia do que é um convento! Se eu pu- «desse fazer do meu coração sacrificio a Deus, te- «ria de procurar uma atmosphera menos viciosa «que esta. Creio que em toda a parte se póde orar «e ser virtuosa, menos neste convento.»

Noutra carta exprimia-se assim: «Não me des- «ampares, Simão; não vás para Coimbra. Eu re- «ceio que meu pae me queira mudar d'este con- «vento para outro mais rigoroso. Uma freira me «disse que eu não ficava aqui; outra positivamente «me affirmou que o pae diligenceia a minha ida «para um mosteiro do Porto. Sobre tudo, o que «me aterra, mas não me dobra, é saber eu que o «intento do pae é fazer-me professar. Por mais que «imagine violencias e tyrannias, nenhuma vejo ca- «paz de me arrancar os votos. Eu não posso pro- «fessar sem ser noviça um anno, e ir a perguntas «tres vezes; hei de responder sempre que não. Se

«eu pudesse fugir d'aqui... Hontem fui á cêrca, «e vi lá uma porta de carro que dá para o cami- «nho. Soube que algumas vezes aquella porta se «abre para entrarem carros de lenha; mas infeliz- «mente não se torna a abrir até ao principio do «inverno. Se não puder antes, meu Simão, fugirei «nesse tempo.»

Tiveram, entretanto, bom e prompto exito as diligencias de Thadeu de Albuquerque. A prelada de Monchique, religiosa de summas virtudes, cuidando que a filha de seu primo, muito de sua devoção e amor a Deus se recolhia ao mosteiro, preparou-lhe casa, e congratulou-se com a sobrinha de tão piedosa resolução. A carta congratulatoria não a recebeu Thereza, porque viéra á mão de seu pae. Continha ella reflexões tendentes a desvanecel-a do proposito, se algum desgosto passageiro a impellia á imprudencia de procurar um refugio onde as paixões se exacerbavam mais.

Tomadas todas as precauções, Thadeu de Albuquerque fez avisar sua filha de que sua tia de Monchique a queria ter em sua companhia algum tempo, e que a jornada se faria na madrugada do dia seguinte.

Thereza, quando recebeu a surprehendente nova, já tinha enviado a carta d'aquelle dia a Simão. Em sua afflicta perplexidade, resolveu fazer-se doente, e tão febril estava das commoções, que dispensava o artificio. O velho não queria transigir com

a doença; mas o medico do mosteiro reagiu contra a deshumanidade do pae e da prioreza, interessada na violencia. Quiz Thereza nessa noite escrever a Simão; mas a criada da prelada, obedecendo ás suspeitas da ama, não desamparou a cabeceira do leito da enferma. Era causa a esta espionagem ter dito a escrivan, numa hora de má digestão d'aquelle certo vinho estomacal, que Thereza passava as noites em oração mental, e tinha correspondencia com um anjo do céo por intervenção d'uma mendiga. Algumas religiosas tinham visto a mendiga no páteo do convento esperando a esmola de Thereza; mas cuidaram que era aquella pobre uma devoção da menina. As palavras ironicas da escrivan foram commentadas, e a mendiga recebeu ordem de sahir da portaria. Thereza, num impeto de angustia, quando tal soube, correu a uma janella, e chamou a pobre, que se retirava assustada, e lançou-lhe ao páteo um bilhete com estas palavras: «É impossivel a nossa correspondencia. Vou ser tirada d'aqui para outro convento. Espera em Coimbra noticias minhas.» Isto foi rapidamente ao conhecimento da prioreza, e logo, ás ordens d'ella, partiu o hortelão no encalço da pobre. O hortelão seguiu-a até fóra de portas, espancou-a, tirou-lhe o bilhete, e foi do convento apresental-o a Thadeu de Albuquerque. A mendiga não retrocedeu; caminhou a casa do ferrador e contou a Simão o acontecido.

Simão lançou-se fóra do leito e chamou João da Cruz. Naquelle apêrto queria ouvir uma voz,

queria poder chamar amigo a um homem, que lhe estendesse mão capaz de apertar o cabo d'um punhal. O ferrador ouviu a historia e deu o seu voto: «esperar até vêr.» Simão repeliu a prudencial frieza do confidente, e disse que partia para Vizeu immediatamente.

Marianna estava ali; ouvira a confidencia, e achára acertada a opinião de seu pae. Vendo, porém, a impaciencia do hospede, pediu licença para falar onde não era chamada, e disse:

— Se o senhor Simão quer, eu vou á cidade e procuro no convento a Brito, que é uma rapariga minha conhecida, moça d'uma frera, e dou-lhe uma carta sua para entregar á fidalga.

— Isso é possivel, Marianna? — exclamou Simão, a ponto de abraçar a moça.

— Pois então! — disse o ferrador — o que póde fazer-se, faz-se. Vae-te vestir, rapariga, que eu vou botar o albardão á egua.

Simão sentou-se a escrever. Tão embaralhadas lhe acudiam as ideias, que não atinava a formar o designio mais proveitoso á situação de ambos. Ao cabo de longa vacillação, disse a Thereza que fugisse, á hora do dia, quando a porta estivesse aberta, ou violentasse a porteira a abrir-lh'a. Dizia-lhe que marcasse ella a hora do dia seguinte em que elle a devia esperar com cavalgaduras para a fuga. Em recurso extremo, promettia assaltar com homens armados o mosteiro, ou incendial-o para se abrirem as portas. Este programma era o mais pa-

recido com o espirito do academico. Em vivo fogo ardia aquella pobre cabeça! Fechada a carta, começou a passear em torcicollos, como se obedecesse a desencontrados impulsos. Encravava as unhas na cabeça, e arrancava os cabellos. Investia como cégo contra as paredes, e sentava-se um momento para erguer-se de mais furioso impeto. Machinalmente aferrava das pistolas, e sacudia os braços vertiginosos. Abria a carta para relêl-a, e estava a ponto de rasgal-a, cuidando que iria tarde, ou não lhe chegaria ás mãos. Neste conflicto de contrarios projectos, entrou Marianna, e muito allucinado devia de estar Simão para lhe não vêr as lagrimas.

O que tu soffrias, nobre coração de mulher pura! Se o que fazes por esse moço é gratidão ao homem que salvou a vida de teu pae, que rara virtude a tua! Se o amas, se por lhe dar allivio ás dôres, tu mesma lhe desempeces o caminho por onde te elle ha de fugir para sempre, que nome darei ao teu heroismo! que anjo te fadou o coração para a santidade d'esse obscuro martyrio!

— Estou prompta, disse Marianna.

— Aqui tem a carta, minha boa amiga. Faça muito por não vir sem resposta — disse Simão dando-lhe com a carta um embrulho de dinheiro.

— E o dinheiro tambem é para a senhora? — disse ella.

— Não, é para si, Marianna: compre um annel.

Marianna tomou a carta e voltou rapidamente

as costas para que Simão lhe não visse o gesto de despeito, senão desprezo.

O academico não ousou insistr vendo-a apressar-se na descida para o quinteiro onde o ferrador enfreava a egua.

— Não lhe chegues muito con a vara — disse João da Cruz a Marianna, que, d'um pulo, se assentou no albardão, coberto d'uma colcha escarlate.— Tu vais amarella como cidra, moça — exclamou elle reparando na pallidez da filha — Tu que tens?

— Nada; que hei de eu ter?! Dê-me cá a vara, meu pae.

A egua partiu a galope, e o ferrador, no meio da estrada, a revêr-se na filha e na egua, dizia em soliloquio, que Simão ouvira:

— Vales tu mais, rapariga, que quantas fidalgas tem Vizeu! Pela mais pintada não dava eu a minha egua; e, se cá viesse o Miramolin de Marrocos pedir-me a filha, os diabos me levem se eu lh'a dava! Isto é que são mulheres, e o mais é uma historia!

X

Apeou Marianna defronte do mosteiro, e foi á portaria chamar a sua amiga Brio.

— Que boa moça! — disse o padre capellão, que estava no raro lateral da porta, praticando com a

prioreza, ácerca da salvação das almas, e d'umas ancoretas de vinho do Pinhão, que elle recebêra naquelle dia, e do qual já tinha engarrafado um almude para tonizar o estomago da prelada.

— Que boa moça! — tornou elle, com um olho nella e outro no raro, onde a ciumosa prioreza se estava remordendo.

— Deixe lá a moça, e diga quando ha de ir a servente buscar o vinho.

— Quando quizer, senhora prioreza; mas repare bem nos olhos, no feitio, naquelle todo da rapariga!

— Pois repare o senhor padre João — replicou a freira — que eu tenho mais que fazer.

E retirou-se com o coração mal ferido, e o queixo superior escorrendo lagrimas... de simonte.

— D'onde é vocemecê? — disse brandamente o padre capellão.

— Sou da aldeia — respondeu Marianna.

— Isso vejo eu; mas de que aldeia é?

— Não me confesso agora.

— Mas não faria mal se se confessasse a mim, menina, que sou padre...

— Bem vejo.

— Que mau genio tem!...

— É isto que vê.

— Quem procura cá no convento?

— Já disse lá para dentro quem procuro.

— Marianna! és tu?! Anda cá!

A moça fez uma cortezia de cabeça ao padre capellão, e foi ao locutorio d'onde vinha aquella voz.

*

— Eu queria falar comtigo en particular, Joaquina — disse Marianna.

— Eu vou vêr se arranjo um grade: espera ahi.

O padre tinha sahido do patec e Marianna, em quanto esperava, examinou, umaa uma, as janellas do mosteiro. Numa das janellæ, através das rexas de ferro, viu ella uma senhora sem habito.

— Será aquella? — perguntou Marianna ao seu coração, que palpitava — Se eu fosse amada como ella!...

— Sobe aquellas escadinhas, Marianna, e entra na primeira porta do corredor, que eu lá vou — disse Joaquina.

Marianna deu alguns passos, olhou novamente para a janella onde vira a senhora sem habito, e repetiu ainda:

— Se eu fosse amada como ella!...

Mal entrou na grade, disse á sua amiga:

— Olha lá, Joaquina, quem é uma menina muito branca, alva como leite, que estava ali agora numa janella?

— Seria alguma noviça, que ha duas cá muito lindas.

— Mas ella não tinha vestimenta nenhuma de freira.

— Ah! já sei; é a D. Therezinha d'Albuquerque.

— Então não me enganei — disse Marianna, pensativa.

— Pois tu conhécel-a?

— Não; mas por amor d'ella é que eu cá vim falar comtigo.

— Então que é?! Que tens tu com a fidalga?

— Eu, cá por mim, nada; mas conheço uma pessoa que lhe quer muito.

— O filho do corregedor?

— Esse mesmo.

— Mas esse está em Coimbra.

— Não sei se está, nem se não. Fazes-me tu um favor?

— Se eu puder...

— Pódes... Eu queria falar com ella.

— Ó dianho! isso não sei se poderá ser, porque a trazem as freiras debaixo d'olho e ella vai-se embora ámanhan.

— Para onde vai?

— Vai para outro convento, não sei se de Lisboa, se do Porto. Os bahus já estão preparados, e ella está morta por sahir. E tu que lhe queres?

— Não t'o posso dizer, porque não sei... Queria dar-lhe um papel... Faze com que ella cá venha, que eu dou-te chita para um vestido.

— Como tu estás rica, Marianna!... — atalhou, rindo, Joaquina — Eu não quero a tua chita, rapariga. Se eu puder dizer-lhe que venha, sem que alguem me ouça, digo-lh'o. E agora é boa maré, porque tocou ao côro... Deixa-me lá ir...

Joaquina sahiu-se bem da difficil commissão. Thereza estava sósinha, absorvida a scismar com os olhos fitos no ponto onde vira Marianna.

— A menina faz favor de vir commigo depressinha? — disse-lhe a criada.

Seguiu-a Thereza, e entrou na grade, que Joaquina fechou, dizendo:

— O mais breve que possa bata por dentro para eu lhe abrir a porta. Se perguntarem por vossa excellencia, digo-lhe que a menina está no mirante.

A voz de Marianna tremia, quando D. Thereza lhe perguntou quem era.

— Sou uma portadora d'esta carta para vossa excellencia.

— É de Simão! exclamou Thereza.

— Sim, minha senhora.

A recluza leu convulsiva a carta duas vezes, e disse:

— Eu não posso escrever-lhe, que me roubaram o meu tinteiro, e ninguem me empresta um. Digalhe que vou de madrugada para o convento de Monchique do Porto. Que se não afflija, porque eu sou sempre a mesma. Que não venha cá, porque isso seria inutil, e muito perigoso. Que vá ver-me ao Porto, que hei de arranjar modo de lhe falar. Digalhe isto, sim?

— Sim, minha senhora.

— Não se esqueça, não? Vir cá, por modo nenhum. É impossivel fugir, e vou muito acompanhada. Vai o primo Balthazar e as minhas primas, e meu pae, e não sei quantos criados de bagagem e das liteiras. Tirar-me no caminho é uma loucura com resultados funestos. Diga-lhe tudo, sim?

Joaquina disse fóra da porta:

— Menina, olhe que a prioreza anda lá por dentro a procural-a.

— Adeus, adeus — disse Thereza sobresaltada. — Tome lá esta lembrança como prova da minha gratidão.

E tirou do dedo um annel de ouro, que offereceu a Marianna.

— Não acceito, minha senhora.

— Porque não acceita?

— Porque não fiz algum favor a vossa excellencia. A receber alguma paga ha de ser de quem me cá mandou. Fique com Deus, minha senhora, e oxalá que seja feliz.

Sahiu Thereza, e Joaquina entrou na grade.

— Já te vaes embora, Marianna?

— Vou, que é pressa; um dia virei conversar comtigo, muito. Adeus, Joaquina.

— Pois não me contas o que isto é? O amor da fidalga está perto d'aqui? Conta, que eu não digo nada, rapariga!...

— Outra vez, outra vez; obrigada, Joaquininha.

Marianna, durante a veloz caminhada, foi repetindo o recado da fidalga; e se alguma vez se distrahia d'este exercicio de memoria, era para pensar nas feições da amada do seu hospede, e dizer, como em segredo, ao seu coração: «Não lhe bastava ser fidalga e rica: é, além de tudo, linda como nunca vi outra!» E o coração da pobre moça, avergando ao que a consciencia lhe ia dizendo, chorava.

Simão, de uma fresta do postig do seu quarto, espreitava ao longo do caminho, o escutava a estropeada da cavalgadura.

Ao descobrir Marianna, desceu o quinteiro, desprezando cautelas e esquecido já d ferimento cuja crise de perigo peorára naquelle dia, que era o oitavo depois do tiro.

A filha do ferrador deu o recao, e sem alteração de palavra. Simão escutara a pacidamente até ao ponto em que lhe ella disse qe o primo Balthazar a acompanhava ao Porto.

— O primo Balthazar!... — murmurou elle com um sorriso sinistro — sempre este rimo Balthazar cavando a sua sepultura e a minha...

— A sua, fidalgo! — exclamou oão da Cruz — morra elle, que o levem trinta miões de diabos! mas vossa senhoria ha de viver mquanto eu fôr João. Deixe-a ir para o Porto, quenão tem perigo no convento. D'hora a hora Deus melhora. O senhor doutor vae para Coimbra, está por lá algum tempo, e ás duas por tres, quando o velho mal se precatar, a fidalguinha engrampa-se é sua tão certo como esta luz que nos allumia.

— Eu hei-de vel-a antes de parr para Coimbra — disse Simão.

— Olhe que ella recommendo-me muito que não fosse lá — acudiu Marianna.

— Por causa do primo — tornou o academico ironicamente.

— Acho que sim, e por talvez ão servir de na-

da lá ir vossa senhoria — respondeu timidamente a moça.

— Lá se quer, — bradou mestre João — a mulher vai-se-lhe tirar ao caminho. Não tem mais que dizer.

— Meu pae! não mêtta este senhor em maiores trabalhos! — disse Marianna.

— Não tem duvida, menina — atalhou Simão — eu é que não quero metter ninguem em trabalhos. Com a minha desgraça, por maior que ella seja, hei de eu lutar sósinho.

João da Cruz, assumindo uma gravidade de que a sua figura raras vezes se ennobrecia, disse:

— Senhor Simão, vossa senhoria não sabe nada do mundo. Não mêtta sósinho a cabeça aos trabalhos, que elles, como o outro que diz, quando pegam de ensarilhar um homem, não lhe deixam tomar fôlego. Eu sou um rustico; mas a bem dizer, estou naquella d'aquelle que dizia que o mal dos seus burrinhos o fizera alveitar. Paixões, que as leve o diabo, e mais quem com ellas engorda. Por causa de uma mulher, ainda que ella seja filha do rei, não se ha de um homem botar a perder. Mulheres ha tantas como a praga, e são como as rans do charco, que mergulha uma, e apparecem quatro á tona d'agua. Um homem rico e fidalgo como vossa senhoria, onde quer topa uma com um palmo de cara como se quer, e um dote de encher o olho. Deixe-a ir com Deus ou com a breca, que ella, se tiver de ser sua, á mão lhe ha de vir dar, e tanto faz andar

p'ra trás como p'ra diante, é dictado dos antigos. Olhe que isto não é medo, fidalgo; tome sentido, que João da Cruz sabe o que é pôr dois homens d'uma feita a olhar o sete-estrello, mas não sabe o que é medo. Se o senhor quer sahir á estrada e tirar a tal pessoa ao pae, ao primo, e a um regimento, se fôr necessario, eu vou montar na egua, e d'aqui a tres horas estou de volta com quatro homens, que são quatro dragões.

Simão fitára os olhos chammejantes nos do ferrador, e Marianna exclamára, ajuntando as mãos sobre o seio:

— Meu pae! não lhe dê esses conselhos!...

— Cala-te ahi, rapariga! — disse mestre João — Vai tirar o albardão á egua, amanta-a, e bota-lhe secco. Não és aqui chamada.

— Não vá afflicta, senhora Marianna — disse Simão á moça, que se retirava amargurada. — Eu não aproveito algum dos conselhos de seu pae. Ouço-o com boa vontade, porque sei que quer o meu bem; mas hei-de fazer o que a honra e o coração me aconselhar.

Ao anoitecer, Simão, como estivesse sósinho, escreveu uma longa carta, da qual extractamos os seguintes periodos:

«Considero-te perdida, Thereza. O sol de áma-
«nhan póde ser que o não veja. Tudo, em volta de
«mim, tem uma côr de morte. Parece que o frio da
«minha sepultura me está passando o sangue e os
«ossos.

«Não posso ser o que tu querias que eu fosse.
«A minha paixão não se conforma com a desgraça.
«Eras a minha vida: tinha a certeza de que as
«contrariedades me não privavam de ti. Só o re-
«ceio de perder-te me mata. O que me resta do
«passado é a coragem de ir buscar uma morte di-
«gna de mim e de ti. Se tens força para uma agonia
«lenta, eu não posso com ella.

«Poderia viver com a paixão infeliz; mas este
«rancor sem vingança é um inferno. Não hei de
«dar barata a vida, não. Ficarás sem mim, Thereza;
«mas não haverá ahi um infame que te persiga de-
«pois da minha morte. Tenho ciumes de todas as
«tuas horas. Has de pensar com muita saudade no
«teu esposo do céo, e nunca tirarás de mim os
«olhos da tua alma para vêres ao pé de ti o mise-
«ravel que nos matou a realidade de tantas espe-
«ranças formosas.

«Tu verás esta carta quando eu já estiver num
«outro mundo, esperando as orações das tuas lagri-
«mas. As orações! Admiro-me d'esta faisca de fé
«que me allumia nas minhas trevas!... Tu dé-
«ras-me com o amor a religião, Thereza. Ainda
«creio; não se apaga a luz que é tua; mas a pro-
«videncia divina desamparou-me.

«Lembra-te de mim. Vive, para explicares ao
«mundo, com a tua lealdade a uma sombra, a ra-
«zão porque me attrahiste a um abysmo. Escutarás
«com gloria a voz do mundo, dizendo que eras di-
«gna de mim.

«A' hora em que lêres esta carta...»

Não o deixaram continuar as lagrimas, nem depois a presença de Marianna. Vinha ella pôr a mesa para a ceia, e, quando desdobrava a toalha, disse em voz abafada, como se a si mesma sómente o dissesse:

— É a ultima vez que ponho a mesa ao senhor Simão em minha casa!

— Porque diz isso, Marianna?

— Porque m'o diz o coração.

D'esta vez, o academico ponderou supersticiosamente os dictames do coração da moça, e com o silencio meditativo deu-lhe a ella a evidencia antecipada do vaticinio.

Quando voltou com a travessa da gallinha, vinha chorando a filha de João da Cruz.

— Chora com pena de mim, Marianna? — disse Simão enternecido.

— Choro, porque me parece que o não tornarei a vêr; ou, se o vir, será de modo que oxalá que eu morrêsse antes de o vêr.

— Não será, talvez, assim, minha amiga...

— Vossa senhoria não me faz uma coisa que eu lhe peço?

— Verêmos o que pede, menina.

— Não sáia esta noite, nem ámanhan.

— Pede o impossivel, Marianna. Hei de sahir, porque me mataria se não sahisse.

— Então perdôe a minha ousalia. Deus o tenha da sua mão.

A rapariga foi contar ao pae as intenções do academico. Acudiu logo mestre João combatendo a ideia da sahida, com encarecer os perigos do ferimento. Depois, como não conseguisse dissuadil-o, resolveu acompanhal-o. Simão agradeceu a companhia, mas rejeitou-a com decisão. O ferrador não cedia do proposito, e estava já preparando a clavina, e arreçoando com medida dobrada a egua — para o que désse e viésse — dizia elle, quando o estudante lhe disse que, melhor avisado, resolvêra não ir a Vizeu, e seguir Thereza ao Porto, passados os dias de convalescença. Facilmente o acreditou João da Cruz; mas Marianna, submissa sempre ao que o seu coração lhe bacorejava, duvidou da mudança, e disse ao pae que vigiasse o fidalgo.

Ás onze horas da noite, ergueu-se o academico e escutou o movimento interior da casa: não ouviu o mais ligeiro ruido, a não ser o rangido da egua na manjedoura. Escorvou de polvora nova as duas pistolas. Escreveu um bilhete sobrescriptado a João da Cruz e ajuntou-o á carta que escrevêra a Thereza. Abriu as portadas da janella do seu quarto, e passou d'ali para a varanda de pau, da qual o salto á estrada era sem risco. Saltou, e tinha dado alguns passos, quando a fresta, lateral á porta da varanda se abriu, e a voz de Marianna lhe disse:

— Então adeus, senhor Simão. Eu fico pedindo a Nossa Senhora que vá na sua companhia.

O academico parou, e ouviu a voz intima que lhe dizia: «O teu anjo da guarda fala pela bôca

d'aquella mulher, que não tem mais intelligencia que a do coração allumiado pelo seu amor.»

— Dê um abraço em seu pae, Marianna — disse Simão — e adeus... — até logo, ou...

— Até ao juizo final... — atalhou ella.

— O destino ha de cumprir-se... Seja o que o céo quizer.

Tinha Simão desapparecido nas trevas, quando Marianna accendeu a lampada do sanctuario, e ajoelhou orando com fervor das lagrimas.

Era uma hora, e estava Simão defronte do convento, contemplando uma a uma as janellas. Em nenhuma vira clarão de luz; luz só a do lampanario do Sacramento se coava baça e pallida na vidraça d'uma fresta do templo. Sentou-se nas escaleiras da igreja, ouviu ali, immovel, as quatro horas. Das mil visões que lhe relancearam no atribulado espirito, a que mais a miudo se repetia era a de Marianna supplicante, com as mãos postas; mas, ao mesmo tempo, cria elle ouvir os gemidos de Thereza, torturada pela saudade, pedindo ao céo que a salvasse das mãos de seus algozes. O vulto de Thadeu de Albuquerque arrastando a filha a um convento, não lhe afogueava a sêde da vingança; mas cada vez que lhe acudia á mente a imagem odiosa de Balthazar Coutinho, instinctivamente as mãos do academico se asseguravam da posse das pistolas.

Ás quatro horas e um quarto, acordou a natureza toda em hymnos e acclamações ao radiar da

alva. Os passarinhos trinavam na cerca do mosteiro melodias interrompidas pelo toque solemne das Ave-Marias na torre. O horizonte passára de escarlate a alvacento. A purpura da aurora, como lavareda enorme, desfizera-se em particulas de luz, que ondeavam no declive das montanhas, e se distendiam nas planicies e nas varzeas, como se o anjo do Senhor, á voz de Deus, viesse desenrolando aos olhos da creatura as maravilhas do repontar d'um dia estivo.

E nenhuma d'estas galas do céo e da terra enlevava os olhos do moço poeta!

— Ás quatro horas e meia, ouviu Simão o tinido de liteiras, dirigindo-se áquelle ponto. Mudou de local, tomando por uma rua estreita, fronteira ao convento.

Pararam as liteiras vasias na portaria, e logo depois chegaram tres senhoras vestidas de jornada, que deviam ser as irmans de Balthazar, acompanhadas de dois mochilas com as mulas á redea. As damas foram sentar-se nos bancos de pedra, lateraes á portaria. Em seguida abriu-se a grossa porta, rangendo nos gonzos, e as tres senhoras entraram.

Momentos depois, viu Simão chegar á portaria Thadeu de Albuquerque encostado ao braço de Balthazar Coutinho. O velho denotava quebranto e desfallecimento a espaços. O de Castro d'Aire, bem composto de figura e caprichosamente vestido á castelhana, gesticulava com o aprumo de quem

dá as suas irrefutaveis razões, e consola tomando a riso a dôr alheia.

— Nada de lamurias, meu tio! — dizia elle — Desgraça seria vêl-a casada! Eu prometto-lhe antes de um anno restituir-lh'a curada. Um anno de convento é um optimo vomitorio do coração. Não ha nada como isso para limpar o sarro do vicio em corações de meninas creadas á discreção. Se meu tio a obrigasse, desde menina, a uma obediencia cega, tel-a-ia agora submissa, e ella não se julgaria autorisada a escolher marido.

— Era uma filha unica, Balthazar! — dizia o velho, soluçando.

— Pois por isso mesmo — replicou o sobrinho.— Se tivesse outra, ser-lhe-ia menos sensivel a perda, e menos funesta a desobediencia. Faria a sua casa na filha mais querida, embora tivesse de impetrar uma licença régia para desherdar a primogenita. Assim, agora, não lhe vejo outro remedio senão empregar o cauterio á chaga: com emplastros é que não se faz nada.

Abriu-se novamente a portaria, e sahiram as tres senhoras, e após ellas Thereza.

Thadeu enxugou as lagrimas, e deu alguns passos a saudar a filha, que não ergueu do chão os olhos.

— Thereza... — disse o velho

— Aqui estou, senhor — respondeu a filha, sem o encarar.

— Ainda é tempo — tornou Albuquerque.

— Tempo de que?

— Tempo de sêres boa filha.

— Não me accusa a consciencia de o não ser.

— Ainda mais?!... Queres ir para tua casa, e esquecer o maldito que nos faz a todos desgraçados?

— Não, meu pae. O meu destino é o convento. Esquecêl-o nem por morte. Serei filha desobediente, mas mentirosa é que nunca.

Thereza, circumvagando os olhos, víu Balthazar, e estremeceu, exclamando:

— Nem aqui!

— Fala commigo, prima Thereza? — disse Balthazar, risonho.

— Comsigo falo! Nem aqui me deixa a sua odiosa presença?

— Sou um dos criados que minha prima leva em sua companhia. Dois tinha eu ha dias, dignos de acompanharem a minha prima; mas esses houve ahi um assassino que m'os matou. Á falta d'elles, sou eu que me offereço.

— Dispenso-o da delicadeza — atalhou Thereza, com vehemencia.

— Eu é que me não dispenso de a servir, á falta dos meus dois fieis criados, que um scelerado me matou.

— Assim devia ser — tornou ella tambem ironica — porque os cobardes escondem-se nas costas dos criados, que se deixam matar.

— Ainda se não fizeram as contas finaes... minha querida prima — redarguiu o morgado.

Este dialogo correu rapidamente, em quanto Thadeu de Albuquerque cortejava a prioreza e outras religiosas. As quatro senhoras, seguidas de Balthazar, tinham sahido do atrio do convento, e deram de rosto em Simão Botelho, encostado á esquina da rua fronteira.

Thereza viu-o... adivinhou-o, primeira de todas, e exclamou:

— Simão!

O filho do corregedor não se moveu.

Balthazar, espavorido do encontro, fitando os olhos nelle, duvidava ainda.

— É crivel que este infame aqui viesse! — exclamou o de Castro d'Aire.

Simão deu alguns passos, e disse placidamente:

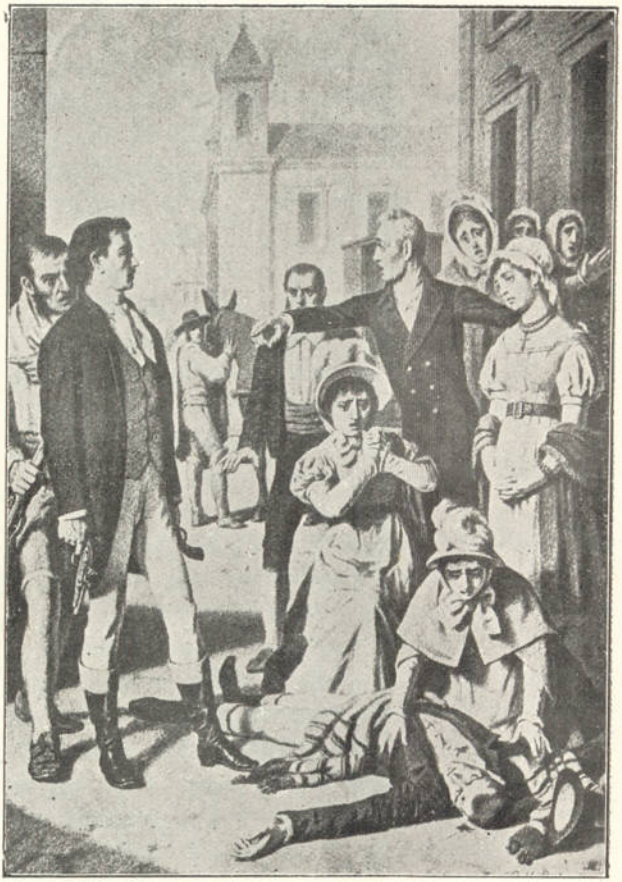
— *Infame!*... eu! e por quê?

— Infame, e infame assassino! — replicou Balthazar. — Já fóra da minha presença!

— É parvo este homem! — disse o academico — Eu não discuto com sua senhoria... Minha senhora — disse elle a Thereza com a voz commovida e o semblante alterado unicamente pelos affectos do coração. — Soffra com resignação, da qual eu lhe estou dando um exemplo. Leve a sua cruz, sem amaldiçoar a violencia, e bem póde ser que a meio caminho do seu calvario a misericordia divina lhe redobre as forças.

— Que diz esse patife?! — exclamou Thadeu.

— Vem aqui insultal-o, meu tio! — respondeu Balthazar. — Tem a petulancia de se apresentar a



ASSASSINATO DE BALTHAZAR COUTINHO

sua filha a confortal-a na sua malvadez! Isto é de mais! Olhe que eu esmago-o aqui, seu villão.

— Villão é o desgraçado que me ameaça, sem ousar avançar para mim um passo — redarguiu o filho do corregedor.

— Eu não o tenho feito — exclamou enfurecidamente Balthazar — por entender que me avilto, castigando-o, na presença de criados de meu tio, que tu pódes suppôr meus defensores, canalha!

— Se assim é — tornou Simão, sorrindo — espero nunca me encontrar de rosto com sua senhoria. Reputo-o tão cobarde, tão sem dignidade, que o hei de mandar azorragar pelo primeiro mariola das esquinas.

Balthazar Coutinho lançou-se de impeto a Simão. Chegou a apertar-lhe a garganta nas mãos; mas depressa perdeu o vigor dos dedos. Quando as damas chegáram a interpôr-se entre os dois, Balthazar tinha o alto do craneo aberto por uma bala, que lhe entrára na fronte. Vacillou um segundo, e cahiu desamparado aos pés de Thereza.

Thadeu de Albuquerque gritava a altos brados. Os liteireiros e criados rodeáram Simão, que conservava o dedo no gatilho da outra pistola. Animados uns pelos outros e pelos brados do velho, iam lançar-se ao homicida, com risco de vida, quando um homem, com um lenço pela cara, correu da rua fronteira, e se collocou, de bacamarte aperrado, á beira de Simão. Estacáram os homens.

— Fuja, que a egua está ao cabo da rua — disse o ferrador ao seu hospede.

— Não fujo... Salve-se, e depressa — respondeu Simão.

— Fuja, que se ajunta o povo e não tardam ahi soldados.

— Já lhe disse que não fujo — replicou o amante de Thereza, com os olhos postos nella, que cahira desfallecida sobre as escadas da igreja.

— Está perdido! — tornou João da Cruz.

— Já o estava. Vá-se embora, meu amigo, por sua filha lh'o rogo. Olhe que póde ser-me util; fuja...

Abriam-se todas as portas e janellas, quando o ferrador se lançou na fuga, até cavalgar a egua.

— Um dos vizinhos do mosteiro, que, em razão do seu officio, primeiro sahiu á rua, era o meirinho geral.

— Prendam-no, prendam-no, que é o matador! — exclamava Thadeu de Albuquerque.

— Qual? — perguntou o meirinho geral.

— Sou eu — respondeu o filho do corregedor.

— Vossa senhoria! — disse o meirinho espantado; e, aproximando-se, accrescentou a meia voz — venha, que eu deixo-o fugir.

— Eu não fujo — tornou Simão. — Estou prêso. Aqui tem as minhas armas.

E entregou as pistolas.

Thadeu de Albuquerque, quando se recobrou do espasmo, fez transportar a filha a uma das litei-

ras, e ordenou que dois criados a acompanhassem ao Porto.

As irmans de Balthazar seguiram o cadaver de seu irmão para casa do tio.

XI

O corregedor acordára com um grande reboliço que ia na casa, e perguntou á esposa, que elle suppunha tambem desperta na camara immediata, que bulha era aquella. Como ninguem lhe respondesse, sacudiu freneticamente a campainha, e berrou ao mesmo tempo, aterrado pela hypothese de incendio na casa. Quando D. Rita acudiu, já elle estava enfiando os calções ás avessas.

— Que estrondo é este? quem é que grita? — exclamou Domingos Botelho.

— Quem grita mais é o senhor — respondeu D. Rita.

— Sou eu!? Mas quem é que chora?

— São suas filhas.

— E porque? Diga numa palavra.

— Pois sim, direi: o Simão matou um homem.

— Em Coimbra?... E fazem tanta bulha por isso!

— Não foi em Coimbra, foi em Vizeu — tornou D. Rita.

— A senhora manga commigo?! Pois o rapaz

está em Coimbra, e mata em Vizeu! Ahi está um caso para que as Ordenações do Reino não providenciaram.

— Parece que brinca, Menezes! Seu filho matou na madrugada de hoje Balthazar Coutinho, sobrinho de Thadeu d'Albuquerque.

Domingos Botelho mudou interamente de aspecto.

— Foi preso? — perguntou o corregedor.

— Está em casa do juiz de fóra.

— Mande-me chamar o meirinho geral. Sabe como foi e por que foi essa morte?... Mande-me chamar o meirinho sem demora.

— Porque se não veste o senhor, e vai a casa do juiz?

— Que vou eu fazer a casa do juiz?

— Saber de seu filho como isto foi.

— Eu não sou pae: sou corregedor. Não me incumbe a mim interrogal-o. Senhora D. Rita, eu não quero ouvir choradeiras; diga ás meninas que se calem, ou que vão chorar no quintal.

O meirinho chamado relatou mudamente o que sabia, e disse ter-se verificado que o amor á filha do Albuquerque fôra causa d'aquele desastre.

Domingos Botelho, ouvida a historia, disse ao meirinho:

— O juiz de fóra que cumpra a leis. Se elle não fôr rigoroso, eu o obrigarei a sêl-o

Ausente o meirinho, disse D. Rita Preciosa ao marido:

— Que significa esse modo de falar de seu filho?

— Significa que sou corregedor d'esta comarca, e que não protejo assassinos por ciumes, e ciumes da filha de um homem, que eu detesto. Eu antes queria vêr mil vezes morto Simão, que ligado a essa familia. Escrevi-lhe muitas vezes dizendo-lhe que o expulsava de minha casa, se alguem me désse a certeza de que elle tinha correspondencia com tal mulher. Não ha de querer a senhora que eu vá sacrificar a minha integridade a um filho rebelde, e de mais a mais homicida.

D. Rita, algum tanto por affecto maternal e bastante por espirito de contradicção, contendeu largo espaço; mas desistiu, obrigada pela insolita pertinacia e cólera do marido. Tão iracundo e áspero em palavras nunca o ella vira. Quando lhe elle disse: «Senhora, em coisas de pouca monta o seu dominio era toleravel; em questões de honra, o seu dominio acabou: deixe-me!» D. Rita, quando tal ouviu, e reparou na physionomia de Domingos Botelho, sentiu-se mulher, e retirou-se.

A ponto foi isto de entrar o juiz de fóra na sala de espera. O corregedor foi recebel-o, não com o semblante affectuoso de quem vai agradecer a delicadeza e implorar indulgencia, senão que, de carrancudo que ia, mais parecêra ir elle reprehender o juiz, por vir naquella visita dar a crer que a balança da justiça na sua mão tremia algumas vezes.

— Começo por dar a vossa senhoria os pezames da desgraça de seu filho — disse o juiz de fóra.

— Obrigado a vossa senhoria. Sei tudo. Está instaurado o precesso?

— Não podia deixar eu de acceitar a querella.

— Se a não acceitasse, obrigalo-ia eu ao cumprimento dos seus deveres.

— A situação do senhor Simão Botelho é pessima. Confessa tudo. Diz que matou o algoz da mulher que elle amava...

— Fez muito bem — interrompeu o corregedor, soltando uma casquinada sêcca e rouca.

— Perguntei-lhe se foi em defesa, e fiz-lhe signal que respondesse affirmativamente. Respondeu que não; que, a defender-se, o faria coma ponta da bota, e não com um tiro. Busquei todos os modos honestos de o levar a dar algumas respostas que denotassem allucinação ou demencia; elle, porém, responde e replica com tanta igualdade e presença de espirito, que é impossivel suppôr que o assassinio não foi perpetrado muito intencionalmente e de claro juizo. Aqui tem vossa senhoria uma especialissima e triste posição. Queria valer-lhe e não posso.

— E eu não posso nem quero senhor doutor juiz de fóra. Está na cadêa?

— Ainda não: está em minha casa. Venho saber se vossa senhoria determina que lhe seja preparada com decencia a prisão.

— Eu não determino nada. Faça de conta que o prêso Simão não tem aqui parente algum.

— Mas, senhor doutor corregedor — disse o juiz

de fóra com tristeza e compunção — vossa senhoria é pae.

— Sou um magistrado.

— É demasiada a severidade, perdôe-me a reflexão, que é amiga. Lá está a lei para o castigar; não o castigue vossa senhoria com o seu odio. A desgraça quebranta o rancor de estranhos, quanto mais o affectuoso resentimento de um pae!

— Eu não odeio, senhor doutor; desconheço esse homem de quem me fala. Cumpra os seus deveres, que lh'o ordena o corregedor e o amigo mais tarde lhe agradecerá a delicadeza.

Sahiu o juiz de fóra, e foi encontrar Simão na mesma serenidade em que o deixára.

— Venho de falar com seu pae; — disse o juiz — encontrei-o mais irado do que era natural calcular. Penso que por emquanto nada póde esperar da influencia ou patrocinio d'elle.

— Isso que importa? — respondeu socegadamente Simão.

— Importa muito, senhor Botelho. Se seu pae quizesse, haveria meios de mais tarde lhe adoçar a sentença.

— Que me importa a mim a sentença? — replicou o filho do corregedor.

— Pelo que vejo, não lhe importa ao senhor ir a uma forca?

— Não, senhor.

— Que diz, senhor Simão! — redarguiu espantado o interrogador.

— Digo que o meu coração é indifferente ao destino da minha cabeça.

— E sabe que seu pae não lhe dá mesmo protecção, a protecção das primeiras necessidades na cadêa?

— Não sabia; que tem isso? Que importa morrer de fome, ou morrer no patibulo?

— Porque não escreve a sua mãe? Peça-lhe que...

— Que hei de eu pedir a minha mãe? — atalhou Simão.

— Peça-lhe que amacie a cólera de seu pae, senão o senhor Botelho não tem quem o alimente.

— Vossa senhoria está-me julgando um miseravel, a quem dá cuidado saber onde ha de almoçar hoje. Penso que não incumbem ao senhor juiz de fóra essas miudezas de estomago.

— De certo não — redarguiu irritado o juiz — Faça o que quizer.

E, chamando o meirinho gera, entregou-lhe o réu, dispensando o aguazil de pedir força para acompanhal-o.

O carcereiro recebeu respeitosamente o prêso, e alojou-o num dos quartos melhores do carcere; mas nú e desprovido do minimo confôrto.

Um outro prêso emprestou-lhe uma cadeira de pau. Simão sentou-se, cruzou os braços e meditou.

Pouco depois, um criado de seu pae conduziu-lhe o almoço, dizendo-lhe que sua mãe lh'o mandava a occultas, e entregando-lhe uma carta d'ella,

cujo conteúdo importa saber. Simão, antes de tocar no almoço, cujo cabaz estava no pavimento, leu o seguinte:

« Desgraçado, que estás perdido!

« Eu não te posso valer, porque teu pae está in-« exoravel: Ás escondidas d'elle é que te mando o « almoço, e não sei se poderei mandar-te o jantar!

« Que destino o teu! Oxalá que tivesses morrido « ao nascer!

« Morto me disseram que tinhas nascido; mas o « teu fatal destino não quiz largar a victima [1].

« Para que sahiste de Coimbra? A que vieste, « infeliz? Agora sei que tens vivido fóra de Coim-« bra ha quinze dias, e nunca tiveste uma palavra « que dissesses a tua mãe!...»

Simão suspendeu a leitura, e disse entre si:

— Como se entende isto?! Pois minha mãe não mandou chamar o João da Cruz! E não foi ella quem me mandou o dinheiro?

— Olhe que o almoço arrefece, menino! — disse o criado.

---

[1] Esclarece este dizer de D. Rita a certidão de idade de Simão, a qual tenho presente, e é extrahida por Herculano Henrique Garcia Camillo Galhardo, reitor da real igreja da Senhora da Ajuda, do livro 14, a folhas 159 v. Reza assim:

« Aos dois dias do mez de maio de 1784, pôz os santos oleos o reverendo padre cura, João Domingos Chaves, a Simão, o qual foi « baptisado em casa em perigo de vida » pelo reverendo frei Antonio de S. Pelagio, etc.»

Simão continuou a ler, sem ouvir o criado:

«Deves estar sem dinheiro, e eudesgraçadamen-«te não posso hoje enviar-te um pinto. Teu irmão «Manuel, desde que fugiu para Hespanha, absorve-«me todas as economias. Veremos passado algum «tempo, o que posso fazer; mas receio bem que teu «pae sáia de Vizeu, e nos leve para Villa Real, para «abandonar de todo o teu julgamento á severidade «das leis.

«Meu pobre Simão! Onde estarias tu escondido «quinze dias?! Hoje mesmo é que eu pae teve car-«ta d'um lente, participando-lhe a tua falta nas au-«las, e sahida para o Porto, segundo dizia o arreeiro «que te acompanhou. Não posso mais. Teu pae já «espancou a Ritinha, por ella querer ir á cadêa.

«Conta com o pouco valor de tua pobre mãe «ao pé d'um homem enfurecido como está teu «pae.»

Simão Botelho reflectiu alguns minutos, e con-venceu-se de que o dinheiro recebido era de João da Cruz. Quando sahiu com o espirito d'esta medi-tação, tinha os olhos marejados de lagrimas.

— Não chore, menino; — disse o criado — os trabalhos são para os homens e Deus ha de fazer tudo pelo melhor. Almoce, senhor Simão.

— Leva o almoço — disse elle.

— Pois não quer almoçar?!

— Não. Nem voltes aqui. Eu não tenho familia. Não quero absolutamente nada da casa de meus paes. Dize a minha mãe que eu estou socegado,

bem alojado, e feliz, e orgulhoso da minha sorte. Vai-te embora já.

O criado sahiu, e disse ao carcereiro que o seu infeliz amo estava doudo. D. Rita achou provavel a suspeita do servo, e viu a evidencia da loucura nas palavras do filho.

Quando o carcereiro voltou ao quarto de Simão, entrou acompanhado d'uma rapariga camponeza: era Marianna. A filha de João da Cruz, que até áquelle momento não apertava sequer a mão do hospede, correu a elle com os braços abertos, e o rosto banhado de lagrimas. O carcereiro retirou-se, dizendo comsigo: «Esta é bem mais bonita que a fidalga!»

— Não quero vêr lagrimas, Marianna — disse Simão. — Aqui, se alguem deve chorar sou eu: mas lagrimas dignas de mim, lagrimas de gratidão aos favores que tenho recebido de si e de seu pae. Acabo de saber que minha mãe nunca me mandou dinheiro algum. Era de seu pae aquelle dinheiro que recebi.

Marianna escondeu o rosto no avental com que enxugava o pranto.

— Seu pae teve algum perigo? — tornou Simão em voz só perceptivel d'ella.

— Não, senhor.

— Está em casa?

— Está, e parece furioso. Queria vir aqui, mas eu não o deixei.

— Perseguiu-o alguem?

— Não, senhor.

— Diga-lhe que não se assuste, e vá depressa socegal-o.

— Eu não posso ir sem fazer o que elle me disse. Eu vou sahir, e volto d'aqui a pouco.

— Mande-me comprar uma banca, uma cadeira, e um tinteiro e papel — disse Simão, dando-lhe dinheiro.

— Ha de vir logo tudo; já cá podia estar; mas o pae disse-me que não comprasse nada sem saber se sua familia lhe mandava o necessario.

— Eu não tenho familia, Marianna. Tome o dinheiro.

— Não recebo dinheiro, sem licença de meu pae. Para essas compras trouxe eu de mais. E a sua ferida como estará?

— Ainda agora me lembro que tenho uma ferida! — disse Simão, sorrindo — Deve estar bôa, que não me dóe... Soube alguma cousa de D. Thereza?

— Soube que foi para o Porto. Estavam ali a contar que o pae a mandára meter sem sentidos na liteira, e está muito povo á porta do fidalgo.

— Está bom, Marianna... Não ha desgraçado sem amparo. Vá, pense no seu hospede, seja o seu anjo de misericordia.

Saltaram de novo as lagrimas dos olhos da moça; e por entre soluços, estas palavras:

— Tenha paciencia. Não ha de morrer ao desamparo. Faça de conta que lhe appareceu hoje uma irman.

E, dizendo, tirou das amplas algibeiras um embrulho de biscoutos e uma garrafa de licór de canella, que depoz sobre a cadeira.

— Mau almoço é; mas não achei outra coisa prompta — disse ella, e sahiu apressada, como para poupar ao infeliz palavras de gratidão.

XII

O corregedor, nesse mesmo dia, ordenou que se preparassem mulher e filhos para no dia immediato sahirem de Vizeu, com tudo que pudesse ser transportado em cavalgaduras.

Vou transcrever a singela e dorida reminiscencia d'uma senhora d'aquella familia, como a tenho em carta, recebida ha mezes.

«Já lá vão cincoenta e sete annos, e ainda me «lembro, como se fossem hontem passados, os tris- «tes acontecimentos da minha mocidade. Não sei «como é que tenho hoje mais clara a memoria das «coisas da infancia. Parece-me que, ha trinta annos, «me não lembravam com tantas circumstancias e «pormenores».

«Quando a mãe disse a mim e a minhas irmans «que preparassemos os nossos bahús, rompemos «todas num choro que irritou a ira do pae. As ma- «nas, como mais velhas ou mais affeitas ao castigo,

« calaram-se logo : eu, porém, que só uma vez e uni-
« camente por causa de Simão tinha sido castigada,
« continuei a chorar, e tive o innocente valor de
« pedir ao pae que me deixasse ir ver o mano á ca-
« dêa antes de sahirmos de Vizeu.

« Então fui castigada pela segunda vez, e aspe-
« ramente.

« O criado, que levou o jantar á cadêa, voltou
« com elle e contou-nos que Simão já tinha alguns
« moveis no seu quarto, e estava jantando com ex-
« terior socegado. Áquella hora todos os sinos de
« Vizeu estavam dobrando a finados por alma de
« Balthazar.

« Ao pé d'elle, disse o criado que estava uma
« formosa rapariga da aldeia, triste e coberta de la-
« grimas. Apontando-a ao criado que a observava,
« disse Simão : — A minha familia é esta.

« No dia seguinte, ao romper da manhã, parti-
« mos para Villa Real. A mãe clorava sempre ; o
« pae, encolerisado por isso, sahiuda liteira em que
« vinha com ella, fez que eu pasasse para o seu
« logar, e fez toda a jornada na mnha cavalgadura.

« Logo que chegamos a Villa leal, eram tão fre-
« quentes as desordens em casa, á conta de Simão,
« que meu pae abandonou a familia, e foi sósinho
« para a quinta de Montezellos. Amãe quiz tambem
« abandonar-nos, e ir para os prmos de Lisboa, a
« fim de solicitar o livramento domano. Mas o pae,
« que fizera uma espantosa mudana de genio, quan-
« do tal soube, ameaçou minha nãe de a obrigar

«judicialmente a não sahir de casa de seu marido «e filhas.

«Escrevia a mãe a Simão, e não recebia res- «posta. Pensava ella que o filho não respondia: an- «nos depois, vimos entre os papeis de meu pae to- «das as cartas que ella escrevêra. Já se vê que o «pae as fazia tirar no correio.

«Uma senhora de Vizeu escreveu á mãe, lou- «vando-a pelo muito amor e caridade com que ella «acudia ás necessidades de seu infeliz filho. Esta «carta foi-lhe entregue por um almocreve; quando «não, teria o destino das outras. Espantou-se mi- «nha mãe do conceito em que a tinha a sua amiga, «e confessou-lhe que não o tinha soccorrido, porque «o filho rejeitára o pouco que ella quizéra fazer em «seu bem. A isto respondeu a senhora de Vizeu «que uma rapariga, filha d'um ferrador, estava vi- «vendo nas vizinhanças da cadêa, e cuidava do «prêso com abundancia e limpeza, e a todos dizia «que ali estava por ordem e á custa da senhora «D. Rita Preciosa. Accrescentava a amiga de mi- «nha mãe, que algumas vezes mandára chamar a «bella moça e lhe quizéra dar alguns cozinhados «mais exquisitos para Simão, os quaes ella rejeitava, «dizendo que o senhor Simão não aceitava nada.

«De tempos a tempos recebiamos estas novas, «sempre tristes, porque, na ausencia de meu pae, «conspiraram, como era de esperar, quasi todas as «pessoas distinctas de Vizeu contra o meu desgra- «çado irmão.

«A mãe escrevia aos seus parentes da capital «implorando graça régia para o filho; mas aquel- «las cartas não sahiam do correio e iam dar todas «á mão de meu pae.

«E que fazia este, entretanto, a quinta, sem fa- «milia, sem gloria, nem recompensa alguma a tantas «faltas? Rodeado de jornaleiros, ultivava aquelle «grande montado aonde ainda hje, por entre os «tojos e urzes, que voltaram com o abandono, se «podem vêr reliquias de cêpas plantadas por elle. «A mãe escrevia-lhe lastimando o filho; meu pae «apenas respondia que a justiça não era uma brin- «cadeira, e que na antiguidade os proprios paes «condemnavam os filhos criminosos. Teve minha «mãe a affoiteza de se lhe apresentar um dia, pe- «dindo licença para ir a Vizeu. Meu inexoravel pae «negou-lh'a, e invectivou-a furiosamente.

«Passados sete mezes, soubemos que Simão ti- «nha sido condemnado a morrer na forca, levantada «no local onde fizera a morte. Esbaram-se as ja- «nellas por oito dias; vestimos de luto, e minha «mãe cahiu doente.

«Quando isto se soube em Villa Real, todas as «pessoas illustres da terra foram a Montezellos, a «fim de obrigarem brandamente o pae a empregar «o seu valimento na salvação do filho condemnado. «De Lisboa vieram alguns parentes protestar con- «tra a infamia, que tamanha ignominia faria recahir «sobre a familia. Meu pae a todos respondia com «estas palavras: — A forca não foi inventada só-

« mente para os que não sabem o nome de seu avô. « A ignominia das familias são as más acções. A « justiça não infama senão aquelle que castiga.

« Tinhamos nós um tio-avô, muito velho e ve- « nerando, chamado Antonio da Veiga. Foi este « quem fez o milagre, e foi assim: Apresentou-se a « meu pae e disse-lhe: Guardou-me Deus a vida até « aos oitenta e tres annos. Poderei viver mais dous « ou tres? Isto nem já é vida: mas foi-o, e honrada, « e sem mancha até agora, e já agora ha de assim « acabar; meus olhos não hão de ver a deshonra de « sua familia. Domingos Botelho, ou tu me promet- « tes aqui de salvar teu filho da forca, ou eu na tua « presença me mato. — E dizendo isto, apontava ao « pescoço uma navalha de barba. Meu pae teve-lhe « mão no braço, e disse que Simão não seria enfor- « cado.

« No dia seguinte, foi meu pae para o Porto, « onde tinha muitos amigos na Relação e de lá « para Lisboa [1].

---

[1] Nalguns papeis que possuimos do corregedor de Vizeu achamos esta carta: « Meu amigo, collega e se- « nhor. Entregará ao portador d'esta, que é o senhor pa- « dre Manoel de Oliveira, as cincoenta moedas em que « lhe falei na sua passagem para Lisboa. A appellação « de seu filho está a meu cuidado, e está segura, apesar « das grandes forças contrarias. — Seu amigo — O des- « embargador, *Antonio José Dias Mourão Mosqueira.* — « Porto 11 de Fevereiro de 1805. » Sobrescripto: Ill.^mo « Snr. Dr. Domingos José Correia Botelho de Mesquita e « Menezes. — Lisboa. » (Nota do autôr).

« Em principio de Março de 1805, soube minha « mãe, com grande prazer, que Simão fôra remo- « vido para as cadêas da Relação do Porto, ven- « cendo os grandes obstaculos que oppuzeram a « essa mudança os queixosos, que eram Thadeu de « Albuquerque, e as irmans do morto.

« Depois.....»

Suspendemos aqui o extracto da carta, para não anteciparmos a narrativa de successos, que importa, em respeito á arte, atar no fio cortado.

Simão Botelho vira imperturbavel chegar o dia do julgamento. Sentou-se no banco dos homicidas sem patrono, nem testemunhas de defesa. Ás perguntas respondeu com o mesmo animo frio d'aquellas respostas ao interrogatorio do juiz. Obrigado a explicar a causa do crime, deu-a com toda a lealdade, sem articular o nome de Thereza Clementina de Albuquerque. Quando o advogado da accusação proferiu aquelle nome, Simão Botelho ergueu-se de golpe, e exclamou:

— Que vem aqui fazer o nome de uma senhora a este antro de infamia e sangue? Que miseravel accusador está ahi, que não sabe, com a confissão do réu, provar a necessidade do arrasco sem enlamear a reputação d'uma mulher? A minha accusação está feita: eu a fiz; agora a lei que fale, e cale-se o villão que não sabe accusar sem infamar.

O juiz impoz-lhe silencio. Simão sentou-se, murmurando:

— Miseraveis todos!

Ouviu o réu a sentença de morte natural para sempre na forca, arvorada no local do delicto. E ao mesmo tempo sahiram d'entre a multidão uns gritos dilacerantes. Simão voltou a face para as turbas, e disse:

— Ides ter um bello espectaculo, senhores! A forca é a unica festa do povo! Levae d'ahi essa pobre mulher que chora: essa é a creatura unica para quem o meu suplicio não será um passa-tempo.

Marianna foi transportada em braços á sua casinha, na vizinhança da cadêa. Os robustos braços que a levaram eram os de seu pae.

Simão Botelho, quando, em toda a agilidade e força dos dezoito annos ia do tribunal ao carcere, ouviu algumas vozes que se alternavam d'este modo:

— Quando vai elle a padecer?

— É bem feito! Vai pagar pelos innocentes que o pae mandou enforcar.

— Queria apanhar a morgada á força de balas!

— Não que estes fidalgos cuidam que não é mais senão matar!...

— Matasse elle um pobre, e tu verias como elle estava em casa!

— Tambem é verdade!

— E como elle vai de cara no ar!

— Deixa ir, que não tarda quem lh'a faça cahir ao chão!...

— Dizem que o carrasco já vem pelo caminho.

— Já chegou de noite, e trazia dous cutelos numa coifa.

— Tu viste-o?

— Não: mas disse a minha comadre que lh'o disséra a vizinha do cunhado da irman, e que o carrasco está escondido numa enxovia.

— Tu has de levar os teus pequenos a vêr o padecente?

— Pudera não! Estes exemplos não se devem perder.

— Eu cá de mim já vi enforcar tres, que me lembre, todos por matadores.

— Por isso tu, ha dois annos, não atiraste com a vida do Amaro Lampreia a casa do diabo!...

— Assim foi; mas, se eu o não matasse, matava-me elle.

— Então de que voga o exemplo?!

— Eu sei cá de que voga? O frei Anselmo dos franciscanos é que prega aos paes que levem os filhos a vêrem os enforcados.

— Isso ha de ser para o não esfolarem a elle, quando elle nos esfola com os pedtorios.

Tão desassombrado ia o espirito de Simão, que algumas vezes lhe esvoaçou nos labios um sorriso, desafiado pela philosophia do povo, ácerca da forca.

Recolhido ao seu quarto, foi intimado para appellar dentro do praso legal. Respondeu que não appellava, que estava contente da sua sorte, e de boas avenças com a justiça.

Perguntou por Marianna, e o carcereiro lhe disse que a mandava chamar. Veio João da Cruz,

e a chorar se lastimou de perder a filha, porque a via delirante a falar em forca, e a pedir que a matassem primeiro. Agudissima foi então a dôr do academico ao comprehender, como se instantaneamente lhe fulgurasse a verdade, que Marianna o amava até o extremo de morrer. Por momentos se lhe esvaiu do coração a imagem de Thereza, se é possivel assim pensal-o. Vel-a-ia por ventura como um anjo redimido em serena contemplação do seu creador; e veria Marianna como o symbolo da tortura, morrer a pedaços, sem instantes de amor remunerado que lhe déssem a gloria do martyrio. Uma, morrendo amada; outra, agonisando, sem ter ouvido a palavra «amor» dos labios que escassamente balbuciavam frias palavras de gratidão.

E chorou então aquelle homem de ferro. Chorou lagrimas que valiam bem as amarguras de Marianna.

— Cuide de sua filha, senhor Cruz! — disse Simão com fervente supplica ao ferrador — deixe-me a mim, que estou vigoroso e bom. Vá consolar essa creatura, que nasceu debaixo da minha má estrella. Tire-a de Vizeu: leve-a para sua casa. Salve-a, para que neste mundo fiquem duas irmans que me chorem. Os favores que me tem feito, já agora dispensa-os a brevidade da minha vida. D'aqui a dias mandam-me recolher ao oratorio: bom será que sua filha ignore.

De volta, João da Cruz achou a filha prostrada no pavimento, ferida no rosto, chorando e rindo,

demente em summa. Levou-a amarrada para sua casa, e deixou a cargo de outra pessoa a sustentação do condemnado.

Terribilissimas foram então as horas solitarias do infeliz. Até áquelle dia Marianna, bemquista do carcereiro e protegida pela amiga de D. Rita Preciosa, tinha franca entrada no carcere a toda a hora do dia, e raras horas deixava sósinho o prêso. Costurava, em quanto elle escrevia, ou cuidava do amanho e limpeza do quarto. Se Simão estava no leito doente ou prostrado, Marianna, que tivera alguns principios de escripta, sentava-se á banca, e escrevia cem vezes o nome de *Simão,* que muitas vezes as lagrimas deliam. E isto assim, durante sete mezes, sem nunca ouvir nem proferir a palavra amor. Isto assim, depois das vigilias nocturnas, ora em preces, ora em trabalho, ora no caminho de sua casa, onde ia visitar o pae a deshoras.

Nunca mais o prêso, na perspectiva da forca, viu entrar aquella dôce creatura o limiar da ferrada porta, que lhe graduava o ar medido e calculado para que as inteiras honras da asphyxia as gozasse o cordel do patibulo. Nunca mais!

E, quando elle avocava a imagem de Thereza, um capricho dos olhos quebrantados lhe afigurava a visão de Marianna ao par da outra. E lagrimosas via as duas. Saltava então do leito, fincava os dedos nos espêssos ferros da janella, e pensava em partir o craneo contra as grades.

Não o sustinha a esperança na terra, nem no

céo. Raio de luz divina jámais penetrou no seu ergastulo. O anjo da piedade incarnára naquella creatura celestial, que enlouquecêra, ou voltára para o céo com o espirito d'ella. O que o salvava do suicidio não era pois esperança em Deus, nem nos homens; era este pensamento: «A final, *cobarde!* Que bravura é morrer quando não ha esperança de vida?! A forca é um triumpho, quando se encontra ao cabo do caminho da honra.»

XIII

E Thereza?

Perguntam a tempo, minhas senhoras, e não me hei de queixar se me arguirem de a ter esquecido e sacrificado a incidentes de menos porte.

Esquecido, não. Muito ha que me reluz e voeja, alada como o ideal cherubim dos santos, nesta minha quasi escuridade [1], aquella ave do céo, como a pedir-lhe que lhe cubra de flores o rastilho de sangue que ella deixou na terra. Mais lagrimas que sangue deixaste, ó filha da amargura! Flores são tuas lagrimas, e do céo me diz se os perfumes

[1] Este romance foi escripto num dos cubiculos-carceres da Relação do Porto, a uma luz coada por entre ferros, e abafada pelas sombras das abobadas. Anno da Graça de 1861.

d'ellas não valem mais aos pés do teu Deus que as preces de muita devota, que morre santificada pelo mundo, e cujo cheiro de santidade não passa do olfacto hypocrita ou estupido dos mortaes.

Thereza Clementina bem a viram transportada da escadaria de templo, onde cahira, á liteira que a conduziu ao Porto. Recobrando o alento, viu defronte de si uma criada, que lhe dizia banaes e frias expressões de allivio. Se alguma criada de seu pae lhe era amiga, de certo não aquella, acintemente escolhida pelo velho. Nem ao menos a confiança para a expansão em gritos restava á affligida menina! Mas um raio de piedade ferira subito o peito da mulher até áquella hora desaffecta a sua ama.

Perguntava-se a si mesma Thereza se aquella horrorosa situação seria um sonho! Sentia-se de novo fallecer de forças, e voltava á vida, sacudida pela consciencia da sua desgraça. Condoeu-se a criada, e incitou-a a respirar, chorando com ella, e dizendo-lhe:

— Póde falar, menina, que ninguem nos segue.

— Ninguem?!

— As suas primas ficaram: apenas véem os dois lacaios.

— E meu pae não?

— Não, fidalga... Póde chorar e falar á sua vontade.

— E eu vou para o Porto?

— Vamos, sim, minha senhora.

— E tu viste tudo como foi, Constança?

— Desgraçadamente vi...

— Como foi? Conta-me tudo.

— A menina bem sabe que seu primo morreu.

— Morreu?! Vi-o cahir quasi aos pés; mas...

— Morreu logo, e depois quizeram os criados, á voz de seu pae, prender o senhor Simão; mas elle com outra pistola...

— E fugiu? — atalhou Thereza com vehemente alegria.

— A final foi elle que se deu á prisão.

— Está preso?!

E suffocada pelos soluços, com o rosto no lenço, não ouvia as palavras confortadoras de Constança.

Serenado algum tempo o violento accesso de gemidos e chôro, Thereza suggeriu á criada o louco plano de a deixar fugir da primeira estalagem onde pousassem, para ella ir a Vizeu dar o ultimo adeus a Simão.

A criada a custo a despersuadiu do intento, pintando-lhe os novos perigos que ia accumular á desgraça do seu amante, e animando-a com a esperança de livrar-se Simão do crime, com a influencia do pae, apesar da perseguição do fidalgo.

Calaram lentamente estas razões no espirito de Thereza.

Chorosa, anciada e a revezes desfallecida, foi Thereza vencendo a distancia que a separava de Monchique, onde chegou ao quinto dia de jornada.

A prelada já estava sabedora dos successos, por

emissarios que se adiantaram ao moroso caminhar da liteira.

Foi Thereza recebida com brandura por sua tia, posto que as recommendações de Thadeu de Albuquerque eram clausura rigorosa e absoluta privação de meios de escrever a quem quer que fosse.

Ouviu a prelada da bôca de sua sobrinha a fiel historia dos acontecimentos, e viu uma a uma as cartas de Simão Botelho. Choraram abraçadas; mas a prelada, enxugadas as lagrimas de mulher ao fogo da austeridade religiosa, falou e aconselhou como freira, e freira que ciliciava o corpo com as rosetas, e o coração com as privações tormentosas de quarenta annos.

Thereza carecia de forças para a rebellião. Deixou a sua tia a santa vaidade de exorcismar o demonio das paixões, e deu um sorriso ao anjo da morte, que, de permeio ao seu amor e á esperança, lhe interpunha a aza negra, que tão de luz refulgente rebrilha ás vezes em corações infelizes.

Quiz Thereza escrever.

— A quem, minha filha? — perguntou a prelada.

Thereza não respondeu.

— Escrever-lhe para que? — tornou a religiosa — Cuidas tu, menina, que as tuas cartas lhe chegam á mão? Que vais tu fazer senão redobrar a ira de teu pae contra ti e contra o infeliz prêso! Se o amas, como creio, apesar de tudo, cuida em salval-o. Se não ouves a minha razão, finge-te esquecida. Se pódes violentar a tua dôr, dissimula,

faze muito porque a teu pae chegue a noticia de que lhe serás docil em tudo, se elle tiver piedade do teu pobre amigo.

Não recalcitrou Thereza. Deu outro sorriso ao anjo da morte, e pediu-lhe que a envolvesse a ella, e ao seu amor, e á sua esperança, de todo, na negrura de suas azas.

De mez a mez recebia a abbadessa de Monchique uma carta de seu primo. Eram estas cartas um respiradouro de vingança. Em todas dizia o velho que o assassino iria ao patibulo irremediavelmente. A sobrinha não via as cartas; mas reparava nas lagrimas da compassiva freira.

A debil compleição de Thereza deperecia acceleradamente. A sciencia condemnou-a a morte breve. D'isto foi informado Thadeu de Albuquerque, e respondeu: «Que a não desejava morta; mas, se Deus a levasse, morreria mais tranquillo, e com a sua honra sem mancha». Era assim immaculada a honra do fidalgo de Vizeu!... a HONRA, que dizem proceder em linha recta da virtude de Socrates, da virtude de Jesus Christo, e da virtude de milhões de martyres, que se deram ás garras das feras, quando predicavam a caridade e o perdão aos homens.

Quantas caricias inventou a sympathia e a piedade, todas, por ministerio das religiosas exemplares de Monchique, aporfiaram em refrigerar o ardor que consumia rapidamente a reclusa. Inutil tudo. Thereza reconhecia com lagrimas a compaixão, e,

ao mesmo tempo, alegrava-se tirando das caricias a certeza de que os medicos a julgavam incuravel.

Alguma freira inadvertida lhe disse um dia que uma sua amiga do convento dos Remedios de Lamego lhe disséra que Simão tinha sido condemnado á morte.

Thereza estremeceu e murmurou, sem forças já para a exclamação:

— E eu vivo ainda!

Depois orou, e chorou; mas os costumes da sua vida em paroxismos continuaram inalteraveis.

Perguntou á senhora, que lhe déra a noticia, se a sua amiga do convento dos Remedios lhe faria a esmola de fazer chegar ás mãos de Simão uma carta. Promptificou-se a freira, depois que ouviu o parecer da prelada. Entendeu esta religiosa que o derradeiro colloquio entre dous moribundos não podia damnifical-os na vida temporal, nem na vida eterna.

Esta é a carta que leu Simão, quinze dias depois do seu julgamento:

«Simão, meu esposo. Sei tudo... Está com-«nosco a morte. Olha que te escrevo sem lagrimas. «A minha agonia começou ha sete mezes. Deus é «bom, que me poupou ao crime. Ouvi a noticia da «tua proxima morte, e então comprehendi por que «estou morrendo hora a hora. Aqui está o nosso «fim, Simão!... Olha as nossas esperanças! Quando «tu me dizias os teus sonhos de felicidade, e eu te «dizia os meus!... Que mal fariam a Deus os nos-

«sos innocentes desejos!... Porque não merece-
«mos nós o que tanta gente tem!... Assim acaba-
«ria, tudo, Simão? Não posso crel-o! A eternidade
«apresenta-se-me tenebrosa, porque a esperança era
«a luz que me guiava de ti para a fé. Mas não póde
«findar assim o nosso destino. Vê se pódes segu-
«rar o ultimo fio da tua vida a uma esperança
«qualquer. Ver-nos-emos num outro mundo, Simão?
«Terei eu merecido a Deus contemplar-te? Eu
«rezo, supplico, mas desfalleço na fé, quando me
«lembram as ultimas agonias do teu martyrio. As
«minhas são suaves, quasi que as não sinto. Não
«deve custar a morte a quem tiver o coração tran-
«quillo. O peor é a saudade, saudade d'aquellas es-
«peranças que tu achavas no meu coração adivi-
«nhando as tuas. Não importa, se nada ha além
«d'esta vida. Ao menos, morrer é esquecer. Se tu
«pudesses viver agora, de que te serviria! Eu tam-
«bem estou condemnada, e sem remedio. Segue-me,
«Simão! Não tenhas saudades da vida, não tenhas,
«ainda que a razão te diga que podias ser feliz, se
«me não tivesses encontrado no caminho por onde
«te levei á morte... E que morte, meu Deus!...
«Acceita-a! não te arrependas. Se houve crime, a
«justiça de Deus te perdoará pelas angustias que
«tens de soffrer no carcere... e nos ultimos dias,
«e na presença da...»

Thereza ia a escrever uma palavra, quando a penna lhe cahiu da mão, e uma convulsão lhe vibrou todo o corpo por largo espaço. Não escreveu

a palavra! mas a ideia de *forca* parou-lhe a vida. A freira entrou na cella a pedir-lhe a carta, por que o correio ia a partir. Thereza, indicando-lh'a, disse:

— Leia, se quizer, e feche-a, por caridade, que eu não posso.

Nos tres dias seguintes Thereza não sahiu do leito. A cada hora as religiosas assistentes esperavam que ella fechasse os olhos.

— Custa muito morrer! — dizia algumas vezes a enferma.

Não faltavam piedosos discursos a divertirem-lhe o espirito do mundo.

Thereza ouvia-os, e dizia com ancia:

— Mas a esperança do céo, sem elle!... que é o céo, meu Deus?

E o apostolico capellão do mosteiro não sabia dizer se os bens do céo tinham commum com os do mundo as delicias que falsamente na terra se chamam assim. Aquellas subtilezas espirituaes, que véem com algumas especies de phthisica, assim á maneira dos ultimos lampejos da vital flamma, tinha-as a enferma, quando acontecia falarem-lhe as religiosas na bemaventurança. Ás vezes, se o capellão, convidado pela lucidez de Thereza, entrava os dominios da philosophia, tratando como thema a immortalidade da alma, a inculta senhora argumentava em breves termos, com razões tão claras a favor da união eterna das almas, já d'este mundo esposas, que o padre ficava em duvidas se seria

heretico contestar uma clausula não escripta em algum dos quatro evangelhos.

Maravilhava-se já a medicina da pertinacia daquella vida. Tinha a abbadessa escripto a seu primo Thadeu, apressando-o a ir vêr o anjo ao despedir-se da terra. O velho, tocado de piedade, e por ventura d'amor paternal, deliberou tirar do convento a filha na esperança de salval-a ainda. Uma forte razão accrescia áquella: era a mudança do condemnado para os carceres do Porto. Deu-se pressa, pois, o fidalgo, e chegou ao Porto a tempo que a religiosa, amiga da outra de Lamego, entregava á doente esta carta de Simão:

«Não me fujas ainda, Thereza. Já não vejo a «forca, nem a morte. Meu pae protege-me, e a sal«vação é possivel. Prende ao coração os ultimos «fios da tua vida. Prolonga a tua agonia, emquanto «te eu disser que espero. Ámanhan, vou para as «cadêas do Porto, e hei de ali esperar a absolvi«ção ou commutação da sentença. A vida é tudo. «Posso amar-te no degredo. Em toda a parte ha «céo, e flores, e Deus. Se vivêres, um dia serás «livre; a pedra do sepulcro é que nunca se levan«ta. Vive, Thereza, vive! Ha dias, lembrava-me «que as tuas lagrimas lavariam da minha face as «nodoas do sangue do enforcado. Esse pezadello «atroz passou. Agora neste inferno respira-se; o «esparto do carrasco já me não aperta em sonhos «a garganta. Já fito os olhos no céo, e reconheço «a providencia dos infelizes. Hontem, vi as nossas

«estrellas, aquellas dos nossos segredos nas noites «da ausencia. Volvi á vida, e tenho o coração cheio «de esperanças. Não morras, filha da minha alma!»

Ia alta a noite, quando Thereza, sentada no seu leito, leu esta carta. Chamou a criada para ajudal-a a vestir. Mandou abrir a janella do seu quarto e encostou as faces ás rexas de ferro. Esta janella olhava para o mar, e o mar era nessa noite uma immensa flamma de prata; e a lua esplendidissima eclipsava o fulgor d'umas estrellas, que Thereza procurava no céo.

— São aquellas! — exclamou ella.

— Aquellas quê, minha senhora? — disse Constança.

— As minhas estrellas!... pallidas como eu... A vida! ai! a vida! — clamou ella, erguendo-se e passando pela fronte as mãos cadavericas — Quero viver! Deixa-me viver, ó Senhor!

— Ha de viver, menina! ha de viver, que Deus é piedoso! — disse a criada — mas não tome o ar da noite. Este nevoeiro do rio faz-lhe grande mal.

— Deixa-me, deixa-me, que tudo isto é viver... Não vejo o céo ha tanto tempo! Sinto-me resuscitar aqui, Constança! Porque não tenho eu respirado todas as noites este ar? Eu poderei viver alguns annos? Poderei, minha Constança? Pede tu, pede muito á minha Virgem Santissima! Vamos orar ambas!... Vamos, que o Simão não morre... O meu Simão vive e quer que eu viva. Está no Porto ámanhan: e talvez já esteja...

— Quem, minha senhora?!

— Simão; o Simão vem para o Porto.

A criada julgou que sua ama delirava; mas não a contrariou.

— Teve carta d'elle a fidalga? — tornou ella, cuidando que assim lhe alimentava aquelle instante de febril contentamento.

— Tive... queres ouvir?... eu leio...

E leu a carta, com grande pasmo de Constança, que se convenceu.

— Agora vamos rezar, sim?... Tu não és inimiga d'elle, não? Olha, Constança, se eu casar com elle, tu vais para a nossa companhia, verás como és feliz. Queres ir, não queres?

— Sim, minha senhora, vou; mas elle conseguirá livrar-se da morte?

— Livra; tu verás que livra; o pae d'elle ha de livral-o... e a Virgem Santissima é que nos ha de unir. Mas se eu morro... se eu morro, meu Deus!

E com as mãos convulsivamente enlaçadas sobre o seio, Thereza, arquejava em pranto.

— Se eu não tenho já forças!... todos dizem que eu morro, e o medico já nem me receita!... Então melhor me fôra ter acabado antes d'esta hora! Morrer com esperança, ó Mãe de Deus!

E ajoelhou ante o retabulo devoto, que trouxera do seu quarto de Vizeu, ao qual sua mãe e avó já tinham orado, e em cujo rosto compassivo os olhos das duas senhoras moribundas tinham apagado os seus ultimos raios de luz.

*

XIV

Annunciára-se Thadeu de Albuquerque na portaria de Monchique, ao dia seguinte dos anteriores successos.

Sua prima, primeira senhora que lhe sahiu ao locutorio, vinha enxugando as lagrimas de alegria.

— Não cuide que eu choro de afflicta, meu primo — disse ella — O nosso anjo, se Deus quizer póde salvar-se. Logo de manhan a vi passear por seu pé nos dormitorios. Que differença de semblante ella tem hoje! Isto, meu primo, é milagre de duas santas, que temos inteiras na claustra, e com as quaes algumas perfeitas creaturas d'esta casa se apegaram. Se as melhoras continuarem assim, temos Thereza; o céo consente que esteja entre nós aquelle anjo mais alguns annos...

— Muito folgo com o que me diz, minha boa prima — atalhou o fidalgo — A minha resolução é leval-a já para Vizeu, e lá se restabelecerá com os ares patrios, que são muito mais sadios que os do Porto.

— É ainda cedo para tão longa e custosa jornada, meu primo. Não vá o senhor cuidar que ella está capaz de se metter ao caminho. Lembre-se que ainda hontem pensamos em encontral-a hoje morta. Deixe-a estar mais alguns mezes; e depois

não digo que a não leve; mas, por emquanto, não consinto semelhante imprudencia.

— Maior imprudencia — replicou o velho — é conserval-a no Porto, onde, a estas horas, deve estar o malvado matador de meu sobrinho. Talvez não saiba a prima?... Pois é verdade: o patife do corregedor sahiu a campo em defesa d'elle, e conseguiu que o tribunal da Relação lhe acceitasse a appellação da sentença, passado o praso da lei; e, não contente com isto, fez que o filho fosse removido para as cadêas do Porto. Eu agora trabalho para que a sentença seja confirmada, e espero conseguil-o; mas, emquanto o assassino aqui estiver, não quero que minha filha esteja no Porto.

— O primo é pae, e eu sou apenas uma parenta — disse a abbadessa — cumpra-se a sua vontade. Quer vêr a menina, não é assim?

— Quero, se é possivel.

— Pois bem, em quanto eu vou chamal-a, queira entrar na primeira grade á sua mão direita, que Thereza lá vae ter.

Avisada Thereza de que seu pae esperava, instantaneamente a côr sadia, que alegrava as senhoras religiosas, se demudou na lividez costumada. Quiz a tia, vendo-a assim, que ella não sahisse do seu quarto, e encarregava-se de espaçar a visita do pae.

— Tem de ser — disse Thereza — Eu vou, minha tia.

O pae, ao vêl-a, estremeceu e enfiou. Esperava

mudança, mas não tamanha. Pensou que a não conheceria, sem o prevenirem de que ia vêr sua filha.

— Como eu te encontro, Thereza! — exclamou elle commovido — Porque me não disseste ha mais tempo o teu estado?

Thereza sorriu-se, e disse:

— Eu não estou tão mal como as minhas amigas imaginam.

— Terás tu forças para ir comnigo para Vizeu?

— Não, meu pae; não tenho mesmo forças para lhe dizer em poucas palavras que não torno a Vizeu.

— Porque não?! Se a tua saude depender d'isso!...

— A minha saude depende do contrario. Aqui viverei ou morrerei.

— Não é tanto assim, Thereza— replicou Thadeu com dissimulada brandura –Se eu entender que estes ares são nocivos á tua saude, has de ir, porque é obrigação minha conduzir e corrigir a tua má sina.

— Está corrigida, meu pae. A morte emenda todos os erros da vida.

— Bem sei; mas quero-te viv, e portanto recobra forças para o caminho. Logo que tiveres meio dia de jornada, verás como a saude volta como por milagre.

— Não vou, meu pae.

— Não vais?! — exclamou irrudo o velho, lançando ás grades as mãos tremente de ira.

— Separam-nos esses ferros a que meu pae se encosta, e para sempre nos separam.

— E as leis? Cuidas tu que eu não tenho direitos legitimos para te obrigar a sahir do convento? Não sabes que tens apenas dezoito annos?

— Sei que tenho dezoito annos; as leis não sei quaes são, nem me incommóda a minha ignorancia. Se póde ser que mão violenta venha arrancar-me d'aqui, convença-se, meu pae, de que essa mão ha de encontrar um cadaver. Depois... o que quizerem de mim. Emquanto, porém, eu puder dizer que não vou, juro-lhe que não vou, meu pae.

— Sei o que é! — bramiu o velho. — Já sabes que o assassino está no Porto?

— Sei, sim, senhor.

— Ainda o dizes sem vergonha, nem horror de ti mesma! Ainda...

— Meu pae — interrompeu Thereza — não posso continuar a ouvil-o, porque me sinto mal. Dê-me licença... e vingue-se como puder. A minha gloria neste longo martyrio seria uma forca levantada ao lado do assassino.

Thereza sahiu da grade, deu alguns passos na direcção da sua cella, e encostou-se esvaída á parede. Corrêram a amparal-a sua tia e a criada; mas ella, afastando-as suavemente de si, murmurou:

— Não é preciso... Estou boa... Estes golpes dão vida, minha tia.

E caminhou sósinha a passos vacillantes.

Thadeu batia á porta do mosteiro com irrisorio

enfurecimento pancadas, umas após outras, com grande medo da porteira e outras madres, espantadas do insolito despropósito.

— Que é isso primo? — disse a prelada com severidade.

— Quero cá fóra Thereza.

— Como fóra? Quem ha de lançal-a fóra?!

— A senhora, que não póde aqui reter uma filha contra a vontade de seu pae.

— Isso assim é; mas tenha prudencia, primo.

— Não ha prudencia nem meia prudencia. Quero minha filha cá fóra.

— Pois ella não quer ir?

— Não, senhora.

— Então espere que por bons modos a convençamos a sahir, porque não havemos trazer-lh'a a rastos.

— Eu vou buscal-a, sendo preciso — redargiu em crescente furia. — Abram-me estas portas, que eu a trarei!

— Estas portas não se abrem assim, meu primo, sem licença superior. A regra do mosteiro não póde ser quebrantada para servir uma paixão desordenada. Tranquillise-se, senhor! Vá descançar d'esse frenesi, e venha noutra hora combinar commigo o que fôr digno de todos nós.

— Tenho entendido! — exclamou o velho, gesticulando contra o ralo do locutorio. — Conspiram todas contra mim! Ora descancem, que eu lhes darei uma bôa lição. Fique a senhora abbadessa sa-

bendo que eu não quero que minha filha receba mais cartas do matador, percebeu?

— Eu creio que Thereza nunca recebeu cartas de matadores, nem supponho que as receba d'ora em diante.

— Não sei se sabe, nem se não. Eu vigiarei o convento. A criada, que está com ella, ponham-na fóra, percebeu?

— Porque? — redarguiu a prelada com enfado.

— Porque a encarreguei de me avisar de tudo, e ella nada me tem contado.

— Se não tinha que lhe dizer, senhor!

— Não me conte historias, prima! A criada quero vêl-a sahir do convento e já!

— Eu não lhe posso fazer a vontade, porque não faço injustiças. Se vossa senhoria quizer que sua filha tenha outra criada, mande-lh'a; mas a que ella tem, logo que deixe de a servir, ha muitas senhoras nesta casa que a desejam, e ella mesma deseja aqui ficar.

— Tenho entendido — bradou elle — querem-me matar! Pois não matam; primeiro ha de o diabo dar um estoiro!

Thadeu de Albuquerque sahiu em corcovos do atrio do mosteiro. Era hedionda aquella raiva que lhe contrahia as faces incorreadas, revendo suor e sangue aos olhos acovados.

Apresentou-se ao intendente da policia, pedindo providencias para que se lhe entregasse sua filha. O intendente respondeu que elle não solicitava com-

petentemente taes providencias. Instou para que o carcereiro da cadêa não deixasse sahir alguma carta de um assassino, vindo da comarca de Vizeu, por nome Simão Botelho. O intendente disse que não podia, sem motivos concernentes a devassas, obstar a que o prêso escrevesse a quem quer que fosse.

Reduplicada a furia, foi d'ali ao corregedor do Porto, com os mesmos requerimentos, em tom arrogante. O corregedor, particular amigo de Domingos Botelho, despediu com enfado o importuno, dizendo-lhe que a velhice sem juizo era cousa tão de riso como de lástima. Esteve então a pique de perder-se a cabeça de Thadeu de Albuquerque. Andava e desandava as ruas do Porto, sem atinar com uma sahida digna da sua prosapia e vingança. No dia seguinte, bateu á porta d'alguns desembargadores e achava-os mais inclinados á clemencia, que á justiça, a respeito de Simão Botelho. Um d'elles, amigo de infancia de D. Rita Preciosa, e implorado por ella, falou assim ao sanhudo fidalgo:

— Em pouco está o ser homicida, senhor Albuquerque. Quantas mortes teria vossa senhoria hoje feito, se alguns adversarios se oppozessem á sua cólera? Esse infeliz moço, contra quem o senhor solicita desvairadas violencias, conserva a honra na altura da sua immensa desgraça Abandonou-o o pae, deixando-o condemnar á fome; e elle da sua extrema degradação nunca fez sahir um grito supplicante de misericordia. Um estranho lhe esmolou a subsistencia de oito mezes de carcere, e elle ac-

ceitou a esmola, que era honra para si e para quem lh'a dava. Hoje, fui eu vêr esse desgraçado filho de uma senhora que eu conheci no paço, sentada ao lado dos reis. Achei-o vestido de baetão e panno pedrez. Perguntei-lhe se assim estava desprovido de fato. Respondeu-me que se vestira á proporção dos seus meios, e que devia á caridade d'um ferrador aquellas calças e jaqueta. Repliquei-lhe eu que escrevesse a seu pae para o vestir decentemente. Disse-me que não pedia nada a quem consentiu que os delictos de seu coração e da sua dignidade e do pundonor do seu nome fossem expiados num patibulo. Ha grandeza neste homem de dezoito annos, senhor Albuquerque. Se vossa senhoria tivesse consentido que sua filha amasse Simão Botelho Castello Branco, teria poupado a vida ao homem sem honra que se lhe atravessou com insultos e offensas corporaes de tal affronta, que deshonrado ficaria Simão se as não repellisse como homem de alma e brios. Se vossa senhoria se não tivesse opposto ás honestissimas e innocentes affeições de sua filha, a justiça não teria mandado arvorar uma forca, nem a vida de seu sobrinho teria sido immolada aos seus caprichos de mau pae. E, se sua filha casasse com o filho do corregedor de Vizeu, pensa acaso vossa senhoria que os seus brazões soffriam desdouro? Não sei de que seculo data a nobreza do senhor Thadeu de Albuquerque, mas do brazão de D. Rita Thereza Margarida Preciosa Caldeirão Castello Branco posso dar-lhe informações sobre as pa-

ginas das mais veridicas e illustres genealogias do reino. Por parte de seu pae, Simão Botelho tem do melhor sangue de Traz-os-Montes, e não se temerá de entrar em competencias com o dos Albuquerques de Vizeu, que não é de certo o dos *Albuquerques terriveis* de que reza Luiz de Camões...

Offendido até ao ámago pela derradeira ironia, Thadeu ergueu-se de impeto, tomou o chapéu e a enorme bengala de castão d'ouro e fez a cortezia de despedida.

— São amargas as verdades, não é assim? — disse-lhe, sorrindo, o desembargador, Mourão Mosqueira.

— Vossa excellencia lá sabe o que diz, e eu cá sei no que hei de ficar — respondeu com tom ironico o fidalgo, alanceado na sua honra, e na dos seus quinze avós.

O desembargador retorquiu:

— Fique no que quizer; mas vá na certeza, se isso lhe serve de alguma coisa, que Simão Botelho não vai á forca.

— Veremos... — resmoneou o velho.

XV

São treze dias decorridos do nez de Março de 1805.

Está Simão num quarto de mata das cadêas da

Relação. Um catre de taboas, um colchão de embarque, uma banca e cadeira de pinho, e um pequeno pacote de roupa, collocado no logar do travesseiro, são a sua mobilia. Sobre a mesa tem um caixote de pau preto, que contém as cartas de Thereza, ramilhetes sêccos, os seus manuscriptos do carcere de Vizeu, e um avental de Marianna, o ultimo com que ella, no dia do julgamento, enxugára as lagrimas e arrancára de si no primeiro instante de demencia.

Simão relê as cartas de Thereza, abre os envoltorios de papel que encerram as flores resequidas, contempla o avental de linho, procurando esvahidos vestigios das lagrimas. Depois, encosta a face e o peito aos ferros da sua janella, e avista os horizontes boleados pelas serras de Valongo e Gralheira, e cortadas pelas ribas pittorescas de Gaya, do Candal, de Oliveira, e do mosteiro da Serra do Pilar. É um dia lindo. Reflectem-se do azul do céo os mil matizes da primavera. Tem aromas o ar, e a viração fugitiva dos jardins derrama no ether as urnas que roubou aos canteiros. Aquella indefinida alegria, que parece reluzir nas legiões de espiritos que se geram ao sol de Março, rejubila a natureza, que toda a pompa de luz e flôres se está namorando do calor que vai fecundando.

Dia de amor e de esperanças era aquelle que o Senhor mandava á choça encravada na garganta da serra, ao palacio esplendoroso que reberverava ao sol os seus aspiraculos, ao opulento que passeava

as suas moles equipagens, bafejado pelo respiro acre das sarças, e ao mendigo que desentorpecia os membros encostado ás columnas dos templos.

E Simão Botelho, fugindo a caridade da luz, e o voejar das aves, meditando, chorava e escrevia assim as suas meditações:

«O pão do trabalho de cada dia, e o teu seio «para repousar uma hora a face, pura de manchas: «não pedi mais ao céo.

«Achei-me homem aos dezeseis annos. Vi a vir- «tude á luz do teu amor. Cuide que era santa a «paixão que absorvia todas as outras, ou as depu- «rava com o seu fogo sagrado.

«Nunca os meus pensamentos foram denegridos «por um desejo, que eu não possa confessar alto «diante de todo o mundo. Dize tu, Thereza, se os «meus labios profanaram a pureza de teus ouvidos. «Pergunta a Deus quando quiz eu fazer do meu «amor o teu opprobrio.

«Nunca, Thereza! Nunca, ó mundo que me con- «demnas!

«Se teu pae quizesse que eu me arrastasse a «seus pés para te merecer, beijar-lh'os-ia. Se tu me «mandasses morrer para te não privar de ser feliz «com outro homem, morreria, Thereza!

«Mas tu eras sósinha e infeliz, e eu cuidei que «o teu algoz não devia sobreviver-te. Eis-me aqui «homicida, e sem remorsos. A insania do crime «aturde a consciencia; não a minha, que se não te- «mia das escadas da forca, nos dias em que o meu

«despertar era sempre o estrebuxamento da suffo-
«cação.

«Eu esperava a cada hora o chamamento para
«o oratorio, e dizia commigo: Falarei a Jesus
«Christo.

«Sem pavor, premeditava nas setenta horas
«d'essa agonia moral, e antevia consolações que o
«crime não ousa esperar sem injuria da justiça de
«Deus.

«Mas chorava por ti, Thereza! O travor do meu
«calix tinha sobre a sua amargura as mil amargu-
«ras das tuas lagrimas.

«Gemias aos meus ouvidos, martyr! Vêr-me-ias
«sacudido nas convulsões da morte, em teus deli-
«rios. A mesma morte tem horror da suprema des-
«graça. Tarde morrerias. A minha imagem, em vez
«de te acenar com a sua palma de martyrio, te
«seria um fantasma levantado das taboas d'um
«cadafalso.

«Que morte a tua, ó minha santa amiga!».

E proseguiu até ao momento em que João da Cruz, com ordem do intendente geral da policia, entrou no quarto.

— Aqui! — exclamou Simão, abraçando-o. — E Marianna? deixou-a sósinha?! morta talvez!

— Nem sósinha, nem morta, fidalgo! O diabo nem sempre está atrás da porta... Marianna voltou ao seu juizo.

— Fala a verdade, senhor João?

— Pudera mentir!... aquillo foi coisa de bru-

xaria, emquanto a mim... Sangrias, sedenhos, agua fria na cabeça, e exorcismos do missionario, não lhe digo nada, a rapariga está ecorreita, e assim que tiver um todo-nada de forças bota-se ao caminho.

— Bemdito seja Deus! — exclamou Simão.

— *Amen* — accrescentou o ferrador — Então que arranjo é este de casa? Que treca de tarimba é esta?! Quer-se aqui uma cama le gente, e alguma coisa em que um christão se possa sentar.

— Isto assim está excellente.

— Bem vejo... E de barriga?como vamos nós de trincadeira?

— Ainda tenho dinheiro, meu amigo.

— Ha de ter muito, não tem duvida: mas eu tenho mais, e vossa senhoria ten ordem franca. Veja lá esse papel.

Simão leu uma carta de D. Eita Preciosa, escripta ao ferrador, em que o autorisava a socorrer seu filho com as necessarias desvezas, promptificando-se a pagar todas as ordens que lhe fossem apresentadas com a sua assignatura.

— É justo — disse Simão, restituindo a carta — porque eu devo ter uma legitima.

— Então já vê que não tem mais do que pedir por bôca. Eu vou comprar-lhe arranjos...

— Abra-me o seu nobre coração para outro serviço mais valioso — atalhou o prêso.

— Diga lá, fidalgo.

Simão pediu-lhe a entrega de uma carta em Monchique a Thereza de Albuquerque.

— O berzabum parece-me que as arma! — disse o ferrador. — Venha de lá a carta. O pae d'ella está cá, já sabia?

— Não.

— Pois está; e se o diabo o traz á minha beira, não sei se lhe darei com a cabeça numa esquina. Já me lembrou de o esperar no caminho, e pendural-o pelo gasnete no galho d'um sobreiro... A carta tem resposta?

— Se lh'a derem, meu bom amigo.

Chegou o ferrador a Monchique, a tempo que um official da justiça, dois medicos e Thadeu de Albuquerque entravam no pateo do convento.

Falou o aguazil á prelada, exigindo, em nome do juiz de fóra, que dois medicos entrassem no convento a examinar a doente D. Thereza Clementina de Albuquerque, a requerimento de seu pae.

Perguntou a prelada aos medicos se elles tinham a necessaria licença ecclesiastica para entrarem em Monchique. Á resposta negativa redarguiu a abbadessa que as portas do convento não se abriam. Disseram os medicos de Thadeu de Albuquerque que era aquelle o estylo dos mosteiros, e não houve que redarguir á rigorosa prelada.

Sahiram, e o ferrador só então reflectiu no modo de entregar a carta. A primeira ideia pareceu-lhe a melhor. Chegou ao ralo, e disse:

— Ó senhora freira!

— Que quer vocemecê? — disse a prelada.

— A senhora faz favor de dizer á senhora

D. Therezinha de Vizeu, que está aqui o pae d'aquella rapariga da aldeia, que ella sabe?

— E quem é vocemecê?

— Sou o pae da tal rapariga que ella sabe.

— Já sei! — exclamou de dentro a voz de Thereza, correndo ao locutorio.

A prelada retirou-se a um lado, e disse:

— Vê lá o que fazes, minha filha...

— A sua filha escreveu-me?— disse Thereza a João da Cruz.

— Sim, senhora, aqui está a carta.

E depositou na roda a carta, em que a abbadessa reparou, e disse, sorrindo

— Muito engenhoso é o amor, Therezinha... Permitta Deus que as noticias da rapariga da aldeia te alegrem o coração; mas olha filhinha, não cuides que a tua velha tia é menos esperta que o *pae da rapariga da aldeia.*

Thereza respondeu com beijos ás jovialidades carinhosas da santa senhora, e sumiu-se a lêr a carta, e a responder-lhe. Entregando a resposta, disse ella ao ferrador:

— Não vê ahi sentada naquela escadinha uma pobre?

— Vejo, sim, senhora, e conheço-a. Como diabo veio aqui parar esta mulher? Cudei que depois da esfrega que lhe deu o hortelão, a pobrezita não tinha pernas que a cá trouxessem! A mulher pelos modos tem fibras d'aquella casta

— Fale baixo — tornou Therea. — Pois olhe...

quando trouxer as cartas, entregue-lh'as a ella, sim? Eu já a mandei á cadêa mas não a deixaram lá entrar.

— Bem está, e o arranjo não é mau assim. Fique com Deus, menina.

Esta boa nova alegrou Simão. A providencia divina apiedára-se d'elle naquelle dia. O restaurar-se o juizo de Marianna, e a possibilidade de corresponder-se com Thereza eram as maximas alegrias que podiam baixar do céo ao seu cerrado infortunio.

Exaltára-se Simão em graças a Deus, na presença de João da Cruz, que arrumava no quarto uns moveis que comprára em segunda mão, quando este, suspendendo o trabalho, exclamou:

— Então vou-lhe dizer outra coisa, que não tinha tenção de lhe dizer, para o apanhar de *súpeto*.

— Que é?

— A minha Marianna veio commigo, e ficou na estalagem porque não se podia bolir com dôres: mas ámanhan ella cá está para lhe fazer a cozinha e varrer a casa.

Simão, reconcentrando o indefinivel sentimento que esta noticia lhe causára, disse com melancolica pausa:

— É pois certo que a minha má estrella arrasta a sua desgraçada filha a todos os meus abysmos! Pobre anjo de caridade, que digna tu és do céo!

— Que está o senhor ahi a prégar? — interrompeu o ferrador — Parece que ficou a modo de tristonho com a noticia!...

— Senhor João — tornou solemnemente o prêso — não deixe aqui a sua querida filha. Deixe-m'a ver, traga-a comsigo uma vez a esta casa; mas não a deixe cá porque eu não posso tolher o destino de Marianna. Como ha de ella viver no Porto, sósinha, sem conhecer ninguem, bella como ella é, e perseguida como tem de ser?!...

— Perseguida! *Tó Carocha!* Não que ella é mesmo de se lhe dar de que a persigam!... Que vão para lá, mas que deixem as ventas em casa. Meu amigo, as mulheres são como as peras verdes: um homem apalpa-as, e, se o dedo acha duro, deixa-as, e não as come. É como é. A rapariga sáe á mãe. Minha mulher, que Deus haja, quando eu lhe andava rentando, dei-lhe um dia um beliscão numa perna. E vai ella põe-se direita commigo, e deu-me dois cascudos nas trombas, que ainda agora os sinto. A Marianna!... aquillo é da pelle de Satanaz! Pergunte o senhor, se algum dia falar com aquelle fidalguinho Mendes, de Vizeu, a troçada que elle levou com as rédeas da egua, só por lhe bulir na chinella, quando ella estava em cima da burra!

Simão sorriu ao rasgado panegyrico de bravura da moça, e orgulhou-se secretamente dos brandos affagos com que o ella desvelára em oito mezes de quasi continuada convivencia.

— E vocemecê ha de privar-se da companhia de sua filha? — insistiu o prêso.

— Eu lá me arranjarei como puder. Tenho uma cunhada velha, e levo-a para mim para me arranjar

o caldo. E vossa senhoria pouco tempo aqui estará... O senhor corregedor lá anda a tratar de o pôr na rua, e que o senhor sáe, cá para mim são favas contadas. E assim com'assim, vou dizer-lhe tudo d'uma feita: a rapariga, se eu a não deixasse vir para o Porto, dava um estoiro como uma castanha. Olhe que eu não sou tolo, fidalgo. Que ella tem paixão d'alma por vossa senhoria, isso é tão certo como eu ser João. É a sua sina; que hei de eu fazer-lhe? Deixal-a, que pelo senhor Simão não lhe ha de vir mal, ou então já não ha honra neste mundo.

Simão lançou-se aos braços do ferrador, exclamando:

— Pudesse eu ser o marido de sua filha, meu nobre amigo!

— Qual marido!...— disse o ferrador com os olhos vidrados das primeiras lagrimas que Simão lhe vira — Eu nunca me lembrei d'isso, nem ella!... Eu sei que sou um ferrador, e ella sabe que póde ser sua criada, e mais nada, senhor Simão; mas, sabe que mais? eu desejo que os meus amigos sejam desgraçados como havia de ser o senhor, se casasse com a pobre rapariga! Não falemos nisto, que eu por milagre choro: mas quando pego a chorar sou um chafariz... Vamos ao arranjo: a mesa deve aqui ficar; a commoda ali; duas cadeiras d'este lado, e duas d'aquelle. A barra acolá. O bahu debaixo da cama. A bacia e a bilha da agua sobre esta coisa, que não sei como se chama. Os lençoes

e o mais bragal tem-os lá a rapariga. Ámanhan é que o quarto ha de ficar que nem uma capella. Olhe que a Marianna já me disse que comprasse duas aquellas... Como se chamam aquellas envasilhas de pôr ramos?

— Jarras.

— É como diz, duas jarras para flôres; mas eu não sei onde se vende isso. Agora vou buscar o jantar, que a moça ha de cuidar que me não deixam sahir da cadêa. Ainda lhe não disse que não me deixaram cá entrar hontem á tarde; mas eu, como trouxe uma cartinha de sua nãe para um desembargador, fui onde a elle, e hoje de manhan já lá tinha na estalagem a ordem do senhor intendente geral da policia. Até logo.

XVI

Um incidente agora me occorre, não muito concertado com o seguimento da historia, mas a proposito vindo para demonstrar uma face da indole do ex-corregedor de Vizeu, já então exonerado do cargo.

Sabido é que Manoel Botelho o primogenito, voltando a frequentar mathematicas em Coimbra, fugira d'ali para Hespanha com uma dama desleal a seu marido, estudante açoriano que cursava medicina.

Um anno demorára na Corunha Manoel Botelho com a fugitiva, alimentando-se dos recursos que sua mãe, extremosa por elle, lhe remettia, vendendo a pouco e pouco as suas joias, e privando as filhas dos adornos proprios dos annos e da qualidade.

Seccáram-se estas fontes e não restavam outras. D. Rita disse afinal ao filho que deixára de soccorrer Simão por não ter meios; e agora das escassas economias que fazia, nada podia enviar-lhe, porque estava em obrigação de pagar os alimentos de Simão á pessoa que por compaixão lh'os dera em Vizeu, e lh'os estava dando no Porto. Ajuntava ella, para consolação do filho, que viesse elle para Villa Real, e trouxesse comsigo a infeliz senhora; que fosse elle para casa, e a deixasse á ella numa estalagem até se lhe arranjar habitação; o ensejo era opportuno, por estar na quinta de Montezellos o pae, quasi divorciado da familia.

Voltou pelo Minho Manoel Botelho, e chegou com a dama ao Porto, quinze dias depois que Simão entrára no carcere. Já noutro ponto deixamos dito que nunca os dois irmãos se deram, nem estimaram; mas o infortunio de Simão remia as culpas do genio fatal que o orphanára de pae e mãe, e só da irman Rita lhe deixára uma lembrança saudosa. Foi Manoel á cadêa, e abrindo os braços ao irmão, teve um glacial acolhimento.

Perguntou-lhe Manoel a historia do seu desastre.

— Consta do processo — respondeu Simão.

— E tem o mano esperanças de liberdade? — replicou Manoel.

— Não penso nisso.

— Eu pouco posso offerecer-lhe, porque vou para casa forçado pela falta de recursos; mas, se precisa de roupa, repartirei comsigo da minha.

— Não preciso nada. Esmolas só as recebo daquella mulher.

Já Manoel tinha reparado em Marianna, e da belleza da moça inferira conclusões para formar falsos juizos.

— E quem é esta menina? — tornou Manoel.

— É um anjo... Não lhe sei dizer mais nada.

Marianna sorriu-se, e disse:

— Sou uma criada do senhor Simão, e de vossa senhoria.

— É cá do Porto?

— Não, meu senhor, sou dos arrabaldes de Vizeu.

— E tem feito sempre companhia a meu mano?

Simão atalhou assim á resposta balbuciante de Marianna:

— A sua curiosidade incommoda-me, mano Manoel.

— Cuidei que não era offensiva — replicou o outro, tomando o chapeu. — Quer alguma coisa para a mãe?

— Nada.

Estando Manoel Botelho, na tarde d'esse dia,

fechando as malas para seguir jornada para Villa Real, foi visitado pelo desembargador Mourão Mosqueira, e pelo corregedor do crime.

— Devemos á espionagem da policia — disse o corregedor — a novidade de estar nesta estalagem um filho do meu antigo amigo, condiscipulo e collega Domingos Correia Botelho. Aqui vimos dar-lhe um abraço e offerecer o nosso prestimo. Esta senhora é sua esposa? — continuou o magistrado, reparando na açoriana.

— Não é minha esposa... — balbuciou Manoel — ... minha irman.

— Sua irman... — disse Mosqueira — qual das tres? Ha cinco annos que as vi em Vizeu, e grande mudança fez esta senhora, que não me recordo das suas feições absolutamente coisa nenhuma. É a senhora D. Anna Amalia?

— Justamente — disse Manoel.

— Bella lhe affirmo eu que está, minha senhora; mas fez-se um rosto muito outro do que era!...

— Vieram vêr o infeliz Simão? — atalhou o corregedor.

— Sim, senhor... viemos vêr meu pobre irmão.

— Foi um raio que cahiu na familia aquelle rapaz!... — ajuntou Mosqueira — mas póde estar na certeza que a sentença não se executa; diga a sua mãe que m'o ouviu da minha bôca. O meu tribunal está preparado para lhe minorar a pena em dez annos de degredo para a India, e seu pae, segundo me disse na passagem para Villa Real, já preparou

as coisas na supplicação e no desembargo do paço, não obstante o morto lá ter parentes poderosos nas duas instancias. Quizeramos absolvel-o e restituil-o á sua familia; mas tanto é impossivel. Simão matou e confessa soberbamente que matou. Não consente mesmo que se diga que em defesa o fez. É um doido desgraçado com sentimentos nobilissimos! Chovem cartas de empenho a favor do Albuquerque. Pedem a cabeça do pobre rapaz com uma sem-cerimonia que indigna o animo.

— E essa menina que foi a causa da desgraça? — perguntou Manoel.

— Isso é uma heroina! — respondeu o corregedor do crime. — Davam-na já por morta quando Simão chegou aqui. Desde que soube das probabilidades da commutação da pena, deu um pontapé na morte, e está salva, segundo me disse o medico.

— Conhece-a muito bem, minha senhora? — disse o desembargador á dama, supposta irman de Manoel.

— Muito bem — respondeu ella, relanceando os olhos ao amante.

— Dizem que é formosissima.

— De certo — acudiu Manoel — é formosissima!

— Muito bem — disse o corregedor, erguendo-se. — Leve este abraço ao pae, e digalhe que o condiscipulo cá está leal e dedicado como sempre. Eu tenho de lhe escrever brevemente.

— E outro a sua virtuosa mãe — accrescentou o desembargador.

— Vou desconfiado! — disse o Mosqueira ao collega — Manoel Botelho tinha, ha coisa d'um anno, fugido para Hespanha com uma senhora casada. Aquella mulher, que vimos, não é irman d'elle.

— Pois se nos mentiu é patife, por nos obrigar a cortejar uma concubina!... Eu me informarei... — disse o corregedor, offendido no seu austero pundonor.

E no proximo correio, escrevendo a Domingos Botelho, dizia no periodo final: «Tive o gosto de co-«nhecer teu filho Manoel, e uma de tuas filhas; por «elle te mandei um abraço, e por ella te mandaria «outro, se fosse moda ensinarem velhos a meninas «bonitas como se dão os abraços nos «paes.»

Estava já Manoel em casa, e cuidava em trastejar uma modesta casa para a açoriana, auxiliado por sua bondosa e indulgente mãe. Domingos Botelho fôra informado da vinda, e dissera que não queria vêr o filho, avisando-o de que era considerado desertor de cavallaria seis, desde que abandonára os estudos, onde estava com licença.

Recebeu depois a carta do corregedor do crime, e mandou immediata e secretamente devassar se em Villa Real estava a senhora que indicava a carta. A espionagem deu-a como certa na estalagem, emquanto Manoel Botelho cuidava nos adornos de uma casa. Escreveu o magistrado ao juiz de fóra, e este mandou chamar á sua presença a mulher suspeita e ouviu d'ella a sua historia sincera e lagrimosamente contada. Condoeu-se o juiz, e revelou ao col-

lega as suas averiguações. Domingos Botelho foi a Villa Real, e hospedou-se em casa do juiz de fóra, onde a senhora foi novamente chamada, sendo que ao mesmo tempo o general da provincia lavrava ordem de prisão para o cadete desertor de cavallaria de Bragança.

A açoriana, em vez do juiz, encontrou um feio homem, de carrancuda sombra, e apparencias de intenções sinistras.

— Eu sou pae de Manoel — disse Domingos Botelho. — Sei a historia da senhora. O infame é elle. Vossa senhoria é a victima. O castigo da senhora principiou desde o momento em que a sua consciencia lhe disse que praticou uma acção indigna. Se a consciencia lh'o não disse ainda, ella lh'o dirá. D'onde é?

— Da ilha do Fayal — respondeu trémula a dama.

— Tem familia?

— Tenho mãe e irmans.

— Sua mãe acceital-a-ia, se a senhora lhe pedisse abrigo?

— Creio que sim.

— Sabe que Manoel é um desertor, que a estas horas está prêso ou fugitivo?

— Não sabia...

— Quer isto dizer que a senhora não tem protecção de alguem...

A pobre mulher soluçava, abafada por ancias, e debulhada em lagrimas.

— Porque não vai para sua mãe?

— Não tenho recursos alguns — respondeu ella.

— Quer partir hoje mesmo? Á porta da estalagem, d'aqui a pouco, encontrará uma liteira, e uma criada para acompanhal-a até ao Porto. Lá entregará uma carta. A pessoa a quem escrevo lhe cuidará da passagem para Lisboa. Em Lisboa outra pessoa a levará a bordo da primeira embarcação que sahir para os Açores. Estamos combinados? Acceita?

— E beijo as mãos de vossa senhoria... Uma desgraçada como eu não podia esperar tanta caridade.

Poucas horas depois, a esposa do medico...

— Que tinha morrido de paixão e vergonha, talvez! — exclama uma leitora sensivel.

— Não, minha senhora; o estudante continuava nesse anno a frequentar a universidade; e como tinha já vasta instrucção em pathologia, poupou-se á morte da vergonha, que é uma morte inventada pelo visconde de A. Garrett no *Fr. Luiz de Sousa,* e á morte da paixão, que é outra morte inventada pelos namorados nas cartas despeitosas, e que não pega nos maridos a quem o seculo dotou de uns longes de philosophia, philosophia grega e romana, porque bem sabem que os philosophos da antiguidade davam por mimo as mulheres aos seus amigos, quando os seus amigos por favor lh'as não tiravam. E esta philosophia hoje então... [1]

---

[1] «Hoje então!...» Vou-lhes contar um lance memorando d'um philosopho da actualidade, lance unico

Pois o medico não morreu, nem sequer desmedrou, ou levou *R* significativo de preoccupação do animo insensivel ás amenidades da therapeutica.

A esposa, inquestionavelmente muito mais al-

---

pelo qual eu fiquei conhecendo a pessoa. Hoje (21 de Setembro de 1861) estava eu no escriptorio do illustre advogado Joaquim Marcellino de Mattos, e um cliente entrou contando o seguinte: — « Senhor doutor, eu sou um lojista da rua de...; e fui roubado em oitocentos mil reis por minha mulher, que fugiu com um amante para Vianna. Venho saber se posso querellar, e receber o meu dinheiro. » — Póde querellar, respondeu o advogado, se tiver testemunhas. O senhor quer querelar por adulterio? — Responde o queixoso: « O que eu quero é o meu dinheiro. » — Mas, redargue o consultor, o senhor póde querellar de ambos, d'ella por adultera, e d'elle como receptador do furto. — « E receberei o meu dinheiro? » — Conforme. Eu sei cá se elle tem o seu dinheiro?! O que sei é que não pode pronuncial-a a ela como ladra. — « Mas os meus oitocentos mil reis?! » — Ah! o senhor não se lhe dá que sua mulher fuja e não volte? — « Não, senhor doutor, que a leve o diabo: o que eu quero é o meu dinheiro. » — Pois querelle d'ambos e veremos depois. — « Mas não é certo receber eu o meu dinheiro?! » — Certo não é; veremos se, depois de pronunciado, as autoridades administrativas capturam o ladrão com o seu dinheiro. — « E se elle não o tiver já? » — redargue o marido consternado. — Se o não tiver já, o senhor vinga-se na querella por adulterio. — « E gasta-se aguma coisa? » — Gasta, sim; mas vinga-se. — « O que eu queria era o meu dinheiro, senhor doutor; a mulher deixal-a ir, que tem cincoenta annos. » — Cincoenta annos! — acudiu o doutor — o senhor está vingado do amante. Vá para casa, deixe-se de querellas, que o mais desgraçado é ele.

quebrada e valetudinaria que seu esposo, lavada em pranto, morta de saudades, sem futuro, sem esperanças, sem voz humana que a consolasse, entrou na liteira, e chegou ao Porto, onde procurou o corregedor do crime para entregar-lhe uma carta do doutor Domingos Botelho. Um periodo d'esta carta dizia assim:

«Déste-me noticia d'uma filha que eu não co-«nhecia, nem reconheço. A mãe d'esta senhora está «no Fayal, para onde ella vai. Cuida tu, ou manda «cuidar no seu transporte para Lisboa, e encarrega «ali alguem de correr com a passagem d'ella para os «Açores no primeiro navio. A mim me darás conta «das despezas. Meu filho Manoel teve ao menos a «virtude de não matar ninguem para se constituir «amante. Do modo como correm os tempos, muito «virtuoso é o rapaz que não mata o marido da «mulher que ama. Vê se consegues do general, que «está ahi, perdão para o rapaz, que é desertor de «cavallaria seis, e me consta que está escondido em «casa d'um parente. Em quanto a Simão, creio que «não é possivel salval-o do degredo temporario... «É uma lança em Africa livral-o da forca. Em Lis-«boa movem-se grandes potencias contra o desgra-«çado, e eu estou mal visto do intendente geral «por abandonar o logar... etc.»

Partiu para Lisboa a açoriana, e d'ali para a sua terra, e para o abrigo de sua mãe, que a julgara morta, e lhe deu annos de vida, se não ditosa, socegada e desilludida de chimeras.

Manoel Botelho, obtido o perdão pela preponderancia do corregedor do crime, mudou de regimento para Lisboa, e ahi permaneceu até que, fallecido seu pae, pediu a baixa e voltou á provincia.

XVII

João da Cruz, no dia 4 de Agosto de 1805, sentou-se á mesa com triste aspecto e nenhum appetite do almoço.

— Não comes, João? — disse-lhe a cunhada.

— Não passa d'aqui o bocado — respondeu elle, pondo o dedo nos gorgomillos.

— Que tens tu?

— Tenho saudades da rapariga... Dava agora tudo quanto tenho para a vêr aqui ao pé de mim, com aquelles olhos que pareciam ir direitos aos desgostos que um homem tem no seu interior. Mal hajam as desgraças da minha vida, que m'a fizeram perder, Deus sabe se para pouco, se para sempre!... Se eu não tivesse dado o tiro no almocreve, não vinha a ficar em obrigação ao corregedor, e não se me dava que o filho vivesse ou moresse...

— Mas se tens saudades — atalhou a senhora Josefa — manda buscar a rapariga, tem-la cá algum tempo, e torna depois para onde ao senhor Simão.

— Isso não é d'homem que põe navalha na cara,

Josefa. O rapaz, se ella lhe falta, morre de pasmo dentro d'aquelles ferros. Isto é venêta que me deu hoje... Sabes que mais? Leve a breca o dinheiro: ámanhan vou ao Porto.

— Pois isso é o que deves fazer.

— Está dito. Quem cá ficar que o ganhe. Vão-se os anneis e fiquem os dedos. Por ora, tem-se resistido a tudo com o meu braço. A rapariga, se ficar com menos, lá se avenha. Assim o quer, assim o tenha.

Reanimou-se a physionomia do mestre ferrador, e como que os impeços da garganta se iam removendo á medida que planisava a sua ida ao Porto.

Acabára de almoçar, e ficára scismatico, encostado á mesa do escano.

— Ainda estás malucando?! — tornou Josefa.

— Parece coisa do demonio, mulher!... A rapariga estará doente ou morta?

— Anjo bento da Santissima Trindade — exclamou a cunhada, erguendo as mãos — que dizes tu, João?

— Estou cá por dentro negro como aquella sartan!

— Isso é flato, homem! Vai tomar ar, trabalha um poucochinho para espaireceres.

João da Cruz passou ao coberto onde tinha o armario da ferragem e a bigorna, e começou a atarracar cravos.

Alguns conhecidos tinham passado, palavrean-

do com elle consoante costumavam, e achavam-no taciturno e nada para graças.

— Que tens tu, João? — dizia um.

— Não tenho nada. Vai á tua vida e deixa-me, que não estou para lérias.

Outro parava e dizia:

— Guarde-o Deus, senhor João.

— E a vocemecê tambem. Que novidade ha?

— Não sei nada.

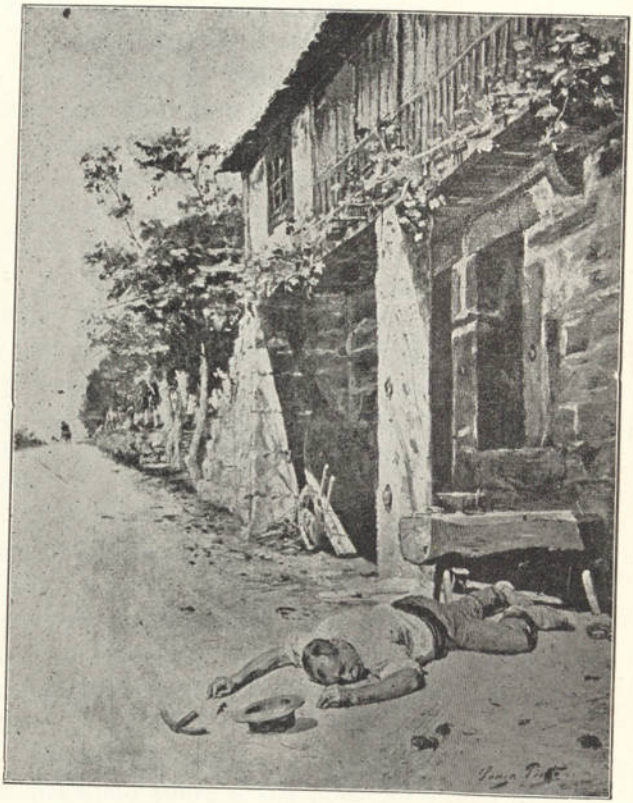
— Pois então vá com Nossa Senhora, que eu estou cá de candeias ás avessas.

O ferrador largava o martello; sentava-se aos poucos no tronco, e coçava a cabeça com frenesi. Depois recomeçava, novamente, e tão alheado o fazia, que estragava o cravo ou martellava os dedos.

— Isto é coisa do diabo! — exclamou elle; e foi á cozinha procurar a pichorra, que emborcou como qualquer elegante de paixões ethereas se aturde com absintho. — Heide afogar-te, coisa má, que me estás apertando a alma! — continuou o ferrador, sacudindo os braços, e batendo o pé no soalho.

Voltou ao coberto a tempo que um viadante ia passando sobre a sua possante mula. Envolvia-se o cavalleiro num amplo capote á móda hespanhola, sem embargo da calma que fazia. Viam-se-lhe as botas de coiro cru, com esporas amarellas afivelladas, e o chapeu derribado sobre os olhos.

— Ora viva! — disse o passageiro.



Assassinato do ferrador João da Cruz

— Viva! — respondeu mestre João, relanceando os olhos pelas quatro patas da mula, a vêr se tinha obra em que entreter o espirito — A mula é de ropia e chibança!

— Não é má. Vocemecê é que é o senhor João da Cruz?

— Para o servir.

— Venho aqui pagar-lhe uma divida.

— A mim? O senhor não me deve nada, que eu saiba.

— Não sou eu que devo; é meu pae, elle foi que me encarregou de lhe pagar.

— E quem é seu pae?

— Meu pae era um recoveiro de Carção, chamado Bento Machado.

Proferida metade d'estas palavras, o cavalleiro afastou rapidamente as bandas do capote e desfechou um bacamarte no peito do ferrador. O ferido recuou exclamando:

— Mataram-me!... Marianna, não te vejo mais!...

O assassino teria dado cincoenta passos a todo o galope da espantada mula, quando João da Cruz, debruçado sobre o banco arrancava o ultimo suspiro com a cara posta no chão, d'onde apontára ao peito do almocreve dez annos antes.

Os caminheiros, que perpassaram pelo cavalleiro inadvertidamente, ajuntaram-se em redor do cadaver. Josefa acudiu ao estrondo do tiro, e já não ouviu as ultimas palavras de seu cunhado. Quiz transportal-o para dentro, e correr a chamar cirur-

gião; mas um cirurgião estava no ajuntamento e declarou morto o homem.

— Quem o matou? — exclamavam trinta vozes a um tempo.

Nesse mesmo dia vieram justiças de Vizeu lavrar auto e devassar: nenhum indicio lhes deu o fio do mysterioso assassino. O escrivão dos orphãos inventariou os objectos encontrados, e fechou as portas quando os sinos corriam o derradeiro dobre ao cahir da lousa sobre João da Cruz.

Deus terá descontado nos instinctos sanguinarios do teu temperamento a nobreza da tua alma! Pensando nas incoherencias da tua idole, homem que me explicas a providencia, assombram-me as caprichosas antitheses que a mão de Deus infunde em alentos na creatura. Dorme o teu omno infinito, se nenhum outro tribunal te cita a responder pelas vidas que tiraste, e pelo uso que fizeste da tua. Mas, se ha estancia de castigo e de misericordia, as lagrimas de tua filha terão sido, na presença do Juiz Supremo, os teus merecimentos.

Fez Josefa escrever a Marianna, noticiando-lhe a morte de seu pae, mas sobrescripou a carta a Simão Botelho, para maior segurança. Estava Marianna no quarto do prêso, quando carta lhe foi entregue.

— Não conheço a letra, Marianna.. E a obreia é preta...

Marianna examinou o sobrescripto, e empallideceu.

— Eu conheço a letra — disse ella — é do Joaquim da loja. — Abra, depressa, senhor Simão... Meu pae morreria?

— Que lembrança! Pois não teve ha tres dias carta d'elle?... E não disse que estava bom?

— Isso que tem?... Veja quem assigna.

Simão buscou a assignatura, e disse:

— *Josepha Maria*... É sua tia que lhe escreve.

— Leia... leia... que diz ella? Deixe-me ler a mim...

O prêso lia mentalmente, e Marianna instou.

— Leia alto, por quem é, senhor Simão, que estou a tremer... e vossa senhoria descóra... Que é, meu Deus?

Simão deixou cahir a carta, e sentou-se prostrado de animo. Marianna correu a levantar a carta, e elle, tomando-lhe a mão, murmurou:

— Pobre amigo!... chorêmol-o ambos... chorêmol-o, Marianna, que o amavamos como filhos...

— Pois morreu? — bradou ella.

— Morreu... mataram-no!...

A moça expediu um grito estridulo, e foi com o rosto contra os ferros das grades. Simão inclinou-a para o seio, e disse-lhe com muita ternura e vehemencia:

— Marianna, lembre-se que é o meu amparo. Lembre-se de que as ultimas palavras de seu pae deviam ser recommendar-lhe o desgraçado que recebe das suas mãos bemfeitoras o pão da vida. Marianna, minha querida irman, vença a dôr que póde

matal-a, e vença-a por amor de nim. Ouve-me, amiga da minha alma?

Marianna exclamou:

— Deixe-me chorar, por caridade!... Ai! meu Deus, se eu torno a endoudecer!

— Que seria de mim! — atalhou Simão — A quem deixaria Marianna o seu nobre coração para me suavisar este martyrio? Quem me levaria ao destêrro uma palavra amiga que ne animasse a crêr em Deus? Não ha de enlouquecer, Marianna, porque eu sei que me estima, que ne ama, e que affrontará com coragem a maior desgraça, que ainda póde suggerir-me o inferno! Chore minha irman, chore; mas veja-me através das suas lagrimas!

XVIII

Marianna, decorridos dias, foi a Vizeu recolher a herança paterna. Em proporção com o seu nascimento, bem dotada a deixára o laborioso ferrador. Afóra os campos, cujo rendimento bastaria para a sustentação d'ella, Marianna levantou a lage conhecida da lareira, e achou os quatrocentos mil reis com que João da Cruz contava para alimentar as regalias de sua decrepitude inerte. Vendeu Marianna as terras, e deixou a casa a sua tia, que nascêra nella, e onde seu pae casára.

Liquidada a herança, tornou para o Porto, e depositou o seu cabedal nas mãos de Simão Botelho, dizendo que receava ser roubada na casinha em que vivia, fronteira á Relação, na rua de S. Bento.

— Porque vendeu as suas terras, Marianna! — perguntou o preso.

— Vendi-as, porque não faço tenção de lá voltar.

— Não faz?... Para onde ha de ir, Marianna, indo eu degredado? Fica no Porto?

— Não, senhor, não fico — balbuciou ella como admirada d'esta pergunta, á qual o seu coração julgava ter respondido de muito.

— Pois então?!

— Vou para o degredo, se vossa senhoria me quizer na sua companhia.

Fingindo-se surprehendido, Simão seria ridiculo aos seus proprios olhos.

— Esperava essa resposta, Marianna, e sabia que me não dava outra. Mas sabe o que é o degredo, minha amiga?

— Tenho ouvido dizer muitas vezes o que é, senhor Simão... É uma terra mais quente que a nossa; mas tambem ha lá pão, e vive-se...

— E morre-se abrazado ao sol doentio d'aquelle céo, morre-se de saudades da patria, morre-se muitas vezes dos maus tratos dos governadores das galés, que teem um condemnado na conta de féra.

— Não ha de ser tanto assim. Eu tenho perguntado muito por isso á mulher d'um prêso que cumpriu dez annos de sentença na India, e viveu muito

bem em uma terra chamada Solor, onde teve uma tenda; e, se não fossem as saudades, diz ella que não vinha, porque lhe corria melhor por lá a vida, que por cá. Eu, se fôr por vontade do senhor Simão, vou pôr uma lojinha tambem. Verá como eu amanho a vida. Affeita ao calor estou eu; vossa senhoria não está; mas não ha de ter precisão, se Deus quizer, de andar ao tempo.

— E supponha, Marianna, que eu morro apenas chegar ao degredo?

— Não falemos nisso, senhor Simão...

— Falemos, minha amiga, porque eu hei de sentir á hora da morte, a pesar-me na alma, a responsabilidade do seu destino... se eu morrer?

— Se o senhor morrer, eu saberei morrer tambem.

— Ninguem morre quando quer, Marianna...

— Oh! se morre!... e vive tambem quando quer... Não m'o disse já a senhora D. Thereza?

— Que lhe disse ella?

— Que estava a passar quando vossa senhoria chegou ao Porto, e que a sua chegada lhe déra vida. Pois ha muita gente assim, senhor Simão... E mais a fidalga é fraquinha, e eu sou mulher do campo, vezada a todos os trabalhos; e, se fosse preciso metter uma lancêta no braço e deixar correr o sangue até morrer, fazia-o como quem o diz.

— Oiça-me, Marianna, que espera e mim?

— Que hei de eu esperar!... Porque me diz isso o senhor Simão?

— Os sacrificios que Marianna tem feito e quer fazer por mim só podiam ter uma paga, embora m'os não faça esperando recompensa. Abre-me o seu coração, Marianna?

— Que quer que eu lhe diga?

— Conhece a minha vida tão bem como eu, não é verdade?

— Conheço, e que tem isso?

— Sabe que eu estou ligado pela vida e pela morte áquella desgraçada senhora?

— E d'ahi? quem lhe diz menos d'isso?!

— Os sentimentos do coração só os posso agradecer com amizade.

— E eu já lhe pedi mais alguma coisa, senhor Simão?!

— Nada me pediu, Marianna; mas obriga-me tanto que me faz mais infeliz o peso da obrigação.

Marianna não respondeu; chorou.

— E porque chora? — tornou Simão carinhosamente.

— Isso é ingratidão... e eu não mereço que me diga que o faço infeliz.

— Não me comprehendeu... Sou infeliz por não poder fazêl-a minha mulher. Eu queria que Marianna pudesse dizer: «Sacrifiquei-me por meu marido; no dia em que o vi ferido em casa de meu pae, velei as noites a seu lado; quando a desgraça o encerrou entre ferros, dei-lhe o pão, que nem seus ricos paes lhe davam; quando o vi sentenciado á forca, endoudeci; quando a luz da minha ra-

zão me tornou num raio de compaixão divina, corri ao segundo carcere, alimentei-o, vestiu, e adornei-lhe as paredes nuas do seu antro; quando o desterraram, acompanhei-o, fiz-me a paria d'aquelle pobre coração, trabalhei á luz do sol homicida para elle se resguardar do clima, do trabalho, e do desamparo, que o matariam...»

O espirito de Marianna não pode altear-se á expressão do prêso; mas o coração adivinhava-lhe as ideias. E a pobre moça sorria e chorava a um tempo. Simão continuou:

— Tem vinte e seis annos, Mariana. Viva, que esta sua existencia não póde ser senão um supplicio occulto. Viva, que não deve darmudo a quem lhe não póde restituir senão lagmas que eu lhe tenho custado. O tempo do meudesterro não póde estar longe; esperar outro melhor destino seria uma loucura. Se eu ficasse na pria, livre ou prêso, pediria a minha irman que comptasse a obra generosa da sua compaixão, esperando que eu lhe désse a ultima palavra da minha vida. Mas não vá commigo á Africa ou á India, que s que voltará sósinha á patria depois que eu fechaos olhos. Se o meu degredo fôr temporario, e a morte me guardar para maiores naufragios, voltarei á patria um dia. É preciso que Marianna aqui seja para eu poder dizer que venho para minhafamilia, que tenho aqui uma alma extremosa que me espera. Se a encontrar com marido e filhos, sua familia será a minha. Se a vir livre e só irei para a

companhia de minha irman. Que me responde, Marianna?

A filha de João da Cruz, erguendo os olhos do pavimento, disse:

— Eu verei o que hei de fazer, quando o senhor Simão partir para o degredo...

— Pense desde já, Marianna.

— Não tenho que pensar... A minha tenção está feita...

— Fale, minha amiga; diga qual é a sua tenção.

Marianna hesitou alguns segundos, e respondeu serenamente:

— Quando eu vir que não lhe sou precisa, acabo com a vida. Cuida que eu ponho muito em me matar? não tenho pae, não tenho ninguem, a minha vida não faz falta a pessoa nenhuma. O senhor Simão póde viver sem mim? Paciencia!... Eu é que não posso...

Susteve o complemento da ideia como quem se peja d'uma ousadia. O prêso apertou-a nos braços estremecidamente, e disse:

— Irá, irá commigo, minha irman. Pense muito no infortunio de nós ambos d'ora em diante, que elle é commum; é um veneno que devemos tragar unidos, e lá teremos uma sepultura de terra tão pesada como a da patria.

Desde este dia, um secreto jubilo endoudecia o coração de Marianna. Não inventemos maravilhas de abnegação. Era de mulher o coração de Marian-

na. Amava como a fantasia se compraz de idear o amor d'uns anjos que batem as azas de baile em baile, e apenas quedam o tempo preciso para se fazerem vêr e adorar a um reflexo de poesia apaixonada. Amava, e tinha ciumes de Thereza, não ciumes que se refrigeram na expansão ou no despeito, mas infernos surdos, que não rompiam em labareda aos labios, porque os olhos se abriam promptos em lagrimas para apagal-a. Sonhava com as delicias do desterro, porque voz humana alguna não iria lá gemer á cabeceira do desgraçado. Se a forçassem a resignar a sua ingloria missão de irman daquelle homem, resignal-a-ia, dizendo: Ninguem o amará como eu; ninguem lhe adoçará as penas tão desinteresseiramente como o eu fiz.»

E, comtudo, nunca vacillou em acceitar da mão de Thereza ou da mendiga as cartas para Simão. A cada vinco de dôr que a leitura d'aquellas cartas sulcava na fronte do prêso, Mariinna, que o espreitava disfarçada, tremia em todas as fibras do seu coração, e dizia entre si: «Para que ha de aquella senhora amargurar-lhe a vida?»

E amargurava acerbamente a desditosa menina!

Resurgiram naquella alma esperanças, que não deviam durar além do tempo necessario para que a desillusão lhe acrisolasse o infortunio. Imaginára ella a liberdade, o perdão, o casamento, a ventura, a corôa do seu martyrio. As suas amigas matizavam-lhe a tela da fantasia, umas porque não conheciam a atroz realidade das coisas, outras porque

fiavam em demasia nas orações das virtuosas do mosteiro. Se os vaticinios das prophetisas se realisassem, Simão sahiria da cadêa, Thadeu de Albuquerque morreria de velhice e de raiva, o casamento seria um acto indisputavel, e o céo dos desgraçados principiaria neste mundo.

Porém Simão Botelho, ao cabo de cinco mezes de carcere, já sabia o seu destino, e achára util prevenir Thereza, para não succumbir ao inevitavel golpe da separação. Bem queria elle allumiar com esperanças a perspectiva negra do desterro; mas froixos e frios eram os allivios em que não era parte a convicção nem o sentimento. Thereza não podia sequer illudir-se, porque tinha no peito um despertador que a estava acordando sempre para a hora final, embora o semblante enganasse a condolencia dos estranhos.

E então era o expandir-se em lástimas nas cartas que escrevia ao seu amigo; invocações a Deus, e sacrilegas apostrophes ao destino; branduras de paciencia e impetos de cólera contra o pae; o afferro á vida que lhe foge, e súpplicas á morte, que a não livra das torturas da alma e do corpo.

No termo de sete mezes o tribunal de segunda instancia commutou a pena ultima em dez annos de degredo para a India. Thadeu de Albuquerque acompanhou a Lisboa a appellação, e offereceu a sua casa a quem mantivesse de pé a forca de Simão Botelho. O pae do condemnado, segundo o assustador aviso que seu filho Manoel lhe déra, foi para

Lisboa luctar com o dinheiro e as poderosas influencias que Thadeu de Albuquerque grangeara na casa da supplicação e no desembargo do paço. Venceu Domingos Botelho, e, instigado mais o seu capricho que do amor paternal, alcançou do principe regente a graça de cumprir o condemnado a sua sentença na prisão de Villa Real.

Quando intimaram a Simão Botelho a decisão do recurso e a graça do regente, o preso respondeu que não acceitava a graça: que queria a liberdade do degredo; que protestaria perante os poderes judiciarios contra um favor que não imporára, e que reputava mais atroz que a morte.

Domingos Botelho, avisado da rejeição do filho, respondeu que fizesse elle a sua vontade; mas que a sua victoria d'elle, sobre os protectores e os corrompidos pelo ouro do fidalgo de Vizeu, estava plenamente obtida.

Foi aviso ao intendente geral da policia, e o nome de Simão Botelho foi inscripto no catalogo dos degredados para a India.

XIX

A verdade é algumas vezes o escolho de um romance.

Na vida real, recebemol-a como ella sae dos encontrados casos, ou da logica implacavel das coisas;

mas na novella, custa-nos a soffrer que o autôr, se inventa, não invente melhor; e, se copia, não minta por amor da arte.

Um romance, que estriba na verdade o seu merecimento, é frio, é impertinente, é uma coisa que não sacode os nervos, nem tira a gente, sequer uma temporada, emquanto elle nos lembra, d'este jugo de nora, cujos alcatruzes somos, uns a subir, outros a descer, movidos pela manivella do egoismo.

A verdade! se ella é feia, para que offerecêl-a em paineis ao publico!?

A verdade do coração humano! Se o coração humano tem filamentos de ferro que o prendem ao barro d'onde sahiu, ou pesam nelle e o submergem no charco da culpa primitiva, para que é emergil-o, retratal-o, e pôl-o á venda!?

Os raparos são de quem tem o juizo no seu logar; mas, pois que eu perdi o meu a estudar a verdade, já agora a desforra que tenho é pintal-a como ella é, feia e repugnante.

A desgraça afervora ou quebranta o amor?

Isso é que eu submetto á decisão do leitor intelligente. Factos e não theses é o que eu trago para aqui. O pintor retrata uns olhos, e não explica as funcções opticas do apparelho visual.

Ao cabo de dezenove mezes de carcere, Simão Botelho almejava um raio de sol, uma lufada de ar não coada pelos ferros, o pavimento do céo, que o da abobada do seu cubiculo pesava-lhe sobre o peito.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Ancia de viver era a sua; não era já ancia de amar.

Seis mezes de sobresaltos diante da forca deviam distender-lhe as fibras do coração; e o coração para o amor quer-se forte e tenso de uma certa rijeza, que se ganha com o bom sangue, com os anceios das esperanças, e com as aegrias que o enchem e reforçam para os revéses.

Cahiu a forca pavorosa aos olhos de Simão: mas os pulsos ficaram em ferros, o pulmão ao ar mortal das cadêas, o espirito intangudo na glacial estupidez de umas paredes salitrosa, e d'um pavimento, que resôa os derradeiros pasos do ultimo padecente, e d'um tecto que filtra a norte a gottas de agua.

O que é o coração, o coração dos dezoitos annos, o coração sem remorsos, o espirito anhelante de glorias, ao cabo de dezoito mezes de estagnação da vida?

O coração é a viscera, ferida de paralysia, a primeira que fallece suffocada pelas rebelliões da alma que se identifica á natureza, e a quer, e se devora na ancia d'ella, e se estorce nas agonias da amputação, para as quaes a saudade da ventura extincta é um cauterio em braza, e o amor, que leva ao abysmo pelo caminho da sonhada felicidade, não é sequer um refrigerio.

Ao deslaçar da garganta a corda da justiça, Simão Botelho teve uma hora de desafôgo, como que sentia o patibulo lascar entre o seus braços,

e então convidou o coração da mulher, que o perdêra, a assistir ás segundas nupcias da sua vida com a esperança.

Depois, a passo igual, a esperança fugia-lhe para as areias da Asia, e o coração entumecia-se de fel, o amor afogava-se nelle, morte inevitavel, quando não ha abertura por onde a esperança entre a luzir na escuridão intima.

Esperança para Simão Botelho, qual?

A India, a humilhação, a miseria, a indigencia.

E os anhelos d'aquella alma tinham mirado a ambições de um nome. Para a felicidade do amor invidava as forças do talento; mas, além do amor, estava a gloria, o renome e a van immortalidade, que só não é demencia nas grandes almas, e nos genios que se sentem previver nas gerações vindouras.

Mas grinaldas de amor a escorrêrem sangue dos espinhos, essas infiltram veneno corrosivo no pensamento, apagam no seio a faisca das nobres affoitezas, apoucam a ideia que abrangêra mundos, e paralysam de mortal espasmo os estos do coração.

Assim te sentias tu, infeliz, quando dezoito mezes de carcere, com o patibulo ou o degredo na linha do teu porvir, te haviam matado o melhor da alma.

A ti mesmo perguntavas pelo teu passado, e o coração, se ousava responder, retrahia-se recriminado pelos dictames da razão.

D'além, d'aquelle convento onde outra existencia agonisava, gementes queixas te vinham espre-

mer fel na chaga; e tu, que não sabas, nem podias consolar, pedias palavras ao anjo da compaixão para ella, e recebias as do demoni do desespero para ti.

Os dez annos de ferros, em qu lhe quizeram minorar a pena, eram-lhe mais horrcosos que o patibulo. E aceital-os-ia, por ventura, s amasse o céo, onde Thereza bebia o ar, que nos)ulmões se lhe formava em peçonha? Creio: — ants a masmorra, onde póde ouvir-se o som abafado d uma voz amiga; antes os paroxismos de dez anno sobre as lages humidas d'uma enxovia, se, na hor extrema, a ultima faisca da paixão, a bruxulear pra morrer, nos allumia o caminho do céo por onde) anjo do amor destitoso se levantou a dar conta le si a Deus, e a pedir a alma do que ficou.

Thereza pedira a Simão Botelh que aceitasse dez annos de cadeia, e esperasse ali a sua redempção por ella.

«Dez annos! — dizia-lhe a inclausurada de Mon-«chique. — Em dez annos terá morido meu pae, e «eu serei tua esposa, e irei pedir ac rei que te per-«dôe, se não tiveres cumprido a seitença. Se vais «ao degredo, para sempre te perdi, Simão, porque «morrerás, ou não acharás memoria de mim, quan-«do voltares.»

Como a pobre se illudia nas horas em que as debeis forças da vida se lhe concentravam no coração!

As ancias, a lividez, o deperecmento tinham

voltado. O sangue, que creára novo, já lhe sahia em golfadas com a tosse.

Se por amor ou piedade o condemnado aceitasse os ferrolhos tres mil seiscentas e cincoenta vezes corridos sobre as suas longas noites solitarias, nem assim Thereza susteria a pedra sepulcral que a vergava d'hora a hora.

«Não esperes nada, martyr— escrevia-lhe elle. «— A lucta com a desgraça é inutil, e eu não posso «já luctar. Foi um atroz engano o nosso encontro. «Não temos nada neste mundo. Caminhemos ao en- «contro da morte... Ha um segredo que só no se- «pulcro se sabe. Vêr-nos-êmos?

«Vou. Abomino a patria, abomino a minha fa- «milia; todo este solo está aos meus olhos coberto «de forcas, e quantos homens falam a minha lin- «gua, creio que os ouço vociferar as imprecações «do carrasco. Em Portugal, nem a liberdade com «a opulencia; nem já agora a realização das espe- «ranças que me dava o teu amor, Thereza!

«Esquece-te de mim, e adormece no seio do «nada. Eu quero morrer, mas não aqui. Apague-se «a luz de meus olhos; mas a luz do céo, quero-a! «Quero vêr o céo no meu ultimo olhar.

«Não me peças que aceite dez annos de prisão. «Tu não sabes o que é a liberdade captiva dez «annos! Não comprehendes a tortura dos meus «vinte mezes. A voz unica que tenho ouvido é a «da mulher piedosa que me esmola o pão de cada «dia, e a do aguazil que veio dar-me a sarcastica

*

«boa-nova de uma graça real, que me commuta o «morrer instantaneo da forca pelas agonias de dez «annos de carcere.

«Salva-te, se pódes, Thereza. Renuncia ao pres- «tigio d'um grande desgraçado. Se teu pae te cha- «ma, vai. Se tem de renascer para ti uma aurora «de paz, vive para a felicidade d'esse dia. E se não, «morre, Thereza, que a felicidade é a morte, é o «desfazerem-se em pó as fibras laceradas pela dôr, «é o esquecimento que salva das injurias a memo- «ria dos padecentes.»

As palavras unicas de Thereza, em resposta áquella carta, significativa da turvação do infeliz, foram estas: «Morrerei, Simão, morrerei. Perdôa tu «ao meu destino... Perdi-te... Bem sabes que «sorte eu queria dar-te... e morro, porque não «posso, nem poderei jámais resgatar-te. Se pódes, «vive; não te peço que morras, Simão; quero que «vivas para me chorares. Consolar-te-á o meu es- «pirito... Estou tranquilla. Vejo a aurora da paz... «Adeus até ao céo, Simão.»

Seguiram-se a esta carta muitos dias de terrivel taciturnidade. Simão Botelho não respondia ás perguntas de Marianna. Dil-o-ieis arrobado nas voluptuosas angustias do seu proprio aniquilamento. A creatura, posta por Deus ao lado d'aquelles dezoito annos tão attribulados, chorava; mas as lagrimas, se Simão as via, tiravam-no da mudez socegada para impetos de afflicção, que a final o extenuavam.

Decorreram seis mezes ainda.

E Thereza vivia, dizendo ás suas consternadas companheiras que sabia ao certo o dia do seu trespasse. Duas primaveras vira Simão Botelho pelas grades do seu carcere. A terceira já inflorava as hortas, e esverdeava as florestas do Candal.

Era em Março de 1807.

No dia 10 d'esse mez recebeu o condemnado intimação para sahir na primeira embarcação que levava ancora do Douro para a India. Nesse tempo vinham aqui os navios buscar os degredados, e recebiam em Lisboa os que tinham igual destino.

Nenhum estôrvo impedia o embarque de Marianna, que se apresentou ao corregedor do crime como criada do degredado, com passagem paga por seu amo.

— E a passagem vale-a bem! — disse o galhofeiro magistrado.

Simão assistiu ao encaixotar da sua bagagem, numa quietação terrivel, como se ignorasse o seu destino.

Quiz muitas vezes escrever a derradeira carta á moribunda Thereza, e nem signaes de lagrimas podia já enviar-lhe no papel.

— Que trevas, meu Deus! — exclamava elle, e arrancava a mãos cheias os cabellos. — Dae-me lagrimas, Senhor! deixae-me chorar ou matae-me, que este soffrimento é insupportavel!

Marianna contemplava estarrecida estes e outros lances de loucura, ou os não menos medonhos da lethargia.

— E Thereza! — bradava elle, surgindo subitamente do seu espasmo. — E aquella infeliz menina que eu matei! Não hei de vel-a mais, nunca mais! Ninguem me levará ao degredo a noticia da sua morte! E quando a eu chamar para que me veja morrer digno d'ella, quem te dirá que eu morri, ó martyr!

XX

A 17 de Março de 1807, sahiu dos carceres da Relação Simão Antonio Botelho, e embarcou no caes da Ribeira, com setenta e cinco companheiros. O filho do ex-corregedor de Vizeu, a pedido do desembargador Mourão Mosqueira, e por ordem do regedor das justiças, não ia amarrado com cordas ao braço d'algum companheiro. Desceu da cadêa ao embarque, ao lado de um meirinho, e seguido de Marianna, que vigiava os caixões da bagagem. O magistrado, fiel amigo de D. Rita Preciosa, foi a bordo da nau, e recommendou ao commandante que distinguisse o condemnado Simão, consentindo-o na tolda, e sentando-o á sua mesa. Chamou Simão de parte, e deu-lhe um cartucho de dinheiro em ouro, que sua mãe lhe enviava. Simão Botelho aceitou o dinheiro, e, na presença de Mourão Mosqueira, pediu ao commandante que fizesse distribuir pelos seus companheiros de degredo o dinheiro que lhe dava.

— É demente o senhor Simão?! — disse o desembargador.

— Tenho a demencia da dignidade; por amor da minha dignidade me perdi; quero agora vêr a que extremo de infortunio ella póde levar os seus amantes. A caridade só me não humilha, quando parte do coração e não do dever. Não conheço a pessoa que me remetteu este dinheiro.

— É sua mãe — tornou Mosqueira.

— Não tenho mãe. Quer vossa excellencia remetter-lhe esta esmola rejeitada?

— Não, senhor.

— Então, senhor commandante, cumpra o que eu lhe peço, ou atiro com isto ao rio.

O commandante aceitou o dinheiro, e o desembargador sahiu de bordo como espantado da sinistra condição do moço.

— Onde é Monchique? — perguntou Simão a Marianna.

— É acolá, senhor Simão — respondeu, indicando-lhe o mosteiro, que se debruça sobre a margem do Douro, em Miragaya.

Cruzou os braços Simão, e viu através do gradeamento do mirante um vulto.[1]

Era Thereza.

---

[1] Quando escrevi este livro, ainda existia o mirante. Agora, lá, ou ahi por perto, está um salão de baile em que dansam nos días santificados marujos e as damas correspondentes. — (Nota da 5.ª edição).

Na vespera recebêra ella o adeus de Simão, e respondêra enviando-lhe a trança dos seus cabellos.

Ao anoitecer d'aquelle dia, pediu Thereza os sacramentos, e commungou á grade do côro, onde se foi amparando á sua criada. Parte das horas da noite passou-as sentada ao pé do sanctuario da sua tia, que toda a noite orou. Algumas vezes pediu que a levassem á janella que se abria para o mar, e não sentia ali a frialdade da viração. Conversava serenamente com as freiras, e despedira-se de todas, uma a uma, indo por seu pé ás cellas das senhoras entrevadas para lhes dar o beijo da despedida.

Todas cuidavam em reanimal-a, e Thereza sorria, sem responder aos piedosos artificios com que as boas almas a si mesmas queriam simular esperanças. Ao abrir da manhã, Thereza leu uma a uma as cartas de Simão Botelho. As que tinham sido escriptas nas margens do Mondêgo enterneciam-na a copiosas lagrimas. Eram hymnos á felicidade prevista: eram tudo que mais formoso póde dar o coração humano, quando a poesia da paixão dá côr ao pensamento, e uma formosa e inspirativa natureza lhe empresta os seus esmaltes. Então lhe acudiam vivas reminiscencias d'aquelle dias: a sua alegria doida, as suas dôces tristezas esperanças a desvanecerem saudades, os mudos coloquios com a irman querida de Simão, o céo aromáico que se lhe alargava á aspiração sôfrega de vagosdesejos, tudo, emfim, que lembra a desgraçados.

Emmassou depois as cartas, e cintou-as com fi-

tas de sêda desenlaçadas de raminhos de flores murchas, que Simão, dois annos antes, lhe atirára da sua janella ao quarto d'ella.

As pétalas das flores soltas quasi todas se desfizeram, e Thereza, contemplando-as disse: «Como a minha vida...» e chorou, beijando os calices desfolhados das primeiras que recebêra.

Deu as cartas a Constança, e encarregou-a de uma ordem, a respeito d'ellas, que logo veremos cumprida.

Depois foi orar, e esteve ajoelhada meia hora, com meio corpo reclinado sobre uma cadeira. Erguendo-se, quasi tirada pela violencia, aceitou uma chicara de caldo, e murmurou com um sorriso: «Para a viagem...» Ás nove horas da manhã pediu a Constança que a acompanhasse ao mirante, e, sentando-se em ancias mortaes, nunca mais desfitou os olhos da nau, que já estava de verga alta, esperando a leva dos degredados.

Quando viu, a dois a dois, entrarem amarrados, no tombadilho, os condemnados, Thereza teve um breve accidente, em que a já frouxa claridade dos olhos se lhe apagou, e as mãos convulsas pareciam querer aferrar a luz fugitiva.

Foi então que Simão Botelho a viu.

E ao mesmo tempo atracou á nau um bote, em que vinha a pobre de Vizeu chamando Simão. Foi elle ao portaló e, estendendo o braço á mendiga, recebeu o pacotinho das suas cartas. Reconheceu

elle que a primeira não era sua, pela lizura do papel mas não a abriu.

Ouviu-se a voz de levar ancora, e largar amarras. Simão encostou-se á amurada da nau, com os olhos fitos no mirante.

Viu agitar-se um lenço, e elle respondeu com o seu áquelle acêno. Desceu a nau ao mar, e passou fronteira ao convento. Distinctamente Simão viu um rosto e uns braços suspensos das rêtas de ferro; mas não era de Thereza aquelle rosto: seria antes um cadaver que subiu da claustra ao mirante, com os ossos da cara inçados ainda das hervas da sepultura.

— É Thereza? — perguntou Simão a Marianna.

— É, senhor, é ella — disse num afogado gemido a generosa creatura, ouvindo o seu coração dizer-lhe que a alma do condemnado ria breve no seguimento d'aquella por quem se perdêra.

De repente aquietou o lenço que se agitava no mirante, e entreviu Simão um movimento impetuoso de alguns braços, e o desapparecimento de Thereza e do vulto de Constança, que elle divisára mais tarde.

A nau parou defronte de Sobreiras. Uma nuvem no horizonte da barra, e o subito encapellamento das ondas, causára a suspensão da viagem annunciada pelo commandante. Em seguida, velejou da Foz uma catraia com o piloto-mór, que mandava lançar ferro até novas ordens. Mais tarde adiou-se a sahida para o dia seguinte.

MORTE DE THEREZA NO CONVENTO DE MONCHIQUE

E, no entanto, Simão Botelho, como o cadaver embalsamado, cujos olhos artificiaes rebrilham cravados e immotos num ponto, lá tinha os seus immersos na interior escuridade do miradouro. Nenhum signal de vida. E as horas passaram até que o derradeiro raio do sol se apagou nas grades do mosteiro.

Ao escurecer, voltou de terra o commandante, e contemplou, com os olhos embaciados de lagrimas, o desterrado, que contemplava as primeiras estrellas, eminentes ao mirante.

— Procura-a no céo? — disse o nauta.

— Se a procuro no céo! — repetiu machinalmente Simão.

— Sim!... no céo deve ella estar.

— Quem, senhor?

— Thereza.

— Thereza!... Morreu?!

— Morreu, além, no mirante, d'onde ella estava acenando.

Simão curvou-se sobre a amurada, e fitou os olhos na torrente. O commandante lançou-lhe os braços, e disse:

— Coragem, grande desgraçado, coragem! os homens do mar crêem em Deus! Espere que o céo se abra para si pelas supplicas d'aquelle anjo!

Marianna estava um passo atrás de Simão e tinha as mãos erguidas.

— Acabou-se tudo!... — murmurou Simão — Eis-me livre... para a morte... Senhor comman-

dante — continuou elle energicamente — eu não me suicido. Póde deixar-me.

— Peço-lhe que recolha á camara. O seu beliche está ao pé do meu.

— É obrigatorio recolher-me?

— Para vossa senhoria não ha obrigações; ha rógos: peço-lhe, não mando.

— Vou, e agradeço a compaixão.

Marianna seguiu-o com aquelle olar quebrado e mavioso de Jau, quando o poeta esembarcava, segundo a ideia apaixonada do cantc de Camões.

Encarou nella Simão, e disse ao cmmandante:

— E esta infeliz?

— Que o siga... — respondeu o cmpassivo homem do mar, que cria em Deus.

Simão recolheu-se ao beliche, e o ommandante sentou-se em frente d'elle, e Mariann ficou no escuro da camara a chorar.

— Fale, senhor Simão! — disse o ommandante — desafogue e chore.

— Chorei, senhor!

— Eu não tinha imaginado uma agustia igual á sua. A invenção humana não creu ainda um quadro tão atroz. Arripiam-se-me os abellos, e tenho visto espectaculos horriveis na tera e no mar.

Acintemente, o commandante estava provocando Simão ao desabafo.

Não respondia o condemnado. Ouvia os soluços de Marianna, e tinha os olhos postos o masso das cartas, que puzera sobre uma banquet

O capitão proseguiu:

— Quando em Miragaya me contaram a morte d'aquella senhora, pedi a uma pessoa relacionada no convento que me levasse a ouvir de alguma freira a triste historia. Uma religiosa m'a contou; mas eram mais os gemidos que as palavras. Soube que ella, quando desciamos na altura do Oiro, proferira em alta voz: «Simão, adeus até á eternidade!» E cahiu nos braços d'uma criada. A criada gritou, e outras foram ao mirante, e a trouxeram meia morta para baixo, ou morta, melhor direi, que nenhuma palavra mais lhe ouviram. Depois contaram-me o que ella penára em dois annos e nove mezes naquelle mosteiro; o amor que ella lhe tinha, a as mil mortes que ali padeceu, de cada vez que a esperança lhe morria. Que desgraçada menina, e que desgraçado moço o senhor é!

— Por pouco tempo...— disse Simão, como se o dissesse a si proprio, ou a propria imaginação estivesse dialogando comsigo.

— Creio, creio, por pouco tempo — proseguiu o capitão — mas se os amigos pudessem salval-o, senhor, eu dar-lh'os-ia na India mais fiéis que em Portugal. Prometto-lhe, sob a minha palavra de honra, alcançar do viso-rei a sua residencia em Gôa. Prometto segurar-lhe um decente principio de vida, e as commodidades que fazem a existencia tão saudavel como ella é na Asia. Não o intimide a ideia do degredo, senhor Simão. Viva, faça por vencer-se, e será feliz!

— O seu silencio, por piedade, senior... — atalhou o degredado.

— Bem sei que é cedo ainda para planisar futuros. Desculpe á sympathia que me inspira a indiscreção, mas aceite um amigo nesta hora attribulada.

— Aceito, e preciso d'elle... Marianna! — chamou Simão. — Venha aqui, se este cavalheiro o permitte.

Marianna entrou no quarto.

— Esta mulher tem sido a minha providencia — disse Simão. — Porque ella me valeu, não senti a fome em dois annos e nove mezes de carcere. Tudo que tinha vendeu para me sustentar e vestir. Aqui vai commigo esta creatura. Seja respeitavel aos seus olhos, senhor, porque ella é tão pura como a verdade o deve ser nos labios d'um moribundo. Se eu morrer, senhor commandante, aceite o legado de a amparar com a sua caridade como se ella fosse minha irman. Se ella quizer volar á sua patria, seja o seu protector na passagem — E, estendendo-lhe a mão, disse com transporte: — Promette-me isto, senhor?

— Juro-lh'o.

O commandante, obrigado a subir ao tombadilho, deixou Simão com Marianna.

— Estou tranquillo pelo seu futuro, minha amiga.

— Eu já o estava, senhor Simão — respondeu ella.

Não se trocaram palavras por largo espaço. Simão apoiou a face sobre a mesa, e apertou com as

mãos as fontes arquejantes. Marianna, de pé, ao lado d'elle fitava os olhos na luz mortiça da lampada oscillante, e scismava como elle, na morte.

E o nordeste sibilava, como um gemido, nas gáveas da nau.

CONCLUSÃO

Ás onze horas da noite, o commandante recolhêra-se num beliche de passageiro, e Marianna, sentada no pavimento, com o rosto sobre os joelhos, parecia succumbir ao quebranto das trabalhosas e afflictivas horas d'aquelle dia.

Simão Botelho velava prostrado no camarote, com os braços cruzados sobre o peito, e os olhos fitos na luz que balançava, pendente d'um arame. O ouvido têl-o-ia, talvez, attento a um assobio da ventania: devia de soar-lhe como um ai plangente aquelle silvo agudo, voz unica no silencio da terra e céo.

Á meia noite, estendeu Simão o braço tremulo ao maço das cartas que Thereza lhe enviára, e contemplou um pouco a que estava ao de cima, que era d'ella. Rompeu a obreia, e dispoz-se no camarote para alcançar o baço clarão da lampada.

Dizia assim a carta:

«É já o meu espirito que te fala, Simão. A tua «amiga morreu. A tua pobre Thereza, á hora em «que lêres esta carta, se me Deus não engana, está «em descanço.

«Eu devia poupar-te a esta ultima tortura; não «devia escrever-te; mas perdôa á ua esposa do «céo a culpa, pela consolação que into em con- «versar comtigo a esta hora, hora final da noite «da minha vida.

«Quem te diria que eu morri, se não fosse eu «mesma, Simão? D'aqui a pouco, perlerás da vista «este mosteiro; correrás milhares de leguas, e não «acharás, em parte alguma do mundo, voz humana «que te diga: — A infeliz espera-te outro mundo, «e pede ao Senhor que te resgate. —

«Se te pudesses illudir, meu amgo, quererias «antes pensar que eu ficava com vida e com espe- «rança de vêr-te na volta do degredo? Assim póde «ser, mas, ainda agora, neste solemnemomento, me «domina a vontade de fazer-te sentr que eu não «podia viver. Parece que a mesma infelicidade «tem ás vezes vaidade de mostrar que o é, até «não podêl-o ser mais! Quero que ligas: — Está «morta, e morreu quando eu lhe tirei a ultima es- «perança. —

«Isto não é queixar-me, Simão; não é. Talvez «que eu pudesse resistir alguns diasá morte, se tu «ficasses; mas, d'um modo ou d'ouro, era inevi- «tavel fechar os olhos quando se rompesse o ul-

«timo fio, este ultimo que se está partindo, e eu «mesma o oiço partir.

«Não vão estas palavras acrescentar a tua «pena. Deus me livre de ajuntar um remorso in- «justo á tua saudade.

«Se eu pudesse ainda vêr-te feliz neste mundo; «se Deus permittisse á minha alma esta visão!... «*Feliz,* tu, meu pobre condemnado!... Sem o «querer, o meu amor agora te fazia injuria, jul- «gando-te capaz de felicidade! Tu morrerás de «saudade, se o clima do destêrro te não matar «ainda antes de succumbires á dôr do espirito.

«A vida era bella, era, Simão, se a tivessemos «como tu m'a pintavas nas tuas cartas, que li ha «pouco! Estou vendo a casinha que tu descrevias «defronte de Coimbra, cercada de arvores, flores «e aves. A tua imaginação passeava commigo ás «margens do Mondêgo, á hora pensativa do escu- «recer. Estrellava-se o céo, e a lua abrilhantava a «agua. Eu respondia com a mudez do coração ao «teu silencio, e, animada por teu sorriso, inclinava «a face ao teu seio, como se fosse ao de minha «mãe. Tudo isto li nas tuas cartas; e parece que «cessa o despedaçar da agonia emquanto a alma «se está recordando. Noutra carta, me falavas em «triumphos e glorias e immortalidade do teu no- «me. Tambem eu ia após da tua aspiração, ou «adiante d'ella, porque o maior quinhão dos teus «prazeres de espirito queria eu que fosse meu. Era «creança ha tres annos, Simão, e já entendia os

«teus anhelos de gloria, e imaginava-os realizados «como obra minha, se me tu dizias, como disseste «muitas vezes, que não serias nada sem o estimulo «do meu amor.

«Oh Simão, de que céo tão lindo cahimos! Á «hora que te escrevo, estás tu para entrar na nau «dos degredados, e eu na sepultura.

«Que importa morrer, se não podemos jámais «ter nesta vida a nossa esperança de ha tres an- «nos?! Poderias tu com a desesperança e com a «vida, Simão? Eu não podia. Os instantes do dor- «mir eram os escassos beneficios que Deus me con- «cedia; a morte é mais que uma necessidade, é «uma misericordia divina, uma bemaventurança «para mim.

«E que farias tu da vida sem a tua companhei- «ra de martyrio? Onde irás tu aviventar o cora- «ção que a desgraça te esmagou, sem o esqueci- «mento da imagem d'esta docil mulher, que seguiu «cegamente a estrella da tua malfadada sorte?!

«Tu nunca has de amar, não, meu esposo? Te- «rias pejo de ti mesmo, se uma vez fisses passar «rapidamente a minha sombra por diante dos teus «olhos enxutos? Soffre, soffre ao coração da tua «amiga estas derradeiras perguntas, a que tu res- «ponderás, no alto mar, quando esta carta lêres.

«Rompe a manhan. Vou vêr a minha ultima «aurora... a ultima dos meus dezoito annos!

«Abençoado sejas, Simão! Deus te proteja, e «te livre d'uma agonia longa. Todas as minhas an-

«gustias lhe offereço em desconto das tuas culpas. «Se algumas impaciencias a justiça divina me con- «demna, offerece tu a Deus, meu amigo, os teus «padecimentos, para que eu seja perdoada.

«Adeus! A' luz da eternidade parece-me que «já te vejo, Simão!»

Ergueu-se o degredado, olhou em redor de si e fitou com espasmo Marianna, que levantava a cabeça ao menor movimento d'elle.

— Que tem, senhor Simão? — disse elle, erguendo-se.

— Estava aqui, Marianna?... Não se vai deitar?!

— Não vou; o commandante deu-me licença de ficar aqui.

— Mas ha de assim passar a noite?! Rogo-lhe que vá, porque não é necessario o seu sacrificio.

— Se o não incommodo, deixe-me aqui estar, senhor Simão.

— Esteja, minha amiga, esteja... Poderei subir ao convés?

— Quer ir ao convés, senhor Botelho? — disse o commandante, lançando-se do beliche.

— Queria, senhor commandante.

— Iremos juntos.

Simão ajuntou a carta de Thereza ao maço das suas, e sahiu cambaleando. No convés sentou-se num monte de cordame, e contemplou o mirante de Monchique, que avultava negro ao sopé da serra penhascosa em que actualmente vai a rua da Restauração.

O capitão passeava da prôa á ré; mas com o ouvido fito aos movimentos do degredado. Receára elle o proposito do suicidio, porque Marianna lhe incutira semelhante suspeita. Queria o maritimo falar-lhe palavras consoladoras, mas pasava comsigo: «O que ha de dizer-se a um homm que soffre assim?» E parava junto d'elle algmas vezes, como para desviar-lhe o espirito d'aqude mirante.

— Eu não me suicido! — exclamu abruptamente Simão Botelho. — Se a sua gnerosidade, senhor capitão, se interessa em que eu viva, póde dormir descançado a sua noite, que eu não me suicido.

— Mas mereço-lhe eu a condescendncia de descer commigo á camara?

— Irei; mas eu lá soffro mais, senhr.

Não replicou o commandante, e ontinuou a passear no convés, apesar das rajadas e vento.

Marianna estava agachada entre os pacotes da carga, a pouca distancia de Simão. O commandante viu-a, falou-lhe, e retirou-se.

Ás tres horas da manhan, Simão Btelho segurou entre as mãos a testa, que se lhe aria abrazada pela febre. Não pôde ter-se sentado, e deixou cahir meio corpo. A cabeça, ao decliar, pousou no seio de Marianna.

— O Anjo da compaixão sempre ommigo! — murmurou elle — Thereza foi muito mis desgraçada...

— Quer descer ao camarote? — dis ella.

— Não poderei... Ampare-me, minha irman.

Deu alguns passos para a escadinha, e olhou ainda sobre o mirante. Desceu a ingreme escada, apegando-se ás cordas. Lançou-se sobre o colchão, e pediu agua, que bebeu insaciavelmente. Seguiu-se a febre, o estorcimento, e as ancias, com intervallos de delirio.

De manhan veio a bordo um facultativo, por convite do capitão. Examinando o condemnado, disse que era febre maligna a doença, e bem podia ser que elle achasse a sepultura no caminho da India.

Marianna ouviu o prognostico, e não chorou.

Ás onze horas sahiu barra fóra a nau. Ás ancias da doença accresceram as do enjôo. A pedido do commandante, Simão bebia remedios, que bolsava logo, revoltos pelas contracções do vomito.

Ao segundo dia de viagem, Marianna disse a Simão:

— Se o meu irmão morrer, que hei de eu fazer áquellas cartas que vão na caixa?

Pasmosa serenidade a d'esta pergunta!

— Se eu morrer no mar — disse elle — Marianna, atire ao mar todos os meus papeis, todos; e estas cartas que estão debaixo do meu travesseiro tambem.

Passada uma ancia, que lhe embargára a voz, Simão continuou:

— Se eu morrer, que tenciona fazer, Marianna?

— Morrerei, senhor Simão.

— Morrerá?!... Tanta gente desgraçada que eu fiz!...

A febre augmentava. Os symptomas da morte eram visiveis aos olhos do capitão, que tinha sobeja experiencia de vêr morrerem centenares de condemnados, feridos da febre do mar, e desprovidos d'algum medicamento.

Ao quarto dia, quando a nau se movia ronceira defronte de Cascaes, sobreveio tormenta subita. O navio fez-se ao largo muitas milhas, e, perdido o rumo de Lisboa, navegou desnorteado. Ao sexto dia de navegação incerta, por entre espessas brumas, partiu-se o leme defronte de Gibraltar. E, em seguida ao desastre, aplacaram as refregas, desencapellaram-se as ondas, e nasceu, com a aurora do dia seguinte, um formoso dia de primavera. Era o dia 27 de Março, o nono da enfermidade de Simão Botelho.

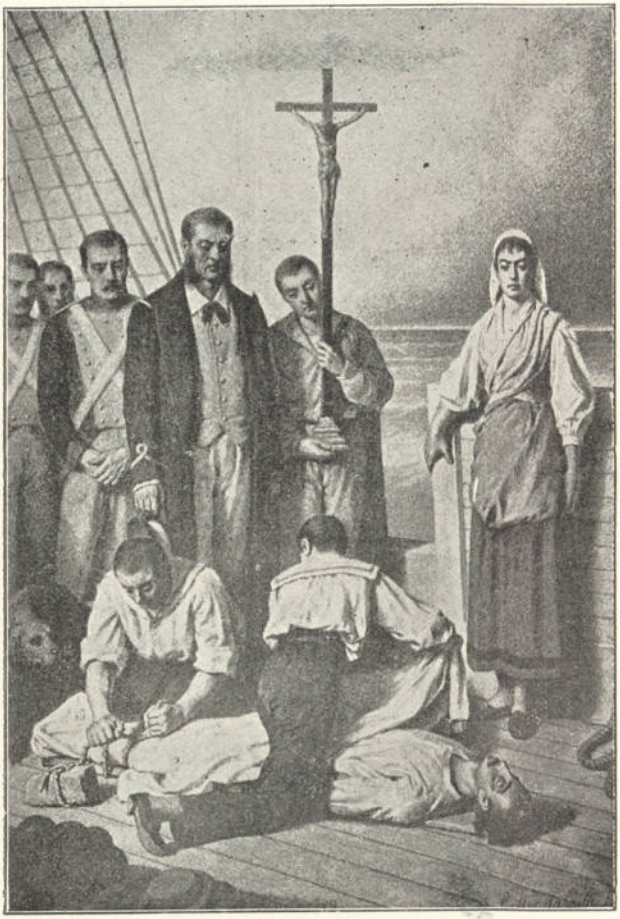
Marianna tinha envelhecido. O commandante, encarando nella, exclamou:

— Parece que volta da India com os dez annos de trabalhos já passados!...

— Já acabados... de certo... — disse ella.

Ao anoitecer d'esse dia o condemnado delirou pela ultima vez, e dizia assim no seu delirio:

«A casinha, defronte de Coimbra, cercada de arvores, flôres e aves. Passeavas commigo á margem do Mondêgo, á hora pensativa do escurecer. Estrellava-se o céo, e a lua abrilhantava a agua. Eu respondia com a mudez do coração ao teu silencio,



MORTE DE SIMÃO, A BORDO DO NAVIO QUE O LEVAVA AO DEGREDO

e, animada por teu sorriso, inclinava a face ao teu seio, como se fosse o de minha mãe... De que céo tão lindo cahimos... A tua amiga morreu... A tua pobre Thereza...

«E que farias tu da vida, sem a tua companheira do martyrio?... Onde irás tu aviventar o coração que a desgraça te esmagou... Rompe a manhan... Vou vêr a minha ultima aurora... a ultima dos meus dezoito annos. Offerece a Deus os teus padecimentos, para que eu seja perdoada... Marianna...»

Marianna collou os ouvidos aos labios roxos do moribundo, quando cuidou ouvir o seu nome.

«Tu virás ter comnosco; ser-te-emos irmãos no céo... O mais puro anjo, serás tu... se és d'este mundo, irman, se és d'este mundo, Marianna...»

A transição do delirio para a lethargia completa era o annuncio infallivel do trespasse.

Ao romper da manhan apagára-se a lampada. Marianna sahira a pedir luz, e ouvira um gemido estertoroso. Voltando ás escuras, com os braços estendidos para tactear a face do agonisante, encontrou a mão convulsa, que lhe apertou uma das suas, e relaxou de subito a pressão dos dedos.

Entrou o commandante com uma lampada, e aproximou-lh'a da respiração, que não embaciou levemente o vidro.

— Está morto! — disse elle.

Marianna curvou-se sobre o cadaver, e beijou-lhe a face. Era o primeiro beijo. Ajoelhou depois

ao pé do beliche com as mãos erguidas, e não orava nem chorava.

Algumas horas volvidas, o commandante disse a Marianna:

—Agora é tempo de dar sepultura ao nosso venturoso amigo... É ventura morrer quando se vem a este mundo com tal estrella. Passe a senhora Marianna ali para a camara, que vae ser levado d'aqui o defuncto.

Marianna tirou o maço das cartas debaixo do travesseiro, e foi a uma caixa buscar os papeis de Simão. Atou o rôlo no avental, que elle tinha d'aquellas lagrimas d'ella, choradas no dia da sua demencia, e cingiu o embrulho á cintura.

Foi o cadaver envolto num lençol, e transportado ao convés.

Marianna seguiu-o.

Do porão da nau foi trazida uma pedra, que um marujo lhe atou ás pernas com um pedaço de cabo. O commandante contemplava a scena triste com os olhos humidos, e os soldados que guarneciam a nau, tão funeral respeito os impressionára, que insensivelmente se descobriram.

Marianna estava, no entanto, encostada ao flanco da nau, e parecia estupidamente encarar aquelles empuxões, que o marujo dava ao cadaver, para segurar a pedra na cintura.

Dois homens erguêram o morto ao alto sobre a amurada. Deram-lhe o balanço para o aremessarem longe. E, antes que o baque do cadaver se fizesse ou-

vir na agua, todos viram, e ninguem já pôde segurar Marianna, que se atirára ao mar.

A voz do commandante desamarraram rapidamente o bote, saltaram homens para salvar Marianna.

Salval-a!

Viram-na, um momento, bracejar não para resistir á morte, mas para abraçar-se ao cadaver de Simão, que uma onda lhe atirou aos braços. O commandante olhou para o sitio d'onde Marianna se atirára, e viu, enleado no cordame, o avental, e á flôr d'agua um rôlo de papeis que os marujos recolheram na lancha. Eram, como sabem, a correspondencia de Thereza e Simão.

Da familia de Simão Botelho vive ainda, em Villa Real de Traz-os-Montes, a senhora D. Rita Emilia da Veiga Castello Branco, a irman predilecta d'elle [1]. A ultima pessoa fallecida, ha vinte e seis annos, foi Manoel Botelho, pae do autôr d'este livro.

---

[1] Morreu em 1872. (Nota da 5.ª edição).

FIM

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

COLLOCAÇÃO DAS ESTAMPAS

	PAG.
Camillo Castello Branco	11
Simão partindo os cantaros, na desordem, do chafariz	16
Não se bate assim num homem ajoelhado! . . .	66
Assassinato de Balthazar Coutinho	125
Assassinato do ferrador João da Cruz	189
Ultimos instantes de Thereza, no convento de Monchique	212
Morte de Simão, a bordo do navio que o levava ao degredo	227

Res
4890

Fic 2066